918.154
F383
54

RIO DE JANEIRO

NOTICIA HISTORICA E DESCRITIVA

DA

CAPITAL DO BRASIL

918.154
F383

3417 26 6 46

RIO DE JANEIRO

NOTICIA HISTORICA E DESCRITIVA

DA

CAPITAL DO BRASIL

PELO

Prof. FERREIRA DA ROSA

Tenente-Coronel Hon. do Exercito
Cathed. do Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Prytaneu Militar
Docente da Escola Normal
Socio Hon. do Liceu Lit. Português, do Inst. de Prot. e Assist. á Infancia
e da Associação de La Prensa de Santiago do Chile

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

EM 1904 O GRANDE PREFEITO PASSOS, DESEJANDO UM LIVRO DESCRITIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, ENCARREGOU DE O ESCREVER O PROF. FERREIRA DA ROSA, QUE LHE ENTREGOU O ORIGINAL EM 1905. NESTE ANO IMPRIMIU-SE O LIVRO — EDIÇÃO OFICIAL DA PREFEITURA. ESTÁ ESGOTADO, AINDA QUE O NÃO ESTIVESSE, JA' NÃO REPRESENTARIA A CAPITAL DA REPUBLICA PELO MUITO QUE TEM PROGREDIDO DEPOIS DAQUELA DATA. ESTA OBRA, DO MESMO AUTOR, INTEIRAMENTE NOVA, E' A MAIS MODERNA EXPRESSÃO DA GRANDEZA E DA BELEZA DO RIO DE JANEIRO.

«Conheço que para os presentes tudo isto é escusado e de nenhum merecimento; mas eu escrivi tambem para os vindouros. A memoria das cousas acaba em em poucas gerações, e os escritos duram por muitos seculos». (P.e Luiz Gonçalves dos Sanctos, nas *Memorias para servir á Historia do Reino do Brasil*).

PRIMEIRA PARTE

HISTORICO — O MUNICIPIO — A CIDADE — A BAHIA DO RIO DE JANEIRO — O CAES ACOSTAVEL.

HISTORICO

O Brasil entrou para a Historia como teatro de Civilização, no anno de 1500 da era christã. Incorporou-o ao mundo de terras então conhecidas o Almirante português Pedro Alvares Cabral, que denominou a nova terra «Terra de Santa Cruz».

Outros navegadores lhe sucederam, explorando o litoral da surpreendente descoberta: Vicente Yanez Pinson, Diego de Lepe, André Gonçalves, João Coelho, Fernando de Noronha e Gonçalo Coelho. Este foi o primeiro que transpoz a barra, o primeiro que sulcou as aguas do que então supunha ser a foz de um grande rio.

Efectivamente, em 1501 Gonçalo Coelho costeava, de Norte a Sul, com tres caravélas, a Terra de Santa Cruz; e aos acidentes geograficos que vinha observando e que annotava no seu Roteiro, vinha dando, como se viajasse de Calendario aberto, nomes de santos celebrados pelo Catolicismo.

Assim denominou «S. Roque» o cabo que a 5º 29' 15" de Latitude Sul, avistou no dia 16 de Agosto; e «Santo Agostinho» outro cabo que vio, no dia 28 do mesmo mez, a 8º 20' 40". Em 4 de Outubro, dia que o Calendario consagra a S. Francisco, passando pela foz de um grande rio, registou «Rio S. Francisco». Ao cabo que no dia 21 de Dezembro avistou, a 22º 3', chamou «S. Thomé». Quando no dia 1º de Janeiro de 1502, tendo dobrado a Ponta Negra para Oeste, julgou achar-se deante da embocadura de outro grande rio, a 22º 54' 23" Latitude Sul, não hesitou em dar-lhe o nome de «Rio de Janeiro» (1)

Mais tarde desfez-se a ilusão: Não é um estuario, é uma bahia; mas o nome ficou até hoje — RIO DE JANEIRO.

———

Entre penhascos soberbos aperta-se a entrada desse magestoso abrigo oferecido pela natureza aos navegantes do mundo inteiro. Testemunhas mil vezes seculares das transformações fisicas por que tem passado esta parte do globo, esses collossos de granito testemunham, ainda, como atalaias de mar e terra, o movimento da Civilização que ha mais de quatrocentos anos principiou nesta parte da America.

Habitavam, então, o litoral desta ampla bahia selvicolas chamados tamoios, representantes da raça tupi, individuos fortes e intrepidos, acaboclados e nus, vivendo em comum nas aldeias, «tabas», ajuntamentos de cabanas, circundados por uma trincheira, (calçara), que os protegia contra as surpresas da guerra (2).

Desde a praia *Uruçumirim* que depois recebeu o nome de Praia do Flamengo (13), até a ilha que os tamoios chamavam *Paranapuan*, e que, depois, se chamou do Governador (14), estendiam-se as vivendas e fortificações desses incolas munidos de arco e flecha, dominadores de Guanabara. As ilhas desertas e recamadas da vegetação primitiva, o litoral formado de restingas e alagadiços, recortado em saliencias e reintrancias; cómoros que se repetem; e montanhas que limitam o horizonte ao Norte; de permeio charnecas, lagoas e mata virgem; de longe em longe uma taba; variedade imensa de passaros cruzando os ares, numerosos pequenos rios sulcando a terra; tal seria o panorama desta região no limiar do seculo XVI.

——

Reinava D. Manoel em Portugal quando o Brasil foi descoberto, e quando esta bahia recebeu, impropriamente, o nome de RIO DE JANEIRO. Pouco fez o «Venturoso» Monarca no sentido da sua occupação e aproveitamento. Vinte e seis anos depois os francezes conheciam melhor do que os portugueses a maior bahia da America do Sul, e tratavam de instalar-se em tão futuroso ponto do futuroso Brasil. Soube disso D. João III, filho e sucessor de D. Manoel; e, logo, mandou Christovam Jacques com uma esquadrilha perseguir os franceses, cometendo imediatamente a Martim Affonso de Souza o encar-

go de efectuar o reconhecimento da costa, e demarcar a terra.

Martim Affonso saio de Tejo a 3 de Dezembro de 1530; e em 1531 chegou ao Rio de Janeiro que o deslumbrou, pelo que o incluio no lote destinado á sua administração (5). Não soube, porém, occupar e desenvolver a formosa donataria. Em 1555 vieram outra vez franceses dirigidos pelo Vice-Almirante da Bretanha, Nicolas Durand de Vilegagnon (6) e tomaram posição numa ilha, a segunda depois de transposta a barra, ilha que, ainda hoje, por seu nome, recorda a aventura.

pedidos de lhes prestar mais serviço. Um brioso militar, Estacio de Sá, Moço Fidalgo, foi lembrado e julgado habil para tamanha empresa. Devia apresentar-se, na Bahia, a seu tio, Mem de Sá, que organizaria a expedição com o conhecimento proprio das necessidades locaes.

Estacio convidou para companheiros homens de destaque que se chamavam Belchior de Azeredo, João de Andrada, Paulo Dias, Gaspar Barbosa, Bartholomeu de Castro, Francisco Dias Pinto, Jacome Coutinho, Jorge Ferreira, Antonio de Mariz, e muitos outros, confiantes em Deus, ilus-

PENHASCO «PÃO DE AÇUCAR» Á ESQUERDA DE QUEM ENTRA A BARRA DO RIO DE JANEIRO

Essa ilha foi a base de operações dos franceses cubiçosos de uma possessão na America do Sul. Em 1560 ahi sofreram derrota infligida por portugueses ao mando do Desembargador Mem de Sá, Governador Geral do Brasil (7); mas não desanimaram: Reincidindo na pretensão, tornaram a apoderar-se da ilha; e atrahiram com habilidade os tamoios para mais eficazmente resistirem a novas tentativas de expulsão.

Diversas vezes foram os franceses batidos, sempre se restabelecendo após. A sua aliança com os indigenas ia se tornando cada vez mais forte, naturalmente excitados contra os portugueses os animos de ambos.

Do facto chegou noticia a Lisboa; e do Trono de Portugal partiram ordens para que tivessem termo as incursões dos franceses e para que fossem os tamoios im-

trados na fidalguia, valorosos por natureza, experimentados na guerra, devotados ao amor da Patria e do seu Soberano.

Partiram de Lisboa, em dois galeões fortemente armados e tripulados, nos primeiros dias de Janeiro de 1564. Depressa chegaram á Bahia onde Estacio se apresentou a Mem de Sá, e recebeu reforços. A 6 de Fevereiro fundeava a esquadra deante da barra do Rio de Janeiro. Aqui Estacio «foi maravilhado pelo terreno a que a Providencia o conduzira; e pasmou estendendo o olhar pela enseada dentro; e admirou o desenho com que a Natureza fechou em suas muralhas este grande paiz». (8). Firmando-se no proposito de vencer, dirigou-se, ainda, ás capitanias de S. Vicente e Espirito Santo, a reunir elementos de resistencia.

Pesava-lhe o sacrificio a que ia submeter os selvicolas enfeitiçados pelos hu-

guenotes, mas havia de cumprir os deveres da sua Fé, e corresponder á confiança do seu rei.

——

Da Capitania do Espirito Santo Estacio de Sá trouxera como aliado o famoso «Morubixaba» Ararigboia (9) com alguns «tupinimós — da raça tupi como os tamoios, mas inimigos destes, e decididos para a luta. Não achou, entretanto, conveniente penetrar logo na bahia do Rio de Janeiro: A vinda dos portugueses era há muito esperada; as praias estavam guarnecidas de impavidos guerreiros enfeitados com penas de guará e de tucano, empunhando tacapes e flechas. Estacio prudentemente desembarcou suas tropas e funcionarios antes da barra

"Junto do Alto penhasco Pão de Açucar,
"Balisa natural do imenso golfo,
"Já o Capitão-Mór entrincheirado,
"De forte praça os bastiões erguia
"Na praia que Vermelha hoje chamamos" (10)

Nesse recanto, sem relações em que se apoiassem, e sem entendimento com outros sinaes que não fossem os do céo estrelado, os portugueses determinaram fundar a Cidade de S. Sebastião, que as suas energias fariam crescer, repelindo os adversarios. Em 1 de Março Estacio de Sá dirigiu aos seus homens um longo e eloquente discurso que terminou assim, numa enfase de exortação e de profecia: «*Para que El Rei, a Patria, o Brasil e o mundo todo conheçam o nosso denodado valor levantemos esta Cidade que ficará por memoria do nosso heroismo, e exemplo ás futuras gerações! Levantemos esta Cidade para ser a rainha das provincias e o emporio das riquezas do mundo!* (11)

«O ULTIMO TAMOYO» QUADRO DO PROF. AMOEDO

Estacio de Sá deu imediatamente posse de seus encargos aos funcionarios que já trazia adrede; e S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO teve desde logo existencia legal (12).

O scenario desse momento historico é ainda hoje quasi o mesmo. O granito dos montes conserva a mesma face escalvada e batida pelo açoute dos meteóros. E' hoje o que já devia ser naquelle tempo, o que fôra muitos seculos atrás, o que será muitos anos por vir. Só não ha mais vestigios dessa primeira e pequenina povoação ha 357 anos fundada em nome de El-Rei D. Sebastião de Portugal (13).

———

Não obstante o ardor de Estacio de Sá para cumprir as ordens do Governador

Geral e obedecer á vontade do seu rei, navios franceses transpunham livremente a barra, alimentando de esperanças e de recursos materiaes a colonia que Viligagnon fundara na Ilha, e pretendia alastrar pelo continente com o nome de «França Antarctica». Sucediam-se as escaramuças sem resultado, ora no mar em encontros de canoas, ora em terra, se se encontravam os inimigos em avançadas, por atalhos. Mem de Sá foi informado dessa situação pelo jesuita Anchieta que fôra á Bahia tomar ordens sacras. Preparou-se, então, com mais gente e armas para vir em apoio do Sobrinho: Nem o parente podia ser desmerecido, nem o portugues ludibriado, nem contrariado o cumpridor de ordens reaes. Em 18 de Janeiro de 1567 abrigaram-se na Enseada de Martim Affonso, tambem denominada «Praia Vermelha» (14) onze barcos aparelhados para a guerra.

Resolveu-se logo uma acção geral, decisiva, para que tivesse termo aquela ocupação indevida, infiel, ameaçadora. No campo aberto, e ao gemer das ondas no curvo areal, Estacio de Sá falou pela ultima vez aos seus soldados.

No dia 20 de Janeiro, todos se atiraram resolutamente á empresa.

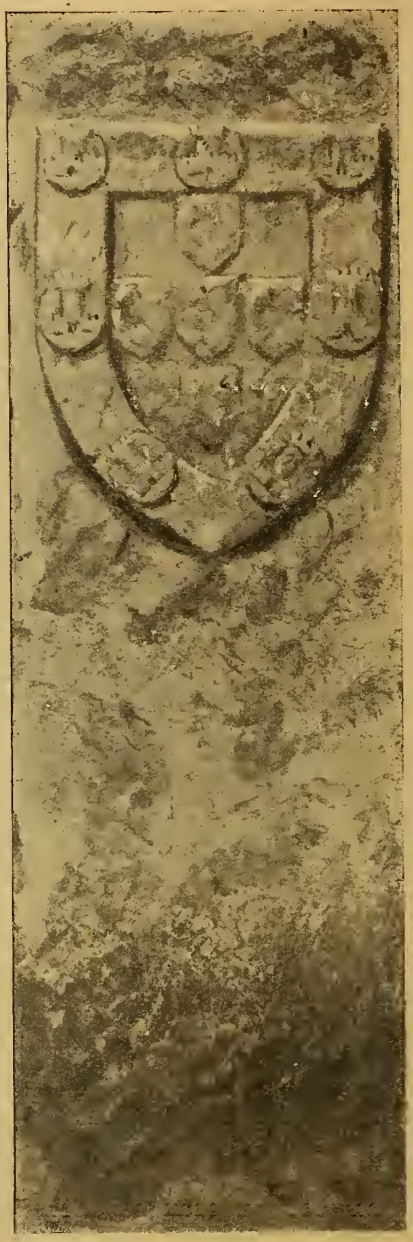
Estacio de Sá, por terra, investiu sobre o entricheiramento de *Uruçumirim*, e mais fortificações dos tamoios. Ararigboia, acompanhando-o, com os seus americanos, fez prodigios de bravura (15). Mem de Sá dirigiu para a Ilha, baluarte dos franceses, o fogo de suas frageis embarcações. Em terra e no mar o combate foi violento e seguido.

"Trava-se horrenda e se escarniça a luta,
"Roncam bombardas, arcabuzes troam
"Balas e flechas pelos ares zunem (16)

Os inimigos dos portugueses foram irresistivelmente batidos, recuando sempre até o interior da vasta bahia onde se dispersavam na floresta os que não tinham cahido ao mar. Uma flecha, porém, varara o rosto de Estacio de Sá! Não o transtornou a dor. Ao som dos hymnos da victoria, e em dupla homenagem ao Santo do dia e ao Rei de Portugal, mandou que se confirmasse o nome de CIDADE DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO.

———

Trinta dias depois morria do ferimento o valoroso Capitão (17). O seu corpo foi processionalmente conduzido para uma sepultura no chão de uma capellinha que por sua ordem havia sido dedicada a S. Sebastião entre as primeiras construções da Cidade, lá, junto ao Pão de Açucar.



MARCA DA FUNDAÇÃO DA CIDADE (FRENTE)

Tendo assumido o Governo local, por morte do sobrinho, deliberou o Governador Geral do Brasil transferir a Cidade daquelle recinto apertado, onde as contingencias de ocasião permitiram o seu estabelecimento, para logar mais amplo de onde irradiasse florescente e esperançosa. Escolheu para isso, mui acertadamente,

um monte sobranceiro á ilha até então cidadela dos inimigos, monte de onde se descortinavam o vasto ancoradouro, e planicies e varzeas circunjacentes.

MARCO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE (COSTAS)

No alto desse monte plantou um marco de pedra lioz com as armas portuguesas; e ao lado do marco mandou que se erguesse espaçosa capela sob a invocação do padroeiro da Cidade. Para garantir o novo centro de população contra possiveis invasões inimigas fez levantar os muros de um castélo que desapareceu no seculo XVIII tendo durado bastante para fixar no monte ou morro o nome "Morro do Castélo" por que ficou sendo conhecido (18).

Em 1568 Mem de Sá regressou á Bahia, deixando como Governador do Rio de Janeiro outro sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, que, até 1572, muito fez pelo progresso da Cidade nascente.

*

Neste anno foi o Brasil dividido em dois governo (19), designada a Bahia para séde do Governo do Norte, e o Rio de Janeiro para séde do Governo do Sul. Em 1577 unificou-se outra vez o Governo do Brasil, e reapareceu, então, como Governador do Rio de Janeiro, subordinado ao da Bahia, Salvador Corrêa de Sá, que desta vez exerceu o cargo por espaço de 21 anos.

Foi por sua determinação que se trasladaram para a capéla-mór da igreja de S. Sebastião do Castélo os despojos mortaes de Estacio de Sá, cobrindo-os uma lapide

LAPIDE DA SEPULTURA DE ESTACIO DE SÁ

em que mandou gravar a seguinte inscripção: *Aqui jaz Estacio de Sá, Primeiro Capitão e Conquistador desta terra e Cidade. E a campa mandou fazer Salvador Corrêa seu primo*

segundo capitão e governador, com suas armas. E esta capela acabou no ano 1583 ([20]).

*

Quarenta e seis governadores efectivos e vinte e quatro interinos se sucederam até

1763, ano em que a Capital do Brasil definitivamente se transferio da Bahia para Rio de Janeiro. Os quarenta e tres primeiros tiveram no exercicio as honras de Capitão Mór; o quadragesimo quarto — Arthur de Sá e Menezes — iniciou a série dos que trouxeram patente de Capitão General.

Lista chronologica dos varões que exerceram a autoridade superior no Rio de Janeiro desde a fundação da Cidade até a chegada da Familia Real Portuguesa.

GOVERNADORES

1 Estacio de Sá (Fundador) 1565-67.
2 Mem de Sá (Governador Geral do Brasil) 1567-68.
3 Salvador Corrêa de Sá (filho de Mem de Sá e primo de Estacio), Capitão-Mór. Governou de Março de 1568 a 1572.
4 Christovão de Barros, Capitão-Mór, que governou até 1576.
5 Desembargador Antonio Salema, 1576-77.
6 Salvador Corrêa de Sá, Capitão-Mór (2.ª vez). 1577-99.
7 Francisco de Mendonça e Vasconcellos. Capitão-Mór. 1599-1602.
8 Martim de Sá, natural do Brasil. Capitão-Mór. 1602-1608.
9 Affonso de Albuquerque. 1608-1614.
10 Constantino Menelao. Capitão-Mór. 1614-17
11 Ruy Vaz Pinto. De 19 de Junho de 1617 a 1620.
12 Francisco Fajardo, De 20 de Junho de 1620 a 1623.
13 Martim de Sá. (2.ª vez). De 11 de Junho de 1623 a 1632.
14 Rodrigo de Miranda Henriques. De 13 de Junho de 1633 a 1637.
15 Salvador Corrêa de Sá e Benevides, 3 — IV — 1637 a 1642.
16 Duarte Corrêa Vasqueanes (Interino). 19-III 1642 a 1643.
17 Luiz Barbalho Bezerra, natural do Brasil. De 1643 a 15 de Abril de 1644, data do seu falecimento
18 Francisco de Souto Maior, 7-V-1644 a 1645.
19 Duarte Corrêa Vasqueanes, (2.ª vez). 22-III-1645 a 1648. (21).
20 Salvador Corrêa de Sá e Benevides, (2ª vez). Janeiro a Maio de 1648.
21 Duarte Corrêa Vasqueanes. (3ª vez. Interino) 12 de Maio de 1648 a 1649.
22 Salvador de Brito Pereira. De 25 de Janeiro de 1649 a 20 de Julho de 1651, data em que faleceu.
23 Antonio Galvão. (Interino). 1651-1652.
24 D. Luiz de Almeida Portugal, Capitão-Mór, 1652-1657.
25 Thomé Corrêa de Alvarenga, (Interino). 1657-1659.
26 Salvador Corrêa de Sá e Benevides. (3ªvez) 1659-1660.
27 Thomé Corrêa de Alvarenga (2ª interinidade). 1660.
28 Agostinho Barbalho Bezerra 1660-61 (22).
29 João Corrêa de Sá. 1661-62.
30 D. Pedro de Mello. 1662-66.
31 D. Pedro de Mascarenhas. 1666-70.
32 João da Silva e Souza. 1670-75.
33 Mathias da Cunha, 1675-1679.
34 D. Manoel Lobo, 1679. (23).
35 João Tavares Roldon. (Interino). Outubro de 1679 a Janeiro de 1681.
36 Pedro Gomes. De 28 de Janeiro de 1681 a 1682.
37 Duarte Teixeira Chaves, 3-VI-1682 a 1686.
38 João Furtado de Mendonça. 22-IV-1686 a 1689.
39 D. Francisco Naper de Lencastre. (Interino). De 24 de Junho de 1689 a 1690.
40. Luiz Cesar de Menezes. 17-IV-1690 a 1693.
41 Antonio Paes de Sande. 25-III-1693 a 1694.
42 André Cuzaco, natural da Irlanda. 7-X-1694 a 1695. Faleceu no exercicio do cargo.
43 Sebastião de Castro Caldas. 19-IV-1695 a 1697. (24).
44 Arthur de Sá Menezes, 2-IV-1697 a 1702. (25).
47 D. Alvaro da Silveira e Albuquerque. 15-VII-1702 a 1704.

48 D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre. De 1 de Agosto de 1705 a 1709. (26).

52 Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. 11 de Junho de 1709 a 1710. (27).

53 Gregorio de Castro Moraes. (Interino). 1709-1710.

54 Francisco de Castro Moraes (2ª vez) 1710-11 (28).

55 Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. (2.ª vez) 1711-13.

56 Francisco Xavier de Tavora. De 7 de Junho de 1713 a 1716.
rino). 1716-17.

58 Antonio de Brito e Menezes. 27-VI-1717 a 1719. Faleceu no exercicio do cargo.

59 Manoel de Almeida Castello Branco. (2ª interinidade) 1719.

60 Ayres de Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha. De 18 de Maio de 1719 a1725 (29)

61 Luiz Vahia Monteiro. 10 de Maio de 1725 a 1732. (30).

62 Manoel Freitas da Fonseca. (Interino). 1732-33.

63 Gomes Freire de Andrade. De 26 de Julho de 1733 a 1763.

Este Governador merece mais do que o simples registo do seu nome. Exerceu o cargo por 29 anos, 5 mezes e 4 dias!

E' sua obra a grande arcaria hoje viaduto, que foi levantada para aqueduto, servindo um secco para dar passagem ás aguas do rio Carioca do morro de Santa Thereza para o de Santo Antonio. Edificou o Convento de Santa Thereza. Erigio á beira mar,

CHAFARIZ COLONIAL

para serviço das embarcações, o chafariz de granito e marmore que hoje se encontra quasi a meio da Praça 15 de Novembro. Iniciou o soccorro aos lazaros. Lançou a primeira pedra da igreja Catedral. Fez construir para residencia dos governadores o edificio que depois foi Paço Imperial, e agora é Repartição Geral dos Telegrafos. Creou o Tribunal da Relação. Protegeu as letras creando sociedades literarias. Consentio que se estabelecesse a primeira tipografia no Rio de Janeiro.

E' o heróe do poema "Uruguay", de José Basilio da Gama.

Em 1578 deu-lhe El-Rei o titulo de Conde de Bobadella. O povo chamava-lhe "Pae

LARGO DO PAÇO (1817)

da Patria". Governou, tambem, as capitanias de Minas Geraes e S. Paulo. Foi sua grande preocupação defender e conservar a Colonia do Sacramento; e a sua morte foi atribuida ao desgosto de vê-la perdida ([31]). Nas diferentes vezes que se ausentou do Rio fez-se substituir sucessivamente por

64 José da Silva Paes,
65 Mathias Coelho de Souza,
66 José Antonio Freire de Andrade,
67 Patricio Manuel de Figueiredo.

Por morte do Conde de Bobadella a administração das capitanias — Rio, S. Paulo e Minas — que se achavam outra vez reunidas, foi cometida a uma Comissão de tres membros por êle mesmo indicados: Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, Chanceler da Relação João Alberto de Castello Branco, e Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, completando-se, assim, o numero de 70 governadores.

VICE-REIS

Sendo notavel o progresso das capitanias do Sul, e achando-se no Rio da Prata o perigo de guerra e invasão da fronteira brasileira, resolveu El-Rei mudar da Bahia para o Rio de Janeiro a Capital da sua grande Colonia cujo Governador teria daí por deante o titulo de Vice-Rei. O primeiro nomeado foi D. Antonio Alvaro da Cunha, Conde da Cunha, que aqui desembarcou em 15 de Outubro de 1763, tomando posse no dia seguinte.

Era austero e diligente. A sua acção incidia principalmente na cidade onde tinha séde. Assim foi que deu inicio ao Arsenal de Guerra, na ponta chamada da Misericordia onde cresceu e se manteve até 1910; construio paioes de polvora; aplanou o terreno da ilha de Vilegagnon, fortificando-a; fundou o Arsenal de Marinha onde até agora está; alinhou e franqueou ao transito a rua hoje chamada Carioca; cobrio de lages a longa vala da rua hoje chamada Uruguayana; fundou o Hospital dos Lazaros na casa que pertencera aos jesuitas, e onde ainda existe muito modificado esse estabelecimento. A ordem era completa na Cidade sob suas vistas; toda actividade honesta era fonte imperturbavel de progresso. Governou até 12 de Novembro de 1767. A rua hoje chamada Frei Caneca foi por elle aberta, e teve por muitos anos o nome de Conde da Cunha ou, simplesmente, do Conde. De 1870 a 1889 foi rua Conde d'Eu. O Imperio esquecera o Vice-Rei, e a Republica deixou-o esquecido.

2º Vice-Rei — D. Antonio Rolim de Moura, Conde de Azambuja (17 de Outubro de 1767 a 1769).

3º Vice-Rei — D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Mello Silva Mascarenhas, segundo Marquez do Lavradio e 4º Conde de Avintes (1769-1779). Construio fortificações fóra da barra e dentro da baía desta Capital. Organizou milicias. Fez prosperar o Comercio; favoreceu a Industria. Introduzio a sericicultura; promoveu a cultura do anil, do arroz, do linho e da cochonilha, e iniciou a lavoura do café. Dotou a Cidade de grandes melhoramentos, saneando-a e embelezando-a, segundo a sua época. Ainda guarda o seu titulo nobiliarquico uma das ruas que abrio. Aterrou pantanos; construiu Matadouro; levantou chafarizes, dos quaes ainda existe um na rua da Gloria, e outro em abandono na rua Riachuelo. Protegeu as letras, creou uma Academia Scientifica. Elevou a mais do dobro a renda municipal que até então não passava de 4:000$. Monsenhor Pizarro, fazendo a apologia do governo do Marquez do Lavradio, escreveu: "Constante na piedade, nem as leis o fizeram rigoroso, nem a espada sanguinolento; e sabiamente unia o Poder com a Ternura, e a Justiça com a Humanidade".

4º Vice-Rei — Luiz de Vasconcellos e Souza (1779-90). Foi notavel a sua acção. Melhorou e ampliou o Largo contiguo á Casa dos Governadores. Projectou e começou uma avenida beira-mar do Cáes Pharoux á Gloria. Construio o Passeio Publico para sanear o Boqueirão da Ajuda, infecto logar de despejos. Fundou a "Casa dos Passaros", inicio do Museu Nacional como instituição, e do Tesouro Federal como edificio, pois é o mesmo predio hoje muito ampliado que avulta na Avenida Passos. Protegeu as sciencias dando especial atenção ás pesquizas botanicas de Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Inaugurou uma aula de Rhetorica. A Lavoura, o Comercio, a Industria mereceram-lhe cuidados.

Sucedeu-lhe D. José Luiz de Castro, segundo Conde de Rezende, 5º Vice-Rei do Brasil (1790-1801). Nivelou, aterrando, o Campo da Lampadosa (de que resta hoje o espaço chamado Praça Tiradentes). Calçou a Rua do Cano (hoje Sete de Setembro), e a da Vala (hoje Uruguayana). Para continuar a Avenida Beira-mar começada pelo seu antecessor dava, mediante certas somas, patentes de Capitão, Tenente e Alferes, constituindo a classe dos "Oficiaes do Cáes." Promoveu medidas de higiene publica e particular. Melhorou consideravelmente a iluminação da Cidade. Abrio a Rua dos Invalidos, assim chamada porque aí, logo, estabeleceu casa e chacara para asilo dos soldados que invalidassem no serviço do Estado. Aprimorou a instrução militar. Ainda guarda memoria do seu titulo nobiliarquico uma rua por êle delineada desde a Lavradio até a Riachuelo.

6º Vice-Rei — D. Fernando José de Portugal, da Casa dos Marquezes de Valença. Governou, antes, a Bahia; e, ainda antes, exercera em Lisboa cargos de magistratura e de administração. Chegou ao Rio de Janeiro em 1801; foi muito obsequiado pelo povo quando se retirou, em 1806. Voltou ao Brasil com a Familia Real, e aqui foi, sucessivamente, Ministro do Reino, de Estrangeiros e da Guerra; Presidente do Erario, do Conselho da Fazenda e da Junta do Comercio. Foi condecorado com as gran-cruzes de Aviz, da Torre e Espada, e de Izabel a Catolica. Gentil homem do Paço, recebeu os titulos de Conde e, depois, Marquez de Aguiar. Faleceu em 24 de Janeiro de 1817.

Foi 7º Vice-Rei D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, que deixando o Governo do Pará e Rio Negro, chegou ao Rio de Janeiro em 9 de Agosto de 1806, depois de 4 mezes de viagem. Coube-lhe a honra de receber a Familia Real, transformando Rio de Janeiro em Capital do Reino.

Foi, depois, nomeado Governador da Bahia de onde regressou em 1818 para assumir a direcção do Ministerio da Marinha.

*

Tinha já certa importancia a Cidade do Rio de Janeiro. A sua população attingira a 60.000 habitantes ([32]). Havia 1311 oficinas e estabelecimentos comerciaes, 3 seminarios, 2 recolhimentos de meninas; 5 hospitaes: o da Misericordia, o de S. Francisco da Penitencia, o do Carmo, e o Militar, no Castélo.

LARGO DO PAÇO (1830)

O Catolicismo triunfante erguera 40 igrejas, sendo quatro paroquiaes. Clinicavam oito medicos. Funcionavam um Tribunal da Relação, um Ouvidor do Crime, um Ouvidor da Comarca, um Juiz de Fóra do Civel, e um Juiz de Orfãos.

Entravam a barra do Rio de Janeiro, por ano, 400 embarcações portuguesas, e mais de trinta estrangeiras.

Eram anualmente abatidas mais de treze mil rezes para alimentação publica.

*

A presença da Familia Real aumentou consideravelmente a importancia do Rio de Janeiro que, sendo desde 1763 Cidade capital do Brasil-Colonia, passava, de subito, a Cidade capital dos vastos dominios da Monarquia Portuguesa. De 1 de Abril a 5 de Novembro de 1808 El-Rei creou um Conselho Supremo, um Arquivo Militar, o Desembargo do Paço, a Mesa da Consciencia e Ordens, a Casa da Suplicação do Brasil que foi depois a Relação do Rio de Janeiro; a Fabrica de Polvora (perto da Lagoa Rodrigo de Freitas onde estabeleceu o Jardim Botanico, transferindo-a mais tarde para a Estrela, raiz da Serra dos Orgãos); a Academia de Marinha, a Escola Medico-Cirurgica; a Imprensa Regia, a Junta do Comercio, o Banco do Brasil, e outras instituições. Nos anos seguintes creou o Jardim Botanico, a Biblioteca Publica, a Academia de Belas Artes, a Contadoria da Marinha, a Guarda Real de Policia. E montavam-se oficinas, fabricas, fundições. Grande foi o desenvolvimento administrativo, comercial, industrial observado desde então.

Em 1815, elevado o Brasil a Reino, tornou-se Rio de Janeiro Cidade Capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (33).

Em 1822, proclamada a Independencia Politica do Brasil, passou a ser Capital do Imperio e da Provincia do Rio de Janeiro.

Em 1834 o "Acto Adicional" separou a Cidade do Rio de Janeiro da Provincia do mesmo nome, considerando-a Municipio Neutro (34).

Em 1889, proclamada a Republica, o Municipio Neutro tomou a denominação de Capital Federal.

A Constituição da Republica, promulgada em 24 de Fevereiro de 1891, declarou Rio de Janeiro Distrito Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil (35).

O MUNICIPIO

O belo céo azul de sempre — denso arvoredo de todos os matizes do verde, por montes e vales — lagôas invadidas pelo Mangue — arenosas praias desertas — alguns rios desaguando na vasta baia semeada de ilhas — o horizonte limitado por altaneiras montanhas em redor — passaros, aves aquaticas, ferindo o silencio com a gama de seus trinados e com seus languidos pios — o belo ceo azul de sempre — tal devia ser a paisagem desta região nos seus dias prehistoricos.

Chegaram os portugueses. Recuaram os aborigenes. Apareceram franceses na ansia de educar os tamoios contra os descobridores. Triunfaram os portugueses fundando a cidade. Começou a povoação.

A Cidade nascente fortificou-se.

Uma ponta da praia que alcatifava de branco a base do morro do Castelo recebeu elegante bateria que tomou o nome de "São Thiago" (36). Onde está hoje a igreja dos Militares, na rua 1.º de Março, foi construido, em 1605, o primeiro forte denominado "Santa Cruz". A actual fortaleza desse nome, á barra, começou, no seculo XVI, como bateria "N. S. da Guia"; e a de "S. João", que lhe é fronteira, começou na mesma epoca por um forte chamado "São Theodosio".

Em quanto assim os senhores da terra se aparelhavam para defende-la, os jesuitas igualmente se mostravam zelosos na diligencia de ocupa-la: Os altares adeantavam-se ás fortificações. Em 1572 já existiam as igrejas de S. Sebastião e da Misericordia, e edificava-se a igreja de S. Francisco Xavier, no mesmo ponto onde hoje está, e que, nesse tempo, era sertão. Em 1590 fundou-se a capela de N. S. do O', onde depois se ergueu, e ainda está, a Catedral da Arquidiocese. Em 1592 construiu-se a igreja de Santa Luzia, na base do Castélo, á beira mar, dando o nome á praia, então existente. Em 1604 a primitiva igreja da Candelaria na varzea e, tambem, á beira mar. Em 1628 a igreja de Santa Cruz sobre as ruinas do Forte desse nome, (37). Em 1633 a de S. José, com o altar mór quasi dentro dagua. (38).

A imigração augmentava, a população crescia. a Cidade alastrava-se, tendo por marcos do seu desenvolvimento esses primeiros oratorios. As construções faziam-se a esmo, como quem não contasse com o futuro desta magnifica posição geografica. E já havia CAMARA para tratar dos interesses do Municipio. (39).

A pequena lavoura circundava as habitações; o Comercio absorvia febrilmente as actividades.

Em 1700 Rio de Janeiro não passava da linha hoje percorrida pela rua Uruguayana.

Dspois da segunda invasão francesa veio de Lisboa o Engenheiro João Macé que, para defender a Cidade por terra, projectou uma muralha do Morro da Conceição ao de Santo Antonio, e deste ao do Castélo. Essa muralha foi principiada lá, no morro, onde já residia o Bispo, chegando, com pouca altura, até onde está a Igreja do Rosario. Daí para fóra, Oeste, era o "Campo da Cidade". Daí para fóra não se permitiria mais edificação alguma, pois havia da parte de dentro "muitos chãos devolutos". (40).

A actual rua Uruguayana era por esse tempo uma vala (41), aproveitando a qual pretendera o 61.º Governador da Cidade, Luiz Vahia Monteiro, rasgar um Canal que comunicasse o mar da Ajuda com o mar da Prainha, ilhando a Cidade (42).

Em 1808 assentou o Senado da Camara (43) que "seriam limites racionaveis, segundo o estado actual das cousas, por um lado o Rio das Laranjeiras, por outro o Rio Comprido, e por outro o mar em toda a sua circunferencia. E para certeza desta demarcação mandou colocar marcos na Ponte do Catête (44), junto ao Rio das Laranjeiras ou Carioca, e nas pontes que estão na passagem do Rio Comprido", (*Arquivo do Distrito Federal*, tomo II, pag. 520).

Um aviso de 8 de Agosto de 1817, expedido pelo Presidente do Real Erario, João Paulo Bezerra, e mencionado nas *Memorias Historicas* de Pizarro, declarou sujeito ao Imposto de Decimas "todos os predios urbanos situados desde o fim da Praia de Botafogo até o fim da Praia de S. Christovão, terminando na ponte da estrada do Andarahy que vae para a igreja paroquial do Engenho Velho".

Em 1831 a Camara Municipal comunicava ao Governo Imperial que para o lançamento da Decima Urbana fôra fixado o seguinte perimetro: "Do principio da Praia de Botafogo, da ponte do Berquó, até fim da Praia de S. Christovão, compreendendo o Campo da mesma denominação até a 2ª. cancela, e daí em linha paralela até fim da Estrada da Joana, e desta seguindo a estrada que passa pela frente da igreja do Engenho Velho até a ponte da Segunda-feira; o costão do Rio Comprido até os canos do Carioca, os quaes em toda sua extensão servirão de limite até Cosme Velho".

Hoje Rio de Janeiro, depois de ter sido Cidade colonial portuguesa, Capital do Vice Reino do Brasil, Capital do Reino de Portugal-Brasil e Algarves, Capital do Imperio do Brasil, é o Distrito Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

A superficie total da Cidade do Rio de Janeiro, com as ilhas, é avaliada em 1163.Km²933 incluida no calculo a area conquistada pelas obras do porto entre as praças "Harmonia" e "Mauá". (45).

Os seus limites definitivos são:

Ao Norte o Estado do Rio de Janeiro correndo a linha divisoria pelo Rio Merity, desde a foz até a confluencia do Pavuna, por este Pavuna até suas cabeceiras; e daí, pelos limites das fazendas "Retiro" e "Guandú do Sena" com a fazenda ou antigo Morgadio de "Marapicú", até as cabeceiras do Guandú, e por este á sua confluencia no Itaguahy; e por este até sua foz na baía de Sepetiba.

Ao Sul, o Oceano Atlantico.

A Oeste, a baía de Sepetiba.

A Leste, a baía de Guanabara.

Da sua população foram em 1920 recenseados 1.157.873 hab. (46).

A Estatistica Predial acusa a existencia de 114.000 casas. (47)

•

O Governo do Municipio consta de dois poderes: Legislativo (48) e Executivo.

O Poder Legislativo Municipal ou Conselho Deliberativo compõe-se de 24 Intendentes, eleitos pela Cidade, um dos quaes é pelos seus pares eleito Presidente.

O Poder Executivo Municipal é exercido pelo Prefeito, nomeado por Decreto do Presidente da Republica que, naturalmente, o escolhe entre os cidadãos de reconhecida capacidade.

Para os fins administrativos, executar e fazer executar as leis votadas pelo Conselho, e sancionadas pelo Prefeito, o Distrito Federal está dividido em 26 distritos (49), cada um confiado a um Agente, servido por um Escrivão, e variavel numero de "guardas".

O Conselho Deliberativo reune-se duas vezes por ano, em sessões ordinarias: Uma de 2 de Abril a 31 de Maio, outra de 1 de Setembro a 31 de Outubro. Póde ser convocado extraordinariamente pelo Prefeito.

A séde do Conselho era no proprio edificio em que está a Prefeitura (50); em 1896, porém, tornou-se o local insuficiente.

Instalou-se, então, o Conselho num edificio que fôra construido para Escola, em 1869; e nêle se manteve ate 1918. Neste ano passou a funcionar provisoriamente no Liceu de Artes e Oficios; e, demolido o velho edificio da Escola, sobre o mesmo terreno se levantou a séde actual que ficou pronta em 1922.

No edificio da Prefeitura, entre as ruas S. Pedro e General Camara, e entre a Praça da Republica e a rua José Mauricio funcionam as repartições de administração e arrecadação.

O Prefeito governa a Cidade de acordo com as leis e as necessidades, e por intermedio de Directorias organizadas segundo o ra-

INTERESSANTE MAPPA ANTERIOR A 1600

mo especial dos serviços que lhes são atribuidos:

A' *Directoria do Patrimonio* compete o tombamento e cadastro do territorio e bens do Distrito Federal; o arrendamento, aluguel, fôro, compra e venda dos bens municipaes, moveis e imoveis; o processo para desapropriação por utilidade municipal; a avaliação e medição de todos os bens do Tombo Municipal; as doações, legados, heranças e *fidei comissos*; o processo de aforamento de terrenos devolutos, e o da acquisição de terrenos baldios no Distrito Federal.

A' *Directoria de Obras e Viação* pertencem todos os serviços relativos a obras municipaes, Carta Cadastral, viação em geral, embelezamento e saneamento da Cidade; electricidade, carris, e estradas de ferro e de rodagem; maquinas; construções, reconstruções, acrescimos e reparos de predios de qualquer especie, provisorios ou definitivos.

O *Departamento Municipal de Assistencia Publica* tem a seu cargo o pronto socorro medico-cirurgico por todo o Distrito Federal, em terra e no mar; a organização e direcção de Dispensarios clinicos nos pontos em que mais necessario fôr acudir á população desprovida de recursos; visitas domiciliarias; assistencia hospitalar aos velhos, crianças e adultos enfermos e indigentes; o estudo de todas as questões de Assistencia publica e de beneficencia privada; assistencia clinica ás parturientes que a reclamem; serviços de puericultura; assistencia dentaria á infancia escolar desvalida; organização e direcção de uma Escola Oficial de Enfermagem; superintendencia dos cemiterios.

A' *Directoria de Instrução* cabe organizar e regulamentar os estabelecimentos municipaes de ensino primario e profissional, e desenvolver o mais possivel os meios de instrução popular, distribuir escolas, prove-las de professores e de material, inspecciona-las dos pontos de vista medico, higienico e pedagogico, e manter uma Escola Normal de Professores.

A' *Directoria de Fazenda* compete a gerencia de toda a economia financeira da Municipalidade. Tem a seu cargo a contadoria geral da Receita e Despeza do Municipio, o pagamento das despezas legalmente autorizadas, a arrecadação dos impostos e rendas municipaes, de conformidade com a legislação em vigor.

A' *Directoria de Estatistica* compete estudar os factos sociaes, administrativos e es-

tranhos á Administração suscetiveis de expressão numerica ou de representação grafica; organizar estatisticas numericas, tanto dos serviços administrativos a cargo da Municipalidade como de todos aquêles de natureza local a cargo do Governo da União; publicar regularmente um Boletim de Estatistica Municipal, e um Anuario Estatistico.

Ao *Arquivo do Distrito Federal* desagregado da Directoria de Estatistica, constituindo Repartição autonoma desde 1919, cabe privativamente organizar todas as fontes de consulta historica do Distrito Federal, quer em relação aos factos sociaes e politicos, quer em relação aos documentos e papeis de origem administrativa.

A *Bibliotéca Municipal,* reorganizada por Decreto de 22 de Julho de 1919, é uma Repartição aberta ao publico para consulta de impressos, cartas geograficas, manuscritos, numismatica, etc.

Ha, ainda:

O *Contencioso,* Repartição encarregada da defesa juridica dos interesses municipaes.

A *Superintendencia da Limpeza Publica e Particular,* incumbida do asseio das ruas e praças publicas, da limpeza e conservação de valas e rios; da colecta e remoção de todo o lixo da Cidade.

A *Inspectoria de Matas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca,* tendo a seu cargo a inspecção, plantio, replantio, e conservação das matas terrestres e maritimas do Distrito Federal; a execução das leis e regulamentos relativos á caça e á pesca; a fiscalização, quanto á conservação, reprodução e renovação dos peixes, moluscos e crustaceos destinados á alimentação publica nos dominios fluviaes e maritimos do Distrito Federal; a construção, reconstrução, conservação e fiscalização das praças arborizadas e jardins publicos municipaes; a arborização da Cidade, organização e cultura de viveiros para as necessidades da arborização e ajardinamento; a guarda e conservação dos monumentos publicos; o registo de todas as embarcações empregadas na pesca e no trafego do porto.

O *Deposito Central da Municipalidade,* creado por lei n.º 968, de 10 de Nov. de 1903, e sómente inaugurado em 29 de Abril de 1916. Nêle são recolhidos os objectos aprendidos aos transgressores de posturas municipaes, bem como as quantias que devem ser depositadas em virtude de leis municipaes e de execuções judiciaes em que a Municipalidade fôr parte.

A *Comissão Especial de Historia e Estatistica de Assistencia Publica e Privada,* creada pelo Decreto 1001, de 13 de Novembro de 1914, tem por objecto registrar a acção social das nossas instituições filantropicas, muito variadas nas suas origens, nas formas da sua existencia e nos seus fins. A Comissão publica anualmente um Boletim, o n.º 1 tem a data de 3 de Nov. de 1918.

O *Almoxarifado Geral da Municipalidade,* creado pelo Decreto 1.509 de 30 de Dezembro de 1920. Tem por fim adquirir, guardar, conservar, e distribuir por todos os departamentos municipaes, o material, utensilios, maquinas, aparelhos, ferramentas, artigos de expediente, moveis, sementes e tudo mais de que a Prefeitura necessite para suas repartições e emprendimentos.

As Armas Municipaes, adoptadas pelo Decreto de 1 de Agosto de 1896, constam do antigo emblema — esfera armilar e setas — sobre colado o Barrete Frigio, aplicado o emblema num pano de caravela de que se não vê senão a prôa; de cada lado desta prôa ostenta um golfinho em posição que emoldura a véla; dois ramos de louro e de carvalho completam o adorno; tudo encimado pela corôa mural, atributo de cidade maritima.

Foi adoptada para todo o Distrito Federal uma Bandeira de téla branca com duas faixas azues em diagonal, tendo no cruzamento as Armas Municipaes.

Cidadãos que exerceram a função de Presidente da Intendencia Municipal, desde 15 de novembro de 1889 a 3 de dezembro de 1892 (51):

Francisco Antonio Pessoa de Barros, (1889-90)

Dr. José Felix da Cunha Menezes (1890-91)

Dr. Nicolau Joaquim Moreira (1891-92)
Dr. Candido Barata Ribeiro (1892)

Cidadãos que nomeados para o cargo de Prefeito sucessivamente exerceram o Poder Executivo Municipal:

Alfredo Augusto Vieira Barcellos, (interino)
Coronel Henrique Valladares, Engenheiro Militar. (1893-94)
2 Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida, Politico, Medico, Prof. (1894-97)
Dr. Joaquim José da Rosa, Medico. (Interino)
3 Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura. Jurisconsuito. (1897-98)
4 Dr. José Cesario de Faria Alvim, Politico, Jurisconsulto. (1898-1900)
Dr. Luiz Van Erven, Engenheiro Civil, (Interino)
Coronel Honorio Gurgel, Politico, (Interino)
6 Dr. Antonio Coelho Rodrigues, Jurisconsulto, (1900)
Dr. João Felipe Pereira, Engenheiro Civil, Professor. (1900-901)
7 Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior, Jurisconsulto. (1901-902)
Coronel da Guarda Nacional Carlos Leite Ribeiro, Politico, Comerciante. (Interino).
Dr. Francisco Pereira Passos, Industrial, Engenheiro Civil, (1903-906)
9 General Francisco Marcellino de Souza Aguiar, Engenheiro Militar, (1906-909)
10 Coronel Innocencio Serzedello Corrêa, Engenheiro Militar. (1909-910)
11 General Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, Engenheiro Militar, (1910-14)
12 Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa. Politico, Advogado. (1914-16)
13 Dr. Antonio Augusto de Azevedo Sodré, Politico, Medico, Prof. (1916-17)
14 Dr. Amaro Cavalcanti, Prof. Magistrado. (1917-18)
15 Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, Professor, Director da Bibliotêca. (Interino).
16 Dr. André Gustavo Paulo de Frontin. Politico, Engenheiro Civil, Professor. (1919)
17 Dr. Milciades Mario de Sá Freire, Jurisconsulto, (1919-20)
18 Dr. Carlos Cesar de Oliveira Sampaio. Industrial, Eng.º Civil, Prof. (1920-22)
19 Dr. Alaor Prata Soares. — Tomou posse em 15 de Novembro de 1922.

Quadro da Receita arrecadada e da Despeza paga pela Municipalidade do Rio de Janeiro, ano por ano, desde a proclamação da Republica:

Anno	Receita arrecadada	Despeza efectuada
1889	2.281:969$829	2.275:197$032
1890	8.591:161$450	6.170:837$150
1891	3.675:182$880	4.835:914$891
1892	17.179:632$528	18.256:893$096
1893	16.727:164$727	15.901:241$533
1894	17.029:449$274	16.938:654$977
1895	25.876:865$590	26.910:039$336
1896	33.510:749$270	33.532:324$628
1897	19.703:393$454	19.116:970$008
1898	18.322:716$499	18.935:781$847
1899	23.484:607$080	23.418:585$198
1900	25.348:345$189	24.909:489$616
1901	20.677:534$885	21.179:836$338
1902	26.264:976$525	25.678:471$282
1903	30.773:377$989	31.378:810$319
1904	28.211:265$569	28.217:890$888
1905	31.395:873$320	31.359:976$848
1906	48.437:185$178	48.132:715$202
1907	37.411:736$707	37.725:248$841
1908	39.132:935$422	38.931:919$457
1909	53.494:900$627	53.304:273$322
1910	50.432:016$303	50.291:046$779
1911	39.071:111$959	38.792:735$996
1912	46.972:224$686	47.780:813$496
1913	50.194:780$558	50.172:770$508
1914	46.203:942$766	46.158:616$872
1915	51.515:482$862	51.553:092$889
1916	57.206:681$626	56.850:340$216
1917	41.028:525$023	53.615:987$595
1918	44.946:372$267	54.153:017$612
1919	51.082:108$166	93.132:331$134
1920	57.444:138$754	68.795:088$472
1921	65.588:386$096	84.419:415$836
1922	67.042:842$500	69.114:346$853

A CIDADE

A Cidade do Rio de Janeiro edificou-se á revelia da legislação que influisse nas construções. Na epoca da sua fundação a Sciencia não tinha ainda codificado as regras que vizam a salubridade dos povoados. Á aglomeração de individuos correspondia a necessidade de habitações, e essas iam-se erguendo á vontade de cada dono, resultando da sua localização o arruamento, em vez do arruamento preceder a edificação.

Cercas, muros de quintaes, fachadas em que o beiral dos telhados pousava na verga dos portaes, alinhavam-se, intercaladamente. A floresta cedia espaço, aterravam-se alagadiços, a Colonia prosperava em consequencia do esforço que cada um fazia pela sua prosperidade pessoal. Perto de 250 anos de labuta já tinham sua longa historia de fortunas e de ruinas.

Depois de 1808 Rio de Janeiro, entreposto de avultado numero de produtos do paiz, atraío a atenção da Europa manufactureira. No Imperio aumentou consideravelmente o seu comercio. O crescente trafego de veículos foi tornando notavel a estreiteza das ruas. Ampliava-se a Cidade, mas ainda era muito primitiva a Estetica, e muito rudimentar a Higiene.

Só em 1838 apareceu a primeira preocupação administrativa de deminuir as dificuldades do trafego: Uma Postura mandou que tivessem pelo menos 60 palmos de largura as ruas, estradas ou travessas que desde então se abrissem.

Só de 1854 a 64 as ruas do Rio de Janeiro foram niveladas para receberem calçamento e paralelipipedos de granito, e iluminação a gaz.

Só em 1856, por editaes de 11 de Março e 6 de Maio, se revelou o primeiro cuidado com a Arquitectura predial: A Municipalidade proíbio as "aguas furtadas", e exigio dos construtores que submetessem á sua aprovação o Risco do predio a edificar.

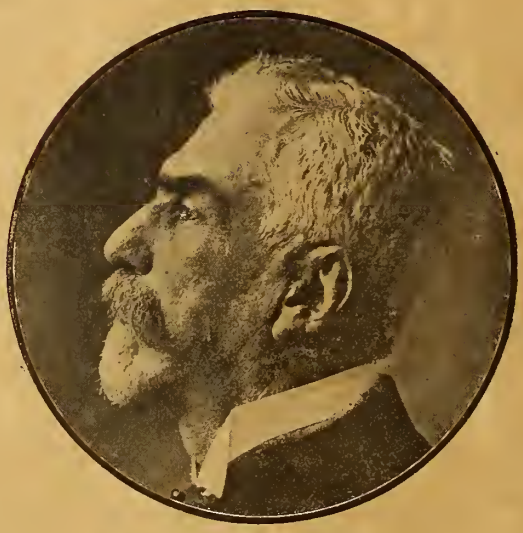
Por Edital de 15 de Setembro de 1892, a Republica, antes, mesmo, de reorganizar o Municipio, estabeleceu regras completas para a construção e reconstrução de predios, sob os pontos de vista estetico e higienico.

Em 1893 a Postura de 1838 foi suplantada pelo Decreto de 2 de Agosto com que o Prefeito Valladares sancionou a Resolução do Conselho Municipal mandando que recuassem 1,m 90 as fachadas dos predios de cada lado das ruas de 13,m 20. Era com o intuito de alarga-las até 17 metros, facilitando o trafego, e abreviando as comunicações.

Obedeceriam a essa nova ordem, entre muitas, as ruas "Treze de Maio", e "Sacramento", que o Conselho mandara alargar, por leis de 1893 e 94, sancionadas pelos Prefeitos Barata Ribeiro e Valladares, cada um dos quaes logo providenciou sobre as desapropriações que taes obras exigiam. Entretanto, crises politicas oprimindo a Capital da Republica deixaram por doze anos sem execução essas leis municipaes que, afinal, o Prefeito Passos (1903-1906) aplicou, com outras medidas de sua iniciativa, para embelezamente e saneamento do Distrito Federal.

*

O engenheiro Francisco Pereira Passos, já com um passado de Administrador ([52]), Industrial, homem viajado, e de muita energia e bom gosto, foi convidado para o cargo de Prefeito em 30 de Dezembro de 1902, pelo Presidente da Republica, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.



FRANCISCO PEREIRA PASSOS— (1836-913). ENGENHEIRO NOTAVEL, ADMINISTRADOR EXIMIO, REFORMADOR DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Logo que tomou posse do cargo empreendeu decisivamente obras que se impunham desde muito; e organizou e publicou um Projecto de Melhoramentos, acompanhado de Planta, para que fosse bem divulgado e conhecido o seu plano remodelador da Cidade.

Ao mesmo tempo o Governo Federal, pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, então a cargo do Dr. Lauro S. Muller, ocupava-se com os trabalhos preliminares da construção de um caes de 3500 metros que guarnecesse uma parte do litoral, suprimindo os velhos bairros maritimos, desasseados e mal afamados, e oferecendo atracação a navios da maior tonelagem. A essa obra gigantesca, sonho de mais de 70 anos, o Ministro da Viação associou a abertura de avenidas: Uma paralela ao Canal do Mangue, na embocadura do qual principiaria o grande caes, e outra através do centro co-

mercial da Cidade, começando na Prainha, onde o mesmo caes terminaria.

A população do Rio de Janeiro ficou estupefacta; e, antes de poder avaliar a grandeza dos cometimentos municipal e federal, notou que tudo estava em andamento, e que mudava de Cidade sem ter mudado de territorio.

Em 1903 prolongou-se com 15,m 60 de largura a rua até então chamada do Sacramento ([53]), através das ruas Senhor dos Passos, Alfandega, General Camara e S. Pedro, desembocando na rua Marechal Floriano, em correspondencia com a rua Camerino; foram retirados os gradis de ferro do adro de algumas igrejas; surgio a rua Conde de Bacpendy em consequencia da canalização e cobertura do Rio Carioca ou das Cabocias ([54]) que a percorria a descoberto; foi rasgado um novo tunel, comunicando Botafogo com a Praia do Leme, barra fóra, em Copacabana; foram demolidas velhas casas da rua 13 de Maio para alargamento e rectificação da mesma; recebeu importantes melhoramentos a Ilha de Paquetá; começaram as demolições para o alargamento da rua da Prainha ([55]), que era uma das mais estreitas e tortas, e de muito pesado movimento de veículos...

Alinhadas as novas ruas, vendidos em hasta publica os terrenos que sobejavam das desapropriações efectuadas, principiaram, logo, as edificações por conta dos novos proprietarios. A Prefeitura modificou, então, um pouco a sua acção até meiado de 1904, á espera de realizar o emprestimo que fôra autorizada a contraír para poder empregar 33.048:000$ na execução do seu plano de melhoramentos.

*

Entretanto, o Governo Federal emprendia as obras do porto, contratando a construção do caes ([56]). Já se demoliam velhos casarões da beira mar, na Saude e na Gambôa; delineavam-se ruas novas na superficie que ia ser conquistada ao mar; e a avenida de 1800 metros era traçada como um rasgão sanitario, desde a Prainha ao Passeio Publico, fazendo ruir no coração da Cidade 641 predios, dois terços dos quaes eram representantes fidedignos da Arquitectura sem Arte e da habitação sem Higiene.

O Ministro incumbio dos trabalhos desta Avenida uma Comissão de Engenheiros sob a presidencia do Dr. Paulo de Frontin, Professor da Escola Politecnica, e já notavel pela sua extraordinaria capacidade de trabalho. No dia 8 de Março de 1904 principiaram as demolições, sendo atacados, simultaneamente, os dois extremos do traçado. .

A dragagem para as obras do Caes principiou a 29 de Abril.

Em seis mezes concluido estava o córte da Avenida, varando vinte das ruas mais centraes, e canalizando o ar do S. ao N. da Cidade. No dia 7 de Setembro os Srs. Presidente da Republica, Ministros e Prefeito, a Comissão Construtora, e grande numero de convidados, percorreram a pé, seguidos de muito povo, a recta via então ladeada de escombros, e que, hoje, perfeitamente calçada, edificada, arborizada e iluminada, tem o nome de Avenida Rio Branco. ([57])

O enrocamento do Caes avançava de Norte para Sul, morosamente, mas solidamente, continuamente.

*

Tambem por esse tempo o Prefeito havia realizado operações que tornaram possivel a continuação das obras, até então feitas só com os recursos ordinarios.

E foi, realmente, admiravel o que se fez.

A enumeração seria fastidiosa, e não interessaria a quem procura neste livro uma noticia da Cidade actual; mas não póde quem a descreve deixar de aludir á grande transformação operada naquele periodo.

Em 31 de Dezembro de 1902, Rio de Janeiro era uma Cidade estacionaria, sem atractivos, e de má fama no ponto de vista sanitario. Logradouros publicos eram o Parque da Praça da Republica, a Praça Tiradentes, o Passeio Publico, a Praça Duque de Caxias, o Jardim Botanico, e a Tijuca — abandonada; teatro com aspecto exterior de teatro só o "S. Pedro de Alcantara"; caes — o "Pharoux", e o "Mineiro"; edificios notaveis — o Palacio da Presidencia, o Asilo Gonçalves de Araujo, a Casa da Moeda, o Gabinete Portuguès de Leitura, e a Candelaria; calçamento — paralelipipedos de granito nas melhores ruas e praças; veículos rapidos para transporte de passageiros — o bonde e o tilburi; ruas largas, uma — a Rua Larga, hoje Marechal Floriano, e então menos extensa; ruas de grande transito, uma — a do Ouvidor. Iluminação geral a gaz.

Em 31 de Dezembro de 1906 Rio de Janeiro estava toda iluminada a electricidade. Tinha como logradouros publicos o Jardim do Alto da Boa Vista, toda a Tijuca reformada, a Praça Marechal Deodoro, a Praça 7 de Março, hoje Barão de Drumond, o Jardim do Valongo, a Praça 15 de Novembro com um novo ajardinamento e coreto para musica; o Largo da Carioca, a Praça da Gloria, a Avenida Central; a esplendida Avenida Beira

Mar. com seus jardins, estatuetas e belvederes ([58]). Edificios publicos já se notavam o Teatro Municipal e o Pavilhão Monroe; particulares: o Escriptorio da Companhia Docas de Santos, os do *Jornal do Comercio*, do *O Paiz*, do *Jornal do Brasil*, da Light & Power, e Casa Guinle. O asfalto substituira o pavimento de pedra em 35 ruas extensas. ([59]). O tiburi merencorio cedia logar ao automovel. ([60]). O serviço de bondes melhorara consideravelmente, uniformizado pela *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power Comp., Limtd.* Haviam sido entregues ao trafego as novas Avenidas Central, Gomes Freire, Mem de Sá, Salvador de Sá; e transformadas em ruas largas as ruas Visconde de Inhaúma e S. Joaquim (ligadas, em prolongamento, á Marechal Floriano), Uruguayana, Acre, Assembléa, (hoje Republica do Peru'), Carioca, 13 de Maio, Camerino, (antiga rua Imperatriz, mais antiga Valongo) e Frei Caneca; iniciara-se o alargamento das ruas 7 de Setembro, Hospicio (hoje Buenos Aires), S. Bento e Espirito Santo; e estavam outras sendo niveladas e melhor alinhadas na zona suburbana. Erguera-se um novo Mercado de hortaliça, fruta, carne e peixe, em substituição dos feios chalés da Praça das Marinhas; e, até, um Mercado de Flores aparecia na travessa prolongada do largo S. Francisco á rua da Carioca. ([61]).

E ninguem pense que foi só isso que aí fica mencionado. Muitas outras obras de embelezamento e asseio se efectuaram na Cidade, sendo de maior relevancia a extinção da febre amarela, mortifera epidemia que assolava periodicamente a Cidade, desde 1852. ([62]).

*

De 1906 para cá ainda muito se tem feito. O primeiro trecho de tres kilometros e meio de Caes construido aí está servindo para atracação de navios transatlanticos e de cabotagem, e guarnecendo uma area de 175000 metros quadrados, conquistada ao mar com grande gaudio da Estetica e da Higiene. Continuam as edificações, e a arborização, o ajardinamento, o asfaltamento de ruas e praças.

Em 1910 a Quinta da Boa Vista foi franqueada ao publico, transformada em parque belissimo. As escolas multiplicaram-se. O suburbio da Capital tem recebido grandes melhoramentos. Os proprios costumes se modificaram: Mais habitos de elegancia, mais cuidados no vestuario, mais preocupações de conforto. Os sitios pitorescos são muito mais frequentados agora. Aumenta apreciavelmente o numero de hoteis. A Cidade tem um movimento de veículos e transeuntes cada vez mais intenso. O Comercio alastra-se; subdividem-se as especialidades profissionaes; o operariado instrue-se e tem outras regalias; tudo cresce a explosões de actividade. A vida nocturna, que antes não se fazia, é bem agitada nos centros de diversões. O policiamento foi muito melhorado. Rio de Janeiro é uma cidade formosa, salubérrima, e onde a segurança individual é constante objecto da atenção dos que governam.

O povo é excelente, de caracter afectuoso e prestativo; honesto, laborioso e empreendedor. Sentimentos de bondade e lealdade inspiram todas as atitudes. A Sociedade vive num ambiente feliz, multiplicando cuidados com a educação das novas gerações, a fim de opôr barreira moral á onda dissolvente que pelo mundo se propaga de folha em folha de publicações mal orientadas.

BAIA DE GUANABARA

Na sua obra "A Baía do Rio de Janeiro", publicada em 1881, o Coronel de Engenheiros, Augusto Fausto de Souza, realizou a feliz idéa de reproduzir trechos de muitos

O «GIGANTE QUE DORME», VISTO DE FÓRA DA BARRA

autores que se ocuparam com o amplo atrio desta Cidade; e recordou, mesmo, as comparações que alguns viajantes ilustres, a proposito, fizeram. E' interessante por exemplo, o que dizem John Lucock ([64]) achando a nossa baía semelhante á baía de Sydney; — Horacio Say ([65]) achando-a parecida com o lago de Genebra; — Maria Graham ([66]) referindo-a aos portos de Bombaim e de Trinquemole. Para outros a Baia do Rio de Janeiro lembra o Golfo de Napoles, a Baia de Constantinopla, a Embocadura do Tejo...

dorme"; Combinados montes desde a Gavea ao Pão de Açucar recortam e esbatem no horizonte a figura gigantesca de um vulto humano deitado em decubito dorsal. *Questo colosso*, diz o Comandante Rodrigues na "Descrizione del viaggio della flota di Napoli", em 1845, *dorme di sonno eterno, par che volesse indicare la placida ventura concessa a la sorprendente baia di Rio de Janeiro.* Tal colosso tem prendido a atenção de muitos viajantes desde as mais remotas eras; e inspirou a Gonçalves Dias estes versos descriptivos:

COSTÃO ORIENTAL DA BARRA GUARNECIDO PELA FORTALEZA SANTA CRUZ»

O Geologo Alcide d''Orbigny, no 3.º tomo da sua *Voyage á l'Amérique Méridionale*, escreveu o seguinte:

«A baía do Rio de Janeiro apresenta em seu complexo, mas em maior escala, a imagem da de Brest; é, como ela, estreita na entrada, bordada de rochedos, muito profunda e extensa; e, até, a composição geologica é quasi analoga. A analogia, porém, não vae tão longe, porque na do Rio tudo é magestoso, a bacia muito mais vasta, as montanhas muito mais altas, e nos seus limites, que desaparecem no horizonte, avistam-se, perdendo-se nas nuvens, as enormes agulhas da Serra dos Orgãos."

Realmente, é assim mesmo o nosso porto: Parecido com muitos; mas, no que diz respeito a beleza, superior a todos.([67])

Fóra da barra já impressiona o observador o "Gigante de Pedra" ou o "Gigante que

C'os braços no peito, cruzados, nervosos,
Mais alto que as nuvens, o céo a encarar,
Seu corpo s'estende por montes fragosos
Seus pés sobranceiros se elevam no mar.
. . . . . .

Fóra da barra, ou vindo do N., ou vindo do S., a terra acena ao viajante com a alvura das suas praias caprichosamente recortadas, escondendo-se umas em reqnebros de castas nereidas, em quanto outras se descobrem para, tambem, logo se ocultarem, ou sob o glauco das ondas, ou por trás do vulto de um promontorio.

Transposta a barra o espectaculo mantem-se imponente.

A' esquerda o vulto enorme do Pão de Açucar, talhado a pique, elevando-se 395 metros sobre o nivel do mar. Por seculos foi inacessivel. A Engenharia e a Industria associadas arrojaram-lhe, porém, um cabo de aço, e

o cimo do penhasco tornou-se já neste seculo um mirante de onde se descortina feerico scenario.

Da base do Pão de Açucar estende-se para o N. a Peninsula de S. João, pertencente ao Ministerio da Guerra; local fortificado, guarda ocidental da barra.

Se o olhar de quem passa a bordo puder varar a peninsula dará na Enseada de Botafogo, uma das mais lindas notas desta sinfonia de belezas com que a natureza nos dotou.

res, praias, muralhas, artilharia, encontra-se "Villegagnon", a celebre ocupação do Almirante desse nome, ginásio onde êle exercitou os tamoios para lutarem com os portugueses, reduto onde êle sonhou a sua "França Antarctica". Mede 21600m² de superficie. Está tratada como praça de guerra, e pertence ao Ministerio da Marinha. Aí tem seu quartel o Corpo de Marinheiros Nacionaes.

Adeantando-se sempre defrontamos a Ilha Fiscal (5700m²) surgindo dagua com um

ILHA FISCAL

Guarda oriental da barra é a Fortaleza de Santa Cruz, fundada na rocha de granito, sustida pela muralha em que arrebentam as vagas espumantes e fragorosas, e reclinando-se em penhascos crivados de artilharia. Foi construida, por Martim Corrêa de Sá, filho do 3.º Governador Salvador Corrêa de Sá.

Entre estas duas fortalezas mede a barra mil e quinhentos metros.

*

Logo deante de quem entra a barra está a Fortaleza da Lage sobre a ilha de 7900m² de superficie, antigamente conhecida pelo nome de "Ratier". Foi pela primeira vez fortificada no governo de Duarte Corrêa Vasqueanes. . . (1642-43). E' um enorme bloco de cimento e aço, recheado com os mais modernos engenhos de guerra. Mais para dentro, pitoresca, acidentada de construções, circundada de arvo-

bélo edificio gótico. Nela se acha a Repartição da Carta Maritima. (68). Domina-a a Ilha das Cobras (154400m²), com diques, quartel do Corpo de Intantaria de Marinha, Hospital, repartições varias. Está ligada á Cidade por uma alta ponte metalica, transitavel, e pendente da qual corre, por electricidade, quasi ao nivel dagua, um taboleiro transportador. (69).

*

Da barra ao extremo interior da baía oferece-se uma recta de 30 km., E' lá que o porto tem a sua maior largura: 28 kilometros.

Da barra ao extremo interior da baía a direcção é quasi Sul-Norte; á direita de quem entra fica, pois, a margem oriental, toda pertencente ao Estado do Rio de Janeiro; á esquerda, margem ocidental, está a Capital dos

Estados Unidos do Brasil, o Districto Federal da Republica.

Olhando-se para o Ocidente a vista, entretanto, não penetra na Cidade. O imenso dorso verde das montanhas ergue-se, curva-se, entrecorta-se, aproxima-se, afasta-se, e acaba apertando numa nesga de terra, bem junto ao mar, o mais denso do casario. Vê-se ao longe a negra massa da Gavea como um imenso cone de pedra que o raio truncou; perfila-se, aquem, ponteagudo e altaneiro, o Corcovado, ás vezes embuçado em flocos de nuvem. Mais perto estão os morros Cantagalo e Novacintra, por onde trepam habitações de claros matizes. E, á beira mar, numa carreira alvacenta de construções que o verde da arborização frisa em linha, marcada, á noite pelos fulgores da luz electrica, passa a longa e magestosa Avenida, que borda a *Urbs*.

Expõe-se ali o Outeiro da Gloria coroado de palmeiras, cravejado de mirantes de vivendas airosas como um grande hotel no flanco oriental, e a Ermida centenaria, saliente, a meia altura. A seus pés, cintada de granito, frisada, de dia pelo verde da arborização, e, á noite, faiscante de luz, vê-se a Avenida Beira-mar, logradouro lindissimo coleando a Cidade.

Mais para deante os bairros da Gloria e da Lapa. Alveja o Casino do Passeio Publico; estende-se a larga superficie de aterro feito sobre o mar com o desmonte do Castélo — 515.600 m². —, e enfileiram-se os edificios da Exposição Comemorativa do 1º Centenario da Independencia Politica do Brasil, uns provisorios, outros definitivos, todos arquitectonicamente grandiosos em seus variadissimos estilos. E á beira-mar, frisada de dia pelo verde das arvores, e á noite radiante de luz, correrá sempre a bela Avenida que borda a Cidade.

De uma embarcação que passe a Leste da Ilha das Cobras, demandando o Caes, descortina-se novo panorama: Agora é o extenso caes provido de altos guindastes e flanqueado de navios; são os grandes armazens alfandegados por onde transitam mercadorias; é a linha ferrea do Caes facilitando a descarga, armazenamento e remoção de volumes; é, num subito golpe de vista, a Avenida Rio Branco em sua maxima perspectiva Norte-Sul; são as avenidas paralelas ao Caes, frequentadas por centenas de veículos; é para o Sul o primeiro Pequeno Maciço da Cidade, formado pelos graniticos morros da Conceição, Providencia, Livramento e Pinto, cortinado antigo que nos encobre a *urbs;* é para o Norte, o vasto seio da baía, acidentado de ilhas, e onde fundeiam navios de variada armação e tonelagem.

*

A N. da Ilha das Cobras está a Ilha das Enxadas. Era antigamente um alto rochedo. Desbastado da pedra que servio, em 1755, para edificar a Igreja do Carmo, na rua 1º de Março, ficou plana com 31.700 m² de superficie. Aí se instalou, em 1808, um hospital para a Esquadra Inglesa; aí esteve depois o Hospital dos Lazaros; desde Março de 1883 é séde da Escola Naval (70), e deposito de aviões e hidro-aero-planos do Ministerio da Marinha.

A Nordeste estão as ilhas Mocangue com dependencias do mesmo Ministerio. Mais proximo do litoral do Estado do Rio de Janeiro, para alem de outras ilhas e ilhotas, acha-se a Ilha do Viana (71) ocupada por um grande Estabelecimento de construção naval, propriedade da firma Lage Irmãos, e competidor do Arsenal de Marinha pela sua vasta capacidade fabril. São admiraveis os estaleiro, oficinas, escritórios e vivendas da Ilha do Viana.

Ainda a Nordeste, e ainda mais junto do litoral do Estado do Rio, acha-se, entre outras de menor importancia, a Ilha das Flores, que é Hospedaria de Imigrantes, montada com todo o conforto e higiene, Repartição subordinada ao Ministerio da Agricultura.

Com a mesma orientação, referida á Ilha das Cobras, ha um verdadeiro Arquipelago: São as ilhas dos Cachorros, Ajudante, Ananaz, Cajueiros, Agua, Caximbau, Tavares, Tipitis, umas habitadas, outras não; umas servindo de deposito de materiaes de construção, outras deposito de combustivel (72).

E' belo o efeito decorativo dessas ilhas — muitas cobertas de mangueiras cujas frondes a viração constantemente balança; por entre elas, sempre, embarcações de todos os tamanhos, fundeadas ou em movimento.

A Noroeste vêem-se outras ilhas, avultando a de Bom Jesus, com 221.000 m²., onde está o Asilo dos Invalidos da Patria, fundado em 1858 para os cidadãos que se inutilizam no serviço militar.

Dirige este A. I. P. o Major Domingos Gomes da Rocha Argollo.

*

A terra que, entre N. e Noroeste, está pela proa de quem navega observando essas va-

rias perspectivas é a Ilha do Governador, a maior das noventa ilhas que acidentam este mar mediterraneo. E' a "Paranapuan" dos primitivos habitantes. Mede 30.224.300 metros quadrados de superficie, com um perimetro bordado por 35 famosas praias frequentadas por banhistas. A mais linda é a da Ribeira, onde o olhar se estende por cima da superficie tranquila das aguas, até fóra da barra, numa recta que aos 18.000 metros é tangente ao costão da fortaleza de SantaCruz.

ORLA DE PAQUETÁ

A Ilha do Governador apresenta sete cómoros de altitudes que variam entre 50 e 90 metros; o seu solo é argiloso e fertil. Conta cerca de nove mil habitantes: Veranistas, industriaes, operarios e pequenos lavradores. Entre a Ilha e o Pharoux faz-se um serviço regular de barcas, realizando o percurso em 50 minutos. Breve uma ponte metalica ligará a ilha ao Continente; e os bondes que a transpuzerem facilitarão ainda mais as communicações.

Em 6 de Setembro de 1922 inaugurou-se na Ilha a construção do caes de 600 m. que servirá á Zona Franca do Porto do Rio de Janeiro.

*

Passando a E. da Ilha do Governador, deixando á direita interessantes arquipelagos, navegando por entre caprichosas fórmas de pedra emergente, temos, a NNE., Paquetá a ilha mais pitoresca da baía do Rio de Janeiro, com a superficie de 1.096.100 m². Está a 60 minutos, de barca, do Pharoux. Por sua situação é muito saudavel, e frequentada como estação balnearia. O aspecto geral é gracioso pelo galante recorte de suas praias, pelo matiz alegre de suas vivendas, e pelo adorno magnifico da sua vegetação. Até a historia politica do Brasil tem lá suas passagens, e a literatura brasileira fantasiou lá seus episodios:

. . . . . .

«A linda Paquetá, delicia, orgulho
«De tua capital, do Brasil todo!
«Onde o puro Evaristo e o egregio Andrada
«Foram dias fruir de ameno pouso.

(Brasilianas)

. . . . . .

«Surgindo dagua á flôr, coberta de verdura,
«O mar, em torno dela, assim brando murmura:
«Tu és de Guanabara a mais formosa ilha,
«Nenhum como tu em seu regaço brilha.

(M. J. Gonçalves. Arq. do Ret. Lit. Port.)

Paquetá tem cerca de tres mil habitantes. E' iluminada a electricidade desde 23 de Agosto de 1920.

*

Depois de Governador e Paquetá o mar é vasto. Contorna-o, ao longe, a baixada do Estado do Rio de Janeiro. Mais de 15 rios por aí desembocam, alguns navegaveis até 10 e 12 kilometros da sua foz (73). Lá está, ao fundo, o Porto da Piedade, inicial da estrada de ferro construida pelo intrepido brasileiro José Augusto Vieira, em beneficio da formosa Therezopolis no alto da Serra dos Orgãos, 850 m. de altitude. A E. F. de Therezopolis é hoje propriedade do Governo Federal que a encampou em 1919.

Se, atravessando a Leste para Oeste esse largo mar interior, voltarmos pelo canal que separa a Ilha do Governador do Continente, rumo Sudoeste, encontrando, ainda, muitas ilhas, passaremos pela foz do rio Meriti, que é limite N. do Distrito Federal com o Estado Fluminense; pela foz do Irajá que dá o nome á zona rural que atravessa; e pela foz do Inhaúma que banha a zona rural do mesmo nome.

Segue-se Praia Pequena, onde desagua o rio Bemfica, e por onde se estende a Mata Maritima, toda constituida pela mirtacea denominada Mangue (*Eugenia Nitida*). Esta arvore beneficia aquêle trecho do litoral coberto de vasa, saturando as aguas com prodigiosa quantidade de tanino, que contraría a putrefação, e oferecendo fresco seminario para a reprodução dos peixes, moluscos e crustaceos que vivem na baía do Rio de Janeiro.

A Mata Maritima guarnece o litoral desde Meriti até Retiro Saudoso, face N. da Ponta do Caju'.

Desta Ponta até a embocadura do Canal do Mangue, 2.750 metros Norte-Sul, construir-se-á o novo caes de atracação, prolongamento do que já está feito, e de que trato no capitulo seguinte.

*

Tal é em rapidos traços a Baía de Guanabara. Tão grande que Frei Francisco de S. Carlos, no seu poema "Assumpção", escrito no fim do seculo XVIII, já assim se manifestava, referindo-se á Cidade do Rio de Janeiro:

«Será pelo seu porto desmarcado
«A feira do oiro, o emporio frequentado,
«Aptissimo ao comercio; pois, profundo,
«Póde as frotas conter de todo o mundo».

CAES ACOSTAVEL

O embarque e desembarque no Rio de Janeiro fôra sempre feito ao largo: Os passageiros transportavam-se de terra para bordo ou "vice-versa" em botes incomodos ou em carissimas lanchas de vapôr, que atracavam aos caes "Pharoux" ou "Mineiros". As mercadorias eram passadas dos navios para saveiros, que as guardavam, por dias até poderem entrar na Doca da Alfandega, e ai efectuarem a descarga.

A comodidade dos viajantes e os interesses do Comercio havia muito que reclamavam um caes de atracação para os navios costeiros e transatlanticos.

Já em 1853 o Governo Imperial se preocupava com a construção de um caes onde as grandes embarcações pudessem directamente descarregar o que transportam Fôra esse o proposito do Ministro da Fazenda Rodrigues Torres em suas combinações com o Engenheiro Inglês Charles Neate, vindo ao Brasil especialmente para tratar do assunto.

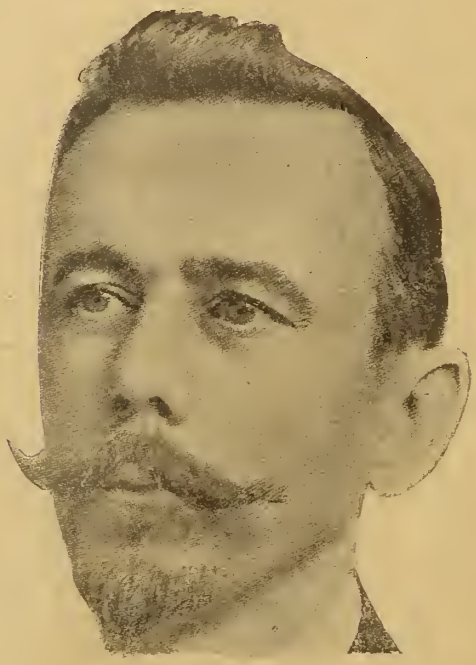
Fruto dessas cogitações foram, então, a Doca da Alfandega e a Doca D. Pedro II (1871) que não tardaram em mostrar a sua incapacidade para atenderem ás necessidades do crescente comercio maritimo.

A Legislação do Imperio ainda, depois, (1869, 1885) andou concedendo favores a quem se propuzesse a fazer melhoramentos nos portos do paiz. Muitas empresas se formaram para aproveitarem esses favores; mas os malogros sucediam-se, e os anos foram rolando, permanecendo o porto do Rio de Janeiro lamentavelmente desaparelhado. O acervo dessas concessões foi ainda base para outra, feita pelo Governo Provisorio da Republica, em 1890; mas dificuldades financeiras continuaram a entravar o cometimento.

Quando, em 1902, o Dr. F. P. Rodrigues Alves assumio a Presidencia da Republica, declarou que ia promover a realização das obras do porto como inicio de um plano de saneamento da Capital. Convidado para Ministro da Industria o Engenheiro Militar, então Senador por Santa Catharina, Lauro S. Muller, os primeiros trabalhos do seu Ministerio tiveram por alvo essa importante materia.

Para o ajudarem a estudar o modo de respeitar direitos remanescentes das antigas concessões, e de efectuar, sem mais de-

longa o melhoramento que havia meio seculo se impunha, escolheu o Ministro engenheiros notaveis; e com êles trabalhou acuradamente até chegar á conclusão de que o Governo devia contratar a obra, já então mais ou menos projectada: Um caes acostavel entre a Prainha e a Ponta do Caju'.



LAURO MULLER

Em Maio de 1903 foi contraído um emprestimo de £ 8.500.000 (74). Em Setembro o Governo confiava a C. H. Walker & C. Limited, de Londres, a execução do primeiro trecho dessa obra, na extensão de 3500 metros, entre a Prainha e o Canal do Mangue. Em 24 do mesmo mez foi assinado o contrato no Ministerio da Industria, obrigando-se aquela firma a construir o caes pelo sistema Hersent, empregado com exito no porto de Antuerpia, sobre aguas do Escalda.

A dragagem para as fundações e para desembaraçar o acesso ao caes, o aterro entre o caes e o litoral, foram incluidos no contrato — Preços: 2 sh. e 6 d. por metro cubico de dragagem; 3 sh. e 6 d. por metro cubico de aterro; £ 2 por metro cubico de rocha extraída do mar; £ 450 por metro corrente de caes capeado de cantaria. Desde logo foi oficialmente constituida uma Commissão Fiscal e Administrativa das obras do porto do Rio de Janeiro (75).

Em 29 de Abril de 1904, reunido nesta baía quasi todo o material flutuante dos empreiteiros, realizou-se, com grande festejo, a inauguração dos trabalhos pela dragagem submarina, á direita e a distancia da embocadura do Canal do Mangue, envolvendo a Ilha das Moças, que assim desapareceu.

Em 1 de Maio de 1905, emergindo os primeiros vinte e cinco metros de caes, foi colocada a primeira pedra da cantaria de capeamento. (76).

Em 1910 estava o Caes concluído. Altura acima do nivel dagua, em maré maxima 3m,60; profundidade dragada 9 a 10 metros a baixo da maré minima.

O Dr. Nilo Peçanha, que então exercia a Presidencia da Republica, resolveu arrenda-lo; e, mediante concurrencia, entregou-o a um grupo de capitalistas franceses que organizou a "Compagnie du Port de Rio de Janeiro", e firmou contracto para a sua exploração imediata.

Em 1911 o caes ficou concluido na sua extensão total de 3500 metros, entre a embocadura do Canal do Mangue e o paredão N. do Arsenal de Marinha.

Sobre a superficie aterrada (175000 m²) e a superficie restante dos casarões demolidos, formando uma area de 875000 m², traçaram-se avenidas que se encontram com outras paralelas ao Canal, e com a Avenida Rio Branco. Onde era o Largo da Prainha ou Praça 28 de Setembro nivelou-se a Praça Mauá. Aí o Club de Engenharia poude erguer, sobre uma coluna alta de granito, o vulto em bronze do grande brasileiro Visconde de Mauá, genio empreendedor que, em 1852, lançou no Brasil a primeira estrada de ferro da America do Sul.

Ao longo do caes guarnecido de 90 possantes guindastes electricos locomoveis sobre trilhos (77), e percorrido, tambem, por trens de mercadoria, atracam constantemente vapores, e outras embarcações que comunicam o porto do Rio de Janeiro com os portos comerciaes de todos os paizes do mundo. Paralelamente a esta beira mar alinham-se 18 armazens de 100 m. por 35 m. cada um, para toda a mercadoria; destes um é especialmente reservado para a conferencia da bagagem dos viajantes que desembarcam.

Ao longo da Avenida que acompanha o caes enfileiram-se outros armazens chamados "externos", e que, em numero de 96, servem igualmente á importação e á exportação.

Resta agora construir a segunda parte do Caes Acostavel, entre a embocadura do Canal e a Ponta do Caju'.

O Governo do Marechal Hermes, sendo Ministro da Viação e Obras Publicas o Dr. Barbosa Gonçalves, pensou em dar complemento ao Caes com outro rumo: O prolongamento se faria pelo canal da Ilha das Cobras, Doca da Alfandega, Pharoux, até Ponta do Calabouço, extremidade oriental do antigo Arsenal de Guerra; o Arsenal de Marinha passaria para a Ilha das Cobras, aumentada de 60000 m²; a Avenida do Caes emendaria, assim, com a Avenida Beira mar, em Santa Luzia, oferecendo um passeio de 12 km., desde Botafogo até Ponta do Caju'.

O trecho de caes que por esse projecto bordaria o Centro Comercial da Cidade seria reservado ás embarcações da Cabotagem. Isso, porem, não chegou a realizar-se. O caes a construir deve dirigir-se para a Ponta do Caju', em continuação ao que está concluido e utilizado.

A Inspectoria Federal de Portos Rios e Canaes já está autorizada a ajustar com a Societé de Construction du Port de Bahia as obras do prolongamento do Caes do porto desde o Canal do Mangue até Ponta do Caju', empreendimento grandioso e de uma enorme relevancia para desenvolvimento, embelezamento e saneamento da Cidade.

Alguns dados estatisticos:

ENTRADAS DE NAVIOS DE VELA E DE VAPOR NO PORTO DE RIO DE JANEIRO

Ano	Nacionaes	Estrangeiros	Tonelagem total	Atracaram ao Caes
1910				93
1911	1.263	1.708	5.886.167	450
1912	1.395	2.043	7.231.439	715
1913	1.494	2.315	8.458.896	969
1914	1.302	1.540	6.419.803	477
1915	1:392	1.316	5.021.517	
1916	1.310	1.131	4.346.697	
1917	1.275	715	3.067.080	
1918	1.421	1.002	3.865.061	
1919	1.358	1.193	4.687.966	
1920	1.418	2.032	8.218.503	1.431
1921	1.288	1.465	9.723.891	1.452

RECEITA OURO PRODUZIDA PELO IMPOSTO OURO, ARRECADADA PELA ALFANDEGA DO RIO DE JANEIRO, E RECOLHIDA AO THESOURO, DESDE JULHO DE 1903 A 31 DE DEZEMBRO DE 1921.

Annos	Importancias	Annos	Importancias
1903	1.247:312$674	Transporte .	45.170:474$714
1904	2.984:377$903	1913	6.916:087$142
1905	4.034:323$281	1914	3.919:377$480
1906	4.673:979$470	1915	3.008:737$765
1907	5.132:494$734	1916	3.295:306$962
1908	4.385:349$355	1917	2.660:760$746
1909	4.758:220$316	1918	3.132:599$976
1910	5.301:031$266	1919	4.641:845$097
1911	6.045:087$145	1920	7.088:786$371
1912	7.108:300$570	1921	5.134:350$610
A transportar	45.170:446$714	Total .	84.868:328$865

Observação—De Julho de 1903 a 14 de Junho de 1905 sob a taxa de 1 1/2%, e de Junho de 1905 a Dezembro de 1921 sob a taxa de 2 %.

RECEITA EM MOEDA PAPEL ARRECADADA PELA ALFANDEGA E PELA COMPANHIA DO PORTO DO RIO DE JANEIRO DE JULHO DE 1910 A 31 DE DEZEMBRO DE 1921

Annos	R. ordinaria (36 % para a Companhia)	R. convencional (50 %, para a Companhia)	R. Especial (1100/2500 para a Companhia	R. Facultativa (Toda da Companhia	R. Extra	TOTAL
1910	1.298:854$134	—	—	5.415$900	—	1.304:270$034
1911	3.917:455$791	18:782$000	156:847$021	107:934$464	—	4.201:019$276
1912	5.116:849$289	218:682$561	404:970$570	348:214$429	—	6.088:713$849
1913	7.105:343$424	1.138:819$822	456:211$987	251:591$875	—	8.951:967$108
1914	5.221:394$190	1.355:037$370	436:098$975	61:143$280	—	7.073:673$815
1915	3.663:649$617	2.430:412$879	430:740$628	111:626$968	—	6.636:430$092
1916	4.313:567$725	1.436:345$164	498:319$824	230:102$072	—	6.478:334$785
1917	5.496:764$255	1.388:703$865	286:004$717	245:902$764	—	7.417:375$601
1918	5.822:142$794	1.802:273$552	327:615$114	391:482$827	—	8.343:514$287
1919	9.685:975$696	2.095:825$413	411:738$379	393:886$783	—	12.587:426$271
1920	10.921:859$419	1.417:314$059	389:954$970	462:013$105	—	13.191:141$553
1921	8.068:427$253	1.162:679$559	396:976$276	441:115$289	3.275:449$020	13.344:647$397
	70.632:280$587	14.464:876$244	4.195:478$461	3.050$429$756	3.275:449$020	95.618:514$068

SEGUNDA PARTE

AVENIDA RIO BRANCO — CENTRO COMERCIAL DA CIDADE

AVENIDA RIO BRANCO

Desembarcando na Praça Mauá (78) o viajante recebe uma agradavel impressão. A Avenida Rio Branco aí se lhe apresenta recta, longa, bem edificada, pitoresca e muito comercial.

DR. PAULO DE FRONTIN

Foi aberta, como já dissemos, através de vinte ruas, atingindo as demolições 641 predios, despendendo-se pouco mais de quarenta mil contos de réis. Todos os trabalhos de estudo, demolição, nivelamento, iluminação, canalização, arborização, calçamento, até entrega dos terrenos demarcados e prontos para edificar, foram executados por uma Comissão de engenheiros nacionaes que o Governo Federal nomeara e puzera sob a chefia do eminente Dr. A. G. Paulo de Frontin. (79).

A edificação da Avenida, alargamento e prolongamento de outras ruas da Cidade, seguidos de inumeraveis reconstruções, produziram uma reanimação da Arquitectura que no Rio de Janeiro estava em franca decadencia.

A influencia de Granjean de Montigny no primeiro quartel do seculo XIX, e a de Araujo Porto Alegre, no segundo quartel, de que haviam resultado alguns exemplares de linhas classicas, tinha desaparecido já deante da febre de construir muito, por pouco preço, para dar grande renda.

Todos os estilos banaes e todas as composições extravagantes se misturavam nas fachadas dos predios. Em vão arquitectos de valor, nacionaes e estrangeiros, tentavam dominar a onda de mau gosto: A onda era mais forte do que a sua tecnica, e do que as suas energias profissionaes.

Felizmente a transformação do Rio de Janeiro deu ganho de causa á Engenharia: O Arquitecto foi devidamente chamado para influir no conforto das habitações e na estetica desta Capital, livrando-a da tristonha monotonia das fachadas que vinha predominando desde a segunda metade do seculo XIX.

A Avenida foi traçada com 1801 metros de comprimento (80) e 33 de largura, sendo 22m de leito e 5,5m para cada "passeio" lateral.

Por Aviso de 7 de Maio de 1904 o Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas (81) estabeleceu regras geraes para as construções na Avenida: — "1ª Dentro de 90 dias da aquisição de terrenos os proprietarios deviam apresentar á Comissão respectiva os planos completos da obra a fazer, compreendendo a planta de cada pavimento, elevação geometrica das fachadas, e as secções longitudinaes e transversaes necessarias ao facil exame do projecto. — 8ª Nenhum edificio poderia ter menos de 10 metros de fachada, nem menos de tres pavimentos. — 9ª Excepto os que tivessem fim especial, todos os edificios destinariam suas lojas para estabelecimentos comerciaes. — 12ª. Na parte que não contendesse com estas regras, era obrigatoria a observancia do Decreto Municipal de 10 de Fevereiro de 1903." (82). A comissão construtora da Avenida acompanhou e fiscalizou todas as edificações particulares.

Houve, mesmo, da parte da Municipalidade, como do Ministerio da Industria, o de-

sejo de estimular arquitectos e proprietarios, promovendo concursos arquitectonicos, e oferecendo premios á melhor obra que aparecesse.

As demolições, nivelamentos, canalizações e calçamento da Avenida fizeram-se em vinte mezes. Quando a 15 de Novembro de 1905, o leito da Avenida foi solenemente inaugurado já havia muitos predios acabados, pertencendo aos arquitectos Antonio Januzzi, Irmãos & Comp. o primeiro, habitado em 28 de Março desse ano; é o que tem o n. 144. A Comissão já dispunha, então, só, de quatro terrenos para vender. Em fins de 1908 a Comissão dissolvia-se por ter concluido os seus trabalhos. (83).

A iluminação da Avenida é feita por 55 postes centraes com 3 lampadas electricas cada um, e 104 candelabros lateraes, de 5 lampadas cada um. A arborização consta de 53 arvores centraes (*Machoerium typa*), e 333 lateraes (*Ligustrum japonicum*).

Os edificios principaes são:

A Caixa de Amortização, na praça formada pelo cruzamento com a rua Visconde de Inhaúma; 1580m². 21 metros de altura; tres pavimentos, figurando o primeiro, em granito, como muralha que sustenta a parte nobre do edificio, rigorosamente classico: 34 colunas corintias de marmore branco de Carrara, tendo os dados e o entablamento de marmore vermelho de Verona; com as bases, capiteis e molduras da arquitrave, friso e cornija de bronze dourado.

O Escriptorio Central da Companhia Docas de Santos, no canto da rua Theophilo Ottoni; projecto do Dr. Ramos de Azevedo; construção de A. Jannuzzi, Irmão & Comp.

TRECHO DA AVENIDA «RIO BRANCO», VISTA DE NORTE PARA SUL

O Estabelecimento Theodor Ville, sob os ns. 79 e 81, onde está hoje instalado o Banco Alemão Transatlantico; é plano de A. Giert, e construção do mesmo.

O predio do canto da rua do Rosario, propriedade de E. P. Guinle. 7 pavimentos, ostentando na frontaria de granito quatro enormes colunas monoliticas de grande beleza.

O *Jornal do Commercio*, no canto da rua do Ouvidor, grande edificio; *croquis* de Auguste Huguier; projecto e construção de A. Jannuzzi, Irmão & Comp.

O *Jornal do Brasil*, sob o n. 110; hoje sede, tambem, da Companhia Comercio e Navegação — Pereira Carneiro & Comp., Limitada.

A Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, sob o n. 118, (84).

O Club de Engenharia, no canto da rua Sete de Setembro, lado par; no outro canto, do mesmo lado, o *O Paiz*.

O Lyceu de Artes e Oficios é risco do Arquiteto F. J. Bethencourt da Silva, seu fundador, em 1856. Tem aí uma fachada de 81m., ocupando o edificio uma area de 5000 m², entre a Avenida, as ruas Santo Antonio, 13 de Maio e Barão de S. Gonçalo; são, pois, quatro as fachadas; o estilo é o classico romano. (85).

do de igual superficie. Quatro pavimentos. O risco, ainda que diverso, é subordinado ao mesmo estilo do Jockey, em linhas severas. Interior elegante. Foi inaugurado em 1916.

Seguem-se ainda do lado impar (oriental) a Escola Nacional de Belas Artes, a Bibliteca Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Club Militar. Do lado par o Club Naval, o Teatro Municipal; na Praça Floriano o Conselho Municipal; e lá adeante o Pavilhão Monroe.

TEATRO MUNICIPAL

A Policlinica Geral do Rio de Janeiro, no canto da rua S. José, lado impar, segue-se um belo edificio de 8 pavimentos, estilo Renascimento italiano, propriedade de E. P. Guinle, projecto e construção dos Jannuzzi; nêle se instalou em 1919 o Palace Hotel.

O Jockey Club (edificio social) na esquina Barão de S. Gonçalo, dispõe de uma area de 405 m². Tem 3 pavimentos, o estilo é Luiz XVI modernizado, ornamentada a fachada com dois cavalos alados do Escultor Corrêa Lima; ao centro baixo-relevos do Prof. Pelsius Verdier. Interior lindo. O projecto é do saudoso Engenheiro-arquitecto Heitor de Mello.

Do mesmo autor é o edificio social do Derby Club, contiguo ao do Jockey, fazendo esquina com a rua Heitor de Mello, e dispon-

O Teatro é o mais sumptuoso desses edificios. E' projecto e execução do Engenheiro Civil Francisco de Oliveira Passos, tendo a fachada recebido a colaboração do Arquitecto francês, Gilbert. As obras tiveram inicio em 2 de janeiro de 1905, concluindo-se em 1909. A superficie ocupada é de 420 m².

O embasamento, a escadaria externa e as guarnições das portas são de granito nacional; a colunata de Ordem Composita é de marmores italiano e belga; as colunas que sustentam o entablamento das lojas são monoliticas; os portões de bronze, fundição nacional; os vitraes das janelas são alemães. Ornamentam o entablamento do corpo principal seis simbolos esculturados pelo Prof. Bernardelli: A Musica, a Poesia, a Dança, a Comedia, a Trajedia e o Canto. Encima o edificio, a

46 m. sobre o nivel do mar, uma aguia de cobre dourado, medindo seis metros de ponta a ponta das azas abertas.

O vestibulo e a escadaria nobre são ricos de ornamentação, associando-se o marmore, o onix e o bronze dourado, em balaustradas, estatuas e lampadarios de lindo efeito. A decoração do *foyer,* a branco e ouro, obedece ao estilo Luiz XVI.

A sala tem capacidade para 1.700 espectadores — distribuidos pela platéa, por uma ordem de "frisas", 1ª e 2ª ordem de camarotes; "balcões" e "galeria".

A caixa mede [illegible] x 22m. O maquinismo é electrico. O ar da sala é mecanica e imperceptivelmente renovado. A Orquestra está acomodada em plano inferior ao da platéa.

Por baixo da platéa fica um restaurante que por suas decorações, recebeu o nome de "Assírio". Está ao nivel da rua, e em comunicação directa com ela; comunica-se com o Teatro por meio de ascensores.

Anexa ao Teatro Municipal funciona uma Escola Dramatica, fundada em 18 de Julho de 1911.

*

O edificio da Escola Nacional de Belas Artes foi projectado pelo Arquitecto Morales de los Rios, Professor da Escola, e executado pelo Engenheiro Gabriel Junqueira. Mede 74 m. de frente, ocupando 5180 m². Consta de tres pavimentos, além do porão que tem 3,40m. de pé direito; o estilo é Renascença modernizado. Encerra uma Pinacotéca já muito importante, digna de ser visitada. Vinte professores catedraticos; alunos e alunas, que anualmente fazem a exposição de seus trabalhos. O edificio foi principiado em 7 de Abril de 1906. A Escola aí funciona desde fins de 1909. (86). Em 1921-22 o edificio recebeu internamente modificações que se tinham tornado indispensaveis.

Dirigia a Escola em 1922 o Prof e notavel paisagista João Baptista da Costa.

BIBLIOTECA NACIONAL

*

A Biblioteca Nacional que por muitos anos esteve na rua do Passeio, no local em que se ergue hoje o instituto Nacional de Musica, está desde o principio de 1910, na Avenida Rio Branco, em palacio cuja pedra fundamental se lançou no dia 15 de Agosto de 1905.

Sobre um terreno de 7725 m². levanta-se a bela construção á prova de fogo, risco do Engenheiro Militar, então Coronel, Francisco

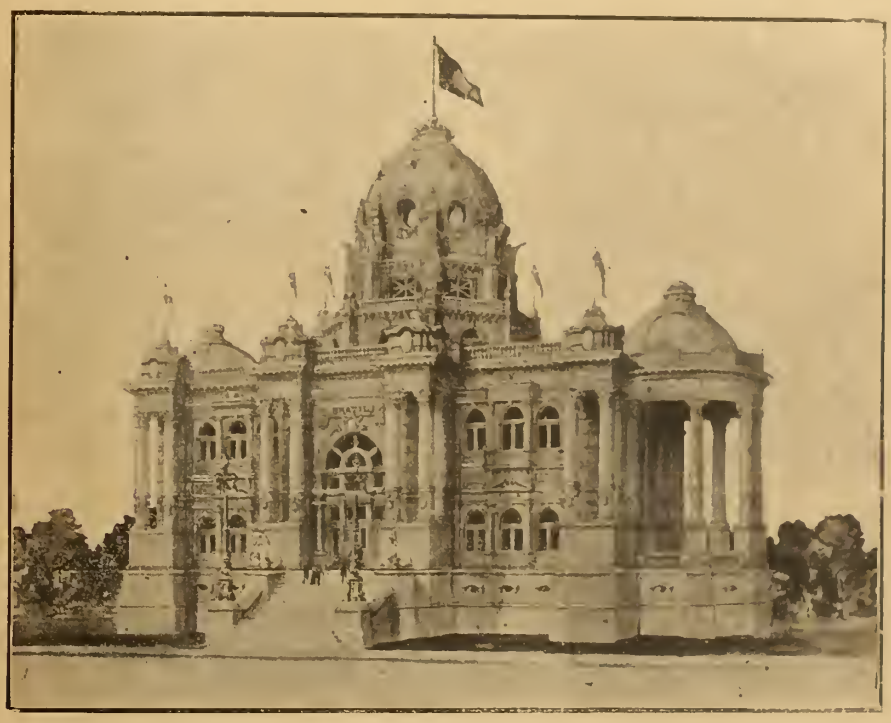
Marcelino de Souza Aguiar, medindo o edificio 99m x 55m. Tres são os pavimentos, servidos por elevadores mecanicos. A cumieira da claraboia central está a 42 metros do sólo. Profusa iluminação electrica em todas as salas, depositos e mais dependencias. Ha um salão especial para conferencias publicas. A sala geral da consulta, com 480 m², acomoda 136 leitores, cada um em uma mesinha. A capacidade total dos depositos dá para guardar 1.062.000 volumes.

publicação de seus Annaes, que já constam de 36 grossos volumes, in 4º (87).

Dirige actualmente a Bibliteca o Dr. M. Cicero Peregrino da Silva.

*

O Pavilhão Monroe é reprodução exacta do que figurou como Pavilhão do Brasil na *Luisiana Purchase Exposition*, em 1904. Tambem é concepção arquitectonica do General F. M. de Souza Aguiar.



PAVILHÃO MONROE

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro passa por ser ser a mais opulenta da America. Tem sua origem na livraria organizada por D. José I, de Portugal, para substituir a Real Biblioteca da Ajuda que o terremoto de Lisboa, em 1755, destruira. O Principe D. João trouxe-a consigo ao transferir para esta Cidade americana a Côrte portuguesa. Compunha-se, então, de 14.000 volumes, e chamava-se "Biblioteca da Côrte e do Infantado". Em 31 de Dezembro de 1920 possuia 340.057 volumes, alem de 116.000 estampas, e cerca de 28.000 peças na secção de Numismatica.

Está aberta ao publico das 10 ás 22 horas, diariamente.

A frequencia mensal de leitores é, em media, de 6.500.

Em 1876 iniciou a Biblioteca Nacional a

Está levantado no extremo Sul da Avenida, ocupando a sua base 1700 m². E' constituido por dois pavimentos, um mezanino e um andar terreo. Destacam-se lateralmente dois terraços circulares (loggias). Ai se tem efectuado reuniões solenes, scientificas e politicas, nacionaes e internacionaes. De 1915 a 1922 celebraram suas sessões neste Pavilhão os cidadãos deputados ao Congresso Nacional. Em 1922 a Camara dos Deputados ocupou uma parte do edificio da Bibliteca Nacional por que o Monroe fôra incorporado á Exposição.

*

Nesse extremo da Avenida Rio Branco está um obelisco comemorativo da sua abertura, oferta dos Srs. A. Jannuzzi, Irmão &

Comp.. E' de granito do Morro da Viuva, pesa 28 toneladas, formado por 4 peças que lhe dão 18m,15 de altura. Numa das faces ha uma placa de bronze com a seguinte inscrição:

Sendo presidente da Republica S. Ex. o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, e Ministro da Viação o Sr. Dr. Lauro Severiano Muller, foi decretada, construida e inaugurada a Avenida Central executando os trabalhos uma Comissão de que era chefe o Dr. Paulo de Frontin. 14-11-906. (88).

Ha na Avenida mais dois monumentos; A já referida estatua do Visconde de Mauá, e o monumento do Marechal Floriano (89). Acha-se este no espaço ajardinado fronteiro á Biblioteca Nacional. E' obra de Arte fielmente inspirada na teoria estetica do Positivismo. Esboçou-a o Escultor Eduardo de Sá que a fez executar em Paris.

MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

Vêem-se na base quadrangular os grupos alegoricos de Caramurú, Cachoeira de Paulo Afonso, Y-Juca-Pyrama e Anchieta, que simbolizam, respectivamente, "os primeiros contactos da raça europea com a aborigene, o concurso da raça escravizada, os primitivos habitantes do Brasil, e a influencia civilizadora do Catolicismo na fase colonial da historia patria". A figura de mulher na face do pedestal voltada para o Sul alude á "supremacia do

Amor no conjunto das relações humanas". No alto do monumento o grupo principal é constituido pelo Marechal "defendendo as grandes tradições brasileiras, idealizadas em Tiradentes, José Bonifacio e Benjamin Constant, que surgem no campo da bandeira da Republica".

junto dêle, um hotel que se celebrizou com o nome do seu proprietario, cidadão francês, Mr. Pharoux.

Conserva ainda o mesmo nome êsse Caes que borda o lado oriental da Praça 15 de Novembro.

FLORIANO PEIXOTO, NO ALTO DO MONUMENTO

Aí se vê, tambem, "o vulto de uma donzela apontando o Futuro a um grupo de crianças, que são as gerações nascentes". (90).

CENTRO COMERCIAL DA CIDADE

O mais frequentado caes do Rio de Janeiro foi por muitos anos o "Caes Pharoux" assim chamado por ter existido, longo tempo,

Pode-se considerar esta formada por dois poligonos: Um o antiquissimo "Largo do Carmo" (91), que no fim do seculo XVII media entre a rua Direita e o mar 165 metros, e de largura 99; o outro, resultante de aterros sucessivos, mede 30000 m². Somam uma superficie arruada, asfaltada e ajardinada de 46000 m².

Onde foi, propriamente, o Largo do Carmo avulta hoje a estatua equestre do Ge-

ANCHIETA
(MONUMENTO FLORIANO PEIXOTO)

O AMOR
(MONUMENTO FLORIANO PEIXOTO)

A ESTATUA DO GENERAL OSORIO, NA PR. 15 DE NOVEMBRO

neral Osorio, inaugurada em 12 de Novembro de 1894 (92). E' obra do Prof. Rodolpho Bernardelli, da Escola Nacional de Belas Artes, fundida nas oficinas Thiébaut, de Paris, com o bronze de canhões tomados na guerra Brasil-Paraguay. Pesa 5700 kilogramos. O pedestal é de granito de Baveno, Alpes; tem dois lindos baixo-relevos do mesmo Prof.: Um representando a "Ocupação do Passo de la Patria", efectuada por Osorio, á frente de seus bravos; e outro a "Batalha de 24 de Maio" em que Osorio deu a prova mais memoravel do seu grande ardor belicoso.

Cobre o lado sul do quadrilatero em que se acha a estatua o edificio construido, em 1743, por ordem de Gomes Freire de Andrade, Sargento mór de Batalha, 63º Governador (1733-63), e primeiro Capitão General do Rio de Janeiro, distinguido, em 1758, com o titulo de Conde de Bobadella.

Determinou essa construção a necessidade de dar habitação condigna aos governadores da Cidade. Aí residiram, depois de Bobadella, sete vice-reis do Brasil; aí se instalou, em 1808, a Familia Real Portuguesa; e, de 1822 a 1889, foi Palacio Imperial, não propriamente de residencia mas de recepção dos imperantes. A Republica estabeleceu neste edificio a Repartição Geral dos Telegrafos.

No principio do seculo XIX pouco distava da beira-mar a frente dessa construção que olha para Leste; mas os aterros foram ampliando a area em que hoje se vêem um quadrilatero gramado, um pavilhão para musica, e o edificio séde do Ministerio da Viação e Obras Publicas. Mede este edificio 20,5 m de altura sobre um quadrado de 38 metros de lado; é obra do Engenheiro Passos, em 1874. Mais a Leste ergue-se a Estação das barcas que comunicam o Distrito Federal com a cidade de Niteroi, ilhas Paquetá e Governador.

1743-1808 — CASA DOS GOVERNADORES. 1808-1822 — PAÇO IMPERIAL. REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAFOS EM 1922.

Mais ao Sul, e igualmente á beira-mar, está o Mercado Geral de frutas, legumes, carne, peixe, aves, etc.. Ocupa uma area de 22500 m², cruzada por 16 ruas, ao longo das quaes se abrem 472 pequenos estabelecimentos. E' provido de camaras frigorificas. Pertence a uma Companhia, que o inaugurou em Fevereiro de 1908.

Do lado N. da Praça 15 de Novembro, perto de uma doca de onde parte a barca para Therezopolis, vê-se um belo chafariz colonial, desenho e execução da arte portuguesa no seculo XVIII. Foi levantado onde está hoje a estatua de Osorio, por ordem de Gomes Freire de Andrade. No tempo de Luiz de Vasconcellos e Souza (1779-90) foi removido para

este ponto que era então beira-mar, a fim de facilitar a provisão de agua ás embarcações. Hoje, só por efeito dos aterros, está a 100 metros do Caes. E' de granito artisticamente lavrado, sendo de marmore os escudos com legendas, as almofadas do cimacio e a balaustrada da varanda. Guarda o estilo que predominava no reinado de Luiz XV, de França; e é memoria veneravel de um periodo longinquo em que já havia quem pensasse no embelezamento da Cidade.

*

Limitando a Praça 15 de Novembro ao Norte, da Travessa do Comercio á Rua 1.º de Março, ainda se vêem construções que já aparecem em gravuras muito antigas. A Oeste, formando esquina com a Rua Sete de Setembro, resta o Convento do Carmo que vem dos primeiros anos do XVI seculo. As suas grossas paredes encerram a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Academia do Comercio e o Museu Comercial. O aspecto externo do casarão está hoje muito modificado por sucessivas obras de conservação e adorno.

A Igreja Catedral do Arcebispado foi construida em 1761, para substituir a Capéla de Nossa Senhora do O' que vinha de 1589, e se arruinara. Lançou-lhe a 1.ª pedra o Conde de Bobadella (93). O segundo corpo que lhe completa a fachada foi levantado pelo Arquitecto Pedro Alexandrino Cavroé, no reinado de D. Pedro I, quando já era Capéla Imperial.

SECRETARIA DO MINISTERIO DA VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS

Em 1908 foi principiada a construção de uma torre alta ao lado da Igreja, concepção do Redemptorista Gregorio. Consta de 6 andares. O 1.º na Ordem Toscana com 7,30 m o 2.º, na Ordem Dórica, tem 11,78.m; o 3.º, na Ordem Jonica, 11,4m, havendo ainda um espaço de 2,15m para o relogio; o 4.º andar na Ordem Corintia com 10,23m; o 5.º na Ordem Composita mede 6,50m; e o 6.º no estilo Barroco 5,20m. A estatua da Virgem foi fundida em Antuerpia; é de bronze dourado; mede 6 metros com o globo que lhe serve de pedestal. A altura total da torre é, pois, de 60 metros e 40 centimetros.

De 1920 a 22 a Catedral foi externa e internamente reformada.

A Igreja da Veneravel e Arquiepiscopal Ordem 3.ª de N.ª S.ª do Monte do Carmo, contigua, é contemporanea da Catedral (94); mas a sua fachada de granito é uniforme no estilo Barroco, e tem lavores preciosos em marmore de Lisboa ou pedra Lioz.

Corre daí, na direcção Norte, a Rua 1.º de Março, antigamente chamada Rua Direita, que se estende entre os morros do Castélo (em demolição) e o de S. Bento. Pode-se dizer que nela fundou Rio de Janeiro a sua fama de emporio comercial da America do Sul. Cada predio dessa rua vem do alvorecer da Cidade; seus limites foram limites da primeira choupana, da primeira tenda, da primeira oficina. Formou-se esta rua sinuosa, á feição da beira mar; mas deram-lhe o nome de Rua Direita porque ia direito, coleando a praia, de S. Sebastião a S. Bento. Foi a primeira avenida ocupada pelos primeiros mercadores sobre a areia preta que o mar acumulara. Labutava-se á sombra e ao sol, no interior dos estabelecimentos e ao ar livre na passagem que o trafego consolidava: encaixotando, desencaixotando, construindo, comprando, trocando, vendendo. A praia foi endurecendo, os residuos e despejos foram afastando o mar. A' renque de casas que olhavam para o nascente opoz-se outra renque olhando para o Ocaso. O povoado cresceu daí para dentro. Ocupada a beira-mar, quem chegou depois foi derrubando mato a Oeste para levantar construções. Um viajante holandês que publicou em Amsterdam o "Journal d'un voyageur sur les côtes d'Afrique et aux Indes d'Espagne", afirmou que a Rua Direita por si só, no ano 1705, ainda constituia metade da cidade do Rio de Janeiro.

O Visconde de Porto Alegre, artista e literato, disse num eloquente discurso, que nem uma pedra ha, posta pela mão do homem no centro das suas cidades, que não represente uma letra do Alfabeto da Civilização. Ocorre-me este pensamento ao contemplar a Rua 1.º de Março com seus altos predios de variada arquitectura. Foi nessa rua que o Rio de Janeiro vio traçadas as primeiras linhas da sua grandeza; aí se soletrou a historia fortunosa do desenvolvimento desta Metropole; cada predio actual é quarta, quinta ou sexta reconstrução da barraca primitiva; cada reconstrução foi levantada sobre ruinas de outra que ao abater sepultou em bolores e caliça as memorias comicas e dramaticas da longa e agitada vida colonial.

Na sua fisionomia espelham-se ainda fases distintas da arquitectura civil e religiosa.

E' gracioso o templo da Cruz dos Militares, obra do ultimo decenio do seculo XVIII, desenho e construção do Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria. São desgraciosos alguns predios particulares, aliás procedendo já do começo do seculo XIX; vêm da segunda metade do mesmo seculo algumas fachadas mais altas e mais airosas. Já do seculo actual são muitas reconstruções.

O elegante edificio de marmore, contiguo á Cruz dos Militares, é dos ultimos dias do seculo XIX, desenho do Arquitecto Paulo Schroeder, que o projectou para séde do Banco do Brasil. Nêle se acham hoje repartições dos Ministerios da Agricultura e da Fazenda.

O edificio do Correio é, como se lê adeante, parte de um projecto que compreendia tres edificios: O corpo central, destinado exclusivamente para Praça do Comercio e suas dependencias; o lateral N. para escritórios comerciaes; o lateral S. para Correio e Caixa de Amortização. Só este foi executado pelo Governo Imperial, em 1875-77, e nêle esteve, realmente, a Caixa até 1911. A Associação Comercial, que se incumbira dos outros dois corpos, fundio-os num só, independente, e de outra arquitectura, construido depois.

O edificio do Correio custou 900:000$000; ocupa uma area de 40 m de frente por 39 de fundo; o estilo é do Renascimento, sendo empregada no pavimento terreo a Ordem Jonica,

no 1º andar a Ordem Corintia, e no 2º a Ordem Composita.

FACHADA DA CANDELARIA

Da Bolsa ou Praça do Comercio, ora transferida ao Banco do Brasil, encontra-se a noticia na 5.ª parte deste livro.

Por trás desse edificio, e ocupando toda a face oriental da rua Visconde de Itaborahy, que é paralela a 1º de Março, está — com suas Secretaria, Tesouraria, armazens, Laboratorio da analises, etc. — instalada a velha Alfandega do Rio de Janeiro, construida por ordem do º Governador. Já não é, porem, aí só que se faz o movimento aduaneiro: O Caes do porto é guarnecido de armazens por onde se estendem o serviços de conferencia e despacho de mercadorias importandas. A Alfandega descentralizou-se, atendendo á vastidão comercial da Cidade.

*

A Oeste, isto é, para o lado de terra, e, tambem, paralela á rua 1.º de Março, corre a rua em que se ergue o templo de N.ª S.ª da Candelaria, o mais sumptuoso da Cidade.

A fachada é de granito (95), Consta de um corpo central; dois lateraes, sobre que se elevam as torres; e dois reentrantes, entre aquêles. O estilo Barroco revela-se em todas as linhas, traçadas pelo Engenheiro. Sargento-mór, Francisco João Roscio, em 1776.

PORTA PRINCIPAL DA CANDELARIA (BRONZE)

O interior do templo é revestido de marmore até a cimalha geral; as abobadas são de

lvenaria de tijolo, e nelas se vêem esculturas admiraveis, dourados finissimos, e quadros esplendidos de Zeferino da Costa, pintor his-

NAVE CENTRAL DA CANDELARIA

torico de grande merecimento, Professor na nossa Escola de Belas-Artes.

O estilo desta pomposa ornamentação é o Corintio. As pilastras são de marmore branco, de Carrara, separadas por paineis de Vermelho de Verona; têm de marmore preto o pedestal; a cornija e o entablamento brancos. Os altares, nove ao todo, são de marmore de Carrara, tendo o altar mór encrustações decorativas de outros marmores chamados preciosos, como o Lapis-lazúli, o Verde-malaquito, o Brocatélo, o Verde-antigo, o Amarélo-Verona.

O Zimborio, que assenta sobre os quatro arcos do Cruzeiro, é todo de cantaria e tijo-

1.º QUADRO

2.º QUADRO

3.º QUADRO

4.º QUADRO

PAINEIS DO TECTO DA CANDELARIA

5.º QUADRO

6.º QUADRO

PAINEIS DO TECTO DA CANDELARIA

EXPLICAÇÃO DOS PAINEIS

1.º QUADRO

«Antonio Martins da Palma, capitão de uma náo, e sua mulher Leonor Gonçalves, navegavam para as Indias de Hespanha...

2.º QUADRO

..e na volta lhes deu um temporal tão fórte que iam dando com a náo em um rochedo. Vendo-se em tão grande perigo, lembrados dos milagres e maravilhas que Deus obrára pela imagem de Nossa Senhora da Candelaria, na Ilha de Palma, sua terra natal, recorreram aos seus poderes, pedindo-lhe o seu favor em perigo tão evidente, e que se delle os livrasse lhe promettiam que, na primeira terra onde aportassem, lhe edificariam uma Igreja de sua invocação.

3.º QUADRO

Permittiu Deus (alcançando-lhe a misericordiosa Senhora, que queria por aquelle meio favorecer tambem os moradores do Rio de Janeiro) que o primeiro porto a que chegaram fosse a cidade de S. Sebastião, onde fizeram sua habitação, sem quererem mais tratar de navegar.

4.º QUADRO

Assim, em cumprimento do seu voto, fundaram em terras proprias e dedicaram á SENHORA DA CANDELARIA a igreja que mais tarde foi designada para parochia. (*Sanctuario Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria).

5.º QUADRO

«Em 6 de Junho de 1775 deu a Irmandade principio á realisação do que havia deliberado, e estando a Mesa reunida, foi sagrada a primeira pedra com assistencia do Vice-Rei Marquez do Lavradio, corpo ecclesiastico, militar e civil; sendo escolhido esse dia por ser o anniversario de El-Rei D. José I.

6.º QUADRO

Em 18 de Setembro de 1811, fez-se a trasladação do Santissimo e imagens de Nossa Senhora da Candelaria, Nossa Senhora das Dôres, Sant'Anna e S. Joaquim, São José, S. João Baptista, S. Miguel. S. Chrispim, e S. Chrispiniano para a nova Igreja, em vistosa procissão pelas ruas da cidade, levando a custodia o Rv. Bispo de Moçambique, pelos poderes que lhe haviam sido conferidos pelo Rv. Bispo Diocesano D. José Caetano da Silva Coutinho, que não pôde assistir por andar em visita geral; sendo a referida procissão acompanhada pelas seguintes Irmandades: Santissimo Sacramento da Sé, Santissimo de S. José, S. Domingos, Conceição do Hospicio, Nossa Senhora da Boa Morte, Mãe dos Homens e Lapa dos Mereadores, fazendo a guarda de honra o batalhão de milicias da Candelaria». (Historico da Fundação da igreja da Candelaria, feito em 1888, por incumbencia do Provedor Commendador Antonio Ferreira da Silva a José Victorino de Souza).

lo, até o embasamento da cupula que é de Pedra Lioz. Foram, até, contadas as suas 1422 pedras, pesando 630 toneladas. A linha vertical do Cruzeiro mede 76 metros .

ESTATUA DE JOSÉ BONIFACIO

O templo da Candelaria ocupa uma area de 3.000 metros quadrados. E' um belo arquivo do que a Arte Nacional podia produzir no fim do seculo XIX .

A frente com tres magnificas portas de bronze, do Escultor portuense Teixeira Lopes, está numa rua estreita como eram quasi todas as deste "centro" da Cidade. A fachada posterior, sem fórma de templo, está na rua da Quitanda.

*

A rua do Ouvidor (96) começa no mar, atravessa as ruas do Mercado, 1.º de Março, Quitanda, Avenida Rio Branco, ruas Gonçalves Dias e Uruguayana, e termina no Largo S. Francisco de Paula. Foi sempre preferida pelo comercio de artigos de luxo, e nela tem sua séde alguns orgãos da imprensa carioca. (97)

A rua do Ouvidor mede 700 metros de comprimento. A praça onde desemboca tem 6000m², e deve o nome á igreja que desde 1801, aí tem a Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula..

Esse belo exemplar de arquitectura religiosa domina a praça pelo lado Sul. O portico é de marmore de Lisboa, e em suas linhas obedece á Ordem Composita. O interior do templo, todo revestido de cedro esculturado, é obra elegante de artistas nacionaes — Valentim da Fonseca e Silva, Antonio de Padua e Castro — que viviam no principio do seculo dezenove.

Em frente á rua do Ouvidor, na face ocidental da praça, está um grande edificio cujos alicerces foram , em 1749, lançados para a igreja catedral, cujas paredes, em 1752, tinham "vinte covados", parando, então, toda fabrica até 1796 em que proseguio e chegou á Capela-mór. De novo, porem, se interrompeu a construção, até 1810, ano em que houve ordem de continua-la e conclui-la — não já para templo mas para séde da Real Academia Militar. As paredes subiram, o telhado protegeu o recinto que elas fecharam; onde, porem, devia figurar o Missal entraram Taboas de Logaritmos; e, em vez da melopeia das antifonas, resôam lá dentro as vozes dos professores ensinando Matematica e Sciencias fisico-naturaes.

Real Academia Militar em 1810, depois Escola Militar (1842-56), Escola Central (1856-74). E' hoje estabelecimento de ensino superior e profissional de Engenharia Civil, sob o nome de Escola Polytechnica, fazendo parte da Universidade do Rio de Janeiro, creada em 1920.

O edificio ocupa um quadrilatero de 3219 metros quadrados, limitado pelas ruas do Teatro (Sul), Alexandre Herculano (Oeste) e Luiz de Camões (Norte). Em 1905 recebeu um terceiro pavimento, dividido em 9 salas com pé direito de 6 metros. A primitiva fachada, risco do Brigadeiro R. J. da Cunha Mattos, foi substituida por outra no estilo classico greco-romano, com belas colunas monoliticas da Ordem Jonica.

No centro do Largo S. Francisco de Paula ergue-se pequena estatua ao maior vulto da Independencia do Brasil, José Bonifacio de Andrada e Silva (98).

Levantada por iniciativa do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, é essa estatua

obra de Luiz Rochet, escultor francês, e foi festivamente inaugurada no dia 7 de Setembro de 1872, quando se comemoravam 50 anos de Independencia e de Imperio.

Estatua e pedestal são de bronze; medem 2,4 m de altura e pesam 18000 kg. José Bonifacio está de pé, tendo na mão direita uma pena com que escreve o "Manifesto ás Nações (99) e o braço esquerdo num gesto de orador. O pedestal, octogono, tem nas quatro faces menores figuras femininas alegoricas da Sciencia, Justiça, Integridade e Poesia. O monumento repousa sobre um embasamento de marmore do Jura de um metro de altura.

O Largo S. Francisco de Paula comunica-se com a rua da Carioca pela Travessa São Francisco que acabava na rua Sete de Setembro; foi o Prefeito Passos quem a prolongou até a rua da Carioca.

*

A poucos passos do Largo S. Francisco de Paula, pela rua Luiz de Camões, e enfrentando a rua Alexandre Herculano, que passa por trás da Escola Polytechnica, encontra-se o belo edificio do Gabinete Português de Leitura. O Gabinete é a mais antiga associação literaria fundada por portugueses na America do Sul. Data a sua existencia de 10 de Setembro de 1837. No seu quinquagesimo aniversario inaugurou-se este monumento arquitectonico expressamente feito para abrigar como num escrinio a joalharia preciosa da sua bibliotéca (100).

A fachada, toda de marmore de Lisboa, reproduz, em linhas geraes, o estilo manuelino de que é exemplar o Mosteiro dos Jeronimos, na Capital portuguesa. Nas misulas da frontaria vêem-se as estatutas de Cabral, D. Henrique, Vasco da Gama e Camões. Todo o trabalho da construção é do Arquitecto Frederico J. Branco, português, longos anos domiciliado nesta Capital.

Dois salões cativam a atenção do visitante: O chamado Salão Nobre, artisticamente decorado e mobiliado, e o Salão da Bibliotéca, rasgado em toda a altura do edificio. medindo 23,5m desde a claraboia de vitraes policromos até o primeiro pavimento ladrilhado a mosaico, e que está a 1m. do nivel da rua. Mais de setenta mil volumes aí estão arrumados em estantes que revestem as paredes de alto a baixo. Passa por ser a mais completa do mundo a colecção camoneana guardada no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; nêle figura um exemplar da 1.ª edição d'*Os Lusiadas*, e outro exemplar de outra edição da mesma obra que o Almirante

Gago Coutinho trouxe comsigo quando de Lisboa veio ao Rio em aeroplano.

Deixando o Gabinete, e, ainda, caminhando pela mesma rua Luiz de Camões, ofe-

rece-se, logo, a Avenida Passos, digna de menção.

É a antiga rua do Sacramento. Media, até 1903, apenas 270. metros. Hoje, da Praça Tiradentes (S.) á rua Marechal Floriano (N.), é uma via recta, bem calçada e edificada, com 550 metros de comprimento, comunicando-se logo com a rua Camerino que se dirige para o Caes acostavel.

Onde está a igreja matriz da divisão eclesiastica denominada "Sacramento" havia, ainda em fins do seculo XVIII uma feia lagôa conhecida por "Lagôa da Panéla", povoada de aves aquaticas, rãs e camboatás. Ficava dentro do campo então chamado da "Lampadosa", por causa da igreja da Lampadosa, construida em 1770, que ainda existe e forma a esquina da rua Luiz de Camões.

de Alvarenga (103) que communica a Travessa das Belas Artes com a Praça Tiradentes. (104).

Chegados **a esta praça** achamo-nos a cerca de mil e duzentos metros Leste-Oeste da Praça 15 de Novembro e a 1400 metros N. O. da Praça Mauá.

Mede a Praça Tiradentes 22000 m². Nela desembocam, do lado oriental, as ruas Sete de Setembro e Carioca que se prolongam, a Oeste, pelas ruas Constituição e Visconde do Rio Branco.

Do lado Norte desta praça está situado o Teatro "S. Pedro de Alcantara", construido em 1813 com o nome de "S. João", e já tres vezes incendiado e reconstruido, em 1824, 1851 e 1856(105)

TEATRO «S. PEDRO DE ALCANTARA» (1830)

Em frente a essa lagôa o Vice-rei Luiz de Vasconcellos mandou construir uma casa "destinada a guardar não sómente colecções preparadas de animaes mortos como, tambem, alguns exemplares de animaes vivos"; por isso lhe chamaram a "Casa dos Passaros ", que chegou a ter como funcionarios um preparador, dois ajudantes, tres serventes e dois caçadores. Era, em suma, um rudimento de Museu de Historia Natural. Essa casa, acabada em 1818, e reformada no Ministerio Rio Branco (1871-75) é hoje a séde do Ministerio da Fazenda e Tesouro Federal (101).

Tem quatro faces limitando uma area de 4168m²: Uma face na rua Lédo, outra no Bêco do Tesouro, e fachadas para a Avenida Passos e para a Travessa das Belas Artes.

Neste lado esteve instalada, desde 1816 até 1909, a Escola Nacional de Belas Artes. A fachada que ainda lá se ostenta é obra de Grandjean de Montigny (102). O proprio portão de ferro foi desenhado por esse habil Arquitecto.

Este portão, actual entrada do Ministerio da Fazenda, está defronte da rua Barbara

Um quadrilatero ajardinado ocupa 8600m², desta praça; e no meio desse quadrilatero está o monumento erigido em memoria do fundador da nacionalidade brasileira. É todo de bronze, desenho do artista nacional João Maximiano Mafra, Prof. da antiga Academia de Belas Artes; e executado com modificações, pelo artista francês, Luiz Rochet. Ocupa no jardim uma area de 232m².

Sobre uma base de granito de 3,3m de altura assenta o pedestal de bronze, octogono, com 6,4m de altura, ostentando nas quatro faces principaes grandes grupos alegoricos dos rios Amazonas, Paraná, Madeira e S. Francisco. D. Pedro I está a cavalo, tendo na mão direita erguida a Constituição do Imperio que jurou aos 25 de Março de 1824. A vertical da estatua equestre mede 6 metros; a altura total do monumento é, pois, de 15.7m. O bronze pesa 55000 kg., A entrega deste monumento á Cidade efectuou-se, com grandioso festival, em 30 de Março de 1862 (106).

Está, tambem, nesta praça, desde 24 de

Agosto de 1916, a estatua do notavel Actor brasileiro João Caetano dos Santos (1808--63). Projectou-a em gesso o Escultor, Francisco Manoel Chaves Pinheiro; foi fundida em Roma pelo artista Nisi; levantou-lhe aqui o pedestal, em frente á antiga Academia de Belas Artes, o Arquitecto Heitor de Cordeville. Promotor deste monumento, porém, foi o Actor Francisco Corrêa Vasques, que fôra discipulo de João Caetano, e que conseguio, em longos anos de tenacidade, meios de realizar o grato ideal. A inauguração da estatua efectuou-se em 3 de Maio de 1891, com uma verdadeira festa artistica de que foi paraninfo outro grande Actor, Furtado Coelho, que então representava com o maior brilhantismo o teatro português no Brasil.

Depois que a Academia de Belas Artes saío da sua primeira séde, a estatua foi removida para um lindo sitio do Parque da Praça da Republica, de onde, a final, a trouxeram para onde está. Sirva de justificativa para esta ultima mudança a conveniencia de aproxima-la do Teatro S. Pedro, de onde irradiou a gloria artistica de João Caetano (107).

A estatua é do tamanho natural, e representa o artista na situação mais patetica da trajedia *Oscar, Filho de Ossian*, de Arnault.

No angulo desta praça com a rua Visconde do Rio Branco, está a Secretaria do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

ESTATUA DE D. PEDRO I

Cem passos para Oeste, e chegamos á Praça da Republica.

É este o sitio mais notavel do Rio de Janeiro. Depois do nome de "Campo de Sant' Anna" com que veio do tempo colonial, por causa da igreja de Sant'Anna, erecta onde é hoje a estação inicial da E. F. C. B., já teve dois nomes correspondendo cada um a um acontecimento politico: "Campo da Aclamação" por ter aí sido aclamado o primeiro Imperador do Brasil, e "Campo da Honra", depois de 7 de Abril de 1831, em que a "honra e a dignidade nacionaes", aí exigiram do Imperador a reintegração de um Ministerio de-

mitido na vespera. Este nome durou pouco; prevaleceu o anterior até 1889, quando outro sucesso politico de que a mesma praça foi teatro determinou a mudança do seu nome para "Praça da Republica".

A superficie desta praça é de 198000 metros quadrados ([108]). O quadrilatero é limitado por predios da mais variada arquitectura.

o Hospital é creação do Dr. Luiz Barbosa, Director do Departamento Municipal de Assistencia. Lançou-lhe a pedra fundamental o Prefeito Dr. Carlos Sampaio, no dia 7 de Setembro de 1921 ([109]). Foi inaugurado em 14 de Novembro ed 1922.

O Hospital de Pronto Socorro consta de duas secções distintas, tendo cada uma salas de operações, de curativos, vestiario dos medicos, enfermeiras e, quartos de

CASA DA MOEDA

Do lado Sul da praça, entre casas vulgares, está o Quartel Central de Bombeiros, construido em 1908, e ocupando uma area de 14600m². Desse mesmo lado, sob o n.º 17, ha um belo predio que pertence á "Societá Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso".

Na face oriental , onde desembocam oito ruas, apenas merecem menção a Escola Profissional "Rivadavia Corrêa", a Prefeitura Municipal, e o Arquivo Publico Nacional.

Do lado ocidental estão o Posto Central de Assistencia Publica e o Hospital de Pronto Socorro. A Assistencia, que acode a todos os pontos onde haja vitimas de desastre ou de enfermidade subita, existe desde 1901; residencia do cirurgião e dos internos. Uma das secções, a gratuita, é destinada aos indigentes da zona urbana da cidade, vitimas de acidentes, desastres e doenças subitas; a outra tem dois destinos limitados: a) recolher e tratar as pessoas abonadas que precizem de socorro medico-cirurgico de urgencia, b) internar os funcionarios municipaes, de vencimentos medianos que necessitarem de intervenções operatorias urgentes e que as pagarão por determinada tabela oficial, em prestações descontadas nas respectivas folhas. Este favor será extensivo á familia do funcionario, de conformidade com as exigencias que serão estabelecidas no regulamento do hospital.

Ter-se-á, assim, no futuro estabelecimento da Prefeitura "...uma associação intelligente e oportuna de variados beneficios compreendidos todos em um programa que parece na verdade corresponder ao grau de civilização da nossa nacionalidade e ao espirito elevadamente altruistico da Administração Publica.»

Neste mesmo lado ocidental da Praça da Republica estão a Policlinica Militar, sob o n. 137, onde tambem se reunem provisoriamente os membros do Supremo Tribunal Militar; o antigo palacete oferecido em 1818 pelo Comercio da Bahia ao Conde dos Arcos, e que tem servido de séde ao Senado Federal (110); a Casa da Moeda, sob o n. 173, construção de 1859-66 (111); e sob o n. 197, o predio em que tem séde o Comando Superior da 2.ª Linha do Exercito, predio em cuja frontaria ha uma lapide com a seguinte incrição: *Desta casa, residencia do Marechal Deodoro da Fonseca, sahiu este general para proclamar a Republica dos Estados Unidos do Brasil, no dia 15 de Novembro de 1889. A Intendencia Municipal, sob a presidencia do Dr. José Felix da Cunha Menezes, para perpetuar esse facto mandou colocar esta lapide em 14 de Novembro de 1890.*

O grande edificio do Ministerio da Guerra, reconstruido em 1908 (112) ocupa uma area de 35500 m.² estendendo-se a fachada por todo o lado Noroeste da praça.

Mais a Oeste assenta a estação inicial da Estrada de Ferro Central do Brasil, a cuja frente foi levantada, em 1909, a estatua do engenheiro Christiano Ottoni, seu primeiro Director.

O Parque da Praça da Republica mede 525 m. x 315 m.; o seu perimetro de 1564 m, está limitado por um gradil de ferro de 2,30 m de altura sobre alto sopé de cantaria. Tem quatro portões, um em cada face. A obra deste parque foi resolvida pelo Ministerio do Imperio, em 1873; custeada desde então pela Camara Municipal, executada sob a direcção do Dr. Glaziou, francês, de raras aptidões como Botanico e Arquitecto paisagista. Foi inaugurado em 7 de Setembro de 1880.

A CASCATA. ASPECTO DO PARQUE DA PRAÇA DA REPUBLICA

De grande beleza é este sitio de recreio, situado no meio da Cidade, dividindo o antigo do novo povoado, servindo de separação entre o que existe desde o seculo XVI e o que só se fez do seculo XVIII em deante. As ruas deste parque, macadamizadas, ocupam 43522 metros quadrados; a superficie plantada é de 85578 metros quadrados; os lagos e rios estendem-se por 17962 metros quadrados. O trajecto das aguas, o agrupamento

das plantas obedecem a um risco acertado que a Arte inspirou. Malvaceas, oitis, dracenas, crotons, amendoeiras, eucaliptos, aglaias, coqueiros, palmeiras, essencias varias, gozam a excelencia do sólo e dão-nos o gozo da sua fórma, da sua sombra, do seu colorido, do seu aroma. Nos lagos cintilam cardumes de peixes vermelhos, e na superficie tranquila das aguas deslizam cisnes formosos; nos vastos lençóes de grama, nas moitas luxuriantes e nas ilhas pitorescas vivem e prolificam pequenos quadrupedes, e aves de linda plumamagem. As pontes são graciosas, de variados desenhos, sempre imitando o rustico; e de qualquer delas se tem boa perspectiva sobre trechos encantadores da paisagem do Parque. A Cascata, situada junto ao portão de Oeste, é uma admiravel imitação da natureza vetusta: O seu interior, vasado, de galerias transitaveis, lembra as grutas calcareas em que ha estalagmites e estalactites; e algumas destas gotejam para completar o scenario de uma lapa natural.

Neste Parque se tem celebrado festas de grande concurrencia popular. A largura de suas aléas e a extensão da sua praça central admitem construções decorativas de grande efeito. Para concertos musicaes ha ali, fronteiros um ao outro, dois pavilhões de ferro e madeiras nacionaes, construidos em 1904. A conservação e asseio de todo o recinto do parque estão a cargo da Inspectoria de Matas e Jardins da Prefeitura que aí mesmo tem seu Escritorio tecnico-administrativo ([113])

*

A Praça da Republica marca o extremo ocidental deste emporio de comercio da America do Sul que Rio de Janeiro é. Numa area de um milhão de metros quadrados, desde o mar á Praça da Republica, entre as avenidas que partem dos caes Pharoux e Mineiros, condensa-se o forte movimento comercial da Cidade. Até aí não se lhe pode chamar um centro de população; é, antes, uma grande feira: Nessa area, apinhada de predios, relativamente escasso é o numero de vivendas; predominam igrejas, repartições publicas, escritórios particulares, casas de negocio de todas as categorias, de todas as escalas, de todas as especialidades.

Muitos anos a Cidade teve por limites a rua da Prainha, hoje Acre, a rua da Vala, hoje Uruguayana, o Largo da Carioca, e a rua da Ajuda de que resta apenas um leve trecho com o nome de rua Chile. Não era, então sómente feira, mas, tambem, povoado. Em meiados do seculo XVIII a onda humana transpoz a Vala, rompeu as divisões topograficas, invadio o "Campo", e foi-se estendendo para o interior. Á densidade da população correspondia a necessidade de ar, e os bairros foram se formando em todas as direcções surgindo de alagadiços e charnecas, escalando morros e bordando enseadas.

A *urbs* expandio-se. Rio de Janeiro dilatou seu perimetro. Os "engenhos" e "fazendas" do Sertão dividiram-se em chacaras; as chacaras retalharam-se em pequenas propriedades: Alinhou-se o casario, levando vida, ruido, novidade, progresso a todos os pontos desse territorio que montes e vales acidentam e fazem pitoresco.

*

A descrição atéqui feita compreende ruas e praças pertencentes a quatro distritos municipaes, que foram as primeiras freguezias ou paroquias da Cidade.

1º Candelaria que, pelo recenseamento de 1920, tem residentes apenas 3962 individuos, sendo 2595 solteiros.

2º Santa Rita. Recenseados 38.164 individuos sendo 24.361 solteiros.

3º Sacramento com uma população de 27.370 individuos dos quaes 17.740 solteiros.

4º S. José onde foram recenseados 27714 individuos, sendo solteiros 17.762.

Total nos quatro Distritos 97.210 individuos sendo 61.406 do sexo masculino e 31.804 do sexo feminino.

TERCEIRA PARTE

O SUBURBIO — ZONA RURAL DO MUNICIPIO — VIAÇÃO

SUBURBIO

Tem particularmente o nome de «suburbio" do Rio de Janeiro o amplo e muito acidentado territorio povoado que se estende a Noroeste do centro comercial. Antes do suburbio, porem, merece menção a vasta superficie que foi chamada "Cidade Nova", lançada entre 1750 e 1850 sob o aterro que então se fez das lagôas e mangues existentes a Oeste do Campo de Sant'Anna (114).

Como vimos, a Cidade primeiro transbordou vencendo a Vala. O "Campo" fôra, então, seu limite Oeste. Depois transpoz o "Campo", e espalhou-se para o "Sertão" recortado de pantanos.

O pantano e a insalubridade que dêle provinha não impediram a marcha da população. Aterrada a lagoa da Sentinela (115), o Conde da Cunha, 1º Vice-Rei (1763-67) traçou a rua que logo teve o seu nome, que depois no Imperio, se chamou Conde d'Eu, e hoje é chamada Frei Caneca. O "Mangue" que se alastrava desde a actual Praça 11 de Junho até dobrar a ponta Oeste dos morros de granito que o separavam da baía, foi sendo aterrado, tambem, lenta mas sucessivamente. Em 1818 já se consolidara e nivelara ao longo do Mangue uma estrada recta, Leste-Oeste, para que a carruagem de D. João VI passasse suavemente em direcção a S. Christovão. Chamaram-lhe "Caminho dos Lampeões", depois da iluminação de azeite apressadamente alinhada por especial deferencia ao real transeunte.

Em 1835 o Governo do Imperio resolveu acabar com a vasta superficie alagada, reduzindo-a a um estreito canal que recebesse as aguas pluviaes e riachos dos arredores; só em 1857, porem, isso se realizou; Encaixotaram-se afinal, as aguas, formando o "Canal do Mangue", quando de taes obras se incumbio a energia empreendedora de Irineu Evangelista de Souza (116). O numero de habitações ia aumentando de ano para ano, ao longo de ruas que a Municipalidade demarcava sobre a superficie aterrada. Em 1850 já havia por aí cerca de duas mil casas; e, achando que uma nova cidade assim se formava, o povo, referindo-se a ela, chamou-lhe "Cidade Nova" (117).

Aí, á margem do Canal, sobre o aterro consolidade, ergueu-se, de 1850 a 54 a primeira fabrica de gaz para iluminação da Cidade, Foi o mesmo activo brasileiro, Irineu Evangelista de Souza, depois Barão, ainda depois Visconde de Mauá, quem contratou com o Governo, organizou a Companhia, construio a Fabrica, e inaugurou o novo serviço de luz, em 25 de Março de 1854, aniversario do Juramento da Constituição do Imperio (118).

*

Na sua parte recta, entre as ruas Visconde de Itaúna e Senador Euzebio, o Canal ficou concluido em 1860. Lá, no fim do maciço montanhoso que contorna voltando-se para N., continuou o alagadiço, conservou-se o mangue ainda por muitas dezenas de anos. Franqueado, porém, o caminho recto para S. Christovão, Vila Izabel, Andarahy, a população crescente invadio esses vales, galgou colinas, e foi margeando ontra estrada por onde se lançara veloz a locomotiva, puxando, a rodar, carros sobre trilhos.

Essa invasão foi o povoamento do Suburbio.

*

Em 29 de Março de 1858 inaugurou a Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II o primeiro trecho da sua linha, na extensão de 47 km. 210, compreendendo cinco estações: *Côrte, Engenho de Dentro, Cascadura, Maxambomba* e *Queimados*. Foi esta a terceira estrada de ferro aberta ao trafego no Brasil (119). Em 1865, quando já tinha 133 km. em trafego, a Companhia foi encampada pelo Governo Imperial. Hoje, com uma extensão de linhas que atinge a 2000 km., chama-se "Estrada de Ferro Central do Brasil", e liga a Capital da Republica aos Estados do Rio, de S. Paulo e de Minas Geraes, tendo já alcançado no km. 1006 da Linha do Centro a mar-

gem direita do S. Francisco, rio que separa Minas da Bahia. Adeante dou um capitulo de historia desta Estrada.

O suburbio do Rio de Janeiro foi primeiramente, e ainda é, servido pela E. F. C. B. que, para atender ao povoado, conta 20 estações no curto espaço de seus primeiros 22 kilometros ([120]). Os trens sucedem-se, noite e dia, entretendo comunicação ininterrupta entre o centro comercial e a zona rural do Municipio.

anos antes de extinta a Companhia, fizeram intensa e extensa lavoura de cana, e estabeleceram grande Engenho de Açucar. Como já tivessem, desde 1575, vasta fazenda e um Engenho notavel em torno da igreja S. Francisco Xavier, foi aquêle chamado "Engenho Novo" para distinguir do mais antigo que passou, então, a ser conhecido por "Engenho Velho".

Os terrenos do Engenho Novo e fazendas circunjacentes, estão hoje divididos em pequenas propriedades, cortados e recorta-

CANAL DO MANGUE

Ao longo da linha estendem-se as habitações alegres, desenvolve-se o comercio a retalho, instalam-se fabricas inumeras; e os tratos de terra multiplicam-se, produzindo frutos que remuneram o suor fecundante.

No km. 4 a Estrada serve ao elegante hipódromo do Derby-Club: 200000 m.² de superficie, e pista de 1450 metros. A pequena distancia da Estação «S. Francisco Xavier» estava o hipódromo do Jockey-Club, ora de mudança para o bairro do Jardim Botanico.

Engenho Novo. É assim chamado este logar porque grande parte da sua superficie pertenceu aos jesuitas que, aí, bem poucos

dos pelas ruas praças e travessas, que regulam e comunicam o povoado já muito denso.

Meyer é territorio do Engenho Novo; Estação inaugurada em 13 de Maio de 1889. É considerada pela sua renda como uma das mais importantes estações suburbanas da E. F. C. B.. Centro de grande povoação penetrada por diversas linhas de bondes. Comercio avultado.

Ha no Meyer um Posto Municipal de Assistencia Medica, inaugurado em 12 de Outubro de 1920, por iniciativa do Prof. Dr. Luiz Barbosa, Director da Assistencia, na Prefeitura do Prof. Dr. Carlos Sampaio.

O Posto acha-se perfeitamente instalado nesse centro populoso, e realiza a sua ac-

tividade sob a triplice feição de pronto socorro ao local onde se dê um acidente, de socorro medico-cirurgico de urgencia, e de Dispensario Clinico. Para levarem o socorro saem num veiculo rapido o Medico e o Auxiliar de prontidão; para atenderem aos casos urgentes, qualquer que seja a hora, e ao consultorio do Dispensario, em horas certas, ha, alem do Director do Posto, sete medicos e quinze auxiliares academicos. Tambem ha um bonde de socorro, construido, aparelhado e oferecido pela The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power C.º.

O Posto de Assistencia do Meyer ocupa uma grande area, contigua ao Jardim Publico e á Estação de Bombeiros. Tem Secretaria, salas de consulta e de exames, banheiros, aparelhamento completo de desinfecção, gabinete de Radioscopia, sala de operações, enfermaria de repouso para os socorridos, enfermaria para ebrios, e Necroterio. Tambem no Posto funciona um Gabinete de Clinica Dentaria Infantil, exclusivamente para escolares que não podem retribuir serviços de Cirurgião-Dentista. A Assistencia a parturientes, obra da maior benemerencia, foi iniciada em 1921.

Engenho de Dentro. A Estrada aí possue edificios que cobrem uma area de 198730 m.². São as "Oficinas", instaladas em 1871. Mais de mil operarios nelas têm emprego. A montagem e reparação de todo o material rodante da E. F. C. B. faz-se nestas oficinas, e noutras menores, existentes ao lado de cada um dos Depositos de maquinas que a Estrada tem ao longo de suas linhas.

De propriedade particular — Trajano de Medeiros & Cia. — ha, a pequena distancia da Estação notaveis oficinas de material rodante.

Ramo da Assistencia a Alienados ha, aqui, na rua Maria Flora, uma Colonia exclusiva de mulheres, mantida com todo o conforto e todos os recursos scientificos, sob a direcção do Dr. Gustavo Riedel. Contiguo á Colonia, e sob a mesma Direcção, foi inaugurado no dia 13 de Junho de 1920 o "Ambulatorio Rivadavia Corrêa", primorosamente construido de acordo com o Voto do Congresso Medico de Turim, proposta do representante do Brasil, Dr. Juliano Moreira. E' excelentemente dotado de pessoal e de material para ao mesmo tempo constituir benemerita Policlinica Suburbana, e fazer cuidadosamente a profilaxia das molestias mentaes e nervosas.

É Estabelecimento digno da visita de quem se interessa por assuntos medicos e de assistencia medica.

Encantado, Piedade, Quintino Bocayuva, Cascadura são estações de grande movimento de passageiros. Já pertencem á zona rural que é, aliás, o que a Estrada vem percorrendo desde *Todos os Santos* e *Engenho de Dentro.*

As estações suburbanas daí para deante pouca importancia têm, ainda. São logares de grande futuro, com enormes extensões de terreno desocupado. A população da Cidade vae se alastrando por êles com a força lenta e infiltrante das aguas de uma enchente. As planicies ainda verdes de vegetação rasteira vão se dividindo em pequenas propriedades; os morros menores vão sendo recortados, reduzidos e arrazados; pelos maiores já trepa o casario. Em breve terá mudado completamente o aspecto dessa região. Olarias, pequenas industrias, a pequena lavoura são nucleos de prospera actividade. Aqui e ali destacam-se o denso arvoredo de um pomar antigo, e as côres claras de modernas e confortaveis vivendas.

* * *

A linha do suburbio da E. F. C. B. é circular; depois de *Cascadura* o trem faz uma curva por *Madureira* e *D. Clara,* voltando a *Cascadura* de onde regressa á estação inicial da Praça da Republica.

A ZONA RURAL

Os campos que se estendem para o Ocidente da Cidade até a baía de Sepetiba, no Atlantico, e para o Norte da linha ferrea, confrontando com o territorio do Estado do Rio, até o interior da baía do Rio de Janeiro, formam a larga, uberrima e futurosa parte rural do Municipio.

Na Estação *Cascadura* da E. F. C. B. ha muito comercio servindo a um enorme povoado. A frequencia de trens é notavel; bondes da *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power C.* por aí passam, tambem, do centro e para o centro da Cidade.

Para a esquerda da linha ferrea corre uma linha de carris electricos servindo Jacarépaguá (21.º Distrito Municipal) que tem por limites ao Oriente a Gavea e a Tijuca, ao Sul o Oceano Atlantico, a Oeste Gua-

ratiba e ao N· Inhaúma e Irajá. Natureza luxuriante, clima salubre. Muitas habitações pitorescas, pomares, pequena lavoura, industrias relativas.

Jacarépaguá é muito procurado como retiro saudavel. Ainda aí se conservam quatro das antigas fazendas de grande labor agricola avultando a fazenda "Taquara" pela sua importancia e excelente posição — velho solar da familia Fonseca Telles.

A cerca de 4 km. da Taquara, rumo Oeste e S. O., estende-se a mata do Rio Grande que termina no serro do Pau da Fome, limitrofe de Guaratiba. Aí, sobre as colinas, o ar é o mais puro, embalsamado pela floresta; e a flora, até, parece das zonas temperadas e frias.

A mesma excelencia de ar se goza na Fazenda chamada "Engenho Novo", com a flora, porem, das regiões intertropicaes. Esta Fazenda de 10.000.000 m.² foi em 1912 adquirida pelo Governo Federal para instalar uma Colonia Agricola de Alienados. A pedra fundamental do edificio foi lançada em 30 de Maio de 1920.

Sobre uma imensa mole de granito escalvado, 160 metros a cima do nivel do mar está a igreja de N. S. da Penna, construida em 1781. Do amplo adro dessa igreja avista-se quasi toda a superficie de Jacarépaguá. É lindo o panorama circular e vasto: matizado por todos os verdes da vegetação, riscado pelas estradas de rodagem, ora rectas, ora sinuosas, espelhando-se o sol nalguns filetes de agua corrente; destacando-se as habitações em grupos, coloridas, aqui entre palmeiras que se perfilam, ali entre casuarinas que se debruçam; a chaminé de uma usina, o terreiro de uma casa antiga; a mata, cafesaes, laranjaes, canaviaes, hortas e latadas, tudo aparece como embutidos de um grande mosaico. Limitando o horizonte, em planos diferentes, corre a cadêa de montes interrompida só da parte Sul . . . para que a vista alcance o brilhante azul do mar, ao longe, fóra da barra, muito fóra, pleno Atlantico.

A PENNA. JACARÉPAGUÁ

Jacarépaguá tem o seu sólo regado por nada menos de vinte riachos, dentre os quaes cinco são mananciaes que abastecem de agua potavel quasi todo o Suburbio. Conta cerca de tres mil casas numa superficie de 159 km.². O recenseamento de 1920 contou em Jacarépaguá 19.800 habitantes.

* * *

Num cómoro sobranceiro á Estação *Cascadura*, cercado de vegetação, e tendo entrada pela rua Coronel Rangel (antiga do Campinho) que conduz a Jacarépaguá, está o Hospital "N. S. das Dôres", pertencente á Irmandade da Santa Casa de Misericordia, e destinado exclusivamente a mulheres tuberculosas. E' um Sanatorio primoroso: Op-

tima instalação, aspecto lindo, irrepreensiveis condições higienicas, perfeito conforto, carinhoso tratamento; dêle me ocupo na monografia da Irmandade da Misericordia.

Na mesma rua, centenas de metros adeante, está o Quartel do 1.º Grupo de Artilharia de Montanha.

* * *

Pertence ao 21.º Distrito Municipal, e é cortado pela Estrada Real de Santa Cruz, o Campo dos Affonsos onde está a Pista da Escola de Aviação Militar, creada pelo Aviso 71 de 28 de Abril de 1919, e inaugurada a 10 de Julho do mesmo ano. É um bem adeantado Estabelecimento.

A area do Campo dos Affonsos é de 2.000.000 m.².

* * *

Á direita da linha da E. F. C. B., desde *Todos os Santos* até *Cascadura*, estão os vastos campos de Inhaúma que terminam no litoral da baía onde ha pequenos portos. Esta zona, de sólo muito acidentado, é servida pelas estradas de ferro "Rio do Ouro" e "Leopoldina" (121).

Inhaúma é o 19.º Distrito Municipal. Tem muito comercio, fabricas diversas, olarias numerosas; e grande extensão de suas terras está intensamente explorada pela pequena lavoura. É residencia de 131.900 individuos, muitos dos quaes têm seus oficios e negocios no centro da Cidade.

* * *

Irajá — 100.000 hab. — é contigua a Inhaúma, e mais ao N., entre a E. F. C. B. o Estado do Rio e a baía do Rio de Janeiro, onde tem porto. A planicie de Irajá compreende 169 km.² e é apenas acidentada por morros isolados cuja altitude varia entre 33 e 111 metros. As estradas de ferro Central do Brasil, Rio do Ouro e Leopoldina (122) percorrem Irajá em grande extensão.

A lavoura de Irajá é importante, abastecendo os mercados da Capital da Republica. Fertilizam suas terras algumas das correntes que desaguam na baía Guanabara: rios Merití, Pavuna, Irajá e Sarapuí. Tem muito comercio miudo, fixo e ambulante; olarias caieiras, outras pequenas industrias fabris, e alguns pastos onde as rezes animam a paisagem completando a tonalidade bucolica. A construção de predios nas ruas que se vão alinhando não pára, e ha por aí vivendas bem confortaveis e pitorescas.

Existe na Penha, proximo da Estação desse nome da E. F. Leopoldina, um "Horto Fruticola" de 60.000 m.², pertencente á Sociedade Nacional de Agricultura. Nesse Horto, com grandes viveiros de mudas de enxertia para pomares, a Sociedade estabeleceu

FACHADA DO HOSPITAL N.ª S.ª DAS DORES»

um Aprendizado Agricola. Ha, tambem, na Penha um pequeno matadouro de rezes, fiscalizado pela Prefeitura, para abastecimento da zona rural. Semanalmente efectua-se uma feira de gado vacum. Subdividem-se terrenos, alinham-se ruas, alastram-se as construções, aumenta o numero de estabelecimentos comerciaes na grande area deste 20.º Distrito Municipal.

Domina esta região a enorme penha de granito, de 111 metros de altura, em cujo cimo está uma garrida capéla dedicada á Virgem.

A propaganda religiosa vem desde 1635 atraindo para ali a atenção dos crentes; e não

se conhece em toda Rio de Janeiro templo mais frequentado do que esse. Durante o ano, e, principalmente, no mez de Outubro, milhares de devotos vão lá cumprir promessas feitas em horas de atribulação. O acesso ao Santuario é menos penoso depois que no proprio granito, e por dotação de uma devota, foram lavrados 365 degraus que os pés dos peregrinos já gastaram, e que em 1913 foram renovados, a escopro, por conta da Irmandade conservadora daquela quasi tres vezes secular tradição.

* * *

Deodoro é outra estação no km. 22 da E. F. C. B., ainda no 20.º Distrito Municipal. *Deodoro* confina Irajá com o Municipio de Iguassu', Estado do Rio de Janeiro (123).

De *Deodoro,* entretanto, parte na direcção Leste-Oeste outra linha da E. F. C. B. — É o Ramal de Santa Cruz, com 55 kilometros, recentemente acrescido de mais 22 kilometros, desde Santa Cruz até Mangaratiba, litoral do Estado do Rio de Janeiro.

A primeira estação desse Ramal é *Realengo,* aberta em 2 de Dezembro de 1878; está a 27 km.,151 da estação inicial na Praça da Republica. Tem séde no Realengo a Escola Militar.

Ha, tambem, neste logar uma importante fabrica de Cartuchos e Artefactos de Guerra.

A segunda estação, aberta em 1 de Maio de 1890, é *Bangu',* no kilometro 30,812. Avulta aí com seu grande estabelecimento a Fabrica de Tecidos de Algodão da Companhia Progresso Industrial do Brasil. É instalação imponente sobre uma area de 18700 m.². Foi inaugurada em 1892.

HOSPITAL «N.ª S.ª DAS DORES» (PARQUE)

* * *

Santissimo, Campo Grande, Paciencia são nomes de estações deste Ramal, mas de pouco comercio e rudimentares industrias; terras, aliás, de grande fertilidade: Muita madeira de lei, muita caça. Realengo, Bangu', Santissimo, Campo Grande e Paciencia, tudo pertence ao 20.º Distrito Municipal (Irajá).

Da Estação *Campo Grande,* kilometro 41,331 m. da E. F. C. B. partem tres linhas de bondes electricos para Pedra (20 km.), Ilha (18,5 km.) e Cabuçú, (8 km.) logares

muito pitorescos de Guaratiba, que é o 23.º Distrito Municipal: (181 km.²) limitado ao Sul pelo Oceano Atlantico onde tem enseada com bom ancoradouro, e onde é abundante a pesca. Guaratiba é regada pelos rios Piraké e Portinho; tem montes vistosos e vales uberrimos, luxuriantes pastos; riqueza de madeiras; mas não tem, quasi, industrias; e o seu comercio é, apenas, o de viveres. O recenseamento de 1920 contou lá 23.609 individuos.

* * *

Santa Cruz. 30' de Long. Oeste do Rio, e 22º 55' Lat. Sul. Antiga propriedade dos jesuitas, pacientemente formada por doações devotas, compras e trocas, desde 1589 a 1656. Veio-lhe o nome de um Cruzeiro que os padres arvoraram em logar dominante. Aí fizeram muitas obras d'Arte, estabeleceram olarias, oficinas mecanicas, engenhos, fornos de cal e pescarias. Nos campos de Santa Cruz pastavam onze mil rezes (124). Os jesuitas construiram matriz, convento e capélas, organizando o Curato de Santa Cruz. Em 1759 foram expulsos. Depois, confiscada, a sua propriedade passou para a Corôa de Portugal. Assim, Santa Cruz se tornou "Real Fazenda", e "Imperial Fazenda". Hoje é "Fazenda Nacional". Da sua antiga superficie a maior parte está dentro dos limites actuaes da Capital da Republica, formando o 24.º Distrito Municipal, com 16.506 individuos recenseados em 1920.

Santa Cruz mede 110 km.². Tem ao Norte e Oeste o Estado do Rio de Janeiro; ao S. o Atlantico (baia de Sepetiba); à Leste Guaratiba e Campo Grande. As suas terras são regadas pelos rios Itaguahy, Cachorros e Guandu' do Sapé, e canal do Itá. O povoado principal comunica-se com o povoado de Sepetiba por uma linha de bondes. A E. F. C. B. segue de Santa Cruz (km. 54.744 m.) para Itacurussá (km. 81,527 m.) já no Estado do Rio de Janeiro, e daí até Mangaratiba (km. 103,241 m.).

Desde 1881 está instalado em Santa Cruz o Matadouro Municipal, Repartição subordinada á Directoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura.

O Matadouro com suas dependencias ocupa uma superficie de 223320 m.². O gado que aí se abate procede quasi todo de Minas, Goyaz e Matto-Grosso. Em media são sacrificadas 400 rezes por dia. A matança principia regularmente ás 5 horas, saindo a carne ás 10 horas para o Entreposto que existe na Estação *S. Diogo* da E. F. C. B., e que é o Mercado onde diariamente se abastecem os 616 retalhistas (açougueiros) annualmente licenciados.

A Municipalidade, por seus funccionarios tecnicos, fiscaliza o asseio dos matadouros, e procede a exame macroscopico e microscopico da carne, antes de ser entregue ao consumo. Para isso ha em Santa Cruz dez medicos inspectores, dois medicos microscopistas, quatro veterinarios e varios ajudantes. Em S. Diogo, depois de uma viagem de tres horas, a carne é novamente inspeccionada por outros medicos. (125).

* * *

Viu-se, pois, que a zona rural atravessa de mar a mar, o territorio do Municipio, numa extensão de 45 km., desde a extremidade meridional, no Oceano, até o interior da baía, passando a Oeste e Norte dos arrabaldes. São 926 km², dos quaes, talvez, nem dez estão ocupados por edificios. Larguissima, portanto, é a superficie que aguarda agricultores, industriaes, criadores, para explorarem a terra lavradia, para fundarem industrias sobre que se dilate um comercio forte, afirmando riqueza, assegurando prosperidade,

VIAÇÃO

Propositalmente demorei a noticia dos arrabaldes, a fim de descreve-los depois de conhecido o bonde (126). E antes do bonde tratei da estrada de ferro, porque ela cronologicamente o precedeu, e porque me servia para ir, num relance, da Cidade nucleo, através da Cidade Nova, ao Suburbio, á Zona rural, aos limites do Distrito Federal.

De posse da extensão do territorio, vamos continuar a descreve-lo, devagar.

Impõe-se o bonde que é o mais vulgarizado meio de transporte.

A primeira linha de bondes que se lançou nesta Capital, em 1868 (127) pertenceu á *The Botanical Garden Rail Road Company,* organizada especialmente para explorar a concessão de uma linha de carros sobre trilhos entre a rua do Ouvidor e o Jardim Botanico. Essa Companhia de origem norte-americana passou, em 1882, para capitalistas brasileiros que lhe traduziram o nome.

Primeiramente, os seus carros, de tracção animal, corriam só entre a rua Gonçalves Dias (canto da rua do Ouvidor) e o Largo

do Machado, hoje Praça Duque de Caxias. Depois os seus trilhos estenderam-se para os bairros de Botafogo, Laranjeiras e Gavea. A linha de Copacabana foi entregue ao trafego em 1892. Desta data até 1904 a Companhia realizou a substituição total da tracção animal pela tracção electrica.

Iniciado com grande exito aquêle serviço de carros sobre trilhos para os bairros do Sul, não tardou que outra companhia se organizasse — esta com capitaes ingleses — para servir os bairros de Oeste e Sudoeste: S. Christovão e Engenho Velho. Foi a *Rail Street Company* (Decreto de 19 de Outubro de 1870) que mais tarde se nacionalizou, tambem.

Cruzando linhas da já então "Ferro Carril de S. Christovão", foi lançada a Companhia Ferro Carril de Villa Izàbel (Decreto 4896, de 22 de Fevereiro de 1872) cujos carros comunicavam o nascente bairro desse nome com o centro da Cidade. E este mesmo centro não tardou a ser percorrido por linhas de bondes pequenos, de companhias concurrentes: "Locomotora", "Fluminense", "Carioca & Riachuelo" e "Santa Thereza". Estas quatro se fundiram em Agosto de 1878, sob o nome de "Companhia de Carris Urbanos".

* * *

Em 1905 instalou-se legalmente aqui a *The Rio de Janeiro Tramway , Light and Power Company Limited,* oriunda do Canadá, com o capital de 60.000.000 de dolares em acções, e mais 50.000.000 em debenturas; e adquiriu primeiro as companhias Villa Izabel, S. Christovão e Carris Urbanos, depois a Companhia Ferro Carril do Jardim Botanico.

Renovados contractos com a Prefeitura, substituidos os trilhos, uniformizada a bitola em 1,436 m., distribuida a electricidade por todas as linhas, iniciou-se um trafego novo, perfeito, completo, ininterrupto que se estendeu muito para alem dos pontos até então servidos por este sistema de viação.

Assim é que a *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power Company* tem na Cidade vias ferreas na extensão total de 420 kilometros, sobre que rodam 480 carros motores com sessenta e tantos destinos diferentes, (128).

Eis uma noticia completa do serviço de bondes no Rio de Janeiro, em 1922:

Do meio da Praça 15 *de Novembro ou da beira-mar, na mesma praça, junto ás Barcas, partem incessantemente bondes com os seguintes disticos*:

Alto da Boa Vista — Entrada da Floresta da Tijuca. Extensão da linha 16.100 metros.

Andarahy-Leopoldo — Bairro Sudoeste da Cidade. 10371 metros.

Bom Sucesso — Zona rural do Municipio (passa pelo Hospital Central do Exercito). 12968 metros.

Caes do Porto — Partem dois bondes nesta direcção: O que entra pela rua 1.º de Março, faz um trajecto de 4720 metros; o que entra pela rua Sete de Setembro faz um trajecto de 8980 metros.

Engenho de Dentro — Suburbio da Cidade. 16233 metros..

Estrada de Ferro — Partem 3 bondes com destino á estação inicial da E. F. C. B.: Um por 1.º de Março, Buenos Aires (2218 metros); outro 1.º de Março, General Camara, (2150 metros); outro pela rua Sete de Setembro, Avenida Passos (2350 metros).

Itapirú — Bairros de Catumby e Rio Comprido. 5392 metros.

Lins de Vasconcellos — Bairro de Villa Izabel e Suburbio. Extensão 13891 metros.

Mattoso — Bairro do Engenho Velho. 5775 metros.

Muda da Tijuca — Extremo ocidental do Engenho Velho. 8560 metros.

Praça 11 *de Junho* — (Por Santa Luzia e Lapa). 6600 metros.

Praia Formosa — (Antigos bairros da Saude e Gambôa até Canal do Mangue). 5790 metros.

S. Luiz Durão — Bairro de S. Christovão. 8406 metros.

Silva Manoel — Sopé do Morro de Santa Thereza. 3095 metros.

Tijuca — Bairro Sudoeste. 10528 metros.

Uruguay-Engenho Novo — Suburbio. 13880 metros.

Villa Izabel-Engenho Novo — Bairro de Villa Izabel e Suburbio. 12330 metros.

*

Da rua Uruguayana partem bondes com os seguintes disticos:

Alegria — Bairro de S. Christovão, a Oeste da Cidade. 11055 metros.

Asylo Izabel — Quarteirões novos no principio do grande bairro Engenho Velho. 5500 metros.

Cajú — Bairro de S. Christovão. No termo de seu percurso serve este bonde a 3

cemiterios: "Carmo", "Penitencia" e "S. Francisco Xavier"; e, tambem, ao Arsenal de Guerra, ao Asilo "S. Luiz" e ao Hospital "S. Sebastião". Percurso 9655 metros.

Catumby — Bairro encravado entre os morros de Paula Mattos, Santa Thereza e Santos Rodrigues. Este bonde serve ao Cemiterio "S. Francisco de Paula". Extensão da linha 5986 metros.

Fabrica das Chitas — Bairro do Engenho Velho. 7435 metros.

Itapagipe — Bairro do Rio Comprido. 5117 metros.

Praça da Bandeira — 4140 metros.

Rua Aguiar — Engenho Velho. 5185 metros.

*

Do Largo de S. Francisco de Paula partem bondes com os seguintes disticos:

Aldeia Campista — Bairro Sudoeste da Cidade. Extensão da linha 8810 metros.

Bispo — Bairro do Rio Comprido. 6182 metros.

Cascadura — Suburbio. Zona rural. 20958 metros.

Coqueiros — Bairro de Catumby. Este bonde tambem serve ao cemiterio "S. Francisco de Paula". Percurso 3650 metros.

Estrella — Bairro do Rio Comprido. 5885 metros.

Palmeiras — Bairro de S. Christovão, pelo Caes do Porto. Extensão da linha 4480 metros.

Piedade — Suburbio. 17546 metros.

Praia Formosa — Antigos bairros maritimos da Saude e Gambôa até Canal do Mangue. 4380 metros.

Santa Alexandrina — Bairro do Rio Comprido. 5872 metros.

S. Francisco Xavier — (Por Estacio de Sá e Haddock-Lobo) 6205 metros.

S. Januario — Bairro de S. Christovão. 8327 metros.

Rua Chile—E. F. (Este bonde faz até a Estrada de Ferro um percurso de 2500 metros).

*

Da Avenida Rio Branco n.º 152 *partem bondes com os seguintes disticos:*

Aguas Ferreas — Bairro das Laranjeiras. Sul da Cidade, entre os morros Mundo Novo e Santa Thereza. Este bonde serve para a estação inicial da E. F. Corcovado. Extensão da linha 6005 metros.

Humaytá — Bairros da Gloria, Catête, Botafogo, Sul da Cidade. Alguns transitam pela Avenida Beira-Mar. 7269 metros.

Gavea — O mesmo trajecto do anterior até Botafogo, proseguindo até Jardim Botanico e Gavea 12015 metros.

Ipanema — O mesmo trajecto até Botafogo, seguindo para as praias de Copacabana, ora pelo tunel novo, ora pelo tunel velho. Em qualquer dos dois itinerarios 13225 metros.

Largo dos Leões — Bairro de Botafogo. 7168 metros.

Jardim-Leblon — Botafogo, Jardim Botanico e praia ao Sul de Ipanema. 13437 metros.

Leme — Botafogo, Copacabana; pelo tunel novo 8689 metros; pela Real Grandeza e tunel velho, 10926 metros.

Praia Vermelha — Avenida Beira-Mar, Botafogo. 8268 metros.

*

Do Largo da Lapa partem bondes com os seguintes disticos:

Arsenal de Marinha — Através do Centro. 3090 metros.

Caes do Porto — Direito ao Armazem 14, pára no Armazem 1. Percurso 5850 metros.

Estrada de Ferro — Vai direito á estação inicial da E. F. C. B., e daí para a Ponte das Barcas, na Praça 15 de Novembro. Percurso 4526 metros.

Praça da Bandeira — 4140 metros.

*

Da estação "Meyer", kilometro 9365 *m. da E. F. C. B., partem bondes nas seguintes direcções:*

Cachamby — Suburbio. 2323 metros.

José Bonifacio — Suburbio. 2323 metros.

Boca do Mato — Zona rural. 3200 metros.

S. Francisco Xavier — Suburbio. 4569 metros.

Inhaúma — Zona rural. 4880 metros.

*

Da estação "Cascadura", kilom. 15.344 *m. da E. F. C. B., partem bondes para Jacarépaguá com os seguintes disticos:*

Freguesia — Extensão da linha 9672 metros.

Taquara — 7205 metros.

*

Só não pertencem á *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power Company Ltd.*, os bondes da Companhia Ferro Carril Carioca, que, partindo do sopé do morro Santo Antonio, no Largo da Carioca, seguem pela aba do morro e pela arcaria do Aqueducto para os bairros altos de Pau'a Mattos e Santa Thereza, chegando até "Silvestre", primeira estação da E. F. Corcovado, alt. 260 metros.

NA FLORESTA DA TIJUCA

QUARTA PARTE

OS ARRABALDES

São Christovão.

Conhecida a viação da Cidade, é oportuno lançar a vista pelos arrabaldes do Rio de Janeiro, logares pitorescos por onde se alastrou a população em busca do ar e do campo.

Comecemos por S. Christovão, passagem primitiva dos cavaleiros e dos longos comboios de carros para as antigas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes.

Foi originariamente uma Fazenda, a "Fazenda de São Christovão", pertencente aos jesuitas, compreendida na Sesmaria que Estacio de Sá lhes concedera em 1 de Julho de 1565. Lá está, ainda, sobre uma colina, o edificio do antigo Colégio construido em 1752, hoje Hospital dos Lazaros.

Confiscados, em 1759, os bens dos jesuitas, foram as terras desta Fazenda divididas, e começaram a ser desde logo povoadas.

A principio a area dessas terras constituio um 2.º distrito da Freguesia do Engenho Velho; em 1856, sendo já mais densa a população, formou-se desse distrito uma paroquia que teve para Matriz a capela de N. S. da Conceição existente na rua S. Januario; desde 1865, porem, S. Christovão tem Matriz propria que é a igreja construida junto á praia do mesmo nome. Separada, em 1903, a divisão administrativa da eclesiastica, S. Christovão passou a ser o 13.º Distrito dos 26 em que hoje se divide o Municipio.

O transporte para S. Christovão fez-se primitivamente por meio de diligencias que partiam do Largo S. Francisco de Paula, e se dirigiam umas para o Cajú, outras para a Cancela (129). Depois iniciou-se o serviço de bondes da *The Rail Street Company*, em 1870. Hoje o arrabalde é cortado por linhas ferreas da *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power Company Ltd.*, incessantemente percorridas por velozes e comodos carros de tracção electrica.

*

S. Christovão como Distrito Municipal — 13.º — abrange uma superficie de 5 km². O seu litoral na baía no Rio de Janeiro fica entre a embocadura do Canal do Mangue e a embocadura do Canal de Bemfica. Pelo lado de terra confina com Engenho Velho — 14.º Distrito, e Engenho Novo — 17.º Distrito.

Foi grande centro de permutas entre vastos armazens de sal e artigos de importação, que lá se estabeleceram, e as tropas que, pela Estrada Real de Santa Cruz, traziam os produtos da grande e da pequena lavoura das provincias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes. Esse grosso comercio de fumo, café e cereaes, foi naturalmente desviado daí, pela inauguração da Estrada de Ferro, em 1859; mas ficou uma população abundante, e o germe do desenvolvimento industrial.

O centro do bairro é a Praça Deodoro, 180000 m². Foi lindamente ajardinada, em parte, no ano de 1906, sendo, então, reservada para exercicios militares de equitação e desportivos uma grande area de forma eliptica, dominando a qual ha bancadas cobertas para espectadores.

*

Na face oriental desta praça está o edificio da Intendencia da Guerra, com 56 metros de fachada; faz esquina com a rua Mariath, por onde mede 155 metros até a beira-mar onde tem outra fachada de 96 metros. Foi construido especialmente, e inaugurado em 1902, para deposito de todo o material e artefactos que interessam á administração militar. Ha aí oficinas de alfaiate, carpinteiro, correeiro, etc.

Na face N. da praça vê-se o Asilo Gonçalves de Araujo, belo edificio de tres pavimentos sobre uma area de 12000 m². E' instituição levantada e mantida pela Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria com o legado de mil e quinhentos contos feito por Antonio Gonçalves de Araujo, natural de Portugal, comerciante no Rio de Janeiro, onde faleceu no dia 21 de Setembro de 1889 (130). Esse Asilo abriga, educa e instrue 120 meninas orfãs ou de familias desvalidas entre 7 e 18 anos de idade. Como organização e

instalação é primoroso. Foi inaugurado em 1900. E' seu director desde o inicio o Dr. Benjamin Franklin de Ramiz Galvão.

Do lado Sul ha a Escola "Gonçalves Dias", no predio que foi oferecido á Municipalidade pelo Comercio do Rio de Janeiro, em 1870, como expressão de regosijo pelo termo da guerra Brasil-Paraguay. Ha desse mes-

VITRAL FRONTEIRO Á ENTRADA DO HOSPITAL DOS LAZAROS

mo lado o elegante Club de S. Christovão, fundado em 1863 para reunião e recreio das familias residentes no bairro. E' nesse lado Sul da Praça Deodoro que se ostenta o Internato do Colégio "Pedro II", notavel Instituto a que adeante me refiro.

*

Sobranceiro á Praça Deodoro é o morro «S. Januario». Nêle se levanta o Observatorio Nacional, fundado em 1827 no morro do Castélo onde por muitos anos existio para "fazer todas as observações astronomicas e meteorologicas uteis ás sciencias em geral e ao Brasil em particular". A instalação principiou em 1913, lançando-se a Pedra Fundamental em 28 de Setembro. A conclusão demorou por causa da guerra. (131).

A area desapropriada para o Observatorio Nacional é de m² 40589, circunscritos por um perimetro de 1135 metros; e custou ao Tesouro 416: 865$. O orçamento do Arquitecto andou por 591:000$. A instalação ocupa tres esplanadas, estando a superior 32 m. acima do nivel do mar. No edificio principal acham-se a Directoria, a Secretaria, e os gabinetes dos assistentes; biblioteca, arquivo, laboratorios, oficinas e os sismografos. Em pavilhões á parte as lunetas meridianas e as equatoriaes, as pendulas e cronometros.

Todos os trabalhos se fizeram sob vistas do doutissimo Director do Observatorio, Dr. Henrique Morize, tambem Professor de Fisica na Escola Politecnica, da Universidade do Rio de Janeiro.

O morro S. Januario é contornado pelas ruas General Bruce (SE), General Argollo (SO), General José Christino (NO), e Senador Alencar (NE); por todas o Observatorio tem entrada e saída.

*

Na rua S. Christovão existe o Hospital dos Lazaros, tambem administrado pela Irmandade do S. S. da Candelaria. A assistencia aos lazaros (doentes de lepra) esboçou-se pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1740, por iniciativa do 63.º Governador, Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella. Em Fevereiro de 1763 o seu sucessor, Bispo, D. Frei Antonio do Desterro, pedio á Irmandade da Candelaria que protegesse os lazaros com o seu socorro; e em Dezembro do mesmo ano o 1.º Vice Rei do Brasil, Conde da Cunha, obteve de D. José I para hospital definitivo dos lazaros o convento de onde tinham sido expulsos os jesuitas. A Irmandade recebendo-o, apropriou-o aos seus fins, e nêle internou os seus doentes; mas quando, em 1808, chegou ao Rio de Janeiro a Familia Real o antigo convento foi cubiçado para quartel de um batalhão de Caçadores, e os infelizes leprosos tiveram de ser removidos para o primeiro logar que se ofereceu á Irmandade, e que foi a Ilha das Enxadas. Depois de mil incomodos, só em 1833 se restabeleceu o Hospital dos Lazaros no seu edificio onde até hoje se acha (132). E' Estabelecimento de ir-

repreensivel asseio e de surpreendente beleza, depois dos melhoramentos com que o dotou a Irmandade da Candelaria sob a Provedoria progressista do Dr. Mario Nazareth. A lotação do Hospital é de 105 enfermos, e está sempre completa.

*

Na praia de S. Christovão que se curva para a Ponta do Cajú estão tres grandes cemiterios de que adeante me ocupo.

AREA INTERIOR DO HOSPITAL DOS LAZAROS

Depois dos cemiterios estão os grandes edificios do Arsenal de Guerra que existio por um seculo na ponta formada pelas extintas praias de D. Manoel e de Santa Luzia, e desde 1908-10 estabelecido neste logar onde aproveitou muito solidas construções que pertenceram a uma empresa industrial mal sucedida. As instalações do Arsenal cobrem uma superficie de 91000 m². que vae até Retiro Saudoso. O Arsenal, fabrica o armamento, projectis e material de guerra adoptado ou escolhido para o Exercito e para fortificações, e produz todos os artigos e artefactos necessarios aos serviços militares do Norte ao Sul do Brasil. E', tambem, uma escola tecnica industrial militar. Dispõe de oficinas de maquinas, forjas, fundição, galvanoplastia, palamentas; e ferreiros, modeladores, serralheiros, cravadores, carpinteiros, segeiros, latoeiros, pedreiros, pintores, barraqueiros, espingardeiros ali trabalham em numero de quasi 700 homens. O actual Director, Cel. João Baptista Martins Pereira, é o 40.º na ordem cronologica dos directores do Arsenal.

*

Pouco adeante do Arsenal está o Hospital "N. S. do Socorro" da Irmandade da Misericordia, em reconstrução depois de um incendio de que se salvaram trezentos e tantos enfermos internados. No Consultorio deste hospital cujos serviços não se interromperam, o numero de consultantes por ano é de dez a vinte mil.

*

Em ligeiro comoro que a rua Tavares Guerra corta na direcção Leste-Oeste, encontra-se um formoso Estabelecimento de Caridade — o Asilo "S. Luiz" para a velhice desamparada, fundado por iniciativa do Com. Luiz Augusto Ferreira de Almeida, depois Visconde de Ferreira de Almeida, e com o concurso do Com. José Maria Teixeira de Azevedo e de outros cavalheiros. Abriga, alimenta e veste com todos os cuidados medicos e higienicos mais de duzentos homens e mulheres idosos, invalidos e indigentes, de qualquer nacionalidade e qualquer que seja a crença religiosa.

Grande edificio de tres pavimentos no meio de boa chacara, e dominando alegre panorama, o lindo Asilo da Velhice Desamparada, como tambem é chamado, honra a memoria do seu fundador e o espirito piedoso dos que lhe sucedem.

A benemerita Directoria do Asilo é constituida pelos Srs. Dr. Carlos Ferreira de Almeida, Presidente; Conde de Avellar, Vice-Presidente; Benjamin Carvalho, Tesoureiro; Luiz Felipe de Souza Leão, Secretario. Os serviços internos estão a cargo das piedosas Irmãs Franciscanas da Pequena Familia do Sagrado Coração de Jesus.

*

Apoiado numa colina, e voltado para a face N. da peninsula que se chama Ponta do Cajú, está o Hospital "S. Sebastião", creado por influencia dos conselheiros Ferreira Vianna, Barão do Loreto, e Dr. Rocha Faria, para isolamento de pessoas acometidas por moles-

tias infecto-contagiosas. Foi inaugurado em 1889 na presença do Imperador, sendo essa a ultima solenidade inaugural a que D. Pedro II assistio.

Consta o Hospital de um edificio central onde estão a Secretaria, sala do Director, biblioteca, rouparia, consultorio, sala de operações, Farmacia, laboratorios, refeitorio e cosinha. Na frente e em torno deste edificio o espaço é ajardinado. Morro a cima ha seis pavilhões de madeira e quatro de pedra e cal, lavandaria a vapor, estufas de desinfecção, forno para incineração do lixo, e mais dependencias. É estabelecimento modelo no ponto de vista da Higiene, e localizado de modo que pode receber doentes por mar e terra. Dispõe de mais de trezentos leitos. Dirige-o desde 1892, o Dr. Carlos Seidl.

*

No mar, em frente á praia do Retiro Saudoso, longe da enseada, vêem-se as ilhas Sapucaia, 53900 m², e Bom Jesus, 92100 m². pertencentes ao 25.º Distrito Municipal. Em frente á Ponta do Cajú está a Ilha dos Ferreiros, 25200 m², prestes a incorporar-se ao continente, por meio de aterros.

*

No 13.º Distrito Municipal, que talvez conte 60.000 habitantes, ha 53 fabricas, 132 oficinas diversas, 666 estabelecimentos comerciaes, 2 quarteis militares, 15 estabelecimentos particulares de instrução e 11 escolas publicas municipaes.

Parque da Boa Vista

Confinando com o 13.º Distrito (São Christovão), mas ocupando a Sudoeste do mesmo uma area de 1.033.800 m². pertencente ao 14.º Distrito (Engenho Velho), está o Parque da Boa Vista, esplendido logradouro que foi Quinta Imperial, amplo terreno circundante do Palacio em que residiram sucessivamente El-Rei D. João VI e os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II.

Esse Palacio fôra antes, e em termos menores, propriedade e vivenda campesina do comerciante Elias Antonio Lopes que em 1808 fez a cortezia de po-la á disposição do Principe Regente para morada condigna dos soberanos de Portugal. Em reconhecimento de tanta liberalidade o Principe agraciou o seu bom vassalo com o Habito de Cavaleiro da Ordem de Christo e o Fôro de Moço Fidalgo; e, com a graduação de Alcaide-Mór, teve depois o Sr. Elias funções muito importantes na Côrte de D. João.

Quando este se retirou do Brasil ficou de posse do palacio seu filho D. Pedro que, por sua vez, o deixou na posse de seu filho D. Pedro II. Era privativo da Familia Imperial, com todo o terreno ao redor onde foram despendidos alguns milhares de contos; a ultima reforma fôra realizada pelo grande jardineiro paizagista Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou que embelezou o Parque obedecendo á vontade do ultimo Imperador.

A Republica incluio a Boa Vista nos proprios Nacionaes, e adaptou o Palacio para reunião do Congresso Constituinte, em 1890; mas não cuidou do Parque; a mudança do Museu para lá em 1892, tambem não o livrou do desprezo a que parecia condenado. O autor deste livro, n'*O Paiz* de 12 de Março de 1896, descreveu o clamoroso estado de abandono a que chegara. Pouco se fez, entretanto: A União entendia que o tratamento do Parque devia ser municipal, e a Prefeitura que lhe não competia tratar das propriedades da União. Afinal, quando Presidente da Republica, em 1910, o Dr. Nilo Peçanha mandou efectuar obras de saneamento, nivelamento e embelezamento que andaram por 1.227:979$; e o Parque foi entregue á Prefeitura Municipal.

E' hoje um dos mais vastos e formosos logradouros publicos da Cidade.

A sua entrada principal, com tres portões artisticos de serralharia, ostenta-se fronteira á Avenida Pedro Ivo. Daí, em linha recta e plano ligeiramente inclinado, parte a Avenida Pedro II, 700 metros até o Museu.

Da area total do Parque 84500 metros quadrados são de alamedas macadamizadas, 16000 de passeios cimentados, 70000 de bosques e arvoredos, 160000 de gramados, 32500 metros quadrados da superficie de lagos e rios; 3680 no planalto ajardinado.

Das inumeras obras de Arte destacam-se o interessante marmore da Escultora D. Nicolina Vaz de Assis "O Canto das Sereias", e o "Templo em Ruinas", bela colunata dorica sobre uma ilhota do grande lago.

De dia a paisagem oferece agradaveis perspectivas: Ruas extensas sob docéis de verde fronde, vastos e veludosos gramados, caramancheis artisticos, lagos, rios, pontes rusticas, bosques, ilhas pitorescas, tudo se harmonizando num conjunto primoroso, exibindo, á porfia, todas as habilidades da arquitectura paisagista. Pode-se percorrer o Parque de carro. A pé le-

varia horas. Ha recintos aparelhados e proprios para exercicios ginásticos e jogos atleticos. A' noite a iluminação é profusa. O Parque da Boa Vista é um passeio encantador, a 10 minutos do Caes Acostavel.

Num terraço, ou socalco, ou atrio, de 46 metros por 80, em nivel, deante do antigo Palacio, estende-se, como uma alcatifa, gracioso jardim mosaico, ao centro do qual está desde 1910 o busto do Dr. Nilo Peçanha vasado em bronze. Balaustrada, jarrões, candelabros e estatuetas, bordam e esmaltam este quadrilatero que é por sua vez um esmalte do Parque.

*

A Prefeitura inaugurou neste Parque, em 12 de Novembro de 1910, um Aquario de agua doce, simulando uma caverna calcarea, e que atrae enorme concurrencia de visitantes, curiosos e estudiosos. A fauna da agua doce aí se mostra em 28 piscinas, como a da agua salgada se mostra no Aquario do Passeio Publico. Anexo ao Aquario do Parque da Boa Vista ha um Laboratorio de Piscicultura.

Tambem é resolução da Prefeitura fundar aqui um Jardim Zoologico para o que foram demarcados 18000 metros quadrados. Já está como portico desse recinto uma colunata retirada do centro da alameda principal do Parque onde se achava desde 1825, oferecida a D. Pedro I por Sir Charles Stuart, Embaixador Inglês na Côrte do Rio de Janeiro, e negociador do Tratado da Independencia.

No dia 20 de Setembro de 1913 efectuou-se o lançamento da primeira pedra desse futuro Jardim Zoologico Municipal. O *Jornal do Commercio* do dia seguinte noticiou a solenidade. Durante o ano de 1921 publicaram-se editaes em Londres, Pariz, Berlim, Nova York e Rio de Janeiro, para a sua construção; mas nada se adiantou.

Ha ainda no Parque da Boa Vista um Horto Municipal — 145000 m². com arvores, arbustos, palmeiras e plantas diversas e estufas e viveiros destinados a ruas, praças e jardins publicos.

Vila Izabel

A Noroeste de S. Christovão acha-se o arrabalde de Vila Izabel que a Serra do Engenho Novo separa da linha suburbana da E. F. C. B.

Vila Izabel faz parte do 15.º Distrito Municipal. Está em terras da Antiga "Fazenda do Macaco" que pertenceu a D. Amelia de Leuchtenberg, Princesa da Baviera, Duqueza de Bragança, 2.ª Imperatriz do Brasil como 2.ª esposa de D. Pedro I, de quem ficou viuva em 1834. Comprou essa Fazenda aos seus herdeiros, em 1872, o Com. João Baptista Vianna Drumond que a nivelou, deu-lhe arruamento, e depressa organizou a Companhia Ferro-Carril Vila Izabel cujos bondes levaram ani-

NO PARQUE DA BOA VISTA

mação ao povoado nascente. Logo se estabeleceu lá um hipódromo que atraío muita gente; e, quando cessaram as diversões hipicas, o Comendador, já então Barão de Drumond, instalou, em 6 de Janeiro de 1888, o Jardim Zoologico que ainda hoje existe num campo de 250000 m.² com 140 mamiferos, 371 aves e 28 reptis.

A avenida principal deste bairro é o "Boulevard 28 de Setembro", com mais de 20 metros de largura, e 1625 metros Leste-Oeste, desde a rua S. Francisco Xavier até a Praça 7 de Março; tem alegretes ao centro, e á direita e á esquerda ruas que lhe são perpendiculares ou paralelas, todas edificadas.

*

No principio desta Avenida, á esquerda, estão, num planalto de 107000 metros quadrados, o Instituto Profissional "João Alfredo" e o Asilo "S. Francisco de Assis".

O Instituto existe desde 1875, e guarda o nome do seu fundador, Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, então Ministro do Imperio. Recolhe meninos desvalidos, e dá-lhes instrução primaria e profissional para o que tem aulas de Português, Geografia, Aritmetica, Sciencias Naturaes, Geometria Plana, Musica, Desenho, Modelagem e Electrotecnica, e oficinas de Carpinteiro, Marceneiro, Entalhador, Torneiro, Latoeiro, Ferreiro, Correeiro e Sapateiro.

O numero de matriculas é de 400. Dirige o Instituto o Dr. Alfredo Magioli de Azevedo Maia.

O Asilo foi inaugurado em 10 de Julho de 1879 no predio da rua Visconde de Itaúna onde está hoje o Hospital do mesmo nome. Aí esteve até 1921, ano em que foi trasladado para a chacara do Boulevard 28 de Setembro, antiga séde exclusiva do Instituto Profissional. Acomodaram-se no mesmo sitio, em instalações distintas, o abrigo da Infancia e o abrigo da Velhice — [illegible] repartições municipaes.

O Asilo comporta 290 individuos — homens de mais de 65 anos, e mulheres de mais de 60—sem restrição de côr, nem de nacionalidade. Para ser admitido basta que não possa mais trabalhar, não tenha amparo, não sofra de molestia contagiosa, não seja louco, nem alcoolico, e tenha pelo menos dois anos de residencia no Rio de Janeiro.

As dependencias do Asilo são todas muito asseiadas: Dormitorios, Farmacia, Gabinete electroterapico, Enfermaria. Os asilados dispõem de ampla area para recreio.

Dirige o Asilo "S. Francisco de Assis" o Dr. José Lopes Pontes.

Andarahy

E' um vale muito salubre e muito pitoresco, situado na parte oriental do 2.º Cordão do Maciço Urbano. Pertence ao 15.º Distrito Municipal.

Corta-o longitudinalmente a rua Barão de Mesquita que mede 3600 metros, começando na rua S. Francisco Xavier, e acabando na rua Barão do Bom Retiro.

E' muito populoso o bairro: Além de outros menores estabelecimentos industriaes e comerciaes tem duas fabricas de tecidos de algodão e juta. A Brigada Policial possue na rua Barão de Mesquita um excelente Quartel Regional. O Ministerio da Guerra mandou construir nos terrenos onde antigamente esteve o Hospital Militar do Andarahy, optimos edificios para a Escola de Estado Maior aí inaugurada em 12 de Outubro de 1921. O Colégio Militar do Rio de Janeiro a que adeante me refiro, domina amplo terreno no encontro das ruas Barão de Mesquita e S. Francisco Xavier.

Confina este bairro com Aldeia Campista — outra area de belas vivendas formado por muitas ruas e travessas.

Para Andarahy, Aldeia Campista e Vila Izabel, partem bondes do centro da Cidade, a curtos intervalos.

Contam-se no 15.º Distrito 84.171 habitantes.

Tijuca

E' o 16.º Distrito Municipal. 11484 habitantes. Abrange uma area de 40 km², 5610. Da Praça 15 de Novembro partem os bondes que se dirigem para a Tijuca. Itinerario: Assembléa, Carioca, Rio Branco, Frei Caneca, Salvador de Sá, Estacio de Sá, Haddock Lobo, Conde de Bomfim, Estrada da Tijuca, Alto da Boa Vista, Estrada das Furnas. Dos 16 kilometros percorridos, 1700 metros pertencem á rua Haddock Lobo, 3700 metros á rua Conde de Bomfim. As chacaras ao longo dessas ruas são notaveis por sua formosura e tratamento. O bonde percorre essas duas ruas em 25 minutos, deixando á esquerda a Praça Saenz Peña ([133]), e segue por deante de scenarios variadissimos de pequenos jardins e moradas belamente arquitectadas cujo colorido se projecta no fundo verde escuro do anfiteatro montanhoso.

Em amplo terreno sob o n.º 1033 da Rua Conde de Bomfim instalou-se, em 1906, vindo do Largo da Carioca, onde esteve 150 anos, o Hospital da Veneravel Ordem 3.ª da Penitencia. Nesse terreno que mede 165 metros de frente e algumas centenas de fundo, a Ordem construirá em breve um grande hospital modelo.

O bonde segue a margem esquerda do rio Maracanã, coleando o contraforte da serra da Tijuca que domina o Andarahy; e, metendo-se pela estrada de tres kilometros com rampas de 10 %, e curvas de 14 metros de raio, chega ao Alto da Boa Vista, 358 metros sobre o nivel do mar. Pára 1 kilometro adeante, na

Estrada das Furnas, e volta ao centro da Cidade pelo mesmo caminho de ida.

No Alto da Boa Vista ha uma praça de 15.000 m², lindamente ajardinada desde 1903.

Devemos essa floresta ao Visconde de Bom Retiro que foi Ministro do Imperio em

CASCATINHA

E' muito frequentada; tem botequim a um lado, e coreto, ao centro, para musica. E' o vestibulo da Floresta da Tijuca — diadema verdejante da Capital da Republica.

1857. Roças velhas, morros esgotados de humo, cobertos de samambaias e de capim gordura, totalmente ravinados, foram adquiridos pelo Governo, e entregues ao cuidado adminis-

trativo do major Manoel Gomes Archer, habil silvicultor. Até 1874 o trabalho consistio em limpar as nascentes, regularizar o curso das aguas, fazer estradas, fixar o sólo da montanha, sistematizar a arborização. Nas matas virgens de Guaratiba foram escolhidas as essencias mais adequadas para constituirem a Floresta da Tijuca: Araribá, bicuhyba, canéla batalha, canéla limão, cedro-rosa, goiabeira cascuda, guarajubá, guarapiapunha, guaretá, jacarandá-tan, jequitibá, pau-brasil, e tantas outras madeiras de lei, foram semeadas em viveiros, e plantadas, aos milhões, com eucaliptus de seis especies diversas, e imbús, camurús, mangabas — infinita variedade de caules, imensa variedade de frondes. (134).

Da magnificencia da Floresta da Tijuca só pode fazer idéa quem lhe percorre as extensas alamedas com mais de 20 kilometros de desenvolvimento, em suas diferentes secções, graciosamente traçadas por encostas, saliencias e reintrancias, elevações e depressões do grande acidente geografico. Aí se encontram os tipos mais notaveis da riqueza florestal dos tropicos; aí se nos oferecem admiraveis paisagens,, quer estendamos o olhar por horizontes longinquos, quer contemplemos o esplendor dos quadros que nos rodeiam.

*

Quem do Alto da Boa Vista caminha para o N. chega breve, á Cascatinha. E' ameno o sitio. O ininterrupto, unisono fragor das aguas que se despenham de uma altura de 30 metros enche o espaço de frescura e o espirito de suavidade. A natureza pura está aí perfeitamente enquadrada. As naiades que a Mitologia grega desenha com tanta doçura não podiam ter dado vida e amor a scenario mais iluminado nem a solidão mais cariciosa. Aqui alva como franjas de jaspe, ali transparente como lençóes de cristal, a agua desce, batendo nos diferentes planos da rocha ingreme cujas arestas vai quebrando e, de seculo em seculo, afeiçoando ás conveniencias do seu infinito rolar.

O transeunte pára extactico, feliz, sorridente, e surpreende a alegria do inanimado expressa naquela aglomeração vegetal estendendo os ramos para a clareira humida, cobrindo-se de aljofares, e acompanhando, em surdina, as vozes da cascata.

*

A estrada continúa, larga e flanqueada de arvoredo. O declive é suave. Caminha-se uma, duas e tres horas, á sombra, ouvindo, apenas, o chilrear da passarada, o murmurio das folhas que a aragem balança. Aqui um regato, ali uma grota, adeante uma ponte rustica sobre um hiato da montanha; de quando em vez uma abertura na mata, deixando que a vista dardeje o panorama longinquo da Cidade.

Dois mil oitocentos e cincoenta e um metros depois do Alto da Boa Vista o passeante chega ao planalto do "Bom Retiro", nome que não sómente exprime homenagem ao titular do Imperio que deliberou fundar a Floresta, como traduz, realmente, a serenidade poetica desse remanso, a 659 metros de altitude.

Outra curva do caminho conduz ao "Excelsior", 611 metros sobre o nivel do mar. E' um soberbo mirante. A parte N da Cidade e da baía, toda se oferece ao espectador. O bairro de S. Cristovão daí se vê, aberto, delineado, como uma enorme carta topografica. Os pequenos morros cobertos de casario mal deixam perceber seu relevo. O leito da Estrada de Ferro, a elipse dos prados de corridas; verticaes chaminés de fabricas reduzidas a dimensões minusculas; poligonos irregulares de terrenos desocupados; trechos de pequena lavoura; o entrecruzado das edificações, as ruas trafegadas por inumeros veículos que parecem miniaturas, tudo se distinguindo e tudo se confundindo como num labirinto imenso, tudo extasía o observador sentado no silencioso planalto do "Excelsior".

Ganhando de novo a estrada, a pé ou de carro, continúa-se gozando o maravilhoso poema da Floresta. Os quadros sucedem-se, o ambiente cada vez se torna mais ameno, a solidão é cada vez mais empolgante. A arvore é a nossa companheira desde o principio até o fim da jornada. Um barranco, uma nascente, um fio d'agua fresca por entre musgos esmeraldinos, tudo está subordinado á arvore, tudo é vassalo do genio da Floresta. Sabiá, joão de barro, coleiro, galo da serra, saí, gaturamo, camaxirra, bemtevi, alternada ou conjuntamente vozeam seus cantares; e as suas melodias consôam com a melodia, em surdina, de Eolo, soprando nas franças e nas lianas a sinfonia da Eternidade.

*

Mais alguns kilometros, e atinge-se uma altitude de 1020 metros. E' o "Pico da Tijuca", o ponto culminante do grande maciço do Rio de Janeiro. (135).

Que maravilha!

Do alto desta solidão silenciosa o espectador domina, absorto, deslumbrado, a vastissima planicie de variadissima cromatica por

onde se espalha, e vive, e se agita a cidade inteira.

Tudo lá, em baixo, no taboleiro monstro que o mar limita ao Sul, e que as aguas da

NA FLORESTA DA TIJUCA

Baía de Guanabára banham nos seus recortes orientaes.

Lá estão cerca de cento e quinze mil prédios, mais de tres mil ruas, mais de 200 praças e jardins.

Tão nitido é o espectaculo, tão grande, tão extranho, tão impressionante, que o excursionista sente-se preso de verdadeira exaltação.

Da serra ao mar a vida inteira de uma cidade de milhão e meio de habitantes! Da serra ao mar a Lavoura, as industrias mais variadas, o Comercio e as artes, as escolas, os campos de recreio e as casas de oração! A generosidade, a felicidade, o trabalho, a comunicabilidade alegre de tanta gente bôa; e o azedume, a malquerença, a acção mofina e constante de alguma gente má! Tudo

ali, debaixo do nosso olhar que abrange o conjunto. Mil cento e dezeseis kilometros quadrados se desdobram aos nossos olhos. Tudo se nivela. Os pequenos morros abatem-se esmagados na perspectiva.

Lá se comprime o mais denso do casario desde a beira-mar, desde o enorme centro comercial até os bairros de densissima população que se estendem até a base deste mirante. A intensidade da luz permite esquadrinhar e reconhecer quarteirões, ruas, avenidas, parques, edificios de maior vulto. As renques de arvores, as fitas pardacentas das estradas conduzem-nos a vista. O espectaculo é magnifico. É o espectaculo que devem gozar os aviadores pairando sobre a Cidade.

Os montes famosos como o Bico do Papagaio, a Gavea, o Corcovado, o Pão de Açucar parecem encolhidos, vexados,contentando-se apenas com serem notados pela curiosidade do observador colocado em tamanha altura.

O "Bico do Papagaio", ali-visinho, quasi rival do Pico da Tijuca, representa já 33 metros menos de altitude; a Gavea, ao S. está 178 m. abaixo; o Corcovado faz uma diferença de 316 metros, e mal mostra a cabeça por cima do morro da Formiga que tem 620 m. de altitude. O Pão de Açucar perfila-se a Sueste com seus 395 m. isto é, 625 abaixo do Pico de onde nos achamos observando tudo.

Espectaculo maravilhoso !

A custo arredamos o olhar do grande labirinto em que a Civilização transformou a selva dos tamoios — sonho cubiçoso dos intrepidos huguenotes, teatro ininterrupto do labor de colonizadores portugueses, scenario brilhante da actividade intelectual de brasileiros e estrangeiros, no Imperio e na Republica. Tres seculos e meio decorreram desde a charneca e a taba até essa infinidade de habitações construidas, esse arruamento nivelado e asfaltado, até a facilidade de comunicações que todos gozamos, e até o Progresso, a Instrução, a Higiene fisica e moral que fazem agradavel a vida no Rio deJaneiro. É a extraordinaria obra de tres seculos e meio que aí está a nossos pés, faiscando á luz do mesmissimo sol que dardejava nos alagadiços e rarefazia o ar nas malocas indigenas.

A custo arredamos o olhar da vasta planicie em que os montes parecem jardineiras decorativas, e os zimborios, e as cupulas e as torres dos templos pequenas iluminuras de um grande livro aberto ao pensamento.

Brilha radioso contornando a planicie o mar mediterraneo que é a Baía de Guanabara; e mancham-lhe o brilho, sem lhe prejudicar a beleza cerca de noventa ilhas verdejantes e de varias dimensões. A do Governador é a maior: E' a Paranapuan dos tamoios. O nosso olhar, desta altura, contorna-a inteiramente, percorrendo-lhe o litoral de 40 km. lineares. Lá, mais ao longe, está a poetica Paquetá (1095 m.²). Aproximadas da Cidade do Rio de Janeiro (Ocidente), e aproximadas do Estado do Rio de Janeiro (Oriente) outras ilhas se mostram; não se lhes divisam pormenores, mas umas são verdadeiros arsenaes, outras são dotadas de pitorescas vivendas.

Distingue-se no continente fronteiro a nesga edificada de Niteroi, tendo ao fundo a agua azul do Saco de S. Lourenço; abre-se, não distante, espaçosa e linda, a enseada de Icarahy, dando notavel destaque ao Pico, sobranceiro á fortaleza Santa Cruz. Alvejam por aí, alem, as arêas da Praia de Fóra, e outras do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, cujas montanhas mais altas nos limitam o horizonte, a Leste.

Se, insaciaveis de gozo, nos movemos no pinaculo da Tijuca, buscando novos quadros, olhando em redor, oferecem-se-nos do lado N. as planicies de Inhaúma e Irajá, zona rural do Municipio, com muitos nucleos de habitações, mas a maior superficie entregue á pequena lavoura; do lado ocidental cobrem larga extensão as florestas de Jacarépaguá e Guaratiba; ao lado S. brilham uns traços da lagôa Camorim, a grande distancia, e o vasto mar azul bordando o horizonte.

É este azul, realmente, a moldura constante do grande panorama que se observa do Pico da Tijuca, a 1020 m. de altitude: Azul do céu, azul da Guanabara, azul do Atlantico. Nos dias limpidos este azul tem nuanças encantadores, realçando a paisagem de onde quer que seja contemplada; mas não ha duvida em que o mais estupendo ponto de vista para admirar a grandeza, a originalidade e a beleza do Rio de Janeiro é esse mirante sumptuoso que a natureza oferece de graça aos excursionistas de todo o mundo.

* * *

Descendo do "Pico" pode-se mudar de caminho, sempre dentro da Floresta. E ha sempre que vêr de novo e de deslumbrante. Ora é uma beleza natural, um granito de forma caprichosa, ora um grupo de caules esguios entrelaçados de cipós que parecem cordoalha, ora uma obra d'Arte, uma gruta, um veio d'agua.

Na avenida Fr. Velozo encontra-se a "Cascata Argentina", mimoso sitio, de longe em longe visitado, mas sempre, ininterrupta-

mente belo, indiferente á indiferença humana, correspondendo só ás delicadezas daquele ambiente embalsamado por milhares de essencias diversas.

A "Gruta de Paulo e Virginia" é um altar no meio da Floresta.

As "Furnas de Agassiz" são de uma grandeza admiravel. Formidaveis pedras dispostas como nos antigos monumentos megalíticos ou como se um cataclismo arrojasse umas de encontro ás outras, sobrepondo-as, pertilando-as — deixam aqui passagem por onde transita o excursionista curioso, formam ali galerias onde somente penetra a luz difusa, acolá circundam áreas que o sol devassa, a pino. E o regato, ao lado, espumando e cantando . . . Brassavolas, bromelias, catleias, lianas flexuosas, e outras muitas delicadezas do reino vegetal enfeitam os interstícios das pedras, bordam as entradas das furnas, vicejam nas rugas do granito secular . . .

É um passeio deleitoso o passeio á Tijuca, ainda que exclusivamente emprendido para visitar as "Furnas de Agassiz".

A "Cascata Grande" é outra maravilhosa atracção, em que o olhar se entretem esquadrinhando topicos de filigrana ou abrangendo toda a grandeza do conjunto feerico.

A "Mesa do Imperador" é, efectivamente, uma antiga mesa de pedra que o Prefeito Passos em 1903 restaurou; cobre-a um gracioso caramanchão de onde pendem cestas com orquideas lindissimas. Deste logar vêem-se os morros que limitam Botafogo ao Sul; todo o bairro do Jardim Botanico aparece num plano 480 metros inferior. Ao longe, a Leste, as montanhas verde negras do Estado do Rio; ao longe, a Sueste, as planuras do mar imenso.

A "Vista Chineza", a 413 m. de altitude, é outro mirante de grande espectaculo. Fica num cotovelo da estrada que liga a Tijuca ao Jardim Botanico. Tem um chalé rustico para abrigo e descanso. Daí se estende o olhar por

UM ASPECTO DAS FURNAS DE AGASSIZ

uma vastidão tamanha que nunca o observador acaba de admirar: A' esquerda, em córte quasi vertical, o ponteagudo Corcovado, e uma nesga do bairro de Botafogo; lá, adeante, o conico Pão de Açucar. flanqueando a abertura da barra; aos pés o bairro da Gavea; na frente o Arpoador em cuja praia se desfaz em espuma o turbilhão incessante de ondas que rugem mas que se não ouvem. A' direita o vasto mar sem fim... a costa guinando para o Sul.

Este mixto maravilhoso de floresta densa e de quadros abertos sobre a Cidade, esta conjugação harmoniosa da natureza expontanea com as obras de Arte estudadas, um tal contraste de impressões torna sem par esta região magnifica, adorno esmeraldino da mais futurosa cidade da America. Por entremeio da serra, ao longo de estradas perfeitamente conservadas, esses pontos referidos são outros tantos passeios de magnifica formosura, saiutares, refrigerantes, servindo ao mesmo tempo de reparadores fisicos pela pureza de seus ares e excelencia de suas aguas, e de grande regalo para os sentidos pelo que oferecem de agradavel e encantador.

Está percorrida a Tijuca, numa só volta, em cinco horas, quando ela dá passeio para dias e dias, sempre sob novas impressões.

O regresso deve ser feito pela Gavea. A Administração Municipal 1903-06 mandou transformar o antigo e estreito caminho «Quebra Cangalhas», entre Tijuca e Jacarépaguá, numa estrada de rodagem sinuosa e larga com 3428 metros de comprimento. A volta por aí é remate soberbo para o soberbo passeio da Tijuca. As perspectivas sucedem-se sem se parecerem. Coleando a montanha, transitando sobre pontes, ora vendo o azul cambiante do mar, ora os verdes matizes da selva umbrosa, chega-se ao nivel da Lagoa Camorim que é comum a Jacarépaguá e á Gavea.

Aí começa a moderna Avenida Niemeyer, outro esplendor entre a Gavea e Leblon, extremo Sul de Copacabana.

* * *

RIO COMPRIDO é o nome que o povo antigamente deu a uma corrente de agua provinda de um contraforte do Corcovado. Rio Comprido cavou o seu leito de 4600 metros na direcção Sul Norte, e despejava-se no Mangue.

Estendeu-se o povoado ao longo do rio; e a Camara Municipal, em 1875, reconheceu o Bairro do Rio Comprido. As propriedades foram se valorizando, subdividindo-se as fazendinhas e as chacaras; hoje é um cruzamento de mais de quarenta ruas bem calçadas, inteiramente edificadas, e servidas por linhas de bondes: "Bispo", "Estrela", "Itapagipe", "Santa Alexandrina", "Itapirú" e Catumby".

Riachos afluentes do Rio Comprido, e aguas dos montes, ocasionavam enchentes danosas na estação das chuvas. Varios estudos se fizeram para combater o mal. O Prefeito Rivadavia Corrêa principiou desapropriações para rectificar e aprofundar o rio de modo a franquear a corrente das aguas quando se avolumassem. Quando Prefeito o Dr. Paulo Frontin essa obra foi, então, empreendida com presteza e vantagem para a estetica da Cidade. O rio corre, agora, encaixotado entre rampas gramadas, pelo meio de uma extensa avenida que tomou o nome de Paulo de Frontin.

Para tal melhoramento realizado em tres mezes foram escavados e removidos cerca de 60000 metros cubicos de terra, construidos mais de 3000 metros de muro de concreto, assentados 10000 metros de "meio fio" de granito, e plantadas 400 arvores de sombra.

A Avenida Paulo de Frontin, inaugurada em 23 de Julho de 1919, termina numa Praça, antigo Largo do Rio Comprido, que em homenagem ao ilustre Engenheiro, tomou o nome de Praça Condessa de Frontin.

ARRABALDES DO SUL

A fim de proseguir na excursão pelos arrabaldes do Rio de Janeiro, agora para o lado Sul, será de bom metodo volver ao centro da Cidade, mesmo porque não ha comunicação facil de Oeste para o Sul. O ponto de partida que se impõe é o Largo da Carioca, ainda não descrito.

Largo da Carioca

E' dos mais antigos logradouros da Cidade. Cronologicamente, é o segundo, sendo primeiro o que hoje se chama Praça 15 de Novembro. Já houve aí um Forte, encostado ao morro, voltado para a baía, defendendo o povoado das sempre temidas invasões estrangeiras; já houve aí um Cemiterio de escravos, por doação dos frades de Santo Antonio instalados no morro. Chamou-se, então, "Campo de Santo Antonio". Onde estivera o Forte, onde esteve depois o Cemiterio levantou-se em 1748 o Hospital da V. O. 3.ª de S. Francisco da Penitencia, e aí permaneceu até

1905, erguendo-se no mesmo logar o vasto edificio hoje existente, e cujo corpo central é ocupado pelo "Correio da Manhã".

Fronteiro a este acha-se o escritório d'«A Noite».

Em redor do Largo da Carioca ha umas vinte lojas com estabelecimentos comerciaes. O movimento de veículos e de peões é ininterrupto. O meio do Largo é ajardinado, e no meio do jardim, entre copados oitis, brilha á noite um lampadario.

Domina o Largo do lado Sul a pesada construção de um chafariz, substituto de outro bem mais elegante que trouxe o nome ao logar porque a agua corrente de suas torneiras era a famosa agua do rio Carioca.

Nasce este rio na Tijuca, acima das Paineiras. Tinham fama de excelentes as suas aguas. Rocha Pitta regista, como já vimos, a tradição de que as aguas do Carioca "davam vozes suaves aos musicos e mimosos carões ás damas". Esse nome — Carioca — apelida os naturaes da Cidade. Que quer dizer *Carioca?*

Ha explicações atribuidas a João de Lery, Monsenhor Pizarro, Conego Fernandes Pinheiro, Von Martius, Adolpho Varnhagen, em muitas parecendo que laborou a fantasia. Alfredo do Valle Cabral, estudioso funcionario que houve na Bibliotéca Nacional, optava pela conjectura de Lery, que é dos mais antigos escritores sobre cousas do Brasil, e admitia *Carioca* como originado de *kaa-ry-oq* — palavras tupis que significam "corrente saída do mato ou do monte".

Os capitães móres e governadores que se sucediam na administração da Cidade bem desejavam canalizar essa boa agua para o centro do povoado que dispunha somente de cacimbas; não tinham, porem, meios de empreender tão grande obra. Em 1672 o Governo da Metropole autorizou verba para esse fim; e em 1673 João da Silva e Souza, 32º Governador do Rio de Janeiro, deu principio ao encanamento do Carioca. Parece, entretanto, que se não fez de tal verba uma aplicação rigorosa, porquanto só em 1700, vinda lá do alto, costeando o morro em calha de telhas, chegou a agua a um ponto que hoje se pode indicar como principio da Ladeira de Santa Thereza e das ruas Riachuelo e Evaristo da Veiga. Aí se lançava em largo tanque. Daí, em barris, cantaros, potes e mais vasilhas, a criadagem transportava a linfa cristalina para as melhores casas da Cidade de dez mil habitantes.

Havia promessa de aproximar mais do centro a agua preciosa; mas foi necessario antes reparar todo o aqueduto até as origens; e sobrevieram as invasões francesas de 1710 e 1711 perturbando tudo. Por muitos anos quem quiz agua do Carioca mandou busca-la naquêle ponto que era tido por "muito distante" do comercio e residencias.

OS ARCOS DA CARIOCA

O 60º Governador, Ayres de Saldanha (1719-25) empreendeu levar a agua ao "Campo de Santo Antonio". Essa obra foi concluida em 1723. A presença do chafariz mudou, então, o nome ao local.

Em 1732 D. João V nomeou Governador do Rio de Janeiro o intrepido militar Gomes Freire de Andrade que depois foi Conde de Bobadella. Entre outros actos de sua brilhante administração Bobadella reformou completamente o longo aqueduto de 8 kilometros no morro de Santa Thereza, e estendeu-o deste morro ao de Santo Antonio por cima de uma alta arcaria que construiu com a maior solidez. Só então ficou definitiva e perfeitamente canalizada a agua, e inaugurado o chafariz da Carioca.

O chafariz de Ayres de Saldanha apresentava traços e ornatos caracteristicos do estilo barroco; lançava agua por 16 carrancas de bronze. Bobadella conservou-o. Em 1830, já no Imperio, foi demolido por apresentar ruina. Improvizou-se, então, um de madeira até ser construido o actual, sem beleza alguma, com 35 torneiras de bronze, e inaugurado em 7 de Abril de 1834. (136).

*

Por trás do chafariz da Carioca abria-se aladeirada uma passagem para o Convento e igrejas de Santo Antonio e de S. Francisco que lhe são contiguas. Parte dessa ladeira é agora leito da linha de bondes da Companhia Ferro Carril Carioca que aí tem a estação inicial de seu trafego para o morro de Santa Thereza, ao longo do antigo Aqueduto, até alcançar a E. F. do Corcovado, no Silvestre.

A Ferro Carril Carioca contorna por Leste o morro de Santo Antonio, a 30 metros de altura, e aproveita como viaduto entre os dois morros o Aqueduto levantado no seculo XVIII. Por lá andaremos.

A estação inicial desta linha de bondes tem o n.º 2 da rua 13 de Maio que começa no Largo da Carioca; e, logo, em seguida, vê-se o grande edificio da Imprensa Nacional, estilo gotico manoelino. (137).

No vestibulo desse edificio ha uma lapide com a seguinte legenda:

Sob o Reinado de S. M. o Senhor D. Pedro II foi começado este edificio a 26 de Agosto de 1874, sendo Ministro da Fazenda o Visconde do Rio Branco; continuado e concluido a 31 de Dezembro de 1877, sendo Ministro da Fazenda o Barão de Cotegipe. Plano e direcção do Engenheiro Dr. A. de Paula Freitas.

Aí se faz a maior parte das impressões oficiaes, inclusive o "Diario Official". Em 1911 houve neste edificio um incendio que quasi completamente devastou oficinas e arquivos.

A' Imprensa Nacional segue-se o velho Teatro Lirico onde na segunda metade do seculo XIX cantaram artistas da maior celebridade. Faz a esquina da rua Senador Dantas, e tem na sua frente o Lyceu de Artes e Oficios (n.º 1 da rua 13 de Maio), antiga instituição que gratuitamente dá ensino literario e artistico, e abre ao publico a sua bibliotéca; é oriunda da Sociedade Propagadora das Belas Artes, e mantida com subsidios oficiaes. (138).

Passeio Publico

Antes de nos utilizarmos de um bonde façamos a pé o pequeno trajecto da Carioca ao Passeio Publico. Podemos faze-lo por 13 de Maio (139) ou, melhor, por Senador Dantas. Aquela vae encontrar-se com a Avenida Rio Branco; esta, aberta em 1882, vae directa ao mais antigo jardim da Cidade.

Existe o Passeio Publico desde 1783. Projectou-o o Vice Rei Luiz de Vasconcellos, tendo em vista acabar com o Boqueirão da Ajuda, feio logar de despejos que infectava aquella beira-mar. Mandou, então, arrazar o Morro das Mangueiras que se elevava ali proximo, onde corre hoje a rua Maranguape (140); e, havendo com êle nivelado no Boqueirão uma area de 28196 m.², incumbio o Mestre Valentim (141) de aproveita-la com a sua graciosa habilidade de modo a oferecer ao publico um logradouro pitoresco e higienico.

E assim se fez.

Depois de por muitos anos ser ponto favorito de recreio e de refrigerio para os moradores da Cidade (142), depois de ter sido teatro de solenes festejos populares e oficiaes, o Passeio Publico entrou em decadencia, e chegou a verdadeiro abandono. Em 1817 tornou-se preciso amparar o terraço que desabaria solapado pelas ondas; e já se não restabeleceu tal qual era. Em 1841 foi o Passeio Publico submetido a reformas, recebendo nesta ultima data o lago e o canal que ainda hoje tomam 1825 m.² da sua superficie.

A area platada é de 17637 m.² Algumas arvores são da primeira época. Moderna é a fonte luminosa no meio do grande gramado central. Nas ruas do Passeio encontra-se a gente com vultos conhecidos: O poeta Gonçalves Dias (143), outro poeta, Castro Alves (144), e o jornalista Ferreira de Araujo, fino

comentador das Coisas Politicas na "Gazeta de Noticias" que fundou e dirigio até a morte. (145).

Desde 1904 ha no Passeio Publico um Aquario com plantas e animaes da baía do Rio de Janeiro. Das suas vinte piscinas quatorze, encerram, geralmente, peixes, e as outras zoofitos, crustaceos, moluscos e quelonios. Ao lado de cada piscina ha quadros com os nomes das especies á vista. Entre os zoofitos ha sempre exemplares de Gorgonias roseas, varias actinias, ouriços, estrelas do mar, e algas verdes em torno de cuja rama o cavalo marinho, *Hippocampus Guttulatus*, não raro passeia a sua interessante figura. Nas paredes das piscinas, e sobre as grutas que servem de retiro aos peixes proliferam colonias de briozoários, vermes tubicolos, ostentando seus penachos branquiaes e retracteis, e atestando a excelencia do meio artificial em que vivem.

O Aquario é um instrumento de ensino que o publico frequenta assiduamente, e por onde deve desfilar a mocidade das escolas ao familiarizar-se com os primeiros rudimentos da Historia Natural.

Da primitiva factura do jardim são as pirâmides de granito cobertas de hera, dedicadas por Valentim á "Saudade do Rio" e ao "Amor do Publico" — delicadezas do seu espirito afectuoso; assim como o tanque encostado ao terraço onde a agua ha quatorze decenios murmura, caindo das mandibulas de dois jacarés de bronze, tambem modelados pelo Mestre Valentim. No alto desse tanque, emergindo da folhagem que o reveste ainda se conserva em escudo de marmore o brazão heraldico do Capitão General de Mar e Terra Luiz de Vasconcellos e Souza.

UM ASPECTO DO PASSEIO PUBLICO

O terraço do Passeio Publico deixou de ser uma varanda sobre as ondas que se espreguiçavam na areia: Desde 1905 foi o mar dali afastado pela interposição da Avenida Beira-Mar. Em 1921-22 ainda maior aterro se lhe formou na frente; e, ao mesmo tempo que esquartejava o jardim, a Prefeitura levantava no lindo belvedere um edificio destinado a ser alugado para Casino!

Recordando o periodo da nossa Historia em que se fez o Passeio Publico ainda está de pé o Portão com as efigies de D. Maria I e de D. Pedro II num medalhão de bronze dourado, reverso do que ostenta o moderno escudo municipal. Não tem mais utilidade porque o

jardim é todo aberto, retirado o gradil em 1922. Em frente a essa antiga entrada inaugurara a Prefeitura no dia 1 de Março de 1913 o busto do Mestre Valentim. Bem podiam agora recuar as pilastras, arco e medalhão do portico invalido até onde está o busto: seria, ao menos, moldura contemporanea do Artista.

Lapa

O Largo da Lapa é contiguo ao Passeio Publico, do lado Sul. Intensissimo é aí o movimento de peões e veículos. Dá-lhe o nome a igreja que aí existe desde 1760, chamada Lapa do Desterro, e desde 1810 pertencente aos Carmelitas vindos do Convento do Largo do Paço. (146).

O Largo da Lapa não é de grandes dimensões. Comunica-se com a Avenida Rio Branco pela rua do Passeio; com a Avenida Beira-Mar, contornando o lado Sul do Passeio; com a Gloria, ao Sul, pela rua da Lapa; e com os bairros de Oeste pelas ruas Maranguape e Avenida Mem de Sá. Tem ao centro um lampadario erguido em 1905.

Sob o numero 98 da rua do Passeio, mas já no Largo da Lapa, está desde 1911 instalado o Instituto Nacional de Musica, fundado em 1841 pelo Maestro Francisco Manoel da Silva, inspirado autor do Hino Nacional. E' destinado a formar instrumentistas, cantores, professores de Musica, ministrando-lhes, além da instrução geral artistica, os meios praticos de se habilitarem á composição. (147).

O belo e amplo edificio do Instituto foi começado em 1913, e concluido em 1922 por diligencia do respectivo Director, Maestro Abdon Milanez, e apoio do Ministro do Interior, Dr. Alfredo Pinto.

UM ASPECTO DO LARGO DA GLORIA

Gloria

E' o nome de um bairro. E' o 7.º Distrito Municipal. Está ao Sul do Passeio Publico. Vem-lhe o nome da Ermida que desde 1671 se ergue num outeiro muito gracioso, 61 metros acima do nivel do mar.

Um devoto, Antonio Caminha, ergueu ali uma ermida a N.ª S.ª da Gloria quando o morro inteiro se cobria só de arvoredo. Em 1699 o Dr. Claudio Gurgel do Amaral que era proprietario do outeiro ofereceu-o á Irmandade da Gloria já então constituida; levantou-se, então, no outeiro nova igreja alvejando no maciço verde de vegetação que com mais altura se prolonga para Sueste.

A construção oitavada que agora se vê é de 1714.

E' linda a igreja, e linda a vista que de lá se goza. Quando a Cidade não tinha outras diversões o atrio da igreja da Gloria e o Passeio Publico eram igualmente escolhidos para recreios e pique-niques — preferido o outeiro em noites de luar.

A festividade religiosa em homenagem á Virgem efectuava-se com toda a pompa no dia 15 de Agosto de cada ano; nunca lhe faltaram com a sua assistencia os vice reis e maioraes da Cidade; era data de jubilo popular a festa da Gloria.

A Familia Imperial teve especial predilecção por esta igreja, sendo levados ao altar da Virgem os principes, assim que nasciam.

O RELOGIO DA GLORIA

Com um mez e dias lá foi apresentada e batizada, em 1819, a Princeza D. Maria da Gloria Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Michaela Raphaela Gonzaga, filha do Principe D. Pedro, neta de D. João VI. Quando já era Imperador o mes-

O MONUMENTO DO 4.º CENTENARIO

mo D. Pedro levou ao altar da Gloria o Principe que depois foi D. Pedro II. Este, em 5 de Abril de 1845, levou nos braços e colocou sobre o altar o Principe D. Afonso, seu primeiro filho. O segundo Imperador assistio ali ao *Te Deum* da Maioridade. Todos os membros da Familia Imperial ouviam ali Missa, e ofereciam á igreja ricas alfaias.

O tesouro da igreja ainda é de grande valia. A festa é que já não tem a irradiação de outros tempos. (148).

O centro principal do pequeno bairro é o Largo da Gloria, aberto em 1858, no nivel; está hoje a 650 metros do Passeio Publico, pela Avenida Beira-Mar.

São quasi paralelas e convergem no Largo da Gloria a Avenida Beira-Mar e a rua da Gloria, esta prolongamento da rua da Lapa.

A rua da Gloria corre em plano superior ao da Avenida; o paredão que a sustenta é, desde 1904, guarnecido por uma balaustrada formando parapeito; é a mesma balaustrada que até então circundava o jardim da Praça Tiradentes. No extremo Sul dessa balaustrada foi posta uma elegante coluna de 7 metros e

50 centimetros, com um relogio Krüssman de quatro mostradores luminosos.

Na rua da Gloria destaca-se o edificio da Escola "Deodoro". Sob o n.º 36 está o Escritório principal da *Leopoldina Railway*.

MONUM. DO 4.º CENTENARIO
FIGURA DE CABRAL

O Largo da Gloria na base NO. do outeiro, mede 20.000 m². Demolido em 1903, um velho Mercado que aí existio por muitos anos sem utilidade, mandou o Prefeito Passos fazer em seu logar um belo jardim. Ha nesta praça dois monumentos e uma fonte artistica.

O Monumento do Centenario, inaugurado em 1900, é do Prof. Rodolpho Bernardelli que o projectou e executou por encomenda da Associação do 4.º Centenario do Descobrimento do Brasil; está sobre pedestal granitico de 4, metros de altura; consta de um grupo de bronze: — Pedro Alvares Cabral, Comandante da Frota que aportou ao Brasil em 1500, tomando posse da terra para a Corôa de Portugal — Pero Vaz de Caminha, Escrivão da Frota, e cuja carta narrativa é a primeira pagina da Historia do Brasil. — Frei Henrique de Coimbra, Capelão da Frota, celebrante da 1.ª Missa na terra descoberta. A altura total do monumento é de 10 metros.

A curta distancia vê-se a estatua do Visconde do Rio Branco. E' do Escultor francês Charpentier que a modelou e fundio. O grande estadista, parlamentar e diplomata está representado com o uniforme de Senador do Imperio. Sentado, descansa o braço direito em dois livros que estão sobre uma pequena coluna: *A Convenção de 20 de Fevereiro e Colecção de Leis do Brasil*—1871. Encostada aos pés da cadeira está uma pasta com o distico "Presidencia do Conselho de Ministros".

Na frente do pedestal que é de pedra de Beloye (Jura) sobre base de granito brasileiro, ha, em bronze de outra liga, uma figura de mulher simbolizando a Historia que tem escrito numa taboa as palavras de Tacito: *Autoritate constantia fama inquantam proeumbrante imperatoris fastigio datus clarus;* e está em atitude de ler o que acaba de escrever.

Inaugurado em 13 de Maio de 1902, re-

MONUM. DO 4.º CENTENARIO
FIGURA DE CAMINHA

corda este monumento a obra do Diplomata, em 1865, e a do Parlamentar que consagrou á Abolição uma grande parte da sua energia civica, defendendo o Projecto de Lei que apresentara como Ministro de Estado, e que, pro-

mulgada em 28 de Setembro de 1871, declarou livres os filhos de mulher escrava.

A Fonte Artistica foi oferecida á Cidade do Rio de Janeiro pelos industriaes portuenses Srs. Adriano Ramos Pinto & Irmão.

Porque estivesse ocupado com outras obras o escultor portuense, Teixeira Lopes, com quem contavam, recorreram os ofertantes ao *Salon* de Paris (1904), e optaram por uma *maquette* do Escultor parisiense Eugéne Thivier. Adquirido em Guarcetta, Italia, um bloco de marmore de 37 toneladas, o cinzel do Artista empregou nove mezes em franjar de estalactites o enrocamento de uma cascata piramidal, e em fazer resaltar das anfractuosidades que cavou tres fortes vultos femininos em posições diversas e gestos graciosos. No apice da piramide ha um cupido cujo rosto encantador fica á altura de 7 metros do plano do jardim. Ao Arquitecto Baulain coube o trabalho

MONUM. DO 4.º CENTENARIO
FR. HENRIQUE

de adaptar a formosa composição de Thivier ás condições de fonte.

Um membro da Firma ofertante, e um especialista da confiança do Escultor, vieram ao Rio de Janeiro colocar neste logar o belo mimo que atesta a amizade luso-brasileira — solidariedade na dôr, solidariedade na alegria, solidariedade até nas reformas e embelezamento da Capital da Republica.

A inauguração da Fonte Artistica realizou-se no dia 24 de Fevereiro de 1906, perante

FONTE, NO JARDIM DA GLORIA

o Chefe do Estado, o Prefeito Municipal, Ministros, Professores, Magistrados, Militares e grande multidão.

*

No Largo da Gloria, formando uma esquina da rua Benjamin Constant, está o Palacio "S. Joaquim", construido em 1913, para residencia do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

O terreno mede 76 metros pela rua da Gloria, onde se abre o portão principal sob o n.º 106, e mede 92 metros pela rua Benjamin Constant, guardando a forma trapezoidal. Aí esteve, no Imperio, a Secretaria de Estrangeiros. O risco do palacio é do Arquitecto Heitor de Mello. Custou cerca de mil contos.

Catête

A rua do Catête é, tambem, das mais antigas da Cidade.

Começa no Largo da Gloria, metendo-se entre ela e a Avenida Beira-Mar o outeiro da Gloria, matizado de habitações. A rua do Catête é sinuosa, larga, asfaltada, bem edificada e de grande trafego. Correm por ela os bondes e mais veículos que se dirigem a Laranjeiras, Gavea, Copacabana ou desses pontos para o centro de comercio.

Ruas transversaes dão para a Avenida Beira-mar (Leste) e para os morros de Santa Thereza e Nova Cintra (Oeste).

Sob o n.º 2 está o Asilo "S. Cornelio" de que trato adeante.

Na rua Santo Amaro que principia entre os ns. 22 e 26 da rua do Catête acham-se os edificios hospitalares da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, Estabelecimento notavel.

Fundou-o em 1840 o espirito de Caridade da colonia portuguesa. O Ministro de S. M. Fidelissima a Rainha D. Maria II, o Consul, o Vice Consul de Portugal, comerciantes de prestigio empenharam-se na iniciativa. Distinguio-se nesse esforço o negociante Hermenegildo Antonio Pinto, generoso, infatigavel, promovendo subscrições, acudindo com socorros aos infelizes acossados pelas epidemias, e sempre alentando a projectada construção do Hospital. Só em 1854 foi possivel comprar terreno de 70 x 80 metros, na rua Santo Amaro; mas, pago o terreno, não havia dinheiro para a obra! O carinho já manifestado pela Sociedade aos compatriotas indigentes que adoeciam já lhe conquistara simpatias geraes. O grande actor brasileiro João Caetano oferecera-lhe o beneficio de 12 espectaculos, mas sómente poude realizar tres por causa do 2.º incendio do Theatro S. Pedro de Alcantara. Outras empresas de diversões se interessaram pela Sociedade Portuguesa de Beneficencia. Afinal lançou-se a primeira pedra do Hospital em 19 de Dezembro de 1853. Vencidas todas as dificuldades foi solenemente inaugurado o edificio em 16 de Setembro de 1858; e está franqueado aos socios enfermos desde 7 de Janeiro de 1859. (149).

Na esquina das ruas do Catête e Silveira Martins a Prefeitura construiu em 1904 a Escola "Rodrigues Alves".

A seguir está o Palacio da Presidencia, antigo solar dos barões de Nova Friburgo, construido em 1862, e proprio nacional desde 1896 para residencia do Chefe do Estado. Já nêle residiram como presidentes da Republica os seguintes cidadãos:

Manoel Victorino Pereira (Vice Presidente) e Prudente José de Moraes e Barros (2.º Presidente) de 1894 a 1898;

Manoel Ferraz de Campos Salles (3.º Presidente) 1898 a 1902;

Francisco de Paula Rodrigues Alves (4.º Presidente) 1902 a 1906;

Affonso Augusto Moreira Penna (5.º Presidente) 1906 a 1909, e Nilo Peçanha (Vice Presidente) 1909 a 1910;

Hermes Rodrigues da Fonseca (6.º Presidente) 1910 a 1914;

Wenceslau Braz Pereira Gomes (7.º Presidente) 1914 a 1918;

PALACIO DO GOVERNO

Delfim Ribeiro da Costa Moreira (Vice Presidente) 1918 a 1919, e Epitacio da Silva Pessoa (8.º Presidente) 1919 a 1922.

Dr. Arthur Bernardes (9.º Presidente) desde 15 de Novembro de 1922.

No 1º pavimento do Palacio faz-se todo o expediente de Secretaria e audiencias publicas. No 2.º pavimento ha salões de estilos pompeiano, veneziano e mourisco, destinados a solenes recepções, banquetes, etc.; o terceiro pavimento é dos aposentos particulares do Presidente em exercicio. (150).

Dos fundos do Palacio até a Avenida Beira-Mar, numa extensão de 250 metros, corre um belo parque de largas ruas e guarnecido de moitas, gramados, canteiros floridos, esculturas, fontes, lagos, repuxos, e alto mirante, no extremo, para um lance d'olhos sobre a baía,

*

Sob o n.º 237 da rua do Catête está o Instituto Vacinico Municipal, fundado pelo Dr. Pedro Affonso Franco, iniciador da cultura da vacina animal no Brasil. Tem a seu cargo a cultura da linfa antivariolica que fornece aos medicos do Distrito Federal e ás autoridades sanitarias dos Estados que a requisitem. Importava do Instituto Pasteur de Paris, e distribuia, tambem, o sôro anti-difterico de Roux.

Sob o n.º 243 está a Faculdade de Direito pertencente á Universidade do Rio de Janeiro. E' seu director o Conde de Affonso Celso.

*

Praça Duque de Caxias

Entre os ns. 288 e 296 da rua do Catête abre-se para o lado ocidental a Praça Duque de Caxias.

MATRIZ DA GLORIA

O seculo XVIII ainda deixou aí um pantano. Quando aterraram o pantano já existiam do lado do Nascente um predio e um açougue de cujo proprietario o apelido — Machado — ficou servindo para designar o local, e ainda hoje não está esquecido. "Açougue do Machado", Campo do Machado", "Largo do Machado", precederam a denominação actual —

ESTATUA DO DUQUE DE CAXIAS

homenagem ao prestigioso militar que dirigio a vitória das armas do Brasil na guerra contra o Ditador do Paraguay.

Em 1810 foi demarcado e alinhado o quadrilatero com uma superficie de 15269 m.², enfileirando-se nos dois lados, Norte e Sul, construções de modesta arquitectura.

Em 1872 concluia-se a igreja paroquial que ai se vê entre as ruas Laranjeiras e Carvalho de Sá. Nesse mesmo ano fez-se o ajardinamento do meio da praça: 7050 m.² limitados então por um gradil que foi retirado em 1903.

Em 1875, do lado N., entre as ruas Catête e Bento Lisboa, inaugurou-se, já como Escola Municipal, o belo edificio em que está funcionando a Escola Modelo "José de Alencar" (151). Em 1899 foi solenemente inaugurada no centro da praça a estatua equestre do Duque de Caxias, bronze magnifico do Prof. Rodolpho Bernardelli.

O elegante monumento eleva-se a 9 metros acima do nivel do sólo. Feito com o produto de uma subscripção publica, recorda o valor politico e militar de Luiz Alves de Lima

e Silva, nascido em 25 de Agosto de 1803, praça aos 5 anos por graça especial; Alferes aos 15. Em 1821, com o curso da Real Academia Militar, foi promovido a Tenente, posto em que dois anos depois já tomou parte na campanha da Independencia. Passou a existencia em sucessivas comissões de responsabilidade militar, dentro e fóra do paiz, obtendo sempre triunfos. Chegou uma epoca em que a sua espada era garantia do Trono e da Familia Imperial. O povo admirava-o, o Monarca distinguia-o. Senador desde 1845. Comandou em chefe os exercitos de tres nações aliadas contra o tirano do Paraguay. Foi tres vezes Ministro da Guerra, sendo na ultima Presidente do Conselho. Grande cidadão. Faleceu em 7 de Maio de 1880 (152).

Na Praça Duque de Caxias começa a rua das Laranjeiras, extensa, sinuosa, com alguns trechos bem largos, toda edificada, e com formosas vivendas no meio de pomares (153). Nessa rua merece menção a "Maternidade", estabelecimento oficial de assistencia ás mulheres gravidas até final delivramento; fundada em 1904, mantem-se irrepreensivel como instalação, e inexcedivel em benemerencia. Adeante, sob o n.º 232 está o "Instituto dos Surdos Mudos", fundado em 1857 para instrução literaria e profissional. Digna tambem de nota é a Fabrica "Alliança" de tecidos de algodão, com sua vila operaria. Em prolongamento á rua das Laranjeiras segue-se a rua Senador Octaviano; e lá, sob o n.º 151, achase a estação inicial da Estrada de Ferro Corcovado, de que nos utilizaremos.

Praça José Alencar

Finda nesta praça a rua do Catête, com o comprimento de 1375 metros desde o Largo da Gloria.

A Praça José de Alencar está nivelada sobre um trecho do rio Catête, Carioca ou das Caboclas (o mesmo rio das Laranjeiras a que se refere Mrs. Maria Graham). Até 1850 houve aí uma ponte construida por uma empresa que cobrava pedagio, por isso largos anos se chamou ao logar "Ponte do Catête"; depois "Largo do Catête", até 1897 em que nêle se ergueu a estatua de José de Alencar.

José Martiniano de Alencar nasceu no Ceará a 1 de Maio de 1829. Faleceu no Rio de Janeiro em 1877. Foi jornalista, politico, romancista e dramaturgo. Exerceu, tambem, o Magisterio como lente de Direito Mercantil no Instituto Comercial. Foi varias vezes Deputado á Assembléa Geral Legislativa, e Ministro da Justiça no Gabinete 16 de Julho de 1868. A sua obra romantica conserva-lhe o nome na memoria das gerações, e deu razão para este monumento que o Escultor Bernardelli modelou e fundio. A figura representativa do ilustre brasileiro está sentada numa poltrona; e o pedestal oferece quatro faces onde foram embutidos baixo-relevos do mesmo artista representando scenas do *Guarany, Sertanejo, Iracema e Gaucho* — creações do romancista.

ESTATUA DE JOSÉ DE ALENCAR

*

Desta praça irradiam quatro ruas, sem contar a do Catête: Barão do Flamengo que vae encontrar a Avenida Beira-mar; Senador Vergueiro e Marquez de Abrantes que dão na mesma Avenida em Botafogo; e Conde de Baependy que corre em direcção oposta á Barão do Flamengo.

Nas ruas Senador Vergueiro e Marquez de Abrantes, asfaltadas ambas, nada ha de notavel: Pitorescas residencias, bem cuidados jardins, e um grande trafego de veículos. Por elas passam os bondes da Praia Vermelha, Leme, Ipanema, Humaytá, Largo dos Leões, Jardim-Leblon e Gavea, que cruzam Botafogo. Prefiramos, porém, chegar a este bairro percorrendo a Avenida Beira-mar.

Avenida Beira-mar.

Saindo da Avenida Rio Branco ou vindo do Pharoux, eis-nos deslizando, em automovel, por essa via luminosa, contorno gracil dos arrabaldes do Sul.

ESTATUA DO ALMIRANTE BARROSO

. A' esquerda sempre o mar; o mar mediterraneo que iludio os primeiros navegadores, parecendo-lhes um rio; o mar, braço enorme do Atlantico, envolvendo num eterno amplexo a cidade mais garrida dos tropicos americanos.

A Avenida que vamos percorrer põe limite ao mar e põe limite á terra. E' uma orla transitavel que separa duas imensidades. Foi construida em 21 mezes, contados desde Janeiro de 1905. Vamos percorre-la devagar. São 5200 metros desde a Avenida Rio Branco até Botafogo

Deixando á direita o Passeio Publico logo se nos depara a estatua de Teixeira de Freitas, em frente ao Syllogêu Brasileiro (154).

Augusto Teixeira de Freitas nasceu na Bahia, a 19 de Agosto de 1816. Foi grande cultor das letras juridicas, tratadista abalizado. Faleceu em Niteroi a 12 de Dezembro de 1883. A sua estatua foi inaugurada no Largo de S. Domingos (Avenida Passos) a 8 de Agosto de 1905, e trasladada para a Avenida Beira-mar em 20 de Março de 1910.

Seguem-se a Balaustrada da Gloria, o Relogio, o Jardim com um airoso pavilhão para musica. O Outeiro verde esmaltado de construções realça a paisagem. Dilata-se a Avenida numa planicie relvada. Estreita-se a Avenida entre o mar e uma ponta de pedra que é aba do morro. Aqui a Prefeitura, em 1908, aproveitou muito bem ligeiro acidente de nivel para uma obra ornamental comemorativa da abertura dos portos do Brasil, em 28 de Janeiro de 1808. (155).

Sobre a rocha, em 1921-22, o bom gosto, a coragem e a Engenharia, associados, levantaram um hotel de excepcional posição.

Arborizada sempre; ás vezes com 70 metros de largura, nunca menos de 33; sempre com duas vias para carruagens e uma terceira, entre elas, para cavaleiros; sempre adornada com grupos de folhagem, com vasos artisticos, com esculturas em marmore, com esbeltas palmeiras virentes, segue a Avenida orlando a terra, orlando o mar, oferecendo, de espaço a espaço, assento aos transeuntes para que se demorem a contemplar o scenario de esplendores.

Domina, de repente, o transeunte a estatua de Barroso, Barão do Amazonas, o legendario marinheiro — Nelson sul-americano — heroe sagrado na Batalha do Riachuelo.

Francisco Manoel Barroso da Silva, nasceu em Lisboa a 29 de Setembro de 1804. Vindo com sua familia para o Rio de Janeiro, aqui se achava estudando na Academia dos Guarda-marinhas quando se proclamou a Independencia; aqui ficou; e a 7 de Abril de 1824, com a Academia, jurou servir o Brasil. Não jurou em vão. Realmente, foi um marinheiro brioso e laborioso. Tomou parte em muitas acções militares, e exerceu o 2º. comando da Academia de Marinha. Em 11 de Junho de 1865 foi heroe vitorioso no Rio Paraná, frente a Riachuelo: De bordo da Fragata *Amazonas,* comandando em chefe a esquadra brasileira, derrotou completamente a inimiga que lhe era superior em forças. O Imperador deu-lhe então, o titulo de Barão com Grandeza. Faleceu em Montevidéo no ano 1879. Os seus ossos foram trazidos para o Rio em 1908, e colocados na cripta deste mo-

numento inaugurado a 11 deJunho do mesmo ano.

Sobre uma coluna de granito, alta de 8 metros, está de pé o Almirante, na atitude em que a Historia o surpreendeu sobre o passadiço da *Amazonas*. No pedestal estão figurados atributos de marinha; e, em medalhões do mesmo bronze, as efigies de comandados seus, valentes defensores do pendão auri-verde na mesma jornada belicosa. A obra de Arte é do Escultor Corrêa de Sá.

*

Avançando, achamo-nos, depois de uma curva suave, entre o Parque do Palacio do Governo e um trecho de ponte construido para serviço do Presidente.

Do outro lado da baía o inalteravel aspecto dos montes orientaes que já os tamoios viram assim, de irregulares contornos, verdes de um mesmo tom, sobrepostos e contrapostos, a limitar o horizonte. A distancia não deixa perceber o recorte das formosas enseadas; mas avista-se bem a fita alvacenta das praias que bordam aquêle litoral.

A Fortaleza de Santa Cruz, longe, no extremo Sul desses montes aglomerados a Leste, assinala a Barra; outros montes continuam barra fóra o relevo da costa. Outros fortes se divizam ainda. O olhar perde-se no Oceano, onde, não raro, um toque de fumaça marca a posição longinqua de um imperceptivel transatlantico.

Avançándo pela Avenida Beira-mar, gozando o que nela se vê e o que dela se vê, notamos que a Peninsula de S. João, como se corresse para Leste, nos fecha a Barra á vista, e tira-nos a perspectiva do mar imenso. A mole do Pão de Açucar (395 metros) domina, então, o scenario com seu contraforte granitico da Urca (224 metros). O morro da Viuva (77 metros) tapa a nossos olhos a Enseada de Botafogo. (156).

Bifurca-se aqui a Avenida Beira-mar. O Prefeito Passos não se afoitara a contornar o morro de granito: Em vez da curva convexa preferio uma corda, uma recta de 220 metros NE-SO — a Avenida Oswaldo Cruz, — ligando Flamengo a Botafogo. Dezeseis anos depois, em 1921-22, o Prefeito Carlos Sampaio resolveu proseguir na beira-mar, contornando o morro com uma bela curva de 759 metros, e oferecendo novos encantos aos que passeiam pelo Rio de Janeiro.

Quando se bifurca a Avenida ergue-se graciosa e potente, gesto audaz, talhe magnifico, a estatua de Cuhautemoc, mexicano padrão de heroismo, bronze admiravel, oferecido pelo Governo do Mexico ao celebrar-se o 1.º Centenario da Independencia Politica do Brasil. Foi ali inaugurado este monumento em 16 de Setembro de 1922.

*

Na Avenida Oswaldo Cruz destaca-se a residencia Martinelli, nome de um industrial de nossa praça que ali empregou grande capital. Nessa mesma Avenida funciona desde 6 de Dezembro de 1907, a Escola Barth, memoria de um comerciante grato ao Rio de Janeiro.

Alberto Barth nasceu a 6 de Dezembro de 1840, na cidade suissa Stein, sobre o Rheno, onde se instruio. Praticou em Paris no comercio de fazendas, e de lá veio, em 1860, como empregado de uma casa de que depois foi aqui socio e gerente. Era de grande capacidade intelectual, activo e probo. Realizou fortuna. Em principio de 1906 encerrou os seus negocios, e foi para a sua terra natal onde faleceu a 27 de Outubro. Já tinha feito apreciavel donativo para o Hospital de Crianças de que dou noticia mais adeante. Em testamento legou á Municipalidade do Rio de Janeiro 150.000 francos destinados á construção de um edificio proprio para escola. O Prefeito Passos empregou o legado neste edificio que importou em 122:608$000, e, imortalizando o doador, mandou escrever na frontaria "Escola Barth".

*

A curva da Avenida contornante do morro é logar formosissimo; o scenario é magestoso, e o descortino amplo, desde o seio da Enseada de Botafogo até o interior da baía, até a Serra dos Orgãos.

O colossal Pão de Açucar amesquinha tudo ali, em redor. Admira-se a ousadia do carro aereo que o atinge deslizando entre o céo e a terra, espelhando-se na claridade do mar. Rebrilha ao Sol o casario da vila na Fortaleza de S. João. Parece de um lago a vasta superficie liza das aguas; se as encrespa um sudoeste nada perde o espectaculo, novos coloridos se oferecem, e novos efeitos de luz. O olhar oscila entre o concavo da Enseada de Botafogo e a amplidão da baía de Guanabara. Ao Sul, e do outro lado da Enseada, avultam a Faculdade de Medicina, o Ministerio da Agricultura, o Instituto Benjamin Constant, o Hospital de Alienados; ao Norte, e pela baía dentro, avistam-se ao longe a Esplanada da Exposição, Villegagnon, a Ilha Fiscal, uma floresta de mastros,

e a Serra dos Orgãos. Passam perto enormes transatlanticos e barcos veleiros, lanchas a vapor, canôas de pesca e frageis embarcações de regatas. A brisa beneficia o ambiente, acaricia-nos a pele; o silencio é sedativo dos nervos. Goza-se aqui uma hora feliz, agradecendo a Deus tanta beleza, e louvando os homens pelo talento de aproveitá-la.

Botafogo

Estamos na Enseada de Botafogo. ([157]). Dir-se-ia que desembocamos num lago. Circundam-nos, em amfiteatro, as montanhas cobertas de vegetação. Numerosas vivendas bordam, á distancia, a linha da Enseada. Entre as casas e o parapeito da Avenida estendem-se, curvilineos, a rua antiga asfaltada em 1913, os passeios cimentados, os verdes gramados, e tres caminhos paralelos, dois para veiculos e um para cavaleiros, tudo obra de 1906.

A Arquitectura nesta parte da Avenida contornante da Enseada não oferece, ainda, o aspecto que oferecerá, naturalmente, quando se tiverem reformado todas as velhas contruções. Vale-nos, por ora, a pompa do scenario em que a mão da natureza modelou maravilhas.

Subindo ao Morro da Viuva, 77 metros de altitude, séde de um Reservatorio para seis milhões de litros de agua, domina-se o panorama: Ao Ocidente o Corcovado (704 metros), ao Oriente o Pão de Açucar (395 metros); entre os dois, lá, de Leste para Sul, a Babilonia (239 metros) e outros morros sucessivos que nos ocultam o Oceano; e, ao longe, ao Sul, truncada, escalvada, a pedra inacessivel que tem o nome de Gavea (841 metros).

Botafogo é um dos muitos vales por onde a Cidade se infiltra e se alastra. Foi bacia dos rios Berquó e Banana Podre, hoje canalizados; fez-se nivel, demoradamente, por aterros que, afinal, foram reduzindo o ambito da Enseada. O bairro é limitado ao N. pelos morros Mundo Novo e Viuva, a Leste pela Enseada; ao Sul pelos morros que separam Botafogo de Copacabana; a Oeste pela garganta da Piassava e o maciço do Corcovado. Da Avenida Beira-mar ao Alto da Piassava (L. O.) mede 2240 metros; pela rua Real Grandeza (N. S.) mede 1500 metros. Segundo o *Annuario de Estatistica Municipal* a area de Botafogo está avaliada em metros quadrados 4.092.000.

Aqui onde nos achamos, destacam-se o matiz das edificações, o mosaico dos jardins a quadrupla via arborizada; e scintilam as aguas da Enseada ás vezes frizadas por embarcações de recreio. Para Sul e Oeste, até

ENSEADA DE BOTAFOGO. VISTA DO MORRO DA VIUVA

o sopé das montanhas, e, ás vezes, escalando-as afoitamente, segue o compacto das habitações, abrigando nada menos de quarenta mil habitantes.

No encontro da Avenida Beira-mar com o prolongamento da Avenida Oswaldo Cruz está o busto, em bronze, do Almirante Marquez de Tamandaré — Joaquim Marques Lisboa, que nasceu no Rio Grande do Sul em 13 de Dezembro de 1807, e faleceu nesta Capital em 20 de Março de 1897. Foi Grande do Imperio, exemplar de nobreza, vulto respeitavel da nossa Marinha de Guerra. A iniciativa do monumento foi do Club Naval; a escultura é de Benevenuto Berna.

OUTRO ASPECTO DA ENSEADA DE BOTAFOGO

*

Pouco adeante, entre moitas de verdura, e voltado para uma clareira, ha um teatrinho, *Guignol*, que faz a delicia da criançada nas tardes estivaes.

Antes que se apague da memoria de todos seja dito que na esquina da rua Marquez de Abrantes (lado impar) existio um palacete construido para residencia de verão (1815-21) da Rainha Carlota Joaquina, esposa de D. João VI. O terreno (2000 m²) custara, então, 200$000; por morte de D. Pedro I, a quem couberam palacete e terreno, tudo foi vendido por 47:000$000 ao estadista e diplomata Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquez de Abrantes, que o habitou até falecer, em 1865, vindo depois a pertencer ao Barão do Catête e Visconde de Silva que casara com a Marqueza viuva. Já pertencia a herdeiros do Visconde quando foi demolido, em 1919, e dividida a propriedade do terreno. (158).

*

Sobre os gramados encontram-se obras de Arte, em marmore, lindas, como a Poesia das Ruinas, de J. Magrou. Sobre o mar debruça-se, lá adeante, um varandim de ferro que o Prefeito Passos mandou construir para acomodação dos espectadores de regatas e de outros divertimentos que se realizam na Enseada.

A arborização de oitís copa de verde as longas aleias da bela Avenida.

Um busto do Prefeito Passos, esculturado e fundido pelo Prof. Bernardelli, aí se vê no meio de banquetas floridas. Foi inaugurado em 1 de Agosto de 1916, a expensas do Sr. Antonio Ribeiro Seabra, do Comercio desta Praça.

E' notavel o facto de haver na Cidade tres bustos do saudoso Prefeito: um na area central do edificio da Prefeitura, aí levantado por iniciativa dos funcionarios municipaes; outro á porta de um estabelecimento comercial da rua 1.º de Março, homenagem dos respectivos proprietarios ao venerando cidadão que tanto bem fez á Cidade; este, de Botafogo, ainda de origem particular, está no ponto em que a 15 de Novembro de 1906, quando o Dr. Passos deixava a Prefeitura, se lançou a Pedra fundamental do monumento que a Cidade lhe devia. Ele assistio á solenidade, e assinou a Acta que então se lavrou; oficialmente, porém, nada mais se fez!

Vêm ter a esta concavidade da Avenida Beira-mar as ruas Senador Vergueiro e Marquez de Abrantes; a rua Farani que dá para uma pequena rêde de edificações e comunica Botafogo com Laranjeiras; as ruas Marquez de Olinda e D. Carlota que terminam nas ruas Assunção e Bambina; e as ruas S. Clemente, Voluntarios da Patria e Passagem, grandes arterias do populoso bairro.

*

Proseguindo na Avenida passa-se pelo Pavilhão Mourisco, construido pela Municipalidade, e pelas sédes dos clubs de regatas "Botafogo" e "Guanabara"; flanqueia-se a Pedreira do Pasmado que tem recuado desde a beira-mar, dando passagem a veiculos, e já dando espaço para construções. Aí se está levantando a nova séde da Policlinica de Botafogo. (159). Logo em seguida é a Praia da Saudade.

O primeiro grande edificio que se vê é o Hospital de Alienados, fundado em 1841, inaugurado em 1852,e que ocupa 140000 m². de chão, com uma fachada de 200 metros. No corpo central do pavimento inferior observa-se a Ordem Dorica, tal como se vê no Teatro Marcélo, de Roma: o pavimento superior, na Ordem Jonica, é reprodução do tempo de Minerva Poliada, na Grecia.

EXTERIOR DO EDIFICIO DA FACULDADE DE MEDICINA

A organização e funcionamento deste Hospital sempre mereceram o elogio de alienistas notaveis que o têm visitado.

Com o nome de "Hospicio D. Pedro II" pertenceu á Irmandade da Santa Casa da Misericordia até 1890, quando se lhe anexou a Colonia de Alienados da Ilha do Governador. Em 1911 foram separados os sexos, ficando os homens na ilha; e com as mulheres se constituio nova colonia que foi higienica e amplamente instalada no Engenho de Dentro. O conjunto destes tres estabelecimentos que abrigam mais de 2000 individuos forma a Assistencia Medico Legal de Alienados, de que é Director o ilustre psiquiatra Dr. Juliano Moreira.

*

Depois vê-se o Instituto Benjamin Constant, fundado em 1853 destinado á educação dos cegos. O terreno de 2216 m². foi oferecido por D. Pedro II; só uma parte do edificio está concluida. O titulo que ostenta é de um antigo professor do Estabelecimento, depois seu Director — General Benjamin Constant, um dos fundadores da Republica.

A matricula é de 130 individuos, compreendendo ambos os sexos. A assistencia aos cegos é aí a mais perfeita, havendo aulas e oficinas em que se lhes cultiva a inteligencia e se lhes estimulam as aptidões; ao mesmo tempo que se lhes proporcionam divertimentos compensadores do seu infortunio. Dirige este Estabelecimento o Dr. Mello Mattos.

O Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio, creado em 1910, acha-se em magestoso edificio que ha muitos anos se principiara para Universidade, e que, em 1908, se concluio para a Exposição Nacional. Aí funcionam as directorias do Serviço Geologico e Mineralogico, Inspecção e Fomento Agricolas, Protecção aos Indios, Postos Zootecnicos, Patronatos Agricolas, Povoamento do Solo, Estatistica, etc.

*

O outro grande edificio é a Faculdade de Medicina, parte integrante da Universidade do Rio de Janeiro fundada em 1920. Tem historia já bem longa este estabelecimento de ensino medico.

AREA CENTRAL DA FACULDADE DE MEDICINA

Quando o Capitão General de Mar e Terra Luiz de Vanconcellos e Souza assumio em 1779 as funções de Vice Rei do Brasil observou e comunicou logo á Metropole que no Rio de Janeiro havia apenas quatro medicos para uma população de 30.000 habitantes. O Governo autorizou-o, então, a entender-se com a Municipalidade que escolheria quatro dos melhores estudantes para irem a Coimbra completar seus estudos, a expensas do Estado; e tal foi a pratica até 1808 quando a Familia Real se mudou para o Brasil. Chegando á Bahia o Principe D. João, Regente do Reino, logo se apressou em crear uma Escola de Cirurgia, anexa ao Hospital Militar; e, quando no Rio de Janeiro, igualmente anexou ao Hospital Militar uma Escola Anatomica, Cirurgica e Medica — 5 de Novembro de 1808.

Esta foi a origem da actual Faculdade de Medicina.

Não tardou que as necessidades exigissem o desenvolvimento deste Curso; em 1813 deu-se-lhe nova organização passando algumas aulas a funcionar em salas do Hospital da Irmandade da Misericordia, na Praia de Santa Luzia; mas só pelo Decreto de 9 de Novembro de 1826 que creou a Escola Medico Cirurgica, elevando o Curso a cinco anos, foi conferido diploma de Medico aos estudantes que fossem aprovados em todas as materias (160).

Em 1831 a Regencia Imperial reorganizou tanto a Escola do Rio de Janeiro como a da Bahia, passando a seis anos o Curso. Em 1832 as duas receberam o nome de Faculdades; e a Santa Casa franqueou as suas enfermarias aos professores para as aulas de Clinica.

Em 1856 a Faculdade do Rio de Janeiro instalou-se completamente no antigo Recolhimento das Orfãs da Santa Casa, junto do Hospital, e aí permaneceu até 1918.

Notaveis professores inspiraram com seu saber numerosos estudantes que se fizeram homens de Sciencia, medicos distintos, e, por sua vez, professores abalizados. Tornou-se grande a Faculdade com as reorganizações de 1869, 1879 e 1883; quanto mais avultava, porém, mais acanhado parecia o seu estabelecimento. A' Congregação de seus professores, aos seus directores sucessivos oprimia a necessidade de uma mudança para instalação ampla definitiva e capaz; mas falhavam os recursos e a boa vontade dos governantes. Foi o ilustre Professor e Director, Dr. Aloysio de Castro — filho de outro estimado Director, e erudito Professor, e notavel clinico, o falecido Dr. Francisco de Castro, — quem conseguio meios de dar á Faculdade instalação condigna, arrancando-a do feio recanto onde tudo lhe contrariava o progredir, sem, aliás, impedir que fulgurassem docentes e discentes.

Com ser grande, o edificio novo ainda não é suficiente; outro corpo igual, e um menor, intermedio, serão levantados — para Administração e Biblioteca este, e aquêle para o Instituto de Anatomia. A area total ocupada será, então, de 20000 m².

O edificio em que funciona agora a Faculdade, excelentemente dotado de salas de aula, e provido de laboratorios magnificos, tem dois pavimentos sobre uma area de 80 metros de frente por 100 de fundo. No primeiro andar o Arquitecto empregou a Ordem Toscana; a Ordem Corintia no segundo. Uma balaustrada remata a fachada. Em vez de te-

PRAIA VERMELHA

lhado tem terraços transitaveis. Ha um pateo interior, octogonal, ajardinado, de lindo aspecto, com 1310 m². de superficie. A construção principiou em 1916, e a inauguração foi em 12 de Outubro de 1918. (161).

*

Deste extremo da Avenida Beira-mar o espectaculo ainda é maravilhoso. O cerco de montanhas não se alterou, mas as perspectivas mudaram. A cada passo um novo aspecto. Se o olhar se desprende do ambiente e escapa pela abertura da Enseada, lá vae pela extensa baía, verdadeiro mediterraneo, reconhecendo ilhas e pontas de terra, avistando casas e navios, aguas e montes, quadros infinitos de infinita variedade.

Se o excursionista continúa, passa entre a Babilonia e a Urca, e vê por cima da sua cabeça o cabo trilho por onde desliza o carro aereo que transporta passageiros para o alto do Pão de Açucar.

Muito perto daqui está a Barra que se não vê porque no-la encobre á vista o penhasco da Urca; e mais perto está o Porto de Martim Affonso (Praia Vermelha) tambem encoberto pela fachada da antiga Escola Militar. Abstraindo das construções, podemo-nos considerar no proprio teatro em que se achou Estacio de Sá, de 1565 a 1567. Pudessem estes rochedos contar o que viram nessa hora da conquista do sólo sobre que se devia erguer a primeira Capital da America do Sul! Foi aqui, junto ao Pão de Açucar, que existio a "Vila Velha" lembrada pelos cronistas. Foi aqui, em volta do hirto penedo que, em 18 de Janeiro de 1567, desembarcaram as hostes de Mem de Sá, 3.º Governador Geral do Brasil, em socorro de Estacio de Sá, que não pudera, até então, desalojar os invasores franceses.

NO TOPE DO PÃO DE AÇUCAR

E' logar de grandes evocações historicas.

Sobre a Praia Vermelha, guardando o Porto de Martim Afonso, começou o 1.º Vice-Rei, Conde da Cunha (1763-67) a construção de uma fortaleza que o 3.º Vice-Rei Marquez de Lavradio acabou, em 1770. Em 1856 aí se fizeram obras de adaptação para funccionamento de aulas da Escola de Aplicação Militar. Em 1858 construio-se em toda a extensão de 180 metros, entre a Urca e a Babilonia, a fachada da Escola Militar que lá esteve até 1904. Em 1908, remodelado, foi o Palacio das

Industrias da Exposição. De 1913 a 1919 nêle esteve a Escola do Estado Maior.

A construção que se vê do lado Norte, e cujo estilo arquitectonico lembra o manuelino, abrigou a "Secção Portuguesa" da referida Exposição; hoje é tambem dependencia do Ministerio da Guerra. A Praia Vermelha aí está ininterruptamente afagada pela meiguice das ondas da Enseada — Porto de Martim Afonso — ante camara azul da mais vasta baía do mundo.

tanha que limita ao Sul o campo onde nos achamos. Prende-se o carro a dois cabos de tracção accionados por um motor electrico e um sistema de polias. Faz o trajecto em duas secções: A primeira de 600 metros termina no dorso da Urca; a segunda, de 800 metros vai da Urca ao cimo do famoso penhasco. O percurso da primeira secção realiza-se em 4 minutos; o da segunda em 6 minutos. É de 14 passageiros a lotação do carro aereo.

O que se observa do alto do Pão de

PRAIA DE COPACABANA. EXTREMO NORTE

*

Pão de Açucar é um penhasco de granito brunido pelas tempestades, surgindo do mar, colado á peninsula que separa a barra da Enseada de Botafogo. Tem de altura 395 metros. Serve-lhe de contraforte, ao Sul, a Urca, 224 metros acima do nivel do mar, e coberta de vegetação.

Até 1817 não ha memoria de que alguem houvesse galgado o Pão de Açucar. Consta que nesse ano foi lá uma corajosa inglesa. Depois, de longe em longe, alguns rapazes afoitos repetiram a temeridade. A rocha é talhada quasi a pique. Em 1912 organizou-se uma empresa que estabeleceu o caminho aereo para o alto, franqueando-o ao publico desde Janeiro de 1913.

O carro parte da base da Babilonia, mon-

Açucar é espectaculo para que não ha comparação. O primeiro momento é de extase. Ao N. a vasta baía ladeada pelas cidades de Rio de Janeiro e Niteroi; a leste, em frente e em baixo as fortalezas de Santa Cruz e Pico; para Sueste a Praia de Fóra, a Bateria Floriano Peixoto, o Forte de Imbuí; e, lá, em baixo, distante, as lagôas Piratininga e Itaipú. O vasto Oceano. As ilhas Pae, Mãe, Cotunduba, Alagadas, Kagarras, Redonda e Rasa com seu farol ([162]); e, como recortes fundos no litoral que se prolonga do Pão de Açucar para o S., as praias Vermelha, Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon. Um panorama extensissimo, dominado de um só golpe de vista: De dia tudo banhado de Sol, á noite tudo pontilhado de luz.

É só no seculo XX a população do Rio de Janeiro anexou ao seu patrimonio de deli-

cias este observatorio surpreendente ! Quantas gerações passaram sem pensar, siquer, neste soberbo mirante, hoje tão acessivel que se tornou passeio favorito, quotidiano !

o conheceram nos seculos anteriores ao XVI os selvicolas que lhe chamavam *Sacopenopã*. Nesse estado rude povoavam-n-a uns pescadolançavam suas rêdes, e dormiam em palhoças,

COPACABANA. LEME

* * *

Entre a Avenida Rio Branco e a Praia Vermelha ha bondes que fazem o trajecto, normalmente, em 35 minutos.

Copacabana.

A alta montanha chamada Babilonia, e outros volumes de gneiss mais ou menos cobertos de vegetação que se estendem na direcção da pedra da Gavea, a SO., separam Botafogo do Oceano Atlantico. Para alem desses montes correm a costa e praias do Sul do Distrito Federal e os novos bairros de Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon.

Rapidamente, qualquer veículo chega a esses bairros, traspassando o granito por um dos dois tuneis nêle rasgados.

Copacabana permaneceu até os ultimos anos do seculo XIX coberta de cajueiros, pitangueiras, jambeiros, araçazeiros e maçarandubeiras ; era um areal enorme, agreste, qual

deitavam suas rêdes, e colhiam peixe á farta. Sobre um promontorio existio uma igrejinha que a devoção erguera a Nossa Senhora de Copacabana, nome de origem muito controvertida ([163]) e que suplantou o nome indigena. Contornando dunas, subindo a Ladeira do Leme, transpondo o velho Forte (ali construido em 1778 pelo Marquez de Lavradio, receioso de um desembarque inimigo), ou transpondo Vila Rica, outra garganta mais a Oeste, esses pescadores vinham á Cidade fazer seu negocio, assim como da Cidade iam devotos render suas homenagens á Virgem ; e iam tambem pedestres curiosos em busca de novos ares, novos horizontes. Quem via Copacabana declarava encantador o espectaculo do ceo, do mar e das praias.

"Entre rolos de espuma ruge e brama
Na curva praia a onda buliçosa"

mas a distancia era grande, e os comodistas contentavam-se com ficar sabendo que para

alem daquêles montes havia mais espaço para vida, larguesa e respiração da Cidade.

Em 1891 a Companhia Ferro Carril Jardim Botanico, cujos bondes, aliás, já se anunciavam para Copacabana, sem passarem da Rua Real Grandeza, no sopé de Vila Rica, abrio um tunel aí na rocha para que as suas linhas chegassem imediatamente á extensa, decantada e futurosa praia. A facilidade de transporte levou lá meia população ávida de contemplar a imensidade de luz, de colorido e de movimento das aguas que são lendario manto espesso do prefundos misterios, e que se adelgaçam transparentes, espumando rendas na areia. Não faltou quem advinhasse o porvir de tão graciosa localidade. Chãos foram adquiridos, divididos e subdivididos, a preços crescentes. Interveio a Municipalidade ; mas, infelizmente, tarde para impedir que o dominio particular se abeirasse tanto das ondas reduzindo muito o logradouro publico da beira-mar. Os materiaes afluiram, construcções mil se fizeram. Copacabana é hoje um arrabalde primoroso, com muito comercio, cerca de cinco mil casas, algumas de linda arquitectura, e a 45 minutos da Cidade.

É uma perfeita e ampla vila balnearia, desde um extremo N. chamado Leme até o extremo S. chamado Leblon.

A praia é extensissima, e toma varias denominações. Acompanha-a a Avenida Atlantica, obra arrojada e formosissima do Prefeito Paulo de Frontin. Correm pela Avenida os automoveis de passeio, e ao longo passam embarcações de todos os portes e de todos os portos. Illumina-se á noite, fulgurante, a Avenida ; e sintila ao largo, solitario, o Farol da Rasa. A arrebentação das ondas enche o ar de sons e de saes. É festival para os olhos e salutar para o sangue este luminoso flanco da Cidade.

Longos anos os moradores do Rio de Janeiro se contentaram com as aguas que banham o litoral da sua baia : Retiro Saudoso, Cajú, S. Christovão, Santo Christo, Saco do Alferes, Gambôa, Saude, Santa Luzia, Lapa, Gloria, Russell, Flamengo, Botafogo ([164]), e as praias das ilhas Paquetá e Governador. A população, porem, cresce e procura logares novos que dêem novas sensações. Copacabana impoz-se logo como sitio privilegiado : Gozando-se ali a pompa do scenario entre a mata e o mar, respira-se aquêle ambiente feito nos dois grandes laboratorios do mar e da mata.

* * *

Por exigencias do trafego crescente a mesma Companhia de bondes abrio em 1904 novo tunel, de 200 metros como o primeiro, mais largo e melhor, através da rocha sobre que existio o estrategico Forte do Leme. É o chamado "Tunel Novo", proximo da Praia da Saudade.

NORTE DE COPACABANA, Á NOITE. VISTA DO PÃO DE AÇUCAR

Gavea

Será preciso volver á Carioca para dar intelligencia á viagem que o bonde faz daí á

Gavea ? Não. Da Carioca a Botafogo o trilho é conhecido. De Botafogo até Gavea (9.º Distrito Municipal) o percurso pode-se dividir em dois trechos : Um até o Largo dos Leões ([165]), outro deste Largo em deante.

O primeiro trecho é igualmente vencido por S. Clemente, rua antiga, sinuosa, toda asfaltada, toda edificada, e com algumas grandes chacaras ([166]), ou por Voluntarios da Patria, rua mais moderna, recta, bem edificada ao longo de seus 750 metros. Estas duas ruas são orientadas como de Leste para Sudoeste ; recebe-as a rua Humaitá que começa onde acaba S. Clemente e se dirige para Sul, acabando á margem da Lagoa Rodrigo de Freitas, a 500 metros do Largo dos Leões.

A Lagoa Rodrigo de Freitas é assim chamada por ter sido seu proprietario, e dos terrenos circumvisinhos, Rodrigo de Freitas Mello e Castro, natural de Guimarães, Portugal. Antes de 1660 já se chamara Lagoa Fagundes Varella, em quanto pertenceu a Sebastião Fagundes Varella ; e Lagoa Amorim Soares, desde 1598, em quanto pertenceu a Diogo de Amorim Soares que a encontrou com o nome indigena Sacopenopã. Esses tres homens eram grandes lavradores de cana e fabricantes de açucar. As terras do Engenho da Lagoa abrangiam toda a superficie desde Botafogo ao Corcovado e ao Leblon.

Dividida e subdividida a grande propriedade ficaram a Lagoa e uma boa zona em redor pertencendo á Municipalidade. Muitos projectos se fizeram durante anos para seu saneamento e embelezamento. Em 1920 o Prefeito Carlos Sampaio empreendeu a obra de maneira decisiva : Canalizou e regularizou todos os cursos dagua que nela desembocam ; fixou o regime de communicação entre as aguas da Lagoa e do Oceano ; guarneceu-lhe a periferia com 510 metros de caes de enrocamento ; lançou em volta do caes alguns milhões de metros cubicos de aterro, levantondo uma superficie de 1500000 m.² ; calçou e arborizou os terrenos assim nivelados, creando novos logradouros publicos. A Lagoa que só era apreciada de longe, a Lagoa que, até, andava em risco de ser condenada pela Higiene, é hoje um logar de recreio ; e não tardará que a circumdem formosas residencias.

COPACABANA, Á NOITE

Jardim Botanico

Chega-se ao Jardim Botanico logo depois de ter deixado á esquerda a Lagoa Rodrigo de Freitas. A viagem até lá, de bonde, pode consumir 50 minutos ; de automovel uns 20 a 25.

É o mais conhecido estabelecimento publico brasileiro. Ninguem visita esta Capital

que não queira ver o Jardim Botanico. A luxuriante beleza dos vegetaes nêle cultivados é realçada pela formosa aleia de palmeiras, oferecendo desde o portão uma perspectiva admiravel, e universalmente conhecida pela sua reprodução grafica. São 134 palmeiras (*Areca*, de Linneu : *Oreodoxa oleracea*,

A PALMA MATER

de Martius), enfileiradas, duas a duas ao longo de uma avenida de 740 metros. E de nobre linhagem : São todas filhas da veneranda *Palma Mater* que lá está, ainda, no mesmo logar em que a plantou D. João VI, em 1809, quando lh'a trouxeram — exemplar unico — do jardim Gabrielle, ilha de França.

A *Palma Mater* tem mais de 36 metros de altura. Celebrou-lhe condignamente o Centenario, em 1909, o então director, hoje fallecido, Dr. Barbosa Rodrigues, inaugurando defronte dela o busto do seu real plantador.

O Jardim Botanico pode-se dizer fundado em 13 de Junho de 1808, com o nome de Real Horto, anexo á Fabrica de Polvora, instalada, então, onde fôra o "Engenho da Lagoa" ; sómente em 11 de Maio de 1819 se tornou publico sob a designação de Real Jardim Botanico e, então, anexado ao Museu Nacional. Em 1822 constituio-se Repartição independente ; hoje e subordinado ao Ministerio da Agricultura e Comercio.

Teve como seu primeiro Director, no Imperio, o carmelita Fr. Leandro do Sacramento, já Professor de Botanica na Escola Anatomica Cirurgica e Medica, depois membro das Academias de Sciencias de Munich e de Londres, e da Real Sociedade de Agricultura de Gand. Pela sua aptidão e pela sua capacidade de trabalho, este monge ilustre doton o Jardim de melhoramentos ainda apreciaveis, organizou o catalogo das plantas então cultivadas, escreveu uma monografia das Euforbiaceas, e outras que foram publicadas em revistas alemãs.

A êle se devem as aleias magestosas de mangueiras, nogueiras, jaqueiras, longanas, cravos da India ; e as cercas de murta, de croton, de hibisco que ainda hoje fazem o encanto dos visitantes do Jardim ; são obra sua a Cascata, o Lago onde floresce a Vitória Regia ; e, onde êle fez a original "Casa dos Cedros", ergueu-lhe, em 1893, o Dr. Barbosa Rodrigues, o monumento comemorativo da sua existencia util.

São, realmente, muito agradaveis as horas empregadas em percorrer este grande horto cruzado por cinco ruas, treze aleias, sete vielas, quatro passagens e uma azinhaga, com a extensão total de 6.500 metros lineares. A Sciencia neste jardim entrelaça-se com o pitoresco. A flora de quasi todos os paizes nêle está representada por belos exemplares atentamente cultivados e classificados. Tem Bibliotheca, Herbario e Museu.

Centenario sem decrepitude, velho de uma mocidade constante, seminario opulento, em correspondencia com quasi todos os jardins do mundo, é um vasto scenario de amor, casando-se a beleza das perspectivas com a beleza dos produtos gerados ao cicio da brisa por entre a folhagem, e no seio balsamico de aromas sutis.

É seu director actual o ilustre Professor Dr. Pacheco Leão .

* * *

Antes do Jardim Botanico parte da rua deste nome para a direita a Estrada D. Castorina que o contorna por O., e segue em rampa até a "Vista Chineza", na Tijuca. Á margem dessa estrada, e a 63 metros de altitude, cercado de jardins que aumentam a graça local, está o Açude do rio Macaco, obra notavel, com capacidade para 55 milhões de litros de agua. Abastece parte da Gavea, Botafogo e Copacabana.

Oceano, tudo se avista formando o engaste dos bairros do Sul.

* * *

Se da Boavista se desce á Varzea da Gavea, o panorama é sempre belo : Aqui uma casa antiga centro de antiga propriedade agricola, ali uma habitação moderna em chalé gracioso, aguas que serpenteiam na planicie, rezes que mugem nas encostas. A nota bucolica

BAMBUS, NO JARDIM BOTANICO

* * *

Depois do Jardim Botanico, e onde termina a extensa rua do seu nome, bifurca-se a linha de bondes, para Leblon e para Gavea. Esta segue pela rua Marquez de S. Vicente, com 2.400 metros de comprimento. O bonde percorre-a até o extremo, passando por entre chacaras antigas, residencias confortaveis, dominadas por verdejantes morros que, depois do bonde a estrada contorna, sempre em subida até o Alto da Boavista.

Uma recta imaginaria de 5 kilometros, apenas, separa esta culminancia da que vimos na Tijuca sob a mesma denominação. Ainda que menos alto que o da Tijuca, o da Gavea tem magnifico horizonte : O Corcovado, o Pão de Açucar, a Lagoa, a Enseada, a baía, o

matiza o esplendor da paizagem até que a estrada finda nas areias brancas da praia.

Já o leitor conhece estes sitios : Já por aqui passámos, maravilhados, regressando da Tijuca. O Prefeito Passos mandou nivelar e alargar estradas para que de automovel fosse possivel, em horas, desvendar todos esses encantadores scenarios que dantes, só de longe em longe a curiosidade, a afoitesa e a energia logravam avistar. O Prefeito Carlos Sampaio mandou rasgar communicação entre esta praia e a do Leblon, é a

Avenida Niemeyer

Esta Avenida mede 4.700 metros ; é larga, plana, bem calçada, bem iluminada,

aberta na rocha, a 35 metros sobre o nivel do mar que espuma, festejando-a, sem atingil-a.

Foi tentada esta passagem coleando a montanha em 1891 pela empresa que projectara uma linha ferrea de Botafogo a Angra dos Reis, e que rasgou os primeiros 800 metros do lado do Leblon. Depois, em 1913 o Director do Colégio Anglo Brasileiro, procurando melhorar o acesso ao seu Estabelecimento, aperfeiçoou essa obra abandonada dando-lhe mais 400 metros de extensão. Em 1915 o Com. Conrado Niemeyer, proprietario no local, empreendeu á sua custa a construção da belissima passagem, e ofereceu-a como logradouro publico á Prefeitura. Em 1920, conhecida a pompa do scenario com que ali se maravilha o transeunte, a Prefeitura resolveu alargar a estrada, aumentar o raio das curvas, macadamiza-la, e inaugura-la definitivamente por ocasião da visita do Rei Alberto, da Belgica.

Desde o seu traçado primitivo a Avenida Niemeyer é um primoroso logar de recreio para os olhos ; hoje percorre-la, a pé ou de automovel, é um prazer de que fica memoria indelevel. A vista do mar é sempre magestosa, as perspectivas terrestres são de uma variedade e de uma formosura que se não sabe como descrever. De dia o Sol matiza deslumbrantemente as aguas e as arvores ; as manhãs e as tardes têm aspectos arrebatadores ; se á noite esplende o luar surgem quadros surpreendentes.

Nem as palavras, nem as gravuras despertam idea aproximada dos encantos que tem um passeio pela Avenida Niemeyer que liga a Praia da Gavea á Praia do Leblon, extremo Sul das praias de Copacabana.

TRECHO DA AVENIDA NIEMEYER

Memorando a iniciativa ha uma placa de marmore imbutida no granito, e com a seguinte inscrição :

"Automovel Club do Brasil. Em 20 de Outubro de 1916. O primeiro Congresso Nacional de Estradas de Rodagem inaugurou esta Avenida denominada — Avenida Niemeyer, em homenagem ao Comendador Conrado Jacob Niemeyer que a concebeu e patrioticamente a custeou. Projectada pelo Dr. Paulo de Frontin, e construida pelo 1° Tenente Engenheiro Alvaro Conrado de Niemeyer".

Corcovado

É um dos pontos culminantes da Cidade, e culminancia famosa que todo viajante logo avista do mar, e a que toda a gente deseja subir.

Tem um rival o Corcovado (704 m.) : É o Pico da Tijuca (1020 m.) a que já subimos — com muito maior custo, porem, do que empregaremos para galgar este ponteagudo mirante do Rio de Janeiro.

tubro de 1884 inaugurou-se a linha ferrea de 3790 metros de extensão. Foi um acontecimento : Tratava-se de um feito audacioso da Engenharia Nacional, e da primeira via ferrea que se lançava no Brasil para sitio exclusivamente de recreio. Em 1906, depois de vicissitudes, passou a ser propriedade da *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power C. Ltd.*, que em 1912 substituio por tracção electrica a primitiva tracção a vapor.

Já vimos que a estação inicial desta Es-

UM ASPECTO DO POENTE, NA GAVEA. VISTA TOMADA DA AVENIDA NIEMEYER

Sempre desafiou os excursionistas audazes o ingreme pináculo. A frequencia com que êle era escalado foi acertando atalhos e tornando a subida cada vez menos aspera. Por ultimo até senhoras alcançavam a pé o dorso da montanha, e chegavam em algumas horas ao cume do escalvado granito. Era raro o Domingo em que se não efectuasse ao menos um piquenique no alto do Corcovado, refeitorio sem igual na America, atalaia de imenso descortino.

Em 1881 os Engenheiros F. Pereira Passos e J. Teixeira Soares requereram concessão para uma estrada de ferro de acesso ao Corcovado. Em 7 de Janeiro de 1882 o Governo deu a concessão, e em 16 de Abril desse ano aprovou plantas e perfis. Em 9 de Ou-

trada está no predio 151 da rua Senador Octaviano, 37 m. acima do nivel do mar.

A linha ferrea sae em direcção normal a essa rua ; depois de uma curva passa ao lado direito do vale do Silvestre por um viaduto com tres vãos de 25 metros cada um ; e, vencendo por um grande corte o espigão que se lhe depara, desenvolve-se pela encosta da montanha até Paineiras, na altura de 465 metros. Deste ponto ganha o lombo do Corcovado, e não tarda a parar na altitude de 670 metros. O restante faz-se suavemente, a pé.

* * *

Ao Corcovado pode-se ir, tambem, partindo do Largo da Carioca num bonde da

Companhia Ferro Carril Carioca. É mais acidentado o passeio ou, melhor, fundem-se num dois passeios distintos, cada qual, aliás, suficiente para tomar um dia, quando se tenha tempo.

O bonde da Ferro Carril Carioca parte coleando a escarpa oriental do morro de Santo Antonio, deslisa entre o Hospital e o Quartel da Brigada Policial, e dirige-se para o morro de Santa Teresa por cima da arcaria de 300 metros em 42 vãos, alta de 17,'6 metros sobre o nivel das ruas.

de toda especie. É uma viagem aerea que nem dura dois minutos, mas tão cheia de rapidas surpresas que, ao finda-la, a gente tem a impressão de um sonho, e não lhe parece que tenha durado mais de um segundo.

Em seguida, e ininterruptamente altera-se o panorama, cada vez mais interessante. Ora vencendo rampas, ora correndo em leito horizontal, o bonde vae acompanhando o trajecto que foi do Aqueducto ; e, depois de percorrer a zona edificada, com hoteis, lindas vivendas particulares, embrenha-se na estrada

PRAIA DA GAVEA, AO LUAR

Esse colossal viaduto rectilineo é o Aqueduto solidamente construido no seculo XVIII a fim de conduzir a ceo aberto as aguas do rio Carioca para o chafariz de 16 bicas então levantado no mesmo logar onde ainda hoje se ostenta o de 36 torneiras.

Ao passar o bonde por cima desses arcos a vista descobre perspectivas admiraveis mas fugitivas, quasi instantaneas.

De um lado os telhados do casario, o Largo da Lapa, o bairro da Gloria e, ao longe, o Pão de Açucar e a Barra, com o mar azul, bordando de espuma branca o costão de Santa Cruz ; de outro lado ainda telhados do casario limitado pelos morros do Norte e do Ocidente ; em baixo as ruas que se cruzam, e o movimento enorme de transeuntes e veículos poeticamente sombria que vae ao Silvestre ; aqui domina á direita os bairros de Catumby e Rio Comprido, de população condensada, e alguns tratos de terrenos explorados pelo horticultor ; adeante, á esquerda, o bairro de Laranjeiras com suas chacaras vistosas, jardins bem recortados, habitações alegres de variadissima arquitetura.

Ao cabo de 45 minutos de viagem chega-se á Caixa do Rio Carioca, sitio antigamente chamado "Mãe dagua". ([165])

As estimaveis e cristalinas aguas do celebrado rio aí vem ter, e aí se lhe reunem outras que brotam da rocha, dentre o arvoredo, e se derramam, cantando, nesse largo reservatorio construido na segunda metade do seculo XVIII.

Sob uma temperatura deliciosa, seja qual fôr a estação do ano, este recanto é um refrigerio ; a linfa é agradavelmente desalterante ; e até os proprios olhos descansam penetrados de luz, uma luz suavissima coada pelas frondes altas da selva, e refletindo-se delicadamente nas folhas tremulas da mimosa avenca.

Poucos passos adeante é o Silvestre, serenissimo logar de repouso. Parece um ermo, e está tão perto da multidão.

dejar olhares no pitoresco das duas margens da linha, e de felicitar os pulmões com o purissimo ar ambiente. Vinte minutos depois chega a Paineiras.

É de bom alvitre apear. Ha, mesmo, aí, excelentes, Hotel e Restaurante. Paineiras é um planalto com belissimos pontos de vista. Agradabilissimo é o passeio de 6 km. em nivel, ao largo do Aqueduto, em plena mata. As aguas famosas do Carioca por aí correm, ainda

O CORCOVADO, VISTO DA TIJUCA

É recommendavel uma demora no Silvestre. Já dissemos, mesmo, que êle só por si constitue um passeio. Ha lá serviços de refresco e de restaurante, e uma biquinha dagua superior a todas as bebidas. Como nos destinamos ao Corcovado, aguardemos aqui o carro da Estrada de Ferro Electrica.

* * *

Depois do Silvestre o trem vae galgando rampas de 30 °|°, fazendo curvas de 120 metros de raio, esgarçando a mata que parece sempre surpreendida com a sua passagem, e espantando rôlas, e assustando colibris, e, se é verão, interrompendo o fio sonoro do monotono zoar das cigarras. O passageiro não cessa de dar-

sobre o mesmo leito artificial construido pelo 32.º Governador da Cidade, João da Silva e Souza (1670-1675) o primeiro que resolveu levar o rio ao centro da Cidade ; é a mesma corrente que Bobadella conduzio, depois pelo morro de Santa Tereza, e que sobre os arcos fez passar para o de Santo Antonio, levando agua e nome á praça que já conhecemos. A paizagem ao longo deste velho Aqueduto entretem o olhar e o espirito. De um lado vegetaes de todas as idades, alguns vindo de muitos metros abaixo de nossos pés, alguns florescendo muitos metros acima de nossas cabeças ; do outro lado a rocha altiva, ora bojuda, escalvada, querendo tomar-nos a passagem, ora dobrando-se em reconcavos atufados de vegetaes que se esticam á procura de luz,

não lhes bastando para a vida a riqueza do humus em que mergulham as raizes.

Sucedem-se as curvas, umas para a direita, outras para a esquerda, sempre coleando a montanha, sempre a estrada em nivel ao lado do Aqueduto aberto. De quando em vez uma contribuição de agua vem dos reconcavos rochosos aumentar a corrente. De vez em quando um panorama esquadrinhador de belezas. de um teatro como nunca lhe foi dado admirar. É, então, que êle tem uma impressão material da imensidade, mas não se amesquinha. Ufana-se. Lá está o mar infinito singrado vitoriosamente pelas quilhas dos transatlanticos que são obra sua ; e a Engenharia, obra do seu genio dominador, arrancou-o dessa baixada em que êle só ouvia o choque infernal dos interesses mundanos para vir ás altu-

SILVESTRE. RESERVATORIO

Quem apela nas Paineiras não se arrepende, antes marca o sitio para objecto exclusivo de uma nova excursão.

* * *

Retomando o trem, sobem-se mais algumas centenas de metros de rampa, já na lombada superior do monte ; e os quadros deslumbrantes começam a aparecer.

No Pico do Corcovado o excursionista emudece por instantes. Lança o olhar em torno, e não é mais senhor de si. A emoção empolga-o. Ainda que tenha percorrido as partes mais belas do Globo, encontra-se deante ras contemplar a estrutura colossal deste ponto do Planeta em que vive e labuta.

Agassiz, D'Orbigny, Arago, Freycinet, Darwin, De La Salle, Wilkes, Demersay, Ladroux, Sarmiento, Cantillo, Marmol, Elihu Root, Julio Roca, Ferri, Mabileux, Richet, Ferrero, Clemenceau, Roosevelt, Alberto I, Rei dos Belgas, e tantos outros, tendo passado pelo Rio de Janeiro, e subido a este penhasco grandioso exprimiram a sua admiração de homens cultos ou em exclamações patéticas, ou em frases liricas de grande exaltação sentimental. Nada ha, efectivamente, comparavel a este panorama em que se desdobra a vastidão de uma cidade, e[illegible]ensa moldura de

terras e aguas, montanhas e lagos que a circundam.

* * *

Antes de encerrar esta parte descritiva impõe-se um lance d'olhos sobre a Cidade.

Temo-la encarado na sua historia, na sua arquitectura, nos seus monumentos, na sua natureza, nas suas obras d'Arte ; temos visto o litoral e o interior, o arrabalde elegante e a zona rural, vales e montes, rios e florestas. Tudo isso se contem na prodigiosa Rio de Janeiro, tudo isso figura na exposição que fizemos da sua extensão e belezas.

Muito longe estamos, entretanto, de haver feito referencia a tudo quanto referencia merecia. Noutros moldes lançariamos este trabalho se pretendessemos dar conta de toda a Cidade. Como a mostrariamos a um viajante apressado, assim a expuzemos ao leitor curioso. Rio de Janeiro, minuciosamente, daria dez volumes iguaes a este.

Quanto logar aonde não chegou a nossa descrição !

O Grande Maciço da Cidade divide, separa, e esconde uns dos outros os distritos municipaes urbanos, variando as culminancias desses numerosos acidentes, e tornando realmente dificil um golpe de vista geral.

Da Praça Mauá á embocadura do Canal do Mangue aperta-se o grande povoado da *Saude*, entre a linha granitica dos morros São Bento, Conceição, Formiga, Pinto, Providencia, S. Diogo e os armazens paralelos ao Caes Acostavel.

COPACABANA: VISTA DO PÃO DE ASSUCAR

O populoso bairro de *S. Christovão* contorna varios morros : Telegrafo, Pedregulho S. Januario, Barro Vermelho, e outros ; e, alargando-se aqui, estreitando-se ali, subindo rampas e descendo até o mar, encerra fabricas e vivendas, hospitaes, colégios, Observatorio, Arsenal, clubes, repartições publicas, instituições de Caridade.

Rio Comprido é o nome de bairro, tambem populoso, edificado entre o Morro Santos Rodrigues e a encosta ocidental do Morro Santa Tereza. A sua principal avenida guarda o nome do intrepido Engenheiro Paulo de Frontin que a lançou ao longo do arroio, canalizado e aproveitado para adorno. São

numerosas as chacaras e residencias que se alinham por esse bairro bem frequentado e muito saudavel.

Fabrica das Chitas é o nome de outro bairro, mais a Oeste, muito aprazivel, tendo como rua central a Desembargador Isidro, de mil e tantos metros de comprimento.

Estacio de Sá é bairro constituido pelas ruas e ladeiras que contornam e escalam pelo lado N. o Morro Santos Rodrigues. A sua rua principal, em nível, é Estacio de Sá que principia onde termina Frei Caneca e Salvador de Sá, e acaba onde começam as ruas Haddock Lobo e S. Christovão.

Catumby é um vale situado entre o Morro Santos Rodrigues e o de Paula Mattos que é prolongamento N. do Morro Santa Tereza.

O bairro de Catumby de população muito densa, comunica-se com o do Rio Comprido pela rua Itapirü, curva, de 1620 metros. Na aba Leste do Morro Santos Rodrigues, descendo sobre o Largo de Catumby, está, desde 1850, o Cemiterio da V. O. 3.ª dos Minimos de S. Francisco de Paula.

A Cidade do Rio de Janeiro é assim caprichosa: Entre morros que a perspectiva aproxima dilatam-se vales povoadissimos. Ha avançadas de casario em linhas rectas, cervas, sinuosas e quebradas, por planicies e planaltos, gargantas anfractuosidades, reconcavos e ladeiras. O olhar póde abranger uma ou outra larga superficie edificada, mas não descobrirá num relance esses refugios da população, nem de uns bairros se avistam outros bairros. Só ha um ponto de onde se descortina toda a area do Distrito Federal: É o Pico da Tijuca. De qualquer outro monte aonde se suba a vista é interrompida por acidentes que limitam o horizonte.

A BARRA DO RIO DE JANEIRO, A ENSEADA DE BOTAFOGO E O BAIRRO DO MESMO NOME, VISTOS DO ALTO DO CORCOVADO

* * *

Subamos, contudo, ao Morro de São Bento, 30 metros, apenas de altitude, a N. do velho centro comercial da Cidade. Aí, dos fundos do Mosteiro fundado em 1628, podemos escolher o espectaculo porque temos dois panoramas diferentes.

Se nos voltamos para N., é o seio vasto da baía, espelhando o azul do ceo, e matizado

de embarcações. Avistam-se, de um só golpe centenas de navios de variada tonelagem, uns ao largo outros atracados ao Caes ; uns recebem carga outros descarregam ; alguns estão em conserto. Dezenas de rebocadores e lanchas velozes cruzam por entre êles ; escaleres da Armada, botes a frete, canoas de pesca, barcos de todos os tamanhos sulcam as aguas em todas as direcções. Borda o litoral, linha SE-NO de 3500 metros, o Caes Acostavel eriçado de guindastes e de mastros de navios. Aqui está a Ilha das Cobras ligada ao continente por uma alta ponte de ferro. Perto da ilha amarram couraçados, caça-torpedeiros e outros vasos de guerra. Não longe vê-se a Ilha das Enxadas, séde da Escola Naval. Do outro lado está o territorio do Estado do Rio de Janeiro, cuja ponta mais proxima é a "Armação", com repartições dependentes do Arsenal de Marinha. Daqui se aprecia bem o movimento ininterrupto do porto, atestando a importancia comercial da Cidade que tem os seus interesses ligados aos interesses de tantas nações manufactureiras.

Se nos voltarmos para o Sul, o olhar corre pela imensa superficie de telhados que não têm nivel, que não têm uniformidade, que não têm orientação, que se aguçam, que se empinam, que se apertam, qual espreita por cima dos outros, qual entre outros se esconde, dividindo-se em miriades de tectos de miriades de construções erguidas e reerguidas já varias vezes em tres seculos e meio de labuta, de melhoramentos, de reformas, de progresso.

Agulhoando o espaço, aqui, ali, acolá, mais adeante, por toda a amplidão, surgem campanarios, torreões e cupulas, distintivos de igrejas e de modernices arquitectonicas. Lá está como um risco de luz no maciço do casario a Avenida Rio Branco. No morro Santo Antonio em via de transformação adormece um convento triste e esquecido. Daí para Leste era o vale humido à charneca paludosa em que a agua do charco algumas vezes recebia a visita do mar. Aterrou-se o brejo com as alcatifas da Civilização, e sobre esse aterro primitivo sucessivas camadas de Civilização se estenderam. Hoje é isso que se está vendo: A Cidade pletórica, vaidosa, cheia de casas e de preconceitos, sem mais espaço para igrejas sem area para mais estabelecimentos.

O formigueiro humano aí desafia em actividade a actividade dos grandes centros populosos do mundo ; e desde a Bolsa de titulos até o Mercado de Frutas, desde o luxuoso armazem de modas até o humilde bufarinheiro, desde as agencias dos transatlanticos até as bilheterias das estradas de ferro, tudo é movimento, negocio, permuta de interesses,

VISTA DO ALTO DO CORCOVADO

organizado e contínuo entre-choque de vontades, anseios, ambições.

Quasi não ha chaminés que fumeguem porque não ha quasi fabricas entre os morros Santo Antonio, Conceição e S. Bento ; mas dir-se-ia que acima dos telhados, das estreitas fendas das ruas sobem vibrações de ar aquecido menos ao sol escaldante do Tropico do

DO ALTO DO CORCOVADO
(Á NOITE,
COM EFEITOS DE LUAR)

que ao embate das paixões egoisticas e ao vertiginoso giro da Roda da Fortuna. Em volta do Comercio, em volta da Industria, em volta do Crédito sucedem-se as transacções de individuo com individuo, de estabelecimento a estabelecimento, e desta Cidade para outras cidades de outros estados, de outras nações de outros continentes.

Valoriza-se a propriedade predial. As edificações em alas ao longo de ruas asfaltadas contribuem para o embelezamento e participam do embelezamento. A Higiene modernizou a Cidade que o Progresso vinha construindo ao longo de seculos, e á custa de ininterrupto labor.

Aqui, sob os nossos olhares, espartilhado por esses montes de granito, arfa o torax do Rio de Janeiro, e nêle bate um coração imenso, que é feito de milhares de corações : É o Coração Nacional, ora calmo, ora agitado ; não querendo entender de politica, mas estremecendo á sua voz ; não duvidando da fé dos contractos, mas sobresaltado a cada operação ; cioso de crédito, receioso da improbidade, ambicioso de gloria ; marcando com seus vivissimos batimentos o ritmo da prosperidade que fascina e felicita.

QUINTA PARTE

INSTRUÇÃO PUBLICA — ASSISTENCIA PUBLICA — CLIMA
COSTUMES — ALIMENTAÇÃO PUBLICA
SERVIÇOS DIVERSOS — INDUSTRIA E COMERCIO — MONUMENTOS
JORNALISMO.

INSTRUÇÃO PUBLICA

A Constituição da Republica deixou aos municipios o encargo da instrucção primaria. A Lei Organica do Distrito Federal dá ao Conselho Deliberativo Municipal autoridade para legislar sobre a instrução primaria, profissional e artistica.

Uma das directorias assessorias da administração do Prefeito é, como vimos, exclusivamente consagrada á Instrução Municipal, compreendendo o ensino normal, o primario e o ensino profissional e artistico.

O ensino normal é dado na Escola Normal de Professores que tem tido varias instalações e, afinal, terá a definitiva na Praça da Bandeira. Dispõe de 27 professores catedraticos e 51 docentes. Em 1922 foi frequentada por mais de duas mil alunas. O Curso é de quatro anos.

Dirigio a Escola Normal de 1919 a 1922 o Dr. Alfredo Nascimento, Medico, e Professor da Escola Militar.

O ensino primario é difundido por 285 escolas mixtas, 115 escolas femininas, 35 escolas masculinas. As escolas que funcionam em predios proprios muncipaes têm nomes proprios de cidadãos que se distinguiram por algum merecimento. O ensino é gratuito e leigo. Compreende : Leitura, escrita e teoria da linguagem ; Arimetica pratica até "regra de tres" ; elementos de Geometria ; Sistema Metrico ; elementos de Geografia e Historia, principalmente do Brasil ; lições de cousas ; noções concretas de Sciencias Fisicas e Historia Natural ; Instrução Moral e Civica ; trabalhos manuaes e trabalhos de agulha. (Faz muita falta o estudo do Desenho em suas multiplas variedades). Este programa divide-se metodicamente por tres cursos : Fundamental, Medio e Complementar.

Trabalham nas escolas primarias 320 professoras catedraticas, 2158 professoras adjuntas de varias categorias, 2 mestras e 2 contramestras. A frequencia em 1922 foi de 39976 crianças.

*

O ensino profissional e artistico é ministrado no Instituto "João Alfredo" (internato), nas escolas "Visconde de Cayrú", "Visconde de Mauá", "Alvaro Baptista" e "Souza Aguiar" (externatos) para meninos ; e nas escolas 'Orsina da Fonseca" (internato), "Rivadavia Corrêa" e "Paulo de Frontin", (externatos) para meninas.

Nas escolas profissionaes ensinam-se todos os oficios que homens e mulheres podem praticar no andamento da Civilização, desde as artes domesticas, as belas artes até as manufacturas que interessam á Industria.

Ha nas escolas profissionaes 13 professores catedraticos, 64 adjuntos, 51 mestres e 92 contramestres.

*

A Municipalidade tem, mais, uma Escola de Applicação para as normalistas, uma Escola Dramatica, anexa ao Teatro Municipal ; o Instituto "Ferreira Vianna" (internato de menores desvalidos) ; e dois jardins da infancia ou escolas maternaes "Campos Salles" e "Marechal Hermes".

Mais de 50 °|° dos cargos de Magisterio são exercidos por senhoras.

Os internatos têm cada um seu Medico clinico. Os externatos e escolas primarias são sistematicamente visitados por medicos admitidos mediante provas publicas do seu saber como higienistas ; esses inspeccionam os predios escolares e observam quotidianamente a saude de alunos e professores, prevenindo, medicando, evitando a propagação de molestias.

São em numero de 23 os inspectores medicos escolares ; outros tantos são os inspectores exclusivamente literarios que tambem visitam as escolas, verificando a frequencia e o exacto cumprimento das disposições regulamentares.

Taes inspectores, como todo o funcionalismo deste ramo administrativo, são subordinados ao Director Geral da Instrução Publica Municipal, autoridade escolhida pelo Prefeito. De 1920 a 1922 foi Director Geral o Dr.

Ernesto do Nascimento Silva, Professor da Faculdade de Medicina. Sucedeu-lhe o Dr. Carneiro Leão.

Com o pessoal ocupado na Instrução — professores e não professores — despendeu a Municipalidade em 1922 cerca de 13.000:000$; com o material dois mil e tantos contos.

*

Alem dessa organização municipal ha no Distrito Federal os seguintes estabelecimentos oficiaes de instrução :

Instituto dos Surdos Mudos.
Instituto "Benjamin Constant" (cegos).
Instituto Nacional de Musica.
Escola Nacional de Bellas Artes.
Colégio "Pedro II".
Escolas militares, de Exercito, Marinha e Policia.
Universidade do Rio de Janeiro, com Faculdades de Medicina, Engenharia e Direito.
Faculdade Hahnemanianna (Medicina Homœpatica, com hospital anexo).
Instituto Electro-tecnico.
Instituto "Oswaldo Cruz".
Escola "Wenceslau Braz" (artes e oficios).

*

Ha no Distrito Federal numerosos estabelecimentos particulares de ensino primario, secundario e tecnico, frequentados por mais de 10.000 estudantes, e que não têm fiscalização oficial.

*

O Conselho Superior do Ensino, orgão consultivo do Governo e o seu auxiliar imediato, fiscaliza os institutos oficiaes e os equiparados a estes. Decreto 11.530 de 18 de Março de 1915.

Compõe-se o Conselho de um Presidente (escolhido pelo Presidente da Republica entre os cidadãos de profundo saber e familiarizados com as questões de Ensino), dos directores dos institutos oficiaes subordinados ao Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, e de um professor de cada um dos referidos institutos eleito bienalmente pela Congregação respectiva.

Presidente do Conselho Superior de Ensino, em 1922, era o Dr. Benjamin Franklin de Ramiz Galvão.

DR. RAMIZ GALVÃO

COLEGIO PEDRO II

PROVISÃO. A experiencia que temos de que nesta Cidade e seus contornos se perdem muitos moços que, ficando orfãos de pae em tenra idade, não têm quem os instrua nos bons costumes, e nas artes em que podem aproveitar-se, e viver cristã e religiosamente naquéles empregos eclesiasticos ou seculares para que tiverem genio e prestigio, nos tem movido a procurar remedio para este dano, não só por meio de um Seminario a que temos dado principio na fórma do Sagrado Concilio Tridentino, mas tambem por meio da instituição de um Colégio em que sejam recebidos e criados meninos orfãos de paes pobres, e desamparados de criação, os quaes no dito Colégio sejam instruidos na Doutrina Cristã, ler, escrever, e na lingua latina, Musica e instrumentos, como tambem nas funções eclesiasticas de que podem ser capazes. Portanto, em nome d'Aquêle Senhor que foi servido dar-nos esta vontade instituimos nesta Cidade do Rio de Janeiro um Colégio para criação dos meninos orfãos, nas costas da igreja de S. Pedro, nos chãos que se compraram ao Padre Manoel Marques Esteves, com porta para a mesma igreja, por trás da capéla-mór, juntamente com as casas que ao lado da mesma capéla estão fabricadas, e quanto possa ser necessario para complemento da morada do mesmo Colégio, os quaes assistirão no Côro da mesma igreja, rezando com os capelães dela. E terão um sacerdote que nós ou nossos sucessores escolherem

e deputarem, de boa vida e costumes, o qual terá o cuidado de criar os ditos meninos, ensinando-lhes a Doutrina Cristã e o santo temor de Deus, e, aos que não souberem, ler, escrever e contar ; e depois disso mandará ensinar a lingua latina, a rezar o Oficio Divino e ceremonias da igreja, como tambem, Musica e tocar instrumentos pertencentes a ela, segundo vir a capacidade de cada um...

Tal é a origem do Colégio Pedro II.

Esta Provisão do Bispo D. Fr. Antonio de Guadelupe ([168]) publicada em 1856 na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* mostra a origem humilde, religiosa e caritativa do Colégio que hoje é padrão dos institutos civis de ensino secundario no Brasil.

Nasceu numa sacristia, cresceu na Cidade, e encheu com seu nome o paiz inteiro.

Tem a data de 20 de Outubro de 1739 o seu primeiro Estatuto, inspirado no Estatuto do Colégio de Meninos Orfãos da Cidade do Porto. Foi primeiro Reitor, nomeado pelo Bispo, o Padre Sebastião da Mota Leite que mandou logo funcionar as aulas de Gramatica Latina e de Musica e Canto-chão. O Professor de Latim dava 4 horas de aula por dia ; o Professor de Canto leccionava apenas duas vezes por semana.

O Patrimonio do Colégio ia se formando á custa de esmolas ; durante o 2.º reitorado teve grande aumento com o legado do negociante Ignacio da Silva Medella, cujo retrato, por outras benemerencias, ainda se pode ver na sacristia da igreja da V. Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia.

Da sacristia da igreja de S. Pedro os orfãos passaram, em 1766, para o lado direito da igreja de S. Joaquim, arrazada, em 1905, para prolongamento da rua Larga, hoje Marechal Floriano. O predio era onde ainda está o Colégio no principio da rua do Valongo, hoje Camerino ; mas o seu aspecto actual é o da reconstrução de 1918.

Os Orfãos de S. Pedro passaram naquela ocasião a ser conhecidos por Orfãos de S. Joaquim. O Estabelecimento chamava-se Seminario. Era o Seminario Menor, para distinguir do Maior, no Rio Comprido.

A Receita aumentava com o rendimento de predios legados em testamentos ou doados em vida, e com as pensões de alguns alunos, ricos e, ainda, com os premios de serviços prestados : Os Orfãos de S. Joaquim eram chamados para certos enterros, recebendo cada um uma esmola em dinheiro e uma vela de cêra ; e pessoas devotas e ricas legavam ao Seminario somas de maior ou menor vulto para que os orfãos as acompanhassem á ultima morada, processionalmente, cantando o *Miserere*.

Usavam estes jovens batina branca de lã, cinto e murça pretos. Quando saiam encorporados dizia o povo "lá vae a carneirada". Nas festas de igreja a que compareciam era muito apreciado o seu côro ; e na festividade de São Joaquim sempre estreava no pulpito um aluno, tendo aí se iniciado a carreira de brilhantes prégadores.

Em 1811 o uniforme dos orfãos passou a ser preto com cinto roxo, murça tambem roxa.

*

Com a presença da Familia Real sentio-se no Rio de Janeiro falta de casas que bastassem para hospedagem da comitiva e aquartelamento da tropa. Em 1818, não havendo mais que requisitar, os procuradores reaes voltaram-se para o Seminario de S. Joaquim, cuja fama, aliás, andava bastante deminuida ; e os orfãos foram dispersados segundo as suas inclinações : Os de espirito mais letrado foram transferidos para o Seminario de S. José ou Seminario Maior, no Rio Comprido — outra creação do Bispo Guadelupe ; os menos dados a letras foram empregados em diversas oficinas mecanicas. Em 1821 o Regente D. Pedro, atendendo a fortes solicitações, restabeleceu o Orfanato na casa antiga, acentuando-lhe, porem, a organização secular.

Da Regencia Permanente, já no 2.º Imperio, o primeiro Ministro, Lino Continho, reorganizou o Estabelecimento mandando admitir orfãos pobres e desvalidos entre sete e doze anos, marcando o uniforme de jaqueta e calça de duraque azul, boné azul com tope nacional, e sapatos pretos. A tendencia do programa era para o ensino profissional.

*

Grande reforma, porem, foi realizada em 25 de Março de 1837 pelo Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos, da Regencia do Marquez de Olinda. O Decreto tem a data de 2 de Dezembro (aniversario natalicio do 2º Imperador), e assim se exprime nos seus tres primeiros artigos :

Art. 1.º — O Seminario de S. Joaquim é convertido em Colégio de instrução secundaria.

Art. 2.º — Este Colégio é denominado Colégio Pedro II.

Art. 3.º — Neste Colégio serão ensinadas as linguas latina, grega, francesa e inglesa, Rhetorica, e os principios de Geografia, Historia, Filosofia, Zoologia, Mineralogia, Botanica, Quimica, Fisica, Arimetica, Algebra, Geometria e Astronomia.

O diploma de Bacharel em Letras aparece aí pela primeira vez.

Foi primeiro Reitor nomeado para o Colégio Pedro II D. Frei Antonio de Arrabida, Bispo de Anemuria. No di a2 de Maio de 1838 abriram-se as aulas. Os alunos saíam á rua em terno de casaca verde com botões amarelos, e chapeo alto de pêlo de seda.

*

Novo Regulamento expedido em 1 de Fevereiro de 1841 pelo Ministro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, do 1.º Gabinete do 2.º Imperio, alterou para sete anos o Curso de Bacharelato. Em 2 de Dezembro de 1843 o Ministro José Antonio da Silva Maia, do 3.º Gabinete, ouvido o Conselho de Estado, expedio Decreto sobre o modo de conferir o Grau : O bacharelando, de joelhos, pondo a mão no Santo Evangelho, diria em voz alta 'Juro respeitar e defender constantemente as instituições patrias; concorrer quanto me fôr possivel para a prosperidade do Imperio, e satisfazer com lealdade as obrigações que me forem incumbidas." Depois o Ministro do Imperio impunha o Barrete da Faculdade de Letras (setim e franjas brancas) dizendo : "Dou-vos o Grau de Bacharel em Letras que espero honreis sempre tanto como haveis sabido merecer."

Em 1844 outro Decreto mudou os termos do juramento : "Juro manter a religião do Estado, obedecer e defender a S. M. o Imperador D. Pedro II, e as instituições patrias ; concorrer quanto me fôr possivel para a prosperidade do Imperio, e satisfazer com lealdade as obrigações que me forem incumbidas."

*

Em 1851 o Colégio foi encorporado ao patrimonio nacional, isenta a sua séde da Decima Urbana, vendidos os seus predios e empregado o produto em apolices da Divida Publica, inalienaveis.

Em 1857 foi o Colégio dividido em dois estabelecimentos — Internato e Externato, cada um com seu Reitor. O internato instalou-se numa chacara, alugada, da rua Conde do Bomfim canto da rua S. Francisco Xavier. Foi seu primeiro Reitor o Dr. Joaquim Marques de Almeida Rego. As aulas começaram em Fevereiro de 1858.

Dispenso-me de assinalar outras muitas revisões do Regulamento que não alteravan a natureza da Instituição.

Em 1889 o Governo Imperial comprou por 200:000$ o predio da Praça D. Pedro I, hoje Praça Deodoro, para onde se mudou e onde até agora está o Internato.

*

Depois do Decreto 11.530 de 18 de Março de 1915 o Colégio Pedro II é constituido pelas duas secções — Internato com 200 alunos e Externato com 400, sob um mesmo Director. O seu programa é o de uma sólida instrução fundamental que habilite o estudante a satisfazer plenamente as exigencias de um exame vestibular para admissão em qualquer escola ou faculdade universitaria.

Cada secção do Colégio tem um Professor de Português, um de Francês, um de Inglês, um de Alemão, um de Italiano, um de Latim, um de Espanhol, dois de Matematica Elementar, um de Geografia, Corografia e Elementos de Cosmografia, um de Fisica e Quimica, um de Historia Natural, um de Historia do Brasil e Universal, um de Logica, Psicologia e Historia da Filosofia, um de Desenho e um de Ginástica.

Findo o curso o estudante recebe um Certificado em sessão solene da Congregação.

O Colégio Pedro II por seu Regimento, seu Programa, e pela excelencia dos seus professores serve de norma aos estabelecimentos de ensino secundario no Brasil. O seu Patrimonio anda por cerca de cinco mil contos de réis. É seu Director actual o Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, o mais antigo membro do seu Corpo Docente.

A instalação do Colégio, depois das obras de 1918 é ampla, higienica, e dignamente aparelhada.

*

Os professores do Colégio Pedro II, auxiliados por outros de outros estabelecimentos oficiaes de ensino, constituem as comissões julgadoras dos estudantes que anualmente perante o Colégio requerem exame de seus conhecimentos nas varias materias do Curso Normal de Preparatorios. No fim do ano lectivo de 1922 essas comissões examinaram em Português, 1.044 estudantes ; Francês, 797 ; Latim, 233 ; Inglês, 565 ; Alemão, 6 ; Espa-

nhol, 7 ; Italiano, 4 ; Aritmetica, 1.183 ; Algebra, 617 ; Geometria, 500 ; Geografia, 1.226 ; Hist. Universal, 760 ; Hist. do Brasil, 1.214 ; Fisica e Quimica, 540 ; Hist. Natural, 555 e Desenho, 30.

A Lei Orçamentaria de 1922 autorizou o Governo Federal a restabelecer no Colégio Pedro II o Curso do Bacharelato, de acordo com a respectiva Congregação, aproveitando o instituto como Faculdade de Letras, encorporada á Universidade do Rio de Janeiro.

rios por serviços de guerra, do Exercito e da Marinha ; e mediante retribuição, filhos de familias estranhas a essas classes.

A matricula de alunos no Colégio Militar foi sempre disputada ; o Regulamento manda submeter os candidatos a um exame preliminar, e perante as comissões examinadoras comparecem annalmente centenas de meninos.

O curso é de sete anos, e compreende todas as materias de um curso completo de

COLEGIO MILITAR

COLEGIO MILITAR

Estabelecimento creado em 1889 (Decreto 10.202, de 9 de Março) por iniciativa do Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, então Ministro da Guerra, e inaugurado em 6 de Maio do mesmo ano. Foi seu primeiro Director o então Coronel Antonio Vicente Ribeiro Guimarães. A êle e á Congregação de professores que o Governo Imperial nomeou se deve a organização e plano de ensino que fizeram o Colégio notavel desde o seu primeiro ano lectivo.

Internato de instrução e educação militar destina-se a receber gratuitamente filhos de oficiaes efectivos e reformados, e honora-

humanidades e sciencias naturaes, Desenho, Musica, Topografia, Agrimensura e Legislação de Terras, Ginástica, Esgrima e Equitação.

A instalação é modelar, com bôa bibliotéca e importantes museus de Historia natural e de Mineralogia. Bôas salas de aula. Vasto campo de exercicios. Dormitorios e refeitorios muito higienicos.

A matricula oscila entre 600 e 800. O ultimo Regulamento (Março de 1922) limita em 750, sendo 125 gratuitos.

Os professores catedraticos são 14, e 12 adjuntos ; leccionam, porem, activa e dedicadamente cerca de 40 professores porque ha catedraticos e adjuntos adidos ao Colégio, e

numerosas são as turmas de alunos em cada ano e em cada materia.

Têm sido directores do Colégio Militar do Rio de Janeiro, depois do primeiro que deixou o cargo em Julho de 1891 :

Coronel L. Mendes de Moraes (1891-93).

Tenente Coronel João Carlos Marques Henriques (1893).

Coronel Roberto Trompowsky Leitão de Almeida (1894).

Coronel José Alipio Macedo da Fontoura Costallat (1894-904).

Coronel Manoel Rodrigues de Campos (1904-06).

Coronel Alexandre Carlos Barreto (1906-1916).

Coronel Alexandre Henriques Vieira Leal (1916-19).

Coronel Olavo Manoel Corrêa (1919-21).

General Alfredo Odoarto da Silva Moraes: Nomeado em 1921. Fôra Secretario do Colégio de 1895 a 1898. É dos mais antigos professores do Estabelecimento.

O Secretario, em 1922, Tenente Agricola da Camara Lobo Bethlem, foi aluno do Colégio de 1901 a 1907 ; e concluiu brilhantemente o curso da Escola Militar em 1909.

Os moços educados no Colégio Militar do Rio de Janeiro têm seguido os mais variados destinos : Comercio, Industria, Lavoura, Engenharia, Medicina, Magisterio, Magistratura, Diplomacia ; ha muitos bacharelados em Direito ; e alguns foram atraídos pela politica : No actual Governo da Republica destaca-se um ex-aluno do Colégio Militar. Predomina, porem, o numero dos que seguem a carreira das armas ; e têm dado excelentissimos oficiaes do Exercito e da Marinha os moços que neste Estabelecimento fizeram o seu curso geral de preparatorios.

Tal e tão justificada fama ganhou esta casa de educação e ensino que o Congresso Nacional autorizou a abertura de outras congeneres ; e já o Governo estabeleceu colégios militares no Ceará, em Minas Geraes e no Rio Grande do Sul. O do Rio de Janeiro é Primaz.

Dada a nova organização democratica da defesa nacional cumprindo a cada cidadão ser um soldado convicto e destro, a organização militar dos institutos de educação e ensino impõe-se, generaliza-se, e prevalecerá. ([169])

INSTITUTOS MILITARES DE ENSINO

Dos Colégios militares acabo de tratar.

A Escola Militar tem sua séde no Realengo, Estação da E. F. C. B., no Ramal de Santa Cruz. É comandada por um coronel.

O seu curso é de tres anos, sendo o 1.º Fundamental. Decreto 12.956 de 10 de Abril de 1918. Os alunos são praças de pret.

Os aprovados no Curso Fundamental são chamados por ordem de merecimento, para escolherem a arma que preferem — segundo as vagas em perspectiva na Infantaria, na Cavalaria, na Artilharia e na Engenharia do Exercito. Feita a escolha seguem os dois anos do Curso Especial, em que cada aluno dentro da Escola pertence a uma unidade militarmente organizada — ou Companhia de Infantaria, ou Bateria de Artilharia, ou Companhia de Engenheiros — com obrigações de arregimentado, como qualquer soldado na caserna. Concluido o Curso o aluno recebe a sua espada e o titulo de "Aspirante a Oficial". Alem da sua instrução tecnica, tem a pratica do serviço em todas as suas minucias. Conhece a sua arma e a vida de relações militares.

Para os distribuir pelos corpos do Exercito segundo a arma em que se especializaram o Ministerio da Guerra chama os Aspirantes por ordem de merecimento, e oferece-lhes as vagas existentes em todo o paiz, permitindo-lhes a escolha da Guarnição em que preferiram ser classificados.

Escola de Estado Maior (Regulamento de 7 de Abril de 1920). Destina-se a instruir metodica e progressivamente, em 3 anos, Capitães e Primeiros Tenentes, afim de que possam exercer as funções de seus postos no Estado Maior dos exercitos e das divisões.

Escola de Aperfeiçoamento de Oficiaes (Regulamento de 7 de Abril de 1920). Directamente subordinada ao Chefe do Estado Maior do Exercito, destina-se a completar a instrução dos oficiaes do Exercito, aperfeiçoando-os como instrutores e comandantes das pequenas unidades.

Escola de Aviação Militar, tambem subordinada ao Chefe do E. M. E. Tem por fim preparar pilotos aviadores, observadores, mecanicos e operarios especialistas para a construção e reparo dos aviões. O seu Regulamento de 31 de Março de 1920 foi alterado pelo Decreto de 10 de Junho de 1922.

Escola Veterinaria do Exercito. Creada em 6 de Janeiro de 1910, o seu Regulamento é de 23 de Junho de 1920. Prepara veterinarios, militares ou não, com os conhecimentos indispensaveis ao tratamento e conservação dos animaes em geral.

Escolas de Intendencia. Regulamento de 10 de Outubro de 1922. Nestas se preparam oficiaes para a Administração militar e para a Contabilidade administrativa.

Escola de Sargentos de Infantaria

Escolas de Aprendizes Marinheiros e de Grumetes. Regulamento de 10 de Fevereiro de 1915. Sob a imediata jurisdição da Inspectoria de Marinha, tem por fim preparar menores para o alistamento do Corpo de Marinheiros Nacionaes, dotando-os com as bases necessarias para a matricula em escolas profissionaes. Ha uma Escola de Aprendizes em cada Estado maritimo.

Fragata e Capitães de Mar e Guerra para os serviços do Estado Maior e de Alto comando.

ESCOLA NORMAL

A 1.ª Escola Normal no Rio de Janeiro, foi fundada pelo Senador Manoel Francisco Corrêa, que a inaugurou, com a presença do Imperador Pedro II, em 25 de Março de 1874,

COLEGIO MILITAR

Escola Naval, com séde na Ilha das Enxadas. Regulamento de 7 de Abril de 1920. Dá instrução teorica e pratica aos jovens que tendo sentado praça como Aspirantes a Guarda-marinhas, se destinam ao serviço da Marinha de Guerra Nacional — navegadores, combatentes ou Engenheiros-maquinistas.

Escola de Aviação Naval. Séde na Ilha das Enxadas, emquanto se não muda para a Ilha do Governador. Regulamento de 17 de Janeiro de 1917. Subordinada ao Chefe do Estado Maior da Armada, tem por fim preparar aviadores para os complexos serviços da Marinha Militar.

Escola Naval de Guerra. Creada em 1914. Regulamento de 31 de Dezembro de 1921. É destinada á especialização tecnica dos Capitães Tenentes, Capitães de Corveta, Capitães de

e a dirigiu em caracter particular. Foi seu proposito contribuir para a obra regeneradora do magisterio primario.

Encerraram-se as aulas com a mesma solenidade perante o Imperador, a 20 de Dezembro de 1875, extingindo-se então a Escola, porque uma disposição da lei orçamentaria desse ano, autorizava a creação de escolas normaes tornando *ipso facto* dispensavel a que fôra creada por iniciativa particular.

Essa escola funcionou na casa 104 da Rua Larga de S. Joaquim (hoje Marechal Floriano). O seu curso era de 3 anos, e algumas alunas chegaram a matricular-se no 2.º e concluiram o curso.

O Governo concedeu ao Director, aos professores e alunos e alunas que concluissem o curso, o uso de um anel especial ; e a Congre-

gação ofereceu ao Conselheiro Corrêa um que a 26 de Maio de 1899 êle entregou ao Museu do Instituto Historico e Geografico Brasileiro.

*

Em virtude da lei orçamentaria de 1875, foi promulgado o Decreto de 30 de Novembro de 1876 creando na Côrte, duas escolas normaes primarias, sendo uma internato para professoras e outra externato para professores. O curso seria de 3 anos ; e a cada uma seria anexada uma das escolas primarias do Municipio para a pratica do ensino.

No dia 2 de Dezembro de 1876, lançou-se a pedra fundamental. Era dia aniversario do Imperador que então viajava pela Europa, achando-se como Regente a Princeza Isabel, e sendo Ministro do Imperio o Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo. Realizou-se ás 2 horas da tarde na Rua da Relação esquina da dos Invalidos, onde está hoje a Policia, que era então na Rua do Lavradio esquina da do Senado. A acta foi redigida e escripta pelo professor Francisco Carlos da Silva Cabrita, que era então Professor e Secretario do Lyceu de Artes e Oficios, e aluno da Escola Politecnica. Esta acta acha-se no Arquivo Nacional, e foi publicada no n.º 11 do 2.º ano da "A Escola Primaria", de 1 de Agosto de 1918. A pedra foi benzida pelo Bispo D. Pedro Maria de Lacerda, em presença da Regente do Imperio, Ministros e pessoas distintas ; o discurso foi pronunciado pelo Arquitecto Com. Bethencourt da Silva, Director do Liceu de Artes e Oficios, autor do projecto a executar. A acta desta solenidade é só o que resta de tudo isso.

Em 6 de Março de 1880, o Decreto n.º 7.684 creou a actual Escola Normal ; era dependencia do Ministerio do Imperio ; funcionava á noite na Escola Politecnica onde esteve até 1888. Nesse ano instalou-se na Praça da Aclamação, junto ao Palacio da Camara Municipal, isto é na actual Praça da Republica, junto á Prefeitura ; deslocou duas escolas primarias, uma para cada sexo, que funcionavam naquêle edificio construido pelo Engenheiro Passos, e que é hoje a Escola Profissional "Rivadavia Corrêa". Daí mudou-se em fins de 1914 para a Rua de S. Christovão 18, edificio da Escola "Estacio de Sá", e mais tarde estendeu-se ao predio da esquina, desalojando a Agencia da Prefeitura para que fôra construido.

*

Em 1889 a Escola Normal passou ao Ministerio da Instrução Publica, que só durou um ano : e em 1890 passou á Municipalidade. De 1911 a 1914 existio como instituto autonomo, regendo-a a Congregação de seus professores, em virtude do Decreto n.º 838 de 20 de Outubro de 1911.

Pelo Decreto n.º 985 de 10 de Outubro de 1914 que lhe deu novo Regulamento voltou a ser da Municipalidade.

O Decreto n.º 1.025, de 25 de Junho de 1915, creou, anexa á Escola Normal, a Escola de Aplicação ; funcionou esta no edificio que foi da Agencia junto á Escola no largo do Estacio ; hoje está na Escola "Gonçalves Dias", escola primaria mixta, na Praça Deodoro.

A Escola Normal rege-se em 1922 pelo Regulamento que baixou com o Decreto n.º 1059 de 14 de Fevereiro de 1916, alterado parcialmente por varios decretos posteriores.

A Escola Normal do Distrito Federal tem tido 19 directores desde 1880 até 1922 :

* 1 — Benjamin Constant Botelho de Magalhães.
* 2 — Dr. Sancho de Barros Pimentel.
* 3 — Dr. João Pedro de Aquino.
* 4 — Dr. Theophilo das Neves Leão.
5 — Dr. Francisco C. da Silva Cabrita.
6 — Dr. Joaquim Abilio Borges.
7 — Dr. Alfredo Gomes.
8 — Dr. Luiz Nazareth.
* 9 — Dr. Raymundo Monteiro da Silva.
*10 — Dr. Manoel Bomfim.
*11 — Dr. Servulo de Lima.
*12 — Dr. José Verissimo Dias de Mattos.
13 — Dr. Thomaz Delfino dos Santos.
*14 — Hans Heilborn.
15 — Dr. Julio Afranio Peixoto.
16 — Dr. Ignacio Azevedo do Amaral.
17 — D. Esther Pedreira de Mello.
18 — Dr. Alfredo do Nascimento e Silva.
19 — Dr. José Rangel.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Depois de algumas sessões preparatorias em que se acalentava a idéa de uma creação oficial, os mais devotados á fundação de uma Academia para a cultûra e desenvolvimento da literatura brasileira — Araripe Jor. (romancista), Arthur Azevedo (comediografo), Graça Aranha (romancista), Guimarães Passos (poe-

---

* — Falecidos.

ta), Inglez de Souza (jurisconsulto), Joaquim Nabuco (sociologo), José Verissimo (critico), Lucio de Mendonça (poeta), Machado de Assis (romancista e poeta), Medeiros e Albuquerque (poeta e jornalista), Olavo Bilac (poeta e folhetinista), Pedro Rabello (poeta e jornalista), Rodrigo Octavio (novelista e Professor de Direito), Silva Ramos (escritor e filologo), Teixeira de Mello (historiador) e Visconde de Taunay (historiador e romancista) — reuniram-se, em 28 de Janeiro de 1907, na sala da Redacção da *Revista Brasileira,* e declararam constituida a Academia, mesmo sem o apoio oficial que lhes vinha sendo prometido, e que faltava.

Machado de Assis apresentou, então, o Estatuto constante de dez artigos, redigidos por êle, Joaquim Nabuco, Silva Ramos, Rodrigo Octavio e Inglez de Souza que compunham a primeira Directoria. Em seguida foram inscritos tambem como socios fundadores Coelho Netto, Filinto de Almeida, José do Patrocinio, Luiz Murat e Valentim Magalhães que tinham comparecido ás sessões anteriores. Todos foram aclamados membros efectivos e perpetuos da instituição, juntamente com Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Ruy Barbosa, Sylvio Romero e Urbano Duarte que já haviam aderido á idéa da fundação, aceitando o convite para fazerem parte da Academia.

Procedeu-se, então, á eleição de mais dez membros para completar o numero de 40, obtendo maioria absoluta Aluisio Azevedo, Barão de Loreto, Clovis Bevilaqua, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Luiz Guimarães Jor., Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raymundo Corrêa e Salvador de Mendonça.

Escolheram os 40 academicos os seus respectivos patronos literarios ; e realizou-se a sessão inaugural em 20 de Julho de 1907. Nesse mesmo dia informou Machado de Assis que a Academia recebera das livrarias "Garnier" e "Laemmert", exemplares encadernados de todas as obras dos Academicos e de seus veneraveis patronos. Foi assim iniciada a Bibliotéca que mais tarde tomou grande vulto com a oferta de mais de mil volumes das bibliotécas de Lucio e Salvador de Mendonça.

Outras sessões se efectuaram no Gabinete Português de Leitura, na Associação Christã de Moços, no Colégio Pedro II e na Academia Nacional de Medicina.

Em 8 de Dezembro de 1900 o Presidente Campos Salles e o Ministro do Interior Epitacio Pessoa assinaram o Decreto 726 que deu á Academia existencia oficial. O Ministro do Exterior J. J. Seabra, na Presidencia Rodrigues Alves, concedeu séde á Academia no Syllogêu Brasileiro.

Em 1919 faleceu nesta Capital o livreiro Francisco Alves que dotou a Academia com o legado de alguns milhares de contos.

Cadeiras da Academia. Nomes dos respectivos patronos (em grifo) *com as datas limites da sua existencia. Nomes dos academicos fundadores* (*o 1.º adeante de cada patrono*). *Sucessores dos que passaram á Eternidade.*

1 — *Adelino Fontoura* (1859-84)
Luis Murat (1861).

2 — *Alvares de Azevedo* (1831-82)
Coelho Netto (1864).

3 — *Arthur de Oliveira* (1851-82)
Filinto de Almeida (1857).

4 — *Basilio da Gama* (1740-95)
Alcides Maya (1878).

5 — *Bernardo Guimarães* (1827-84)
Raymundo Corrêa (1860-1911).
Oswaldo Cruz (1872-1917).
Aloysio de Castro (1881).

6 — *Casimiro de Abreu* (1837-60)
Teixeira de Mello (1833-1907).
Arthur Jaceguay (1844-1914).
Goulart de Andrade (1882).

7 — *Castro Alves* (1847-71)
Valentim Magalhães (1859-1903).
Euclydes da Cunha (1866-1909).
Afranio Peixoto (1876).

8 — *Claudio Manoel da Costa* (1729-89)
Alberto de Oliveira (1857).

9 — *Visconde de Araguaya* (1811-82)
Magalhães Azeredo (1872).

10 — *Evaristo da Veiga* (1799-1837)
Ruy Barbosa (1849).

11 — *Fagundes Varella* (1841-75)
Lucio de Mendonça (1854-1909)
Pedro Lessa (1859-1921)
Eduardo Ramos (1860).

12 — *França Junior* (1838-90)
Urbano Duarte (1855-1902)
Augusto de Lima (1860).

13 — *Francisco Octaviano* (1825-89)
Visconde de Taunay (1843-99).
Francisco de Castro (1857-1901).
Martins Junior (1860-1904).
Souza Bandeira (1865-1917).
Helio Lobo (1883).

14 — *Franklin Tavora* (1842-88)
Clovis Bevilaqua (1859).

15 — *Gonçalves Dias* (1823-64)
Olavo Bilac (1865-1918).
Amadeu Amaral (1875).

16 — *Gregorio de Mattos* (1623-96)
Araripe Junior (1848-1911).
Felix Pacheco (1879).

17 — *Hippolyto da Costa* (1774-1823)
Sylvio Romero (1851-1914).
Osorio Duque Estrada (1870).

18 — *João Francisco Lisbôa* (1812-63)
José Verissimo (1857-1916).
Homem de Mello (1837-1918).
Alberto Faria (1869).

19 — *Joaquim Caetano* (1810-73)
Alcindo Guanabara (1865-1918).
Silverio Gomes Pimenta (1849-22).

20 — *Joaquim M. de Macedo* (1820-82)
Salvador de Mendonça (1841-1913).
Emilio de Menezes (1867-1918).
Humberto de Campos (1886).

21 — *Joaquim Serra* (1838-88)
José de Patrocinio (1854-1905).
Mario de Alencar (1872).

22 — *José Bonifacio, o moço* (1827-86)
Medeiros e Albuquerque (1867).

23 — *José de Alencar* (1829-77)
Machado de Assis (1839-1908).
Lafayette R. Pereira (1834-1917).
Alfredo Pujol (1865).

24 — *Julio Ribeiro* (1845-90)
Garcia Redondo (1854-1916).
Luiz Guimarães Filho (1878).

25 — *Junqueira Freire* (832-55)
Barão de Loreto (1836-1906).
Arthur Orlando (1858-1916).
Ataulpho de Paiva (1867).

26 — *Laurindo Rabello* (1826-64).
Guimarães Passos (1867-1909).
Paulo Barreto (1881-1921).
Constancio Alves (1863).

27 — *Maciel Monteiro* (1804-68)
Joaquim Nabuco (1849-1910).
Dantas Barreto (1850).

28 — *Manoel Ant. de Almeida* (1832-61)
Inglez de Souza (1853-1918).
Xavier Marques (1861).

29 — *Martins Penna* (1815-48)
Arthur Azevedo (1855-1908).
Vicente de Carvalho (1866).

30 — *Pardal Mallet* (1864-94)
Pedro Rabello (1868-1905).
Heraclito Graça (1836-1914).
Antonio Austregesilo (1876).

31 — *Pedro Luiz* (1839-84)
Luiz Guimarães Jor. (1847-1898).
João Ribeiro (1860).

32 — *Porto Alegre* (1806-79).
Carlos de Laet (1847).

33 — *Raul Pompeia* (1863-95)
Domicio da Gama (1862).

34 — *Souza Caldas* (1762-1814)
Pereira da Silva (1817-98)
Barão do Rio Branco (184 1912)
Lauro Müller (1863).

35 — *Tavares Bastos* (1839-75)
Rodrigo Octavio (1866).

36 — *Theophilo Dias* (1854-89)
Affonso Celso (1860).

37 — *Thomaz Gonzaga* (1744-1807)
Silva Ramos (1853).

38 — *Tobias Barreto* (1839-89)
Graça Aranha (1868).

39 — *Varnhagen* (1816-78)
Oliveira Lima (1867).

40 — *Visconde do Rio Branco* (18.9-1880)
Eduardo Prado (1860-1901).
Affonso Arinos (1868-1916).
Miguel Couto (1864).

MEMBROS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

(Os que foram e os que o são)

1 — Bartolomé Mitre (1821-1906) ; Gonçalves Vianna (1840-1914). Alberto de Oliveira.
2 — Eça de Queiroz (1845-1900). C. Malheiro Dias.
3 — Elisée Reclus (830-1905). Jayme de Seguier.
4 — Emile Zola (1840-1902). Antonio Corrêa de Oliveira.
5 — Eugenio de Castro.
6 —Garcia Merou (1862-1905). Javier de Viana.
7 — Guerra Junqueiro.
8 — Guilherme Blost Gana ((1829-1905). Victor Orban.
9 — Henrique Ibsen (1828-1906). Conde de Monsaraz (1852-1913). John Casper Bramer (1922).

10 — Henrique Sienkiewiez (1846-1916). Julio Dantas.
11 — Herbert Spencer (1820-1903). Jean Finot.
12 — John Fiske (1842-1901). Candido de Figueiredo.
13 — John Hay (1838-1906). Ramalho Ortigão (1836-1915). Antonio Feijó (1860-1917). João de Barros.
14 — José Echegaray (1833-1916). Santos Chocano.
15 — Josué Carducci (1835-1907). Guilherme Ferrero.
16 — Leon Tolstoi (1828-1910). Martni Brussot.
17 — Paul Groussac.
18 — Raphael Obligado (1801-1920). Gabriel d'Annunzio.
19 — Theodoro Mommsen. (1817-1903). Goran Bjorkman.
20 — Theophilo Braga.

Durante o ano de 1922 a Academia Brasileira de Letras realizou 56 sessões, onze das quaes publicas.

Em 31 de Dezembro não havia tomado posse o sr. Eduardo Ramos, eleito em Agosto ; e existia vaga a cadeira *Joaquim Caetano* pela morte, em Setembro, de D. Silverio Gomes Pimenta, Bispo de Mariana. Candidataram-se para ocupa-la os srs. Gastão Penalva, Rocha Pombo, Gustavo Barroso, Otto Prazeres, Mario de Lima e Monsenhor José Landim.

Foram publicados em 1922 quatro numeros da *Revista da Academia*, trimestral, ora sob a direcção do sr. Alberto Faria.

INSTITUTO "OSWALDO CRUZ"

Em 1899 apareceu a peste bubonica em Portugal e no Paraguay. As frequentes comunicações do Brasil com esses dois paizes determinaram receios e aconselharam precauções. Paris e Berlim declararam que só com grande demora forneceriam sôro anti-pestoso. Já era tempo de termos recursos proprios para casos taes. O Barão de Pedro Affonso, que então dirigia o Instituto Vacinico Municipal, sugerio a creação de um Instituto Sôro-terapico. A peste irrompeu em Santos. A resolução creadora foi, então, imediata : Em 19 de Outubro de 1899 o Prefeito Cesario Alvim assinou o Decreto autorizando a despeza de noventa contos para a construção e aparelhamento do novo Laboratorio.

O logar escolhido foi a antiga Fazenda denominada "Manguinhos", junto ao porto de Inhaúma, 19.º Distrito Municipal, aproveitadas algumas construções existentes.

Nascera o Instituto.

Em 1902 o Governo Federal chamou a si a conclusão definitiva do Instituto ou Laboratorio de Manguinhos, colocando-o sob a direção do Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz, Medico, Bactereologista, que já ai funcionava como especialissimo preparador de sôros. Por morte desse ilustre homem de Sciencia, em 1917, o Governo da Republica deliberou perpetuar-lhe o nome no Instituto que êle fizera utilissimo, e não só conceituado mas respeitado entre os seus congeneres de maior reputação.

O grande edificio — do Arquitecto português, Dr. Luiz Moraes — é de estilo mourisco, todo de pedra, tijolo e ferro, com quatro andares acima do pavimento terreo, alem do subterraneo. Os terraços superiores estão a 47 metros de altura. Se o exterior é belo, o interior é admiravel. Ha em torno do edificio grandes e pequenos bioterios, pavilhões, aquarios, cavalariças e pastagens, tudo cobrindo uma area de 35.000 metros quadrados.

O Instituto fôra instalado inicialmente para o fim de preparar o sôro antipestoso ; por sua capacidade, porem, e pela aptidão dos profissionaes que nêle se congregam dedicadamente, hoje ali são preparados todos os sôros e vacinas mais em uso. Alem disso, faz-se no Instituto "Oswaldo Cruz" o estudo das molestias infecto contagiosas que se propagam no homem e nos irracionaes ; e lá se ensina, ao mesmo tempo, Bactereologia, Microscopia, Protozoologia e Parasitologia, em suas aplicações praticas á Higiene e á Veterinaria. São numerosos os laboratorios e todos dotados do material necessario para sua inteira eficiencia. Preciosos museus, interessantissimas colecções. É um Estabelecimento modelo. Oficinas fotograficas, tipograficas, de impressão, de galvanoplastia e de encadernação completam os recursos do Instituto.

Muitas molestias parasitarias tem sido e estão sendo estudadas nesse ambiente rigorosamente scientifico de onde tem saído profissionaes abalizados para a clinica e para a docencia medicas, e onde são redigidas as paginas brilhantes de que se compõem as *Memorias do Instituto* periodicamente publicadas.

O actual Director de Saude Publica, Dr. Carlos Chagas, trabalhando em Manguinhos estudou a molestia chamada "Papeira" que fazia grandes estragos na população do interior de Minas Geraes ; e descobriu que o propagador dessa enfermidade é um animalculo

(*Triatoma Megistus*) vulgarmente chamado "barbeiro" que inocula no ser humano o parasito germe. Em homenagem ao descobridor, o Dr. Oswaldo Cruz, deu á enfermidade o nome de "Molestia de Chagas", assim como em homenagem ao Dr. Oswaldo Cruz o Dr. Chagas dera ao germe o nome de *Esquisotripano Cruzi*.

O Instituto "Oswaldo Cruz" acha-se a 45 minutos do centro da Cidade, pelo trem da "Leopoldina Railway". O Prefeito Rivadavia Corrêa aprovou em 1916 o projecto para a construção da Avenida Merity na extensão de 15.500 metros, desde a rua da Alegria até a margem do rio Merity nos limites do Distrito Federal com o Estado do Rio de Janeiro. O primeiro trecho de 2 km., desta Avenida atravessará o projectado Bosque de Manguinhos que envolverá o Instituto. Então, de automovel, a viagem será de 20 minutos.

ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOÇOS

A. C. M.

Um moço de coração, e, de certo, instruido na Lei de Deus, — George Williams — era, em 1848, empregado da casa Hitchock & Rogers, de Londres, quando resolveu fundar uma Associação destinada a salvar os rapazes dos perigos que lhes oferecem a rua, os botequins, as tavolagens e os alcouces. Condoera-se dos patricios, amigos e colégas que perdiam tanto tempo de suas folgas em cousas prejudiciaes ou, mesmo, em cousa nenhuma, tempo que podiam aproveitar no melhoramento do seu corpo, da sua inteligencia e do seu caracter. Reunio aquêles que julgou capazes de o ajudarem na iniciativa, e fundou abnegadamente *The Young Men's Christian Association*. ([170])

A Associação prosperou porque, felizmente, o numero de seus membros foi crescendo de ano para ano. Cresceram a importancia e a fama da Associação. Não tardou que em Londres se erguesse um vasto edificio para séde da Y. M .C. A. E na Belgica, na França, na Alemanha, na Austria, na Suissa, na Italia, na Asia, na Australia foram sucessivamente surgindo filiaes dessa Associação. Hoje ha 10.500 Associações Christãs de Moços em 60 paizes diversos, todas rigorosamente sujeitas aos mesmos principios, e visando os mesmos fins : Levantar o padrão moral do moço, conduzi-lo pelo trilho da honra, instrui-lo, educa-lo, fortalece-lo, dar-lhe boas relações, habilita-lo para a luta pela vida — honesta, alegre e progressivamente.

No Novo Mundo surgio, tambem, a Y. M. C. A.. Em New-York teve um extraordinario exito. Era bem a instituição necessaria á mocidade. E, á maneira que ia sendo conhecida no paiz, ia se fazendo indispensavel nos grandes centros comerciaes e industriaes. A sua acção era evidentemente benefica. Multiplicaram-se, pois, as Associações Christãs de Moços, por todos os Estados da União, e junto das grandes emprezas ferroviarias.

Organizou-se em New York uma Comissão Internacional, em conjugação com a Aliança Universal que já então se estabelecera em Genebra. A Aliança Internacional fundou um Seminario onde se preparassem convenientemente os directores tecnicos destas Associações, a fim de que nunca se lhes alterassem as linhas constitucionaes.

Cada Associação, em cada paiz, tem efectivamente a sua Directoria formada por pessoas de valimento local ; mas a conservação dos seus moldes originaes, a sua direcção pratica resultam da presença desses especialistas que se encorporam ás Directorias com o nome de "Secretarios".

E a sua presença é util ; o seu trabalho intenso. Os Secretarios são os maquinistas da instituição. Para as suas funções são realmente, exigidas qualidades primorosas : Muita actividade, muita fé, muito amor, muita energia da vontade : Ás seduções da ociosidade, dos falsos deleites e dos vicios, que desviam os moços da Associação, é preciso saber opôr, habil e infatigavelmente, a propaganda do Bem, até vencer a cruel resistencia, até despertar mesmo os indiferentes.

Os secretarios norte-americanos são admiravelmente preparados para esse oficio ; e ultimamente vão se consagrando á especialidade muitos moços brasileiros.

*

Um dia houve quem do Rio de Janeiro escrevesse á Comissão Internacional pedindo-lhe que estendesse até aqui a sua ação benemerita. Veio, logo, um Secretario — Myron Augusto Clark — inteligenica lucida, coração amoroso, capacidade rara — e, em 1893, com auxilio de outros homens de Fé, industriaes e comerciantes, fundou no Rio de Janeiro a Associação Christã de Moços.

Depois fundou masi tres : em Recife, São Paulo e Porto Alegre.

Em casa propria — 47, rua da Quitanda — vem funcionando ininterruptamente, dia e noite, com aulas de instrução primaria, secundaria e profissional, conferencias publicas, salas de leitura, de palestra, de reuniões ; Gremio Literario, Ginásio, banheiros, etc. Em predio á parte — 1.º de Março, 6 — estabeleceu-se, recentemente, a Secção Naval do Departamento Militar, confortavelmente aparelhada para instrução, descanso e recreio de tripulantes, praças e sub-officiaes da marinha de guerra.

A frequencia das duas casas foi de 12.500 socios em 1922.

*

Em 1917, verificada a deficiencia das suas instalações, e tendo recebido da Comissão Internacional a oferta de 120.000 dolares para um novo e grande edificio, se aqui subscrevessem 100.000 (quatrocentos contos ao cambio da época) a A. C. M. reunio todos os seus amigos e reconhecidos pelos serviços que ella tem prestado, e, num movimento que impressionou a Cidade, conseguio levantar 458:789$000, em 8 dias.

Já foi adquirido o terreno (40 m. x 50 m) em frente á rua Heitor de Mello, na superficie deixada pelo arrazamento do Morro do Castélo. Breve se erguerá alto edificio em cujo portico se poderão inscrever as seguintes palavras :

"Construido com os donativos de mil amigos da mocidade e dedicado ao aperfeiçoamento dos jovens para o serviço de Christo e da Humanidade".

*

No Rio de Janeiro, onde nestes ultimos anos tem avultado consideravelmente o numero de moças empregadas no Comercio, fundou-se em 1920 a *Associação Christã Feminina* que tem prestado os melhores serviços, atraindo-as para as suas salas de ambiente honestissimo, instruindo-as, habilitando-as para a dactilografia, a stenografia, etc.; porcionando-lhes, até, refeições sadias a preços modicos. É uma formosa instituição a A. C. F., cumprindo rigorosamente o mesmo programma da A. C. M. — Salvar a mocidade dos perigos que resvalam na perdição, elevar o espirito da mocidade, fortifica-la e prepara-la para as lutas da vida.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO

Em 21 de Outubro de 1839 um grupo de 27 brasileiros ilustres fundou o Instituto Historico e Geografico Brasileiro, destinado a coligir, coordenar, e publicar documentos e contribuições elucidativas da Geografia e Historia do Brasil. A idéa desta creação partio de membros da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, centro notavel de intelectuaes e patriotas. ([171])

O primeiro Estatuto organizado pelo Visconde de S. Leopoldo, o Conego Januario da Cunha Barbosa e o Marechal Cunha Mattos — foi aprovado em 25 de Novembro seguinte. Neste mesmo dia foi eleito primeiro Presidente o Visconde de S. Leopoldo que exerceu o cargo por 8 anos e 8 mezes. Secretario Perpetuo o Conego Januario.

D. Pedro II, que ainda era menor, foi aclamado "Protector do Instituto" : depois da maioridade não faltava ás sessões, interessando-se por todos os trabalhos.

Sucederam ao Visconde de S. Leopldo na Presidencia do Instituto :

Marquez de Sapucahy (1847-75).
Visconde de Bom Retiro (1875-86).
Com. Joaquim Norberto de Souza e Silva (1886-91).
Cons. Olegario Herculano de Aquino e Castro (1891-1906).
Marquez de Paranaguá (1906-07).
Barão do Rio Branco (1907-12).

Actualmente é Presidente do Instituto o Conde de Affonso Celso.

Desde a fundação do Instituto tem desempenhado o cargo de Secretario os seguintes socios.

Conego Januario da Cunha Barbosa (1838-46).
Manoel Ferreira Lagos (1846-51).
Francisco Adolpho de Varnhagen (1851).
Joaquim Manoel de Macedo (1852-56).
Manoel de Araujo Porto Alegre (1857-1859).
Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1860-76).
Dr. José Ribeiro de Souza Fontes (1877-1880).
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo (1881-86).
Dr. João Franklin da Silva Tavora (1887-88).
Dr. João Severiano da Fonseca (1888).

Barão Homem de Mello (1889).

Dr. João Severiano da Fonseca (1890).

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello (1891).

Henrique Raffard (1892-1905).

Dr. Max Fleiuss — De Janeiro de 1906 até agora — tendo sido de Janeiro de 1901 a Dezembro de 1905 2.º Secretario.

Muitos são os serviços prestados pelo Instituto, erguendo monumentos, organizando congressos, reunindo e arquivando cabedaes utilissimos para historiadores e geografos. A sua Bibliotéca e o seu Arquivo de Mapas são preciosos, encerrando raridades que maravilham os estudiosos. Notabilissima é a colecção da sua Revista Trimensal, em publicação desde 1839, já constando de 88 grossos volumes — fecundo manancial de noticias, descrições, memorias, documentos, biografias, estudos criticos e analiticos que iluminam controversias e esclarecem questões da mais remota antiguidade.

O venerando Instituto funciona ha 17 anos no Syllogêu Brasileiro ; e dispõe, desde 1919, de 1781,m² na Avenida Henrique Valladares, terreno doado pelo Governo para a construção da sua séde.

O Instituto conta 172 socios efectivos, honorarios e correspondentes.

MUSEU NACIONAL

No Campo da Lampadosa, em frente á Lagôa da Panéla, o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos mandara construir um edificio para Museu de Historia Natural.

Em quanto lenta e solidamente a obra era executada pelos presos, mandou improvizar mais rapidamente uma casa terrea para deposito de animaes empalhados e de alguns exemplares vivos, predominando aves — pelo que o povo a denominava *Casa dos Passaros*. Foi encarregado desse pequeno estabelecimento o Ornitologista Francisco Xavier Cardoso Caldeira, a quem o povo apelidou *Xavier dos Passaros*.

O edificio de pedra e cal quando concluido foi Erario Regio, e hoje é Tesouro Federal. Onde se alastrava a Lagôa da Panéla ergue-se desde 1820 a igreja matriz do Sacramento.

*

Entre outros melhoramentos e instituições com que El.Rei D. João VI resolveu dotar o Rio de Janeiro, capital de seus dominios Sul Americanos, figura o Museu ([172]) que êle fundou com muitos exemplares da fauna brasileira empalhados e classificados pela Naturalista Xavier, na tal Casa dos Passaros ; com uma soberba colecção mineralogica adquirida dos herdeiros do celebre professor alemão Werner, e, ainda, com interessantes e numerosos objectos de Arte que Sua Majestade destacou de sua propria residencia. O Decreto creador tem a data de 6 de Junho de 1818, e assinatura do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Reino, Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal que tomara muito a peito a fundação do Museu.

Para seu estabelecimento o Estado adquirio a "morada de casas que no Campo de Sant'Anna ocupava o respectivo proprietario João Rodrigues Pereira de Almeida". Diz El-Rei no Decreto que o proprietario se prestou a vende-las por 32:000$, "por Me fazer serviço" ; e foi, talvez, em recompensa que lhe deu logo o titulo de Barão de Ubá.

A propriedade fica entre as actuaes ruas Constituição e Visconde do Rio Branco ; nela se acha hoje o Arquivo Nacional.

Aí esteve até 1892 o vasto mostruario que actualmente ocupa o antigo Paço Imperial da Quinta da Boa Vista.

Oprimeiro Director nomeado por D. João VI para o Museu que acabava de crear foi o frade franciscano José da Costa Azevedo, maranhense de nascimento, estudante do Curso Secundario de Coimbra, Bispo de Pernambuco, Lente de Mineralogia na Academia Militar do Rio de Janeiro. Faleceu em 1822.

A pedido do notavel politico e homem de Sciencia, José Bonifacio de Andrada e Silva alguns naturalistas estrangeiros como o Barão Lingsdorff, Netterer (fundador do Museu Brasileiro em Vienna), Berche (de Hamburgo), Paoli R. Schuch, Dr. Sellow e Saint Hilaire, enriqueceram o Museu com especimes geologicos, mienralogicos e zoologicos. Quando faleceu o grande José Bonifacio a sua familia distinguio o Museu com a oferta do esplendido Gabinete Mineralogico que lhe pertencia.

Depois de Fr. José da Costa Azevedo tem dirigido o Museu o Dr. João S. Caldeira. Fr. Custodio Alves Serrão, Dr. Cesar Burlamaqui, Conselheiro Freire Allemão, Conselheiro Ladislau Netto e Dr. João Baptista de Lacerda. Hoje está sob a direcção do Prof. Dr. Bruno Lobo.

No correr de um seculo de existencia por tal forma se avolumaram as colecções e cresceu a importancia da instrução publica que varias vezes se fez necessario reorganiza-lo,

aumentando-lhe o pessoal e dividindo-o em secções diversas.

*

É Estabelecimento merecedor de demorada visita.

No extremo superior da formosa "Alameda Pedro II", formada, aliás, de sapucaias que se enfileiram desde o portão principal do Parque, e dominando um largo socalco ajardinado, ergue-se o edificio do Museu, com 74 metros de fachada. ([173])

Logo á entrada, no vestibulo, está o Meteorito que antes de 1784 (não se sabe quando) caío á margem do rio Bedengó, sertão bahiano. Mede 2,m2 de maior comprimento e 1m,45 de maior largura. Pesa 5.300 kg. Compõe-se de 95 partes de ferro, 4 de nickel : outros elementos constituem a centesima parte. O seu Peso Especifico é 7,56. Foi transportado em 1888 para esta Capital por iniciativa da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, e a expensas do Barão, depois Visconde de Guahy, então Deputado pela Bahia : Encarregaram-se desse trabalho o Oficial de Marinha, hoje Almirante reformado José Carlos de Carvalho e os Engenheiros Civis Vicente José de Carvalho Filho e Humberto Saraiva Antunes. ([174])

O Museu não encerra só o cabedal imenso acumulado por naturalistas que durante muitos anos percorreram o interior do Brasil, e nem somente do Brasil possue riquezas paleontologicas : Antiguidades de Pompeia, antiguidades egipcias, colecções etnograficas e numismaticas, artefactos de todas as origens figuram como letras do alfabeto com que se descreve a grande jornada dos seculos.

Presentemente o Museu é dividido em 4 secções : — Zoologica — Botanica — Geologia e Mineralogia — Arqueologia, Etnografia e Numismatica. Possue tambem um Laboratorio de Quimica Analitica. O seu pessoal tecnico é constituido por 8 professores abalizados, 2 Assistentes, e os Preparadores e Praticantes necessarios. Já se compõe de muitos volumes, formando bibliotéca preciosa a publicação — *Arquivos do Museu Nacional* sobre materia relativa ás secções do Museu — repositorio de investigações scientificas ([175]).

Durante o ano 1922 este Museu foi visitado por 155.601 pessoas.

MUSEU HISTORICO

Este é o "Museu Nacional" propriamente dito. É o repositorio de todos os objectos que documentem a Historia do Brasil.

Autorizado o Governo a crea-lo pelo Decreto Legislativo de 18 de Janeiro de 1922, fundou-o e regulamentou-o por Decreto de 2 de Agosto do mesmo ano.

Art. 1.º O Museu Historico Nacional, dependente do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, terá por fim recolher, classificar e expôr ao publico objectos de importancia historica, principalmente os que forem relativos ao Brasil, e concorrer por meio de cursos, conferencias, comemorações e publicações para o conhecimento da historia patria e o culto das nossas tradições."

Foi inaugurado no dia 11 de Outubro de 1922.

Consta de duas secções : 1.ª Arqueologica e Arte ; 2.ª, Numismatica, Sigilografia e Filatelia.

Varias peças importantes reunidas pelo Prof. Escragnole Doria quando Director do Arquivo Publico tinham já felizmente iniciado esse indispensavel Museu, ha cinco anos ; agregou-se-lhe agora o que estava disperso pelo Museu Militar e na Escola de Belas Artes, Bibliotéca Nacional e Casa da Moeda ; e agregar-se-á muita cousa de valor historico que anda em poder de particulares.

Está instalado num veneravel edificio solida e elegantemente construido por engenheiros militares para repartições militares no tempo em que o Brasil era ainda Colonia de Portugal. O proprio edificio, portanto, é uma reliquia da boa arquitectura portuguesa, restaurado e muito admirado na Exposição Internacional Comemorativa do 1.º Centenario da Independencia do Brasil.

Dirige o Museu Historico o Sr. Gustavo Barroso, erudito publicista.

MUSEU NAVAL

Foi creado por Decreto Imperial de 14 de Março de 1868 (dia aniversario da Senhora Imperatriz), inaugurando-se, porem, só no dia 25 de Março de 1884 (aniversario do Juramento da Constituição do Imperio).

Está franco ao publico, diariamente, no edificio do Almirantado, á rua D. Manoel.

Consta de sete secções :

A primeira é de quadros a oleo e gravuras — representando scenas historicas, navios famosos, passagens notaveis, retratos de Ministros da Marinha no Imperio e na Republica, marinheiros e homens ilustres. Dentre os quadros historicos sobresae o do Combate Naval do Riachuelo, em 11 de Junho de 1865, pintado por Victor Meirelles. Outros de De Martino merecem, tambem, ser admirados.

A segunda secção consta de modelos e meios modelos de unidades de diversas categorias da nossa marinha de guerra antiga e moderna.

Na terceira se acham bandeiras brasileiras que se desfraldaram em logares e ocasiões de grande importancia para a Historia do Brasil. Aí estão a bandeira e o estandarte de seda que arvorava a Fragata "Constituição" na viagem de Março de 1843 em que trouxe da Europa a Imperatriz D. Thereza Christina. Tambem lá se vê a primeira bandeira da Republica usada por navio brasileiro — o Paquete "Alagoas" que em Novembro de 1889, conduzio á Europa a Familia Imperial, deposta.

A quarta e quinta secções são relicarios de artilharia, projectis, couraças e torpedos ; e de armamento portatil : espingardas, carabinas, fusis, clavinotes, lanças, espadas, sabres, chuços, etc. Despertam curiosidade alguns canhões de fundição portuguesa nos seculos XVII e XVIII, que guarneceram navios ou fortificaram portos e costas do Brasil.

Na sexta se encontram figuras de prôa, rodas do leme, recordações materiaes de navios celebres desaparecidos na voragem do Tempo.

A setima secção é constituida por uma vitrina de medalhas militares e comemorativas de feitos historicos.

MUSEU SIMOENS DA SILVA

Está instalado este Museu em predio proprio, á rua Visconde de Silva n. 111, bairro de Botafogo. Propriedade do Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva que o fundou em 1879, enriquecendo-o desde então com as mais variadas e interessantes aquisições.

Compõe-se de tres secções distintas : Scientifica, Historica e Artistica, e ocupa 13 vastos compartimentos do predio que é tambem residencia do proprietario.

O acervo é, realmente, sem par em museus particulares. De etnografia ha documentos preciosos. Em mobiliario, ceramica, relíquias historicas ha verdadeiros primores.

O Dr. Simoens da Silva que é um arqueologo erudito faculta a visita ao seu Museu, e tem proporcionado visitas frequentes a professores de estabelecimentos de Instrução acompanhados de seus discipulos.

Por iniciativa sua reunio-se em 1922 no Rio de Janeiro um notavel Congresso de Americanistas.

CLIMA DO RIO DE JANEIRO

O conjunto dos fenomenos meteorologicos habituaes numa região do Globo constitue o que se chama o Clima dessa região.

Esses fenomenos meteorologicos devem ser metodicamente observados, registados e comparados para darem base scientifica á determinação climatogica de uma localidade.

No Brasil a serie mais completa de observações refere-se justamente ao Rio de Janeiro. As mais antigas são de 1781, feitas pelo padre jesuita Bento Sanches Dorta, português, considerado Astronomo distinto pelo sabio Director do Observatorio Nacional, Dr. H. Morize, em cujos escritos procuro conhecimentos para este capitulo.

As observações diarias começaram com a creação do nosso Observatorio, em 1827 ; mas somente foram arquivadas depois de 1844. Publicações só se fizeram de 1851 a 1868, nos *Anaes Meteorologicos*. Hoje ha conclusões tiradas de 70 anos de observações.

A temperatura mais alta observada no Rio de Janeiro foi de 39 centigrados, em 8 de Dezembro de 1889. Não se repetio. Vale a pena lembrar que em Montevideo já se registaram as maximas de 40° e 41.°8 ; na Provincia de Santiago del Estero, Republica Argentina, 46°8 ; e na California 53.°8.

A media dos dois mezes mais quentes — Janeiro e Fevereiro — é de 26.°6 ; depois a temperatura desce até 20° no mez de Julho. Num inverno, a 1 de Setembro de 1882, a minima absoluta foi de 10.°2 ; não se repetio, porem, essa baixa. A media anual da temperatura á sombra no Rio de Janeiro é de 23.°4.

Nos dias de verão a temperatura eleva-se gradualmente desde o nascer do Sol até que sopre a "brisa do mar", entre as 12 e 14 horas. Não é raro, então, ver que a coluna termometrica baixa 4, 5 e 6 centigrados. Se este refresco se não dá, e a temperatura continua a subir, é muito provavel a tempestade que modifica sensivelmente a atmosfera. A media anual de dias de trovoada é de 30 por ano. A quantidade de chuva que anualmente cae nesta cidade é de 1123 mm.

As chuvas são mais frequentes de Novembro a Abril. As que vêm do quadrante Oeste (NO ou SO) são sempre precedidas de uma notavel baixa barometrica, e duram geralmente pouco. As chuvas que vêm de SE são acompanhadas de ventos mais ou menos fortes soprando na mesma direcção. São mais frequentes na estação seca — Junho a Agosto ; duram ás vezes dias, e corresponde-lhes uma alta barometrica.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SAUDE PUBLICA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

(DISTRICTO FEDERAL)

Boletim Hebdomadario

— DE —

ESTATISTICA DEMOGRAPHO-SANITARIA

ANNO 20° Semana de 1 a 7 de Janeiro de 1922 N. 1

TOPOGRAPHIA

Latitude S	Entre 22° —44'—45"	e 23°—04'—25"
Longitude W de Greenwich	Entre 43° —06'—06"	e 43°—45'—58"

Area da zona urbana	166k2 421.050m2
» » » suburbana	997k2 511.950m2
» geral do Districto Federal	1.163k2 933.000m2

Exposição em geral	N E
Altitudes da area habitada — maxima	460 metros
Altitudes da area habitada — minima	1 »
Altitudes da area habitada — média da parte mais populosa	3 »

População

População recenseada (1-0-1920)	Urbana	790.823 habitantes
	Suburbana e rural	356.776 »
	Maritima	10.274 »
	Districto Federal	1.157.873 »

População calculada para todo o Districto Federal 1.183.862 habitantes (31—10—1921)

MOVIMENTO DO ESTADO CIVIL

	Zona Urbana	Zona suburbana	Total	Média diaria
Nascimentos	478	199	677	96.71
Casamentos	117	23	140	20.00
Obitos . . . (1)	297	158	455	65.00
Nascidos mortos	32	14	46	6.57

ANNO 20° Semana de 24 a 30 de Dezembro de 1922 N. 52

TOPOGRAPHIA

Latitude S	22°—53'—41",0
Longitude W de Greenwich	43°—13'—23" — 2h5 2m53,s5

Area da zona urbana	164,km2 469.822
» » » suburbana	995,km2 036.005
» de diversas ilhas	4,km2 427,073
» geral do Districto Federal	1.163.km2 933.000

Exposição geral	N E
Altitudes da area habitada — maxima	460 metros
Altitudes da area habitada — minima	1 »
Altitudes da area habitada — média da parte mais populosa	3 »

NOTA—Estes dados se baseiam em informações do Observatorio Nacional e da Commissão da Carta Cadastral.

População

População recenseada (1-9-1920)	Urbana	790.823 habitantes
	Suburbana e rural	356.776 »
	Maritima	10.274 »
	Districto Federal	1.157.873 »

População calculada para todo o Districto Federal 1.256.370 habitantes 30—IX—1922)

MOVIMENTO DO ESTADO CIVIL

	Zona urbana	Zona suburbana	Total:	Média diaria
Nascimentos	483	222	705	100.71
Casamentos	225	35	260	37.14
Obitos . . . . (2)	313	142	455	65.00
Nascidos mortos	33	14	47	6.71

(1) Predominaram as afecções do apparelho digestivo (141).

Obitos por doenças transmissiveis 113, não se registando caso algum de beriberi, colera, crup, escarlatina, febre amarela, lepra, peste, tuberculose meningéa, raiva e variola.

Dos 455 individuos falecidos nesta semana primeira do ano 253 eram do sexo masculino, e 391 eram brasileiros. 134 viveram menos de 1 ano; 70 de 1 a 5 anos; 8 de 5 a 10 anos; 13 de 10 a 20; 60 de 20 a 30; 56 de 30 a 40, 34 de 40 a 50, 24 de 50 a 60; 56 de mais de 60 anos de idade. 345 faleceram em domicilio; 110 em hospitaes, asilos, etc.

(2) Predominaram afecções do apparelho digestivo (114).

Obitos por doenças transmissiveis 137, não se registando caso algum de beriberi, colera ou enterite cobriforme, crup,, escarlatina, febre amarela, lepra, peste e raiva.

Dos 455 individuos falecidos nesta semana ultima do ano 244 eram do sexo masculino, e 388 eram brasileiros. 102 viveram menos de ano: 88 de 1 a 5 anos; 9 de 5 a 10 anos; 12 de 10 a 20; 67 de 20 a 30; 63 de 30 a 40; 25 de 40 a 50; 34 de 50 a 60; 55 de mais de 60 anos. Faleceram em domicilio 348; em hospitaes, asilos, recolhimentos, etc. 106.

A chuva de pedra é rara no Rio de Janeiro.

Os ventos são os de SSE e NNO.

O SSE começa a soprar entre 11 e 13 ou 14 horas, conforme a estação, até o Pôr do Sol. Ao caír da noite dá-se quasi sempre um periodo de "calma", cortado por "brisas loucas" de duração muito variavel. Depois sopra o "terral" até amanhecer.

Quando o Sol passa para o hemisferio boreal os ventos de SE e SSE tornam-se menos fortes e menos frequentes, em quanto que o NNO se reforça, prolongando-se algumas vezes até 11 e 12 horas. A velocidade dos ventos no Rio de Janeiro, ainda com as maiores depressões barometricas, nunca excede de 30 metros por segundo, e isso mesmo em curtas rajadas.

O nevoeiro seco é fenomeno observavel nos mezes de Agosto, Setembro, e na primeira quinzena de Outubro. São atribuidos a queimadas na zona agricola ; as tempestades os dissipam.

A media anual de dias perfeitamente claros é de 131.

A media da pressão atmosferica é de 758.60.

A humidade relativa é em media de 78 °|°. A tensão do vapor atmosferico é em media 16.5.

*

Como informação complementar dou a seguir as quatro estações de 1922, em resumos organizados pelo Instituto Central da Directoria de Meteorologia recentemente desanexada do Observatorio Astronomico.

O Verão

O verão de 1921-1922 no Distrito Federal transcorreu sem anormalidade de nota.

A temperatura media de cada mez, muito pouco variou com relação ás respectivas normaes ; e, considerando-os em conjunto, o valor medio resultante foi exactamente igual ao valor medio normal da estação estavel entre nós. A soma das maximas acumuladas em todo o verão, pouco se afastou da soma normal, ao passo que, com a soma das minimas, verificou-se um afastamento negativo sensivel indicando terem sido as madrugadas mais frescas que habitualmente, o que é explicavel pela menor nebulosidade observada e, portanto, maior radiação nocturna. Houve apenas dous periodos acima de 30°, o de 21 a 25 de Dezembro e o de 22 a 25 de Janeiro. A maxima absoluta registada no Castélo, foi de 34°2, ocorrida duas vezes, a 7 de Janeiro e 20 de Fevereiro. As mudanças mais bruscas de uma hora a outra, aliás sempre pequenas, deram-se em Janeiro, e as de um dia ao outro, em Fevereiro.

As chuvas foram escassas nos dous primeiros mezes, e ligeiramente acima da normal em Fevereiro, o "deficit" pluviometrico de Dezembro foi 71.3 milimetros, e de Janeiro 55.7 milimetros. A precipitação mais intensa foi observada entre 23, 24 horas do dia 3 de Fevereiro, com 15.2 milimetros, intensidade pouco notavel.

O periodo mais chuvoso da estação foi o de 9 a 15 de Janeiro, e o mais seco ocorreu entre 7 e 15 de Dezembro..

Foram registados apenas tres dias com ventos fortes — um em Dezembro (mau tempo do sul), e dous em Janeiro (borrascas locaes com trovoadas).

Nenhuma anomalia se notou na taxa de humidade relativa cujo calor medio muito se aproximara da normal dos mezes considerados.

O céo permaneceu um pouco menos nubiado do que é comum no verão, havendo um excesso de 79 horas de insolação. Contaram-se 6 dias claros, 34 encobertos e 50 nublados.

Dada a relação intima, em a nossa região, entre o movimento dos systemas isobaricos moveis e o estado geral do tempo, o verão tambem correu sem nenhuma anomalia conspicua, do ponto de vista da circulação geral das baixas camadas atmosfericas.

De um modo geral, poder-se-á dizer que a estação calmosa de 1921-22, no Distrito Federal, foi seca no maior periodo, e de calores normaes.

O Outono

Nenhuma anomalia acentuada caracterizou o outono de 1922 no Distrito Federal. A temperatura foi ligeiramente mais alta nos mezes de Março e Maio, e quasi perfeitamente normal no mez de Abril.

Houve apenas dois periodos relativamente frios : um entre 8 e 21 de Abril, outro entre 10 e 18 de Maio. Foram sentidas as seguintes temporadas de calor, de 18 a 29 de Março, de 1 a 5 de Abril, de 4 a 9 e de 19 a 25 de Maio.

A minima absoluta da estação (17°) foi observada aos 10 de Abril. A maior temperatura registada foi 34° em 26 de Março.

As mudanças mais bruscas de temperatura de uma hora a outra, aliás pequenas, deram-se em Março, e as de um dia ao outro, em Maio.

As chuvas foram mais frequentes em Março e Abril. As de Março ficaram muito acima da normal em virtude dos grandes agua-

ceiros do dia 30. As precipitações de Maio, por outro lado, apresentaram um "deficit" pluviometrico de 349 mms. De modo geral, o outono de 1922 teve, no Distrito Federal um excesso de chuvas de perto de cem milimetros.

O periodo mais chuvoso correu de 1 a 10 de Março, e o mais seco entre 14 e 25 de Maio.

Ocorreram quatro ventanias, nos dias 23 e 30 de Março, e em 9 e 10 de Abril. A da madrugada de 10 de Abril foi impetuosa, atingindo a rajada maxima a velocidade de 23,2 m. por segundo.

A taxa de humidade relativa esteve, na media, sempre acima da normal.

A nebulosidade foi maior do que é comum no outono ; e, como o excesso não se verificou só á noite, consequentemente, houve regular "deficit" de insolação que montou a 53 horas.

Contaram-se apnas 10 dias claros ; observaram-se 33 encobertos e 49 nublados.

Excluindo, portanto, as copiosas chuvas de 30 de Março, que atingiram por vezes a 2 m|m por minuto ; e pondo de parte o temporal da madrugada de 10 de Abril, o Outono de 1922 não teve anomalias dignas de menção.

O Inverno

O inverno de 1922 no Distrito Federal foi, de modo geral, seco e ameno.

A temperatura foi mais ou menos normal nos mezes de Junho e Julho, e acima da normal em Agosto. Em conjunto o afastamento da temperatura tipico para esta estação do ano foi de mais 0,°7. Houve os seguintes periodos relativamente frios : de 8 a 12 de Junho, com uma minima de 14.5 verificada na madrugada de 11 ; de 2 a 6 e de 19 a 25 de Julho, com a minima absoluta da estação, 13.9, registada na manhã de 20. Em Agosto houve uma temperatura de noites frias, de 22 a 26. A maxima termometrica absoluta do inverno, 31.8, ocorreu no dia 29 de Agosto.

As mudanças mais bruscas de temperatura de uma hora a outra, aliás pequenas, deram-se em Agosto, e as de um dia a outro em Junho.

As chuvas foram sensivelmente escassas durante todo o inverno, sobretudo em Agosto, cujo "deficit" atingiu a 45.9 milimetros. A deficiencia pluviometrica com relação á normal, foi, durante a estação, de perto de 88 milimetros. Os periodos chuvosos dos tres mezes em revista, foram sempre de tres dias no maximo, viz : — de 2 a 4 de Junho, de 1 a 3 de Julho, e de 4 a 6 de Agosto. O periodo mais seco foi de 25 dias (de 7 a 31 de Agosto). Houve uma unica ventania em todo o periodo invernoso — a de 23 de Junho, de OSO.

A taxa de humidade relativa foi inferior á normal, excepto no mez de Julho cujo valor medio igualou á normal.

A nebulosidade esteve abaixo da normal e a insolação mais alta do que é usual no inverno.

Contaram-se 25 dias claros, 23 encobertos e 44 nublados.

A nevoa seca foi, estranhamente, pouca este ano, no mez de Agosto.

A Primavera

A Primavera de 1922 no Distrito Federal não apresentou nenhum aspecto climatico anomalo. A temperatura foi ligeiramente mais baixa nos mezes de Outubro e Novembro. Tomando os tres mezes da estação em conjunto a temperatura esteve apenas dous decimos de grau abaixo da normal. Os periodos mais frios ocorreram de 16 a 19 de Setembro e de 26 a 28 de Novembro. A minima absoluta dos tres mezes 14.7, verificou-se no dia 18 de Setembro. A temperatura mais quente foi curta porem, intensa — de 30 de Outubro a 1 de Novembro no meio da qual, a 31 de Outubro, registou o termometro a elevada temperatura de 36°2, nunca observada nesse dia, nos ultimos 41 anos.

As mudanças mais bruscas de temperatura de uma hora a outra, aliás pequenas deram-se em Setembro ; e as de um dia ao outro, mais sensiveis, verificaram-se igualmente no mesmo mez.

As chuvas foram em geral escassas, salvo em Novembro em que se registou um saldo pluviometrico de 56.6 m|m. O periodo mais chuvoso da estação (9 dias) transcorreu entre 11 e 19 de Novembro, e o mais seco, (11 dias) foi observado entre 10 e 20 de Outubro.

Houve tres ventanias no mez de Outubro (dias 9, 12 e 26), todas do quadrante SO, com velocidade acima de 16 m. por segundo, atingindo, a do dia 9, 21m.0 por segundo.

A taxa de humidade relativa foi inferior á normal em Setembro, pouco se afastando dos valores usuaes dos demais mezes da primavera meteorologica.

A nebulosidade esteve abaixo da normal em toda a estação, porem, mais á noite.

Contaram-se apenas 6 dias claros ; observaram-se 51 encobertos e 34 nublados.

Pondo de parte o grande calor do dia 31 de Outubro, as variações um pouco mais bruscas da temperatura de um dia ao outro, em Novembro, consequentes da maior actividade observada nas camadas inferiores da atmosfera em toda a zona meridional do Con-

tinente, e, a despeito das tres ventanias de Outubro, a primavera carioca de 1922, traduzida por valores medios, não revelou, em face dos dados normaes de muitos anos, anomalia apreciavel.

ABASTECIMENTO D'AGUA

Desde 1876 que a Cidade do Rio de Janeiro possue um serviço regular de abastecimento de agua, periodicamente melhorado segundo as crescentes exigencias da população. A agua é canalizada para cada predio cujo proprietario paga ao Tesouro, anualmente, a "pena d'agua" : 54$000 pelos predios de primeira classe, e 36$000 pelos de 2.ª. (178)

Os mananciaes capitados desde então até agora são os que em seguida vão enumerados, com o volume actual de sua contribuição diaria. (179)

S. Pedro	40.000.000	litros
Rio do Ouro — St.º Antonio	37.000.000	"
Barrelão	36.000.000	"
Cherem	42.000.000	"
Mantiqueira	27.000.000	"
Mendanha	1.000.000	"
Pirapora	1.090.000	"
Camorim	6.000.000	"
Rio Grande	6.000.000	"
Ciganos	4.000.000	"
Covanca	1.300.000	"
Tres Rios	800.000	"
Madame Rocha	144.000	"
Maracanã e S. João	13.000.000	"
Trapicheiro	1.148.000	"
Andarahy	2.000.000	"
Macaco	1.813.000	"
Carioca	800.000	"
Lagoinha	543.000	"
Silvestre	455.000	"
Chororó	100.000	"
Caboclas	472.000	"
Surubi	400.000	"

A colecta e distribuição de agua está afecta á Repartição de Aguas e Obras Publicas, subordinada ao Ministerio da Industria e Viação.

Para os efeitos administrativos é a Cidade dividida em 7 distritos, com seus respectivos escritórios tecnicos e reservatorios, cada distrito sob a responsabilidade de um Engenheiro.

ALIMENTAÇÃO PUBLICA

No Rio de Janeiro efectuam-se feiras diarias de generos alimenticios. São modernas. Iniciou-as a Superintendencia do Abastecimento, Repartição creada, depois da guerra, subordinada ao Ministerio da Agricultura.

O pensamento primitivo foi combater a acção da carestia pela aproximação dos agricultores e pequenos productores do proprio consumidor, evitando o intermediario ganancioso.

Não se tem observado rigorosamente isso : A esperteza tem se insinuado nas feiras, e o Publico não tira delas todo o proveito que elas lhe podiam oferecer. Contudo, faz-se aí bastante negocio de cereaes, hortaliça, aves, ovos, alguma fruta, e sabão, e outros mil artigos que vão desde os utensilios de cosinha ás bugigangas da moda feminina.

A primeira feira realizou-se no dia 17 de Abril de 1921 ; e realizaram-se nesse ano 594.

As feiras são ao ar livre, duas ou tres por dia, começam ás 7 horas e acabam ás 12, em diferentes pontos da Cidade ; Botafogo, Copacabana, Jardim Botanico, Laranjeiras, Arcos da Carioca, Praça da Republica, Praça da Bandeira, Catumby, Praça 7 de Março, Praça Saenz Peña, Gamboa, Ponta do Cajú, Engenho de Dentro.

Em 1922 vendeu-se nas feiras arroz de 600 a 700 réis o litro, feijão de 500 a 600 réis ; farinha de mandioca, de 400 a 500 réis ; carne seca de 1.600 a 1.800 réis o kg. ; batata de 400 a 500 réis, açucar branco de 1.ª oscilou entre 600 e 900 réis, café a 2$000, ovos de 1$500 a 2$000 a duzia.

Em Janeiro de 1922 as vendas efectuadas nas feiras do Rio de Janeiro atingiram a soma de 1.164:550$900 ; Fevereiro, 1.076:289$680; Março, 1.344:758$600; Junho, 1.456:665$600; Julho, 1.554:643$450; Agosto, 1.637:330$600; Setembro, 1.670:793$300; Outubro, 1.719:953$200 ; Novembro..... 1.543:848$100; e Dezembro, 1.796:763$100.

Só a venda de arroz nas feiras importou em 1.179:847$700 ; açucar, 633:118$900 ; feijão, 596:890$850 ; batatas, 779:669$600 ; farinha de mandioca, 120:140$100 ; massas, 152:857$900 ; pão, 34:149$400 ; carne verde, 17:569$800 ; carne seca, 883:239$900; salsicharia, 536:041$000 ; toucinho, 338:118$000; peixes, 591:214$500; lacticinios, 536:274$300; aves, 763:331$200; ovos, 370:061$400; verduras, 1.406:507$000; cebolas, 550:205$400 ; frutas, 385:491$000 ; côcos, 135:961$800 ; azeite e sal, 50:444$500; doces, 252:688$200; café, 117:200$300 ; diversos, 228:927$400. Total de generos alimenticios, 10.675:920$650.

Artigos de armarinho, 3.761:883$680 ; ferragens e louças, 619:488$200 ; sabão, 798:072$800; sapataria, 609:950$700 ; quinquilharias 229:165$600 ; chapelaria, ...

164:672$800; diversos, 307:902$400. Total desta classe, 6.491:136$180.

Total geral, 17.167:056$830.

Total das vendas, desde a creação das feiras livres até 31 de Dezembro..... 27.618:856$710.

Estes algarismos atestam que o povo concorreu ás feiras na esperança de comprar mais barato ; mas a economia pouco apreciavel terá sido. O abastecimento geral da Cidade, o abastecimento maior, fez-se fóra das feiras ; haja vista á seguinte estatistica de generos entrados no Distrito Federal por vias terrestres e maritimas, no ano de 1922 :

Arroz, 556.595 sacos ; 1.391.622 sacos de açucar ; 37.096 caixas de azeite de oliveira ; 6.549.552 kilos de bacalhau; 18.695.228 kilos de banha ; 30.087.593 kilos de batatas ; 4.202.542 kilos de carne de porco salgada ; 342.429 fardos de carne seca ; 7.916.540 kilos de cebolas ; 627.118 sacos de farinha de mandioca ; 258.642 sacos de farinha de trigo ; 631.854 sacos de feijão ; 22.928 caixas de leite condensado ; 4.540.508 kilos de manteiga ; 811.047 sacos de milho ; 1.066.282 kilos de peixes conservados (exclusive o bacalhau) ; 95.315.703 kilos de sal ; 2.236.736 kilos de toucinho e 237.972.504 kilos de trigo em grão.

ASSISTENCIA PUBLICA

A Assistencia Publica está, felizmente, bem lançada no Rio de Janeiro. Os governos municipal e federal, e a iniciativa particular têm se preocupado muito com o assunto.

Desde que se gera no ventre materno até que o prostram a infelicidade ou a velhice é o individuo humano objecto de cuidados dirigidos pelo mui alto espirito de caridade.

O Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, delicada creação do Dr. Moncorvo Filho, oficialmente subvencionada, e apoiada, e auxiliada por muitos corações generosos, tem um serviço permanente de protecção ás mulheres pobres que se acham em estado de gravidez ; e ampara-as fisica e moralmente para que a gestação se faça e se complete sem ofensa dos interesses vitaes da creatura. É o primeiro passo da Assistencia.

Segue-se a Maternidade, estabelecimento de iniciativa particular e hoje subordinado ao Ministerio do Interior ; aí são recebidas as mulheres que procurem o seu abrigo nas vesperas de darem á luz. Aí se lhes presta todo o socorro scientifico, despertando iguaes cuidados a parturiente, o nascituro e o recem-nascido.

Anexo ao Hospital Geral da Santa Casa de Misericordia, ha tambem, desde longos anos, um serviço de Maternidade.

A Associação "Pro Matre", fundada pelo Professor Dr. Fernando de Magalhães, hospitaliza as parturientes, e, pratica a assistencia carinhosa tratando das mães e dos filhos até normalisação da vida de ambos.

Innumeras instituições particulares acodem a enfermos e necessitados.

O Governo Federal pratica a assistencia a alienados, a leprosos, a tuberculosos, a orfãos, ás victimas de todas as molestias contagiosas ou não, por meio de organizações oficiaes, e por intermedio da Irmandade da Misericordia que subsidia.

Cabe aqui menção dos hospitaes, asilos, policlinicas, dispensarios, ambulatorios existentes no Distrito Federal.

Asilo do Bom Pastor, para mulheres ; associação particular.

Asilo "S. Cornelio", para mulheres e menores ; Irmandade da Misericordia.

Asilo "Gonçalves de Araujo", para menores ; Irmandade S. S. da Candelaria.

Asilo "N. S. de Pompéa", para filhos de presos e sentenciados ; associação particular.

Asilo "S. Francisco de Assis", para homens e mulheres invalidos ; Municipalidade.

Asilo "S. Francisco de Paula", para meninos e meninas ; creação e administração da Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula.

Asilo de Invalidos da Patria ; Ministerio da Guerra.

Asilo "Izabel", para meninas ; administração religiosa; oficialmente subsidiado.

Asilo de Menores, para meninos vadios ; Chefia de Policia.

Asilo "Santa Maria", para mulheres valetudinarias ; Irmandade da Misericordia.

Asilo da Sociedade Amante da Instrução, para meninas.

Asilo da Misericordia, para orfãs ; Irmandade da Misericordia.

Asilo S. Vicente de Paula ; para meninos e meninas ; caridade publica.

Asilo da Velhice Desamparada ; associação particular.

Hospital Central do Exercito ; Ministerio da Guerra.

Hospital da Marinha ; Ministerio da Marinha.

Hospital Evangelico ; associação particular.

Hospital da Brigada Policial ; Ministerio do Interior.

Hospital da Misericordia. É hospital geral de indigentes. Tambem é conhecido pela designação de "Santa Casa". Administra-o a Irmandade da Santa Casa de Misericordia que alem desse possue e administra os seguintes estabelecimentos hospitalares :

Hospital "S. Zacarias" ; para crianças. *Hospicio "N. S. da Saude"*, para adultos. *Hospicio 'S. João Baptista"*, para adultos. *Hospicio "N. S. do Socorro"*, para adultos. *Hospicio "N. S. das Dores"*, para tuberculosas.

Hospitad da Sociedade Portuguesa de Beneficencia.

Hospital da V. O. 3.ª de N. S. do Monte do Carmo.

Hospital da V. O. 3.ª dos Minimos de S. Francisco de Paula.

Hospital da V. O. 3.ª da Penitencia.

Hospital de Estrangeiros ; Empresa particular.

Hospital Internacional ; Empresa particular.

UM PAVILHÃO DO HOSPITAL CENTRAL DO EXERCITO

O Hospital Hahnemanniano, é Associação particular .

O Hospital dos Lazaros, pertence á Irmandade do S. S. da Candelaria.

Hospital Maritimo "Müller dos Reis", da Marinha Mercante Nacional.

Hospital Nacional de Alienados. É subordinado ao Ministerio do Interior, e compreende colonias agricolas na Ilha do Governador para homens, e no Engenho de Dentro para mulheres. Pertence ao mesmo ramo da Assistencia e Manicomio Judiciario.

Hospital "S. Sebastião". Subordinado ao Ministerio do Interior. É hospital de isolamento terrestre, como o *Paula Candido,* no litoral fluminense, é hospital de isolamento maritimo.

Hospital "Pro Matre" ; Associação particular.

Hospital de S. Francisco de Assis ; Departamento Nacional de Saude Publica.

Hospital de Pronto Socorro ; Departamento Municipal de Assistencia Publica.

Instituto "Pasteur", socorro anti-rabico ; Irmandade da Misericordia.

Maternidade ; Ministerio do Interior.

Recolhimento de Santa Thereza ; orfãs ; Irmandade da Misericordia.

Reconhimento de N. S. Auxiliadora ; Assistencia religiosa.

Policlinica Geral do Rio de Janeiro ; Congregação de medicos.

Policlinica de Botafogo ; Associação particular.

Policlinica da Tijuca; iniciativa particular.

Policlinica dos Suburbios; Assistencia a alienados.

Policlinica de Crianças; Irmandade da Misericordia.

Policlinica Militar; Ministerio da Guerra

Dispensario "Azevedo Lima", pertencente á Liga Brasileira Contra a Tuberculose, assim como o

Dispensario "Viscondessa de Moraes".

Dispensario "S. Vicente de Paulo"; caridade publica.

Dispensario "Afranio Peixoto", para sifilis nervosa; anexo ao Hospital de Alienados.

Ambulatorios de Ginecologia e Obstetricia, disseminados pelo Hospital "Pro Matre".

*

Á Municipalidade que já instruia a infancia, protegia meninos desvalidos e abrigava a velhice desamparada, cabia acudir aos que tombam na via publica surpreendidos pelo sofrimento.

A Republica dera-lhe encargos de higiene agressiva e defensiva que leis e regulamentos complicaram até se darem colisões com a Repartição Federal de Saude Publica. Isso durou anos. Em 1903 o combate á febre amarela, empreendido por Oswaldo Cruz, dirimio atribuições que se delimitaram definitivamente em 1920.

Convencida de que lhe cumpria prestar socorro ás victimas de acidentes na via publica, a Municipalidade havia creado em 1907, na rua Camerino o primeiro Posto de Assistencia cuja utilidade se manifestou de pronto, mas cujas necessidades não foram prontamente atendidas.

O material rodante, por deficiente, rapido se gastou. As ambulancias reduzidas a seis, mal corriam e mal correspondiam á ansiosa boa vontade dos medicos e do infatigavel pessoal subalterno. Entre medidas incompletas de higiene e recursos falhos para Assistencia a Municipalidade cambaleava.

Estava pedindo uma reforma a Repartição, quando o Dr. Carlos Sampaio, nomea-Barbosa, abalizado professor da Faculdade de Medicina, e iniciador do socorro medico de urgencia na Policia de Botafogo que fundara em 1900.

Ao tomar posse do cargo, em 17 de Junho de 1920, proferio o Dr., Luiz Barbosa substancioso discurso onde fez promessas felizmente realizadas no curto prazo de dois anos e cinco mezes, pois renunciou o exercido de cargo em 14 de Novembro de 1922.

O seu primeiro acto foi reformar a Directoria de Higiene e Assistencia Municipal, cingindo-a ás funções que municipalmente lhe pertenciam: A Repartição federal que tratasse da Higiene do Distrito como trata da Higiene de todos os Estados. A Municipalidade ficava com a Assistencia: Creou se o Departamento Municipal de Assistencia Publica. (Decreto de 22 de Janeiro de 1921).

Imediatamente estabeleceu o serviço auxiliar de pronto socorro com pequenos carros "Ford" aparelhados para as mais urgentes intervenções medicas, na rua ou em domicilio. Creou e estabeleceu o Posto de Assistencia do Meyer, velha aspiração do Suburbio, aí montando um Dispensario Clinico para a pobreza, o primeiro de iniciativa municipal. Propunha-se a completa-lo com uma Maternidade, e a construir na parte livre do terreno um Dispensario amplo com consultorios de especialidades clinicas, mas não teve tempo. Entretanto, os serviços aí executados valem por uma obra meritoria.

Fez-se, até, o resenceamento da pobreza local; crearam-se cadernetas da Assistencia, o que constitue medida de incontestavel utilidade para a Administração e para a distribuição equitativa dos socorros.

Tambem o Posto de Copacabana foi remodelado, e teve nova séde em edificio construido para que êle realize a triplice fim de socorro medico-cirurgico de urgencia aos afogados — Balneario — dispensario Clinico.

O Hospital de Pronto Socorro corôou o esforço do Dr. Luiz Barbosa como Director da Assistencia. Em 14 de Novembro de 1922 foi dada por finda a sua construção e instalação, restando, apenas, faze-lo funcionar. Tem capacidade para 200 leitos. Nêle ficarão reunidas as tres inspectorias tecnicas do Departamento, o Posto Central de Pronto Socorro e os serviços de hospitalização, quer para as vitimas de acidentes de rua, quer para os funcionarios da Prefeitura que dêle necessitem.

Onde havia apenas seis ambulancias ficaram trinta; e ao material rodante de pronto socorro associou um bonde-ambulancia creação do seu espirito de medico e de administrador.

*

Neste mesmo periodo administrativo, 1920-22, o Dr. Luiz Barbosa efectuou a transferencia do Asilo "S. Francisco de Assis" para o Boulevard 28 de Setembro, aco-

modando mais confortavelmente os velhinhos, oferecendo-lhes melhor ambieite e melhor panorama, proporcionando-lhes enfermarias por especialidades, gabinete dentario inclusive. O Asilo teve pela primeira vez Regimento Interno, expedido pelo Director da Assistencia Publica Municipal.

Todos os serviços de Assistencia receberam regulamentos e instruções. Até os cemiterios municipaes foram atingidos pela benefica reforma.

Espirito culto, coração bondoso, orientação feita na experiencia quotidiana, o organizador da Assistencia Municipal entrou decidido a agir, e saío satisfeito com a sua acção. Assim se pudesse dizer sempre de todos que exercem uma parcela da autoridade publica.

INSTITUTO DE PROTECÇÃO E ASSISTENCIA Á INFANCIA

Fundado pelo Dr. Moncorvo Filho, em 1899, tem prestado reaes serviços á população do Rio de Janeiro, e tem irradiado por todo o Brasil, havendo já fundadas 17 instituições congeneres.

O seu fim é atraír as gestantes pobres, aconselha-las, medica-las, fortifica-las, de modo a proporcionar-lhes partos felizes ; depois o Instituto cuida da criança, e fornece alimentação lactea, se a mãe não póde amamenta-la.

Neste capitulo de assistencia á infancia o Instituto tem se esmerado e multiplicado esforços. A actividade do fundador, a dedicação dos medicos e parteiras seus colaboradores, as contribuições da generosidade publica e as subvenções oficiaes proporcionam recursos materiaes e scientificos para beneficio de mães e filhos que em numero superior a 100 frequentam o Estabelecimento ainda mal acomodado na rua Visconde do Rio Branco, mas com uma construção já bem adeantada e espaçosa na rua do Areal.

No ano 1922 o Dr. Moncorvo expoz uma admiravel colecção de observações feitas sobre costumes das mães, costumes infantis, vicios oriundos da ignorancia, e perigos consequentes, ameaças permentes á saude das crianças pelos descuidos, erros, defeitos na alimentação, no vestuario, na habitação, no berço, e pelos contactos com animaes parasitarios ou contubernaes. Um verdadeiro museu, sob o nome realmente de Museu da Infancia esteve no pavimento terreo da Policlinica Geral, na Avenida Rio Branco ; e milhares de pessoas o visitaram, demoradando-se a contemplar o que havia de historicamente instrutivo e de beneficamente elucidativo no vasto campo da puericultura.

POLICLINICA DE BOTAFOGO

Em 1900, ao encerrar-se o seculo XIX, sofria o grande bairro de Botafogo a necessidade de um Ambulatorio, um Dispensario, onde fossem atendidos doentes pobres que hesitam em procurar Medico mesmo nos consultorios gratuitos das farmacias. A Policlinica Geral do Rio de Janeiro já estava prestando inumeraveis serviços ; mas era uma, unica, ao centro da anorme Capital. O Dr. Luiz Barbosa, clinico prestigioso, resolveu atender á necessidade de Botafogo ; e, como o mais dificil era casa para a instalação, pedio e obteve a solidariedade da Associação Protectora da Instrução aos Operarios da Freguezia da Lagôa. A Directoria, dispondo de um predio de tres pavimentos, ficou com o primeiro para as suas oficinas de encadernação, o 3.º para as suas aulas, e entregou o 2.º para a Policlinica.

O Dr. Luiz Barbosa tendo conquistado a séde, tratou de angariar mobiliario e aparelhos ; e, concumitnatemente, esforçou-se por atraír o concurso de colégas para o exercicio da Caridade. A Policlinica de Botafogo tornou-se um fanal onde brilham dedicações e sabedoria. O socorro medico de urgencia foi iniciado por ela quando ainda não existia esse serviço municipal.

Ao cabo de alguns anos a Policlinica era dotada com um magnifico pavilhão de operações. Por ultimo obteve do Governo Municipal terreno proprio na Avenida Pasteur para construir o seu edificio definitivo.

A pedra fundamental do edificio para a Policlinica de Botafogo foi lançada solenemente em 14 de Julho de 1922, perante o Prefeito, professores da Faculdade de Medicina, membros do Conselho Deliberativo, muitos medicos e amigos da Instituição. O infatigavel Medico, Professor e Administrador, recordando 22 anos de experiencias, labutas, satisfações e contrariedades, beneficios e dedicações, proferio um vibrante discurso que foi atentamente ouvido e que o *Jornal do Comercio* estampou no dia seguinte. Por êle se póde avaliar a grande obra de esforços e benemerencias de que já tem surgido, aliás, outras organizações : O Arquivo Medico Brasileiro, Cursos livres de Medicina e Cirurgia, Conferencias scientificas, aulas praticas sobre medicina e cirurgia de guerra.

Da Escola de Enfermagem creada pelo Dr. Luiz Barbosa, na Policlinica de Botafogo, muitas são as enfermeiras, já diplomadas e em exercicio. E não tarda que um Instituto de Puericultura, anexo, recorde serviços relevantes prestados á Policlinica de Botafogo por Eduardo Guinle e Candido Gaffrée, socios falecidos.

PRO MATRE

PRO MATRE é uma associação que tem por fim proteger a mulher desvalida, principalmente no estado de gravidez ; exerce a Mutualidade ; fundou uma Maternidade e uma Policlinica ; tem disseminado Postos de Consulta e estabelecerá créches, cantinas, refugios, oficinas e asílos maternaes.

É creação do Prof. Dr. Fernando de Magalhães, ginecologista abalizado, coração generoso, bemfeitor. Para realizar a sua idéa encontrou a benevolencia das Exmas. Sras. Stella de Carvalho Guerra Duval — em cuja casa se efectuou a primeira reunião, e que ainda é a Presidenta da Associação, Mme. Wenceslau Braz, D. Jeronyma de Mesquita — que actualmente é a Tesoureira, e D. Jenny Amaral — actual Secretaria ; cavalheiros, e firmas comerciaes e industriaes muito auxiliaram, tambem.

A fundação da PRO MATRE, no dia 1.º de Abril de 1918, reunio em torno do Dr. Fernando de Magalhães medicos distintos, dispostos a colaborar na grande obra de Sciencia e Caridade.

O Governo Wenceslau Braz doou á Associação um terreno na Rua Venezuela, junto á Doca Pedro II ; aí havia um velho casarão que foi aproveitado. Quando a gripe assolou a população, em Outubro, já o Hospital PRO MATRE se ofereceu para receber vitimas da grande epidemia, e tratou-as piedosamente.

Um incendio na Doca Pedro II, em 1919, danificou totalmente o Hospital PRO MATRE ! Seguiram-se dias de desassossêgo, mezes amargos, por não ter a Associação como atender á pobreza que mais precisa de assistencia nas atribulações do puerpério.

Não tardou, porem, a reacção. No mesmo terreno, sobre os mesmos alicerces reergueu-se o edificio, agora novo, apropriado para os seus fins. As familias Rocha, Mendes Campos, Passos, Sutton e Ottoni concorreram com as socias mais devotadas para que se reabrisse o Hospital PRO MATRE. Em 25 de Setembro de 1921 o Dr. Fernando de Magalhães restabeleceu os serviços que organizara tres anos antes.

Logo á entrada do edificio estão dois ambulatorios de Ginecologia e de Obstetricia. No interior ha 4 enfermarias com 60 camas ; 7 quartos particulares, 1 isolamento, 1 sala de operações, 1 sala de partos, e varios gabinetes.

A doente em gestação é acolhida, examinada, aconselhada, medicada ; se precisa de um tratamento mais cuidadoso ou se se aproxima o dia do parto, é internada. A parturiente é, então, profissional e caridosamente assistida ; a criança é scientificamente observada para que se não perca, nem se estrague.

*

O Corpo Clinico do Hospital PRO MATRE consta do Dr. Fernando de Magalhães que tem a seu cargo a Clinica Ginecologica, e dá dessa materia as suas aulas como Professor que é da Faculdade de Medicina — e mais os seguintes medicos : Drs. Octavio de Souza, Clovis Corrêa, Didimo Napoleão, Corrêa da Veiga, Braune Capper, Annibal Prata. É Vice Director o Dr. Fernando Vaz.

*

De accordo com o Departamento Nacional de Saude Publica foi creado junto ao Hospital um Dispensario para tratamento de mulheres, gravidas ou não, que apresentem molestias venereas.

*

Espalhados pela Cidade ha varios Postos Externos de Consulta Gratuita da PRO MATRE, onde medicos especialistas atendem aos doentes como nos proprios ambulatorios da Rua Venezuela.

A Municipalidade subvenciona anualmente a PRO MATRE com 24:000$000.

IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICORDIA

A "Santa Casa de Misericordia", como geralmente se denomina, é instituição de origem portuguesa. O seu creador — Fr. Miguel de Contreiras — nasceu na Espanha ; mas foi em Lisboa onde fazia vida religiosa, e com

a colaboração de D. Leonor, filha do Duque de Vizeu, esposa de D. João II, que teve a sua primeira séde, em fins do seculo XV, a primeira Santa Casa de Misericordia.

Instituio-se a Confraria ou Irmandade da Misericordia em 15 de Agosto de 1489. O seu Compromisso tem a data de 29 de Setembro desse ano, ainda que só fosse impresso em Dezembro de 1516 .

Julgada excelente a Instituição destinada a hospitalizar enfermos, asilar orfãos e invalidos, confortar religiosamente os encarcerados, mandou El-Rei que se fundassem irmandades ou confrarias de Misericordia por todas as cidades e vilas para alivio dos sofredores.

Ao Brasil chegou o espirito piedoso ; e em 1545 fundou-se a primeira Irmandade de Misericordia no Rio de Janeiro. Só em 1582, porem, surgio o primeiro hospital, ali, mesmo, na praia que dez anos mais tarde recebeu o nome de Santa Luzia por causa da igreja á beira-mar construida sob tal invocação. Improvisou-o o jesuita Anchieta, de acordo com os Irmãos da Misericordia, para tratamento de enfermos desembarcados de uma frota espanhola que passou de viagem para o Estreito de Magalhães.

Á semelhança do que sucedia em Portugal eram aqui escolhidos os Provedores da Misericordia entre os maioraes da Cidade. O Compromisso estabelecia que o Provedor fosse "homem de autoridade, prudencia, virtudes, reputação e idade taes que os outros irmãos o reconhecessem como cabeça, e naturalmente lhe obedecessem". A dedicação dos Provedores, a piedade dos irmãos e o aumento da população fizeram com que o Hospital fosse crescendo em capacidade e em perfeições.

No livro "Os Provedores da Santa Casa de Misericordia da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro" estão registados 153 Provedores, desde Martim de Sá (1605), o primeiro de que ha noticia, até o Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, eleito em 1902.

Desejo, apenas, mencionar aqui os diversos estabelecimentos mantidos pela veneravel Instituição, pois não é possivel escrever sobre o Rio de Janeiro sem lhe fazer referencia.

*

HOSPITAL GERAL. Crescera, mas deixara muito a desejar o Hospital da Santa Casa de Misericordia. O Provedor notavel que foi o Conselheiro José Clemente Pereira (1838-54) empreendeu a obra da sua reconstrução. É devido ao seu esforço o edificio actual, inaugurado em 2 de Junho de 1852. Dessa data por deante muitos melhoramentos tem recebido, e recebe, sempre, o vasto refugio dos enfermos pobres ; são notaveis as alas da frente e dos fundos onde ha primores de arquitectura, e que foram concluidas pelo benemerito Provedor Zacharias de Goes e Vasconcellos.

Ao longo de trinta enfermarias ha neste hospital geral mais de mil leitos para homens e mulheres de qualquer raça, nacionalidade ou crença. Oitenta e seis medicos e cirurgiões visitam diariamente essas enfermarias, auxiliados na sua missão de sciencia e caridade por mais de 40 alunos da Faculdade de Medicina. A actual Provedoria procedeu a uma reforma completa de todo o Hospital, e ampliou-lhe o aparelhamento dotando-o de um *Hydrotherapium,* instalações de Raios X, e pavilhões para cirurgia. Da Faculdade de Medicina funcionam muitas aulas nas enfermarias da Santa Casa.

Á entrada do Hospital Geral, num largo recinto chamado "Sala do Banco", 26 medicos e adjuntos atendem a centenas de enfermos dos que não necessitam de hospitalização e que ali recebem *gratis* os remedios receitados.

Irmãs da Congregação de S. Vicente de Paula, que são chamadas "Irmãs de Caridade", em numero de 58, auxiliadas por 47 enfermeiras e enfermeiros, fazem todo o serviço em volta dos doentes. Os mais empregados são em numero de 181. É ha largos anos Director Geral do Estabelecimento o Dr. Arthur Maximiano da Rocha.

Seria interessante uma estatistica dos enfermos tratados no Hospital da Misericordia Não a tenho, não ha, nem seria facil obte-la. O Provedor actual, em noticia que publicou ha anos, alude a 200 enfermos no ano de 1650, a 400 no ano de 1837, a um movimento de 5.123 no ano de 1839-40 ; e demonstra um movimento de 11.181 no ano de 1907-08.

O ano compromissal 1921-22 (1 de Julho a 30 de Junho) começou com 1.088 enfermos recolhidos ás 30 enfermarias ; entraram durante o ano 16.889 ; saíram 15.020 ; faleceram 1.790 ; ficaram em tratamento 1.167.

(A percentagem de 9,958 °|° ficará reduzida a 8,027 °|°, se se considerar que 347 entraram moribundos, falecendo nas primeiras 24 horas.)

Na "Sala do Banco" foram nesse ano atendidos 313.590 consultantes, e aviadas 210.205 receitas, alem de 383.997 para os doentinhos do Hospital "S. Zacharias".

O Patrimonio da Irmandade consta de 369 predios e 2|3 e 3|4, em grande parte reconstruidos na Provedoria do Dr. Miguel de Carvalho ; 2.484 âpolices da Divida Publica ;

823 apolices juros de 6 °|° papel, e 2.689 de £ 20 do Distrito Federal ; 300 acções de 200$, da Companhia Fiação e Tecidos Alliança ; e algumas outras de varias empresas, além de taxas, beneficios e favores oficiaes.

A despeza da Irmandade só com o Hospital geral atingio a 3.826:562$333 no ano compromissal 1921-22. É fonte de Receita o Serviço Funerario de que a Irmandade da Misericordia tem contracto com a Municipalidade.

*

CASA DOS EXPOSTOS. Foi instituida em 1738. O bemfeitor Romão de Mattos Duarte, compadecido pelas crianças abandonadas ao nascer, legou 12:800$000 para as "engeitadas". Ajuntou-se-lhe com o mesmo espirito outro cidadão generoso — Ignacio da Silva Medella, que deu 10:400$000 ; e rende hoje 21:879$000 e 7:332$000 o que para o mesmo fim legaram D. Luiza Avondano e o bemfeitor Estevão.

A Casa dos Expostos ou, como lhe chama o povo, "Roda dos Engeitados" funcionou primeiramente junto ao Hospital Geral ; depois andou pela Rua da Misericordia e Praia da Lapa ; esteve muitos anos na Rua Evaristo da Veiga, e em 1906 passou para a Rua Marquez de Abrantes com optima instalação, em edificio adrede construido, e que custou mais de mil contos.

Sóbe a 49.000 o numero de crianças que até 1922 tem ido parar nesta Casa, ou ocultamente levadas pelos que as abandonam, ou entregues pelas autoridades que as encontram ao desamparo.

A Irmandade tem sempre nutrizes contratadas para aleitamento das criancinhas.

A criação, a educação, o ensino profissional, tudo se faz no grande edificio. As educandas que prestam serviços de ama seca percebem mensalmente 20$000, formando seu peculio que rende 4 1|2 °|°, com acumulação semestral ; aos 21 anos são colocadas em casas de familia aptas para cosinhar, lavar, engomar, costurar ou bordar, alem da instrução literaria que tenham adquirido segundo sua capacidade ou aplicação. Os meninos logo que podem, entram para as oficinas de calçado, alfaiataria, encadernação ou tipografia, de cujos lucros são participantes, constituindo, tambem, seus peculios. Os que gostam de musica estudam, e formam a Banda do Estabelecimento. Aos 18 anos são empregados externamente.

Ha na Casa dos Expostos cerca de 400 dos dois sexos ; alem desses a Instituição acolheu 665 crianças desamparadas, e mais 2.497 ali estiveram provisoriamente.

A despeza em 1921-22 foi de 340:356$000 a receita de 354:882$000. O seu Patrimonio consiste em 1.111:500$000 de titulos federaes ; 1.351 municipaes, papel e ouro ; e 29 predios de aluguel. Administram a Casa dos Expostos tres membros da Irmandade da Misericordia.

RECOLHIMENTO DE SANTA THEREZA. Num grande e magnifico predio da Rua General Severiano estão em conjunto duas instituições : Recolhimento das Orfãs e Recolhimento de Santa Thereza.

O primeiro tem sua origem na soma de 50.000 cruzados que em 1739 doaram á Irmandade da Santa Casa de Misericordia os bemfeitores Manoel de Magalhães Lima e Capitão Francisco dos Santos para a fundação de um Recolhimento destinado a orfãs de boas familias caídas em necessidade. O segundo data de 1851, e é devido ao altruismo do Conselheiro José Clemente Pereira, então Provedor da Misericordia: Coubera-lhe ser Testamenteiro de D. Luiza Avondano Pereira, e logo declarou que desistia da *vintena* em favor da humanidade desvalida. A 26:215$702 montou a *vintena*. O Conselheiro destinou-os á fundação de uma Casa Pia para amparar as meninas desvalidas que não fossem orfãs ou que, por sua idade, não pudessem entrar no primeiro Recolhimento.

D. Pedro II e D. Thereza Christina associaram a sua generosidade á do seu Conselheiro: O Imperador e a Imperatriz concorreram com 15 apolices da Divida Publica de 1:000$000 cada uma.

As orfãs dos dois estabelecimentos vivem em commum, sem distinção, rateando-se a despeza. As desvalidas tem o dote de 800$000, e as recolhidas de 800$000 a 2:000$000, quando casam com licença.

O primeiro Recolhimento instalado com 5 orfãs ao lado do Hospital Geral ai permaneceu por um seculo, até 1842. Teve depois sédes sucessivas, corrido, ás vezes, por vendavaes epidemicos que obrigavam a Administração a pôr as orfãs a bom recato. Hoje, na sua séde definitiva, é modelo de ordem e de conforto, dando abrigo, instrução e dote ás orfãs e ás desvalidas, em numero de 190. Por ai tem passado centenares de meninas arrebatadas pela Misericordia aos torvelinhos da infelicidade.

No exercicio de 1921-22 a receita geral foi de 223:833$000 e a despeza 173:818$000. O Patrimonio do Recolhimento consta de 902:400$000, em apolices federaes e munici-

paes, ouro, e 9 predios de aluguel ; o das Desvalidas consta de 366:300$000 em apolices federaes, e do magnifico predio onde residem.

Irmãs de Caridade educam e instruem as orfãs ensinando-lhes artes domesticas de grande valor, especializando as mais habeis em profissões utilissimas.

*

HOSPITAL "N. S. DA SAUDE". Em 1850 apareceu sinistramente a febre amarela no Rio de Janeiro. O Governo ofereceu a exploração de cemiterios e pompas funebres a quem prontamente instalasse e mantivesse tres enfermarias para tratamento dos atacados pela epidemia. O grande Provedor José Clemente poz a Irmandade da Misericordia em destaque para esse empreendimento. No morro da Gambôa, antigo do Chichorro, existia a Casa de Saude do Dr. Peixoto. A Irmandade adquirio a instalação, depois a propria chacara onde estava a Casa de Saude, e abrio, rapido, a enfermaria publica. As epidemias sucederam-se. Ali foram recolhidos, alternadamente umas vezes, outras vezes simultaneamente, enfermos de febre amarela, de variola e de colera morbus. Ampliou-se a casa para corresponder ás necessidades. De 30 leitos e 3 quartos particulares passou a ter 300 leitos e 14 quartos particulares. Foi teatro de lugubre movimento naquêles periodos calamitosos.

Em 1888 o Governo creou os hospitaes de isolamento "S. Sebastião" e "Santa Barbara". O Hospicio N. S. da Saude foi, então, sensivelmente aliviado. Nunca, porem, deixou de ter enfermarias especiaes para molestias contagiosas até ficar esse serviço exclusivamente afecto ao "S. Sebastião".

Já na Provedoria actual recebeu novos melhoramentos e ampliação : 340 leitos, distribuidos 16 pelos quartos particulares. É o segundo hospital da Irmandade. Tem Escola de Enfermeiros, e um serviço de cirurgia dos melhores da Cidade.

Dirige o Estabelecimento o Dr. Neves Armond.

Anexo ao Hospicio existe um Asilo para recolher as crianças que acompanham as mães enfermas, e para interna-las definitivamente, se estas falecem. Tambem aí são internadas as crianças que entram no Hospicio para tratamento e que não têm quem as procure depois de curadas. Estas asiladas em numero hoje muito reduzido, aprendem costura, bordado, renda, *crochet, tricot ;* lavam e passam a ferro toda a roupa dos enfermos e dos empregados ; ainda lhes sobra tempo para atenderem a encomendas de fóra cujo produto é aplicado na compra de suas roupas e calçado. As que atingem a maioridade continuam, ás vezes, no serviço da Casa, vencendo salario ; algumas retiram-se, ou para se casarem, ou a pedido de parentes respeitaveis ; muitas são empregadas no serviço domestico de casas de familia. As que se casam com sciencia do Provedor, embora já retiradas do Asilo, recebem 300$000 de dote.

Funciona tambem neste Asilo um Gabinete de Dentista para as irmãs, as meninas, e mais pessoal de serviço.

O Hospicio mantem um Consultorio onde em 1921-22 foram atendidos mais de 49.000 pobres que receberam gratuitamente mais de 67.000 formulas preparadas ; e nas enfermarias foram tratados 2.130 enfermos.

A despeza total para 1921-22 foi orçada em 370:047$000.

*

HOSPICIO "S. JOÃO BAPTISTA". É uma das tres enfermarias publicas abertas pela Irmandade em 1850, e custeadas pelo Serviço Funerario. Funcionou primeiramente numa casa depois abrangida pelo Cemiterio S. João Baptista. Ergueu-se definitivamente na superficie deixada por 4 predios que a Irmandade comprara e demolira na Rua de Copacabana, hoje Rua da Passagem. Em 1 de Janeiro de 1852 entrou aí o primeiro enfermo que saío curado a 22. A Irmandade lutava com dificuldades. Em Agosto de 1856 fechou-se a Enfermaria "S. João Baptista", onde haviam sido acolhidos e tratados 2.050 enfermos.

Outras vezes mais foi aberta e fechada segundo as necessidades, até que em 14 de Julho de 1881 se reabrio com 90 leitos, e sob a denominação de Hospicio. Hoje possue 106 leitos, parte dos quaes constitue a Secção Ginecologica sob a direcção gratuita do Senador Costa Ribeiro.

A frequencia do Hospicio foi de 669 enfermos.

São enfermeiras 7 Irmãs de Caridade que têm sob suas ordens 12 serventes.

Anexos ao Hospicio ha um Consultorio e uma Farmacia.

A sua despeza em 1921-22 foi de 121:000$000.

Dirige o Hospicio o Dr. F. Soares Pereira, e o Consultorio está a cargo do Dr. Octavio Ayres.

*

HOSPICIO "N. S. DO SOCORRO. É a terceira das enfermarias instaladas em 1850 pela Irmandade da Misericordia. Como Enfermaria funcionou primeiramente numa casa da Praia de S. Christovão envolvida mais tarde pelo Cemiterio da Penitencia. Como Hospicio estava desde 1866 no belo predio que para tal fim se construio na mesma beira-mar ; e abrigava 78 doentes quando foi presa de um incendio, em 13 de Outubro de 1920. Ainda se não restabeleceu o Hospicio, apenas se conserva funcionando o Consultorio Publico que é muito frequentado: No ultimo ano, matricularam-se 9.277 individuos ; as consultas foram em numero de 34.092, eas formulas aviadas 37.584.

Dirige o estabelecimento o Dr. Alberto de Figueiredo.

*

ASILO "SANTA MARIA". Num predio e chacara da Rua da Passagem estão sob este nome dois estabelecimentos de assistencia, á puberdade e á velhice. Aí se encontram sob o mesmo tecto a decrepitude e a esperança: 37 mulheres que já foram validas, e 57 que o serão.

Tambem é obra do inolvidavel Provedor José Clemente Pereira.

As creaturas que por sua idade avançada nada fazem, nada esperam, respiram, ao menos, o ar puro de um recanto salubre, parte da vastissima chacara que o Conego Antonio Rodrigues de Miranda legou á Misericordia, em 1831. As que aprendem a viver no mundo dedicam-se á Lavandaria instalada com grande larguesa em 1877, e melhorada de ano para ano. Aí se limpa e se conserva toda a roupa dos hospitaes, por meio de 10 maquinas a vapor e uma turbina.

As orfãs têm retribuição pecuniaria, constituindo peculio com as mesmas vantagens da Caixa Economica ; e têm dote de 300$000, se se casam.

Dirigem o serviço das moças e prestam assistencia ás velhas 7 Irmãs de Caridade. Um medico e um Dentista atendem á saude das jovens e das valetudinarias.

Num ano passaram pela Lavandaria 4.462.443 peças de roupa do Hospital Geral, do Hospicio S. João Baptista, do proprio Asilo, e do Hospital "S. Zacharias". O custeio da Lavandaria em 1921-22 foi orçado em 102:692$000.

*

HOSPITAL "N. S. DAS DORES". Na Provedoria do Barão de Cotegipe (1883-1889) a Irmandade da Misericordia adquirio uma chacara e terrenos adjacentes, em Cascadura, a cavaleiro da Estação, para um Hospital onde recolhesse os tuberculosos que não deviam estar no Hospital Geral em promiscuidade com doentes de outras afecções. Na Provedoria do Conselheiro Paulino de Souza a nova dependencia da Santa Casa passou a Sanatorio das orfãs asiladas ; e, por ultimo, depois de completa reconstrução, é Hospital exclusivo de mulheres tuberculosas.

As obras custaram 1.700:000$000, tendo o Governo concorrido com 700. É um perfeito Sanatorio, todo luz, higiene, conforto e carinho. Alem das salas da Administração e de visitas, consta de seis pavilhões circulares, independentes entre si, e ligados a outros tantos rectangulares por passadiços envidraçados. Cada pavilhão tem dois pavimentos, e em cada pavimento ha 16 camas. A cubagem é de 80 m3. para cada leito. Scientistas estrangeiros que o têm visitado afirmam não haver no genero estabelecimento que o iguale.

Durante o ano 1921-22 recolheram-se ao Hospital 1.316 enfermas das quaes se retiraram com mais saude ou perfeitamente curadas 623.

A despeza foi de 346:320$000, concorrendo o Governo com a metade.

Vinte Irmãs de Caridade respondem pela ordem, asseio e exacta observancia das prescripções medicas. Tudo está sob a direcção do insigne medico. Dr. J. J. da Silva Gomes. Á entrada, em baixo muito longe dos pavilhões, ao nivel da Rua Coronel Rangel, funciona diariamente um Consultorio Publico que, neste ano compromissal, forneceu 107.245 formulas preparadas a 88.316 consultantes pobres da localidade.

*

ASILO DA MISERICORDIA. Desejando afastar do Hospital Geral crianças aí deixadas pelo desamor ou pela desgraça, o Visconde do Cruzeiro, Provedor de 1889 a 1890, levantou, por meio de subscrição publica, a somma necessaria para adquirir um predio, constituir um patrimonio e fundar, assim o Asilo da Misericordia.

O predio tem o n.º 446 da Rua S. Clemente. Por êle têm passado já 885 meninas

que as Irmãs de Caridade dirigem, instruem e educam no trabalho.

Actualmente estão lá internadas 180 orfãs cada uma das quaes terá 300$000 quando se case.

O Patrimonio do Asilo compõe-se de tres predios urbanos de aluguel, e 236:500$000 em apolices federaes.

*

INSTITUTO PASTEUR. Na Provedoria do Barão de Cotegipe (1883-89), e com apoio do Governo, foi á Europa o Director do Hospital Geral, Conselheiro Ferreira dos Santos, estudar o tratamento da raiva pelo processo que então descobrira o sabio Pasteur ; e a Irmandade da Misericordia não tardou em instalar o novo serviço humanitario no predio n.º 84 da Rua das Laranjeiras, inaugurando-o em 25 de Fevereiro de 1888. A despeza foi de 17:340$000. O Governo Federal prometeu o auxilio anual de dez contos, hoje reduzido a pouco mais de tres.

O Instituto funciona actualmente no predio n.º 11 da Rua das Marrecas, sob a direcção do Dr. Samuel Pertence. Sóbe a 28.000 o numero de pessoas mordidas por animaes hidrofobos, e que têm ido ao Instituto Pasteur receber o tratamento preventivo da raiva.

*

ASILO "S. CORNELIO". Está num esplendido predio da Rua do Catête, legado em 1894 pelo Irmão da Misericordia João Martins Cornelio dos Santos. O doador, mesmo, sugerio o nome do Asilo, em memoria de seu Pae.

Recebe este Estabelecimento meninas maiores de 12 anos destacadas, até o numero de 60, de outros asilos da Irmandade para ali aprenderem costura, manufactura de flores, e bordado a branco, seda e ouro, obtendo aptidões com que futuramente ganharão a propria subsistencia.

Os trabalhos executados no Asilo S. Cornelio são reputados primorosos, já tendo figurado com distinção em exposições nacionaes e estrangeiras.

Tambem está confiado a Irmãs de Caridade. Já ali completaram a sua educação 231 meninas.

Possue o Asilo S. Cornelio 96 apolices federaes. A despeza para o exercicio de 1921 foi orçada em 36:520$000. Da receita das oficinas são tirados anualmente nove contos para a manutenção do Estabelecimento.

*

HOSPITAL DE CRIANÇAS. A Irmandade da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro sempre, como temos visto, foi alvo da munificencia de moradores desta Cidade. Nos tempos coloniaes os portugueses, europeus ou americanos, que faleciam no gozo de fortuna, se testavam, lembravam-se sempre da "Santa Casa". Na primeira metade do seculo XIX ainda foram muitos os legados. Assim se formou o grande patrimonio da veneravel Instituição distribuidora de copiosos beneficios.

Já em dias do seculo XX fez parte da Administração da Misericordia o Dr. José Carlos Rodrigues, brasileiro, distinto homem de letras, então proprietario e redactor-chefe do *Jornal do Commercio* ; e coube-lhe a Mordomoria do Hospital Geral. Essa passagem por entre os pobres enfermos consternou-lhe o coração, e deu-lhe azo de apreciar quanto ainda era deficiente o socorro ás crianças que a miseria e a morbidez sacrificam nos bairros populosos, por esses montes e vales e recantos da Cidade. Resolveu, então, construir em sitio apropriado um hospital para crianças. Na rua Miguel de Frias ergueu-se o predio de tres pavimentos, forte e capaz de receber novos pavimentos quando precisos forem. Ali ficaram empregados 356:000$000. O Dr. José Carlos Rodrigues doou mais 40:000$000 para mobiliario e aparelhos e entregou o Instituto pronto para funcionar á Irmandade da Misericordia.

O Sr. Alberto Barth, natural da Suissa, e que por muitos anos fôra comerciante no Rio de Janeiro, interessou-se pela creação do Dr. Rodrigues, e doou á Irmandade duas casas avaliadas em 200:000$000 para o Patrimonio do Hospital de Crianças.

O Hospital, propriamente, ainda se não realizou ; está em seu logar funcionando com grande exito um Ambulatorio ou Policlinica de crianças, aberta desde 8 de Maio de 1909.

No ano 1922 foi de 375 a medida diaria de consultantes aí levados por paes e mães indigentes, sendo de 35 a média diaria de novas matriculas. Nesse ano foram praticadas 482 intervenções cirurgicas ; subio a 8.162 o numero de curativos ; foram preparadas gratuitamente 91.869 prescripções medicas. Distribuiram-se 38.452 litros de leite, e realizaram-se 189 visitas domiciliarias a crianças enfermas.

Larga messe de beneficios !

O Estabelecimento dispõe de instalação radioscopia, electroterapica e hidroterapica. Grande é o numero quotidiano de duchas e de banhos medicinaes. Tem um Ginásio Sueco. Medicos de todas as especialidades, até de doenças de senhoras, visando a puericultura, ali diariamente aguardam os consultantes. Excelente é a sala de operações ladeada pelas de desinfecção e de anestesia.

É Director do Hospital de Crianças, o Dr. Fernandes Figueira que chefía os serviços de Clinica Medica Infantil. As outras clinicas estão assim entregues a outros especialistas :

Cirurgia — Dr. Alvaro de Paula Guimarães ;
Oftalmologia — Dr. Guedes de Mello ;
Oto-rhino-laringologia — Dr. João Marinho ;
Ginecologia — Dr. Castro Peixoto ;
Dermato-sifiligrafia — Dr. Zopiro Goulart ;
Hidroterapia — Dr. G. M. Armsbrust ;
Radiologia — Dr. Arnaldo Campello ;
Higiene Infantil — Dr. Adamastor Barbosa.

O Gabinete Dentario está a cargo do Cirurgião Mario de Vasconcellos ; o Dr. Gomes de Faria chefia o Laboratorio de Pesquizas e Analises.

A despeza do Estabelecimento em 1921 foi de 140:981$600.

*

HOSPITAL "S. ZACHARIAS". Unico hospital de crianças em funcionamento. Era no Morro do Castélo, demolido, coomunicando-se por um fúnicular com o Hospital Geral. Em 1922 passou para o Hospital "S. Francisco de Assis", provisoriamente, até ser construido o definitivo na rua de Santa Luzia. Tem por patrimonio 30 apolices da divida publica com que o contemplou o Ministro Carlos Maximiliano quando distribuio o legado do Engenheiro Monteiro Caminhoá.

A despeza de 1922 foi orçada em 38:770$000. Quando se fez a trasladação os enfermos eram em numero de 108.

CEMITERIOS

O primeiro cemiterio do Rio de Janeiro, isto é, o primeiro espaço de terra destinado pela Civilização para guardar e consumir os corpos humanos tombados pela morte, foi, de certo, na Vila Velha, lá, junto ao Pão de Açucar, onde em 1567 inhumaram o corpo de Estacio de Sá. Quando a Cidade se transferio para o morro do Castélo novo cemiterio se formou no adro e no interior da nova Matriz, em cuja Capela-mór Estacio de Sá passou a ter jazigo por deliberação de seu primo, Salvador de Sá, 2.º Governador do Rio de Janeiro.

Quando a população transbordou do morro para a planicie já existia a Irmandade da Santa Casa de Misericordia que tratava dos enfermos, e dava sepultura aos mortos. Junto ao hospital era o seu cemiterio, encostado ao morro. Para essa missão de sepultar os mortos diz o Dr. Vieira Fazenda que a Irmandade possuia quatro *tumbas* : Uma mais rica para os irmãos ; outra para os que o não eram, e podiam pagar ; a terceira para os pobres ; e a ultima, conhecida pelo nome de *lancha*, destinada aos escravos.

O costume, porem, de sepultar no chão e em torno das igrejas que se iam construindo dispensava a Santa Casa da totalidade dos enterramentos : Outras irmandades, confrarias e ordens religiosas guardavam nas respectivas igrejas e capelas, e em catacumbas circundantes, os corpos dos seus falecidos consocios, confrades e devotados.

Entretanto, a Cidade aumentava. Nem toda gente pertencia ás associações religiosas que davam sepultura. O çemiterio de 265 m.² que a Irmandade da Santa Casa tinha para os seus irmãos e para os pobres que morriam no seu hospital era a Necropole do Rio de Janeiro ; de 1831 a 1838 recebera 22.279 cadaveres ; de 1838 a 1839 recebera 3.194 ; tornava-se insuficiente ; já oferecia perigo á salubridade publica.

Assim o compreendeu José Clemente Pereira, esse benemerito brasileiro que Portugal vio nascer em 1787, criar-se, educar-se em Coimbra, e embarcar para o Rio de Janeiro em 1815. O grande Provedor, mal impressionado com aquêle cemiterio numa estreita faixa de terra entre o morro, a praia e o hospital, resolveu procurar novo sitio ; e em 1838 fundou o Campo Santo da Misericordia, bem longe, na Ponta do Cajú ; e imediatamente organizou um serviço de transporte de cadaveres por mar.

Aprovada a escolha pela Imperial Academia de Medicina, sob consulta da Camara Municipal, praticado o ceremonial da benção, foi o Campo Santo inaugurado em 2 de Julho de 1839.

*

Depois de uma grande epidemia de febre amarela que assolou o Rio de Janeiro o Governo do Imperio, autorizado pelo Corpo Legislativo, decretou, em 5 de Novembro de 1850 a abertura de cemiterios "fóra da Cidade", e proíbio os enterramentos nas igrejas. Em 1851 a Irmandade da Santa Casa de Misericordia abria os cemiterios de "S. Francisco Xavier" e "S. João Batista", aquêle ampliação do Campo Santo que já possuia ao N. da Cidade, e este ao Sul, onde depois se desenvolveu o bairro de Botafogo.

A Irmandade aceitou nessa mesma data o privilegio do serviço funerario por 50 anos, com a condição, como já ficou dito, de instalar tres enfermarias, e de indenizar com 58:700$, dezenove armadores e seis alugadores de carruagens que até então se incumbiam, á porfia, de amortalhar defuntos, fornecendo ataúde e transporte.

*

O Cemiterio S. Francisco Xavier é o mais vasto da Cidade. Nos seus 668.720 m² já ha 20.000 sepulturas ocupadas, umas temporaria, outras permanente. Tem belos monumentos inclusive o do Provedor José Clemente, e do Proclamador da Republica, e muitos outros de estadistas e militares, damas virtuosas, literatos, comerciantes, industriaes, sacerdotes, nomes que fulgem na Historia da Cidade e do Brasil. Tambem em milhares de covaes se somem milhares de anonimos, uns desprezados porque se desprezaram, outros porque nunca tiveram a fortuna de serem compreendidos.

Em virtude de um legado do Padre José de Oliveira, falecido em 18 de Junho de 1866, a Irmandade do Principe dos Apostolos São Pedro comprou á da Misericordia, dentro dos muros do Cemiterio de S. Francisco Xavier, uma area de 1885 m.² para dar sepultura aos seus irmãos. Nesta quadra não ha monumentos.

Ha outra quadra destinada exclusivamente aos corpos de cristãos que não seguiam o Catolicismo, genericamente chamados Protestantes.

*

O Cemiterio S. João Batista mede 531 metros pela rua General Polydoro (antiga Berquó) e 325 metros pela rua Real Grandeza, abrangendo o morro que o separa de Copacabana. É esteticamente bem delineado, e encerra monumentos lindos. Aí se pulverizam igualmente corpos de creaturas que passaram pela vida ignoradas, doutras que chegaram ás culminancias sociaes. Possue este Cemiterio uma quadra reservada ao enterramento das Irmãs de S. Vicente de Paulo.

*

A Ordem Terceira dos Minimos de São Francisco de Paula tambem resolveu em 1849 adquirir grande chacara em Catumby, "extramuros", para cemiterio dos irmãos falecidos no seu hospital. Mede 202 metros de frente e 600 metros de fundo. Depois de aprovada a escolha pela Imperial Academia de Medicina, foram para lá trasladados os restos mortaes de 457 irmãos que estavam nas catacumbas da igreja. O primeiro enterramento directo efectuou-se em 28 de Setembro de 1850.

Ás Ordens Terceiras de S. Francisco de Penitencia e de N.ª S.ª do Monte do Carmo, que tambem mantêm hospitaes, cedeu a Irmandade da Misericordia, em 1857, dois grandes lotes da vasta area de terreno que adquirira para seu cemiterio na Ponta do Cajú.

O Cemiterio da Penitencia foi inaugurado em 1.º de Março de 1858, e mede 143 metros de frente por 365 metros ; o do Carmo mede 110 metros por 370, e foi inaugurado em 28 de Junho de 1859.

*

O Cemiterio dos Ingleses — *British Burial Ground* — existe desde 1809, por doação de D. João VI, a pedido de Lord Stranford, Ministro da Inglaterra, para repouso eterno dos membros da Igreja Anglicana. É de pequenas dimensões, encravado no bairro da Gamboa, na encosta do morro do mesmo nome.

*

Alem destes cemiterios ha os municipaes propriamente ditos, em virtude de autorização dada ao Executivo Municipal para adquirir terrenos e construir cemiterios na zona suburbana. É permitido nesses cemiterios o enterramento de pessoas de qualquer culto ou religião.

O Cemiterio Municipal de Inhaúma fica proximo da Estação deste nome da E. F. Rio d'Ouro. Já existia desde 1888 ; foi apropriado, ampliado e concluido em 1911 com a superficie de 205635 m².

O Cemiterio Municipal de Irajá começou em 1894, e foi concluido em 1901 com a superficie de 40.000 m².

O Cemiterio Municipal de Jacarépaguá está no logar denominado "Campo de Flores", em um terreno de 150 metros por 150 metros, doado para esse fim pelos Barões da Taquara, em 1902.

O Cemiterio Municipal do Realengo, fundado em 3 de Junho de 1895, está, em terreno adquirido pela Municipalidade, no logar denominado "Murundú". Mede 110 metros por 220 metros.

O Cemiterio Municipal de Campo Grande, inaugurado em 29 de Junho de 1896, está no logar denominado "Santo Antonio", com uma superficie de 50 metros por 100 metros.

O Cemiterio Municipal de Guaratiba está na chamara Estrada da Ilha. Mede 150 metros por 200, adquiridos na Fazenda Santa Leocadia por 7:000$000.

O Cemiterio do Curato de Santa Cruz foi deixado pelos jesuitas em 1759, com 7680 m². A Municipalidade apropriou-se dêle, e recebeu do Governo Federal, em 1904, uma area anexa de 55362 m². Tem hoje, portanto, 63042 m².

O Cemiterio Municipal da ilha do Governador foi inaugurado em 10 de Novembro de 1899. Ocupa uma superficie de 200 por 300 metros, adquirida por 12:000$000 no logar denominado Zumby.

A ilha da Paquetá tem cemiterio pertencente á igreja.

O NECROTERIO EM 1922

A administração do Necroterio forneceu á imprensa a seguinte estatistica do movimento do ano de 1922 :

Foram examinados cadaveres : de homens, 2.008 ; mulheres, 1.611 ; pardos, 826, e pretos, 622 ; fétos, 1.554 ; recemnascidos, 175 ; menores, 360 ; adultos, 883 ; maiores de 60 anos, 89.

Homicidios — por arma de fogo, 68 ; por arma branca, 23. Suicidios — arma de fogo, 39 ; arma branca, 5 ; por veneno, 28 ; por queimaduras, 17 ; afogados, 8 ; enforcados, 5. Acidentes — por bonde, 30 ; trem, 140 ; automoveis, 93 ; outros veículos, 14 ; quédas 63 ; soterrados, 25 ; queimaduras, 40 ; afogados, 45 ; arma de fogo, 10, e por electricidade, 11. Segmentos de membros inferiores e superiores, etc., 34. Natimortos, 1.554. Doenças, 843. Autopsias de medicos legistas, 664 ; exames, 34. Serviço do Departamento Nacional de Saude Publica : natimortos, 1.554 ; doenças, 843. Total — 3.095.

COSTUMES

Tratar dos costumes do Rio de Janeiro é mui dificil porque os não ha perfeitamente definiveis, peculiarmente generalizados. Cidade maritima, Cidade comercial, Capital de um vasto paiz, porta principal por onde entram milhares de forasteiros — tipos mais ou menos acentuados de variadas civilizações — a diversidade dos costumes é imensa, e será por longo tempo indescritivel. Ha, contudo, aspectos que se podem tomar e fixar como expressivos, ao menos para futuras comparações, quando já não predominem, tendo se deixado alterar ou substituir.

Estes aspectos residem na alimentação, diversões, cultura, religião, enterramentos, comercio, relações pessoaes...

*

A alimentação no Rio de Janeiro é mixta, sendo reduzidissimo o numero de sistematicos vegetarianos. As carnes oferecidas ao consumo são de gado vacum e suino ; ovelhum deminutissimo. Vinho pouco se bebe ; cerveja bebe-se regularmente. O prato nacional mais vulgar no Rio é o feijão preto com carne sêca, toucinho e farinha de mandioca, prato que não dispensa outras iguarias, e, aliás, não aparece nas mesas de luxo ou de ceremonia ; o arroz é indispensavel, e tem o seu preparo bem brasileiro.

Nos hoteis, restaurantes e casas de certo tratamento predomina a culinaria francesa.

*

Os cariocas apreciam muito o Teatro, e na sua falta frequentam os cinematografos que se instalaram numerosos pelo centro da Cidade e pelos bairros. A estação teatral é de Maio a Setembro, exibindo-se sempre nos principaes teatros companhias portuguesas, francesas, espanholas, italianas e alemãs, de drama, comedia e opereta ; e grandes companhias de Opera Lirica, ocupam anualmente o Teatro Municipal.

O Teatro Nacional propriamente dito está em organização : Da Escola Dramatica e do Instituto Nacional de Musica hão de saír laureados artistas que se notabilizarão no Palco.

Festas populares ou tradicionaes não ha no Rio de Janeiro, a não ser o Carnaval de que me ocupo adeante. As festas nacionaes são propriamente de iniciativa oficial.

A Sociedade gosta de saraus dançantes que já foram mais frequentes em casas de familia do que o são hoje nos clubes elegantes de varias denominações. Os grandes clubes desportivos oferecem a socios e convidados, alem do espectaculo das suas pugnas, reuniões de Arte e festas de Salão, muitissimo concorridas.

*

As bibliotécas são muito procuradas dia e noite ; as livrarias fazem grande comercio. O espirito publico é ávido de saber, tendendo a elevar-se cada vez mais o nivel da instrução.

*

A religião tem se reduzido á intimidade : Cada um com a sua crença, abandonadas ha muito as exterioridades espectaculosas.

*

Ao funeral das pessoas que morrem só comparece o sacerdote desta ou daquela igreáa, se é convidado. O cadaver fica exposto na casa da familia por 20 ou 24 horas depois da morte, até o saimento que se faz em coche apropriado fornecido, bem como o ataúde, na parte urbana da Cidade, pela Empresa Funeraria da Irmandade da Santa Casa da Misericordia. Oito são as classes deste serviço funebre, variando os preços entre 20$ e 850$. Os corpos todos enterrados.

*

O Comercio não difere do comercio de outras capitaes : Estabelecimentos abertos de 8 a 19 horas, excepto aos domingos e dias feriados da Republica. Mais ou menos os mesmos artigos de necessidade ou de luxo, produtos nacionaes e de toda a parte do mundo. Muita seriedade nas transacções — a prazo entre os comerciantes, dinheiro á vista para os consumidores.

*

Nas relações sociaes guardam-se muita cortezia e muita galantaria. Não ha outra aristocracia que não seja a do Caracter. Os individuos elevam-se e recomendam-se pelas suas virtudes, seja qual fôr a sua estirpe. Toda gente lê jornaes e revistas que se publicam em grande numero. Pena é que a leitura que proporcionam não seja cuidadosa, humanitariamente edificante : alguns falham deploravelmente na sua função de educadores da Sociedade !

*

Os medicos são muito caridosos, atendendo, todos, em sua clinica particular, á pobreza enferma que não pode remunerar serviços. O Magisterio é de muita probidade. A Magistratura incorruptivel. Os paes extremosos ; a maternidade amorosissima.

O CARNAVAL NO RIO DE JANEIRO

A geração que vai desaparecendo teve a imaginação ainda excitada pela fama do Carnaval de Veneza que as cronicas vinham exaltando desde o fim do seculo XVII. O Carnaval de Nice igualmente reclamou a atenção dos que passam tempo divertindo-se. Rio de Janeiro tambem se fez celebre pela maneira pomposa de festejar o Carnaval. Consagrarei algumas linhas a essa periodica feição da Cidade.

"Carnaval" (no dialecto milanez *carnelevale* que vem do baixo latim *carnelevamen* : de *caro, carnis* + *levare*) tempo de supressão de carne, pelo que se celebram os ultimos divertimentos anteriores ao jejum quaresmal. Tal é a opinião de Fr. Domingos Vieira. Segundo Korting, vem do Latim *carrus* + *navalis*. Se se discute a origem do termo avalie-se como será discutivel a origem do costume. O padre Antonio Vieira não hesitou em descobri-lo na Biblia, pelo tempo de Moysés...

Ligado á religião cristã, especialmente á religião catolica por muito pagão que seja, o Carnaval não se celebraria no Brasil antes dos portugueses aqui chegarem "dilatando a fé e o imperio" ; uma vez, porem, estabelecidos em torno da cruz erguida como sinal da posse, o Calendario foi rigorosamente observado, e lá estava o Domingo da Quinquagesima obstinadamente, popularmente consagrado a Momo.

Do que teriam sido os folguedos carnavalescos nessas eras longinquas pode-se, talvez, fazer idea. A Civilização caminhava para o Ocidente mas caminhava comerciando : os proprios padres exploravam a terra, montavam engenhos, fabricavam açucar. Nem havia força para resistir ao Carnaval que propagava no mundo o espirito de desordem, estouvamento e irreverencia das saturnaes romanas ;

nem havia preocupação intelectual de regular as brincadeiras. Quando chegavam aquêles dias marcados na folhinha irrompia o Entrudo no qual, dizia Fernão Soropita, "a gula com a ira e luxuria têm particular assistencia em razão dos pagodes e das brigas e de outros aconchêgos que então se fazem".

Em 1604 apareceram no Rio de Janeiro os primeiros brados da Autoridade contra o Entrudo (31 de Janeiro e 13 de Fevereiro); em 1608 (25 de Dezembro) renovou-se a ordem coercitiva; em 1612 (17 de Maio), em 1686 (24 de Fevereiro e 22 de Outubro), em 1691 (20 de Setembro), em 1734 (6 e 20 de Fevereiro), em 1808 (25 de Fevereiro), em 1838 (Lei municipal de 11 de Setembro) reage a Policia Civil contra o abuso da liberdade nos dias de Carnaval. Em 1840 realiza-se o primeiro baile de mascaras: O folguedo era das ruas atraído para os salões.

*

Aliás, desde 1490 se realizavam "bailes de costumes" em Portugal. Garcia de Rezende, descreve uma dessas danças de mômos por ocasião do consorcio do principe D. Afonso, filho de D. João II, com a Infanta D. Izabel de Castéla; e ao chegar a Lisboa a Infanta D. Carlota Joaquina de Bourbon, desposada pelo Principe D. João, mais tarde Rei sexto do nome, houve, tambem, em 18 de Junho de 1785, um baile de mascaras oferecido pelo Embaixador de Espanha, e realizado no Palacio da Inquizição, depois teatro D. Maria II, hoje Teatro Garret.

*

Foi em 22 de Janeiro de 1840 que se realizou o primeiro baile de mascaras no Rio de Janeiro. A iniciativa coube ao dono do *Hotel de Italia,* existente no terreno hoje ocupado pelo Teatro S. José. Em 20 de Fevereiro repetio-se o baile; e nos anos seguintes, até 1845, o *Hotel de Italia* foi o unico a oferecer tal diversão.

Em 1845 organizou-se a Sociedade *Constante Polka* que anunciou o seu primeiro baile á fantasia no dia 31 de Janeiro de 1846.

No dia 21 de Fevereiro desse ano abriram-se as portas do Teatro S. Januario, na rua D. Manoel, para um grande baile mascarado. A moda pegara. Relatando o sucesso o *Jornal do Comercio* do dia 23 assim se exprimio:

"A Sra. Delmastro nada poupou para que este baile fosse digno dos Fluminenses, e estamos dizer que seus louvaveis esforços corresponderam a seus desejos, pois que concorreram mais de mil pessoas; os camarotes estavam cheios de familias das mais respeitadas e distintas da Côrte, e o salão apinhado de moços de boa sociedade que procuravam reconhecer algum amigo, alguma dama, nos variados e elegantes disfarces de turco, chim, palhaço, fidalgo, dominó, etc.

As contradanças que se sucediam com rapidez, não cessaram senão ás 3 horas da manhã, e até mais tarde teriam durado se o Sr. Inspector do Teatro não tivesse entendido que a saude dos dançantes requeria que S. S. muito civilmente os mandasse descansar, dando a festa por acabada.

"Desejamos muito que se vulgarize entre nós este agradavel e inocente divertimento. É o melhor meio de desterrar os limões de cheiro, as gamelas d'agua, e todas as suas funestas consequencias."

Em 1846, mesmo, houve no Teatro São Pedro de Alcantara tres bailes; e dai por deante não se passou mais Carnaval sem baile de mascaras nos teatros, e em salões de sociedades, e em casas particulares.

*

Data de 1850 a grande fama do Carnaval no Rio de Janeiro.

Uma sociedade de rapazes alegres, e bem educados, constituida sob o titulo *Sumidades Carnavalescas,* abandonou os seus salões onde já tinha dado alguns bailes para vir á rua divertir o povo.

"Guarda de Honra" a cavalo, vistosos e interessantes carros alegoricos, muitas carruagens com socios e moças fantasiadas, muita flor, musica, ditos de espirito, eis o que, de memoria, recordavam, anos depois, os que se referiam ao surpreendente prestito que percorrera as ruas da Cidade. A impressão festiva e de intelectualidade que o cortejo deixara foi tal que a Sociedade se fez prospera porque toda a rapaziada elegante lhe queria pertencer.

No ano seguinte a Sociedade *Sumidades Carnavalescas* apareceu no Domingo de Carnaval com maior pompa e brilho, entusiasmando a multidão que se divertia, de graça, á passagem desses alegres, asseiados e cortezes foliões; na Terça-feira saio outra vez para efectuar com brilhantismo o encerramento do Carnaval.

Em 1856 já a festejada Sociedade tinha concurrentes á conquista dos aplausos da multidão : Era a Sociedade *União Veneziana* que muita verve e luxo e conhecimentos historicos empregou para disputar a palma á iniciadora desta forma popularissima de celebrar o Carnaval.

O Entrudo nunca desaparecera totalmente ; mas estava modificadissimo. Os creditos de fina espirito e garbo das duas sociedades cresceram tanto que os monarcas vinham de S. Christovão ao Paço da Cidade para gozarem, tambem, o espectaculo dos prestitos carnavalescos.

Outra nova sociedade saío á rua, em 1858 — *Os Zuavos*. Esta organizou banda propria constituida pelos socios amigos de musica, amadores, instrumentistas, alguns, mesmo, profissionaes.

Os figurinos usados pelas sociedades nos seus prestitos estimulavam o gosto dos mascaras avulso ; e de ano para ano exibiam-se foliões individuaes em trajes que os distinguiam da ralé mascarada. O comercio de artigos de Carnaval transformou-se sensivelmente : Já não constava só de seringas, esguichos, limões de cera, alcool, mascaras, farinha e quejandas cousas agressivas ; já muito artigo fino era procurado para essa festa popular. O Comercio entrou, tambem, a interessar-se no divertimento, e a concorrer para a sua elevação, animando as sociedades, enfeitando as ruas, excitando a Cidade.

Em 1862 apareceram mais duas novas sociedades : *Congresso das Damas* e *Bohemia*. O Carnaval foi, pois, festejado por cinco grandes colectividades que encheram as ruas do Rio de Janeiro de musica, de côres, de entusiasmo, de vestuarios historicos, de alegorias e criticas faiscantes. Em 1863 juntaram-se-lhes os *Estudantes de Heydelberg* e o *Club X*. Sete sociedades para divertirem a população naquêles dias em que a liberdade é linda, se não excede os limites da Ordem e da Decencia.

A fama do Carnaval do Rio de Janeiro tocava ao seu auge.

De longe, de toda parte do Brasil, vinham curiosos apreciar os folguedos que os jornaes descreviam num estilo que, aliás, não tinha ainda a prolixidade extravasante de hoje.

O sucesso das organizações carnavalescas suscita novas organizações, ansiosas por desfilarem entre ruidosas palmas e brados e aclamações do povo. É bem verdade que muitas irrompiam entre a Septuagesima e a Quinquagesima para encerrarem definitivamente a sua historia á meia noite de Terça-feira. Tinham fulgor repentino e apagavam-se logo.

Em 1864 apresentaram-se mais duas sociedades : *Titeres do Diabo* e *Nova Chromatica*. Uma delas organizou o seu prestito com as artistas de companhias francesas de opereta então existentes nesta Capital. A multidão exultou ; mas as familias recusaram-se daí por deante a tomar parte na brincadeira. A *Sumidades Carnavalescas* exibio nesse ano o seu ultimo prestito familiar.

Em 1869 apareceu pela primeira vez a *Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo* que era, apenas, o renascimento dos *Zuavos*. Travaram-se verdadeiras lutas de espirito e beleza. Outro Club — *Inimitaveis* — tambem veio deslumbrar a multidão com seu enorme cortejo gaiato e luxuoso. Então, mal começava o ano já as festas carnavalescas eram preocupação de muita gente, e despertavam muitos interesses, movimentando-se o comercio de especialidades, e agitando-se costureiros aderecistas, scenografos e maquinistas teatraes.

É em 1870 que surgem os *Fenianos*, rivaes dos *Tenentes ;* depois os *Democraticos*, rivaes de ambos ; todos rivaes de todos quantos pretendam conquistar a "palma da vitória" em torneios de graça e fantasia.

CASAS DE ESPECTACULOS

São estes os teatros existentes no Rio de Janeiro em 1922 :

Teatro Municipal.
Teatro S. Pedro.
Teatro Lirico.
Teatro Republica.
Teatro Recreio.
Palace Theatre.
Teatro S. José.
Teatro Carlos Gomes.
Trianon.

*

Desapareceu o Teatro Apollo cujo proprietario, Sr. Celestino da Silva, português, falecido em 3 de Setembro de 1916, o deixou á Municipalidade para que fosse transformado em Escola ; e legou mais duzentos contos em apolices para as obras da transformação. O Prefeito, aceitando o legado, determinou logo que a Escola teria o nome "Celestino da

Silva". O teatro foi demolido em 1920, e edificada a Escola em 1921.

*

Ha cerca de 50 cinematografos na Cidade e suburbios.

Ha mais de 20 circos moveis, e pequenos teatros fixos, abarracados, que entretêm a população das zonas suburbana e rural.

CAIXA ECONOMICA E MONTE DE SOCORRO

A Caixa Economica do Rio de Janeiro data de 1861. Abona por ano aos depositantes 4, 5 °|° de juro.

No ano da sua fundação foram iniciadas 190 cadernetas e registadas 256 entradas na soma total de 11:597$000.

Em Dezembro de 1871 já o numero de cadernetas emitidas subira a 22.681, representando depositos e juros na importancia total de 5.942:398$206.

Só no ano 1881 foram iniciadas 10.120 cadernetas ; em 31 de Dezembro desse ano o balanço foi encerrado com 43.774 cadernetas emitidas ; os juros abonados subiram a 517:147$454. A soma pertencente aos depositantes era de 10.900:476$124.

Em 1891 houve 19.868 novos depositantes que em 97.483 entradas realizaram a economia de 17.523:103$000. Houve nesse ano 37.197 retiradas na soma de 10.940:486$826. Juros abonados pela Caixa 793:930$940. O saldo pertencente aos depositantes importava em 21.540:308$616.

Em 1901 entraram 22.724:802$000 na Caixa que abonou nesse mesmo periodo juros no valor de 1.765:073$632. A importancia total dos depositantes em 31 de Dezembro era de 43.000:335$309.

Em 1911 foram abertas 16.559 cadernetas novas. O movimento de entradas foi de 30.379:863$388 ; retiradas 29.596:925$926. juros abonados 2.955:048$421. Total dos depositos existentes em 31 de Dezembro 72.872:134$000.

Em 1921 foram iniciadas 23.310 cadernetas. A Caixa recebeu 81.723:180$532. As retiradas atingiram a 73.877:950$068.

Até 17 de Janeiro de 1922 a Caixa tinha no Tesouro Federal 122.602:677$652.

Durante o ano 1922 houve 188.743 entradas na importancia de 89.655.213$576 ; e 133.365 retiradas na de 75.715:954$741.

Da Caixa Economica do Rio de Janeiro a Matriz está no predio n.º 25 da Rua D. Manoel. Tem cinco agencias em bairros populosos afastados uns dos outros ; e uma Filial em Petropolis, inaugurada em 1911.

A Agencia n.º 4 só opéra em emprestimos sobre penhores mediante o juro de 4 °|° ao ano.

*

Na secção de emprestimos — Monte de Socorro — houve 412 operações em 1861 na importancia de 35:370$610, pagando os mutuarios 721$185 de juros. Foram resgatadas 58 *cautelas* até 31 de Dezembro desse ano.

Em 1871 o Monte de Socorro emprestou 660:648$000 sobre 7.103 penhores dos quaes 6.458 foram resgatados, reentrando 606:081$. Foram vendidos em leilão 432 penhores para reencaixe de 22:635$000. De juros o Monte de Socorro recebeu 40:640$380.

Em 1881 emprestou 771:436$000 sobre 8.616 penhores. Juros recebidos 35:441$000.

Em 1891 emprestou 383:313$000 sobre 5.105 penhores. Juros recebidos 26:526$540.

Em 1901 emprestou 2.949:391$000 sobre 16.211 penhores dos quaes 13.449 foram resgatados por 2.503:949$000. Neste ano o Monte de Socorro poz em leilão 525 penhores para rehaver 72:205$000. Juros entrados 146:804$690.

Em 1911 emprestou 4.773:057$000 sobre 27.811 penhores. Destes foram resgatados 26.643 num total de 4.602:450$000. Foram a leilão 1.278 penhores por 149:657$000. Juros pagos pelos mutuarios 281:048$450.

Em 1921 os emprestimos atingiram a 7.933:682$000 sobre 39.630 penhores ; aquela quantia rendeu ao Monte de Socorro juros na importancia de 435:906$800. Foram a leilão 1.963 penhores que garantiram 325:939$000, e que produziram 598:462$500. Emolumentos de cautelas resgatadas 26:450$000.

Em 1922 foi de 9.192:735$000 o total dos emprestimos, sendo restagados penhores na importancia de 9.716:430$000 ; a renda de juros subio a 619:392$100. Emolumentos 29:699$000.

*

Numa estatistica recente distingue os depositantes pelas profissões, sexos e nacionalidades :

Brasileiros 34.064, sendo 686 militares;

Estrangeiros 11.696 ;
Lavradores 301 homens e 9 mulheres ;
Operarios 3.160 homens e 538 mulheres ;
Comercio e transportes 3.971 homens e 100 mulheres ;
Trabalhadores domesticos 668 homens e 4.112 mulheres ;
Profissões liberaes 1.446 homens e 320 mulheres.

*

A Caixa Economica e Monte de Socorro constituem uma só Repartição dependente do Ministerio da Fazenda, e confiada a um Conselho Administrativo assim constituido :

Presidente — Dr. José Pires Brandão.
Vice-presidente — Dr. James Darcy.
Directores — Com. Antonio Ramalho Ortigão, Drs. Solidonio Attico, Francisco Solano Carnéiro da Cunha, e Barão de Santa Margarida, Secretario do Conselho.
Exerce eficazmente a Gerencia o Dr. Horacio Ribeiro da Silva.

CORPO DE BOMBEIROS

O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal existe organizado desde 2 de Julho de 1856. Pertence ao Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. É incumbido da extinção de incendios em terra e mar (dentro da baía), cabendo-lhe, ainda, prestar socorro em casos de desabamento e inundação, desde que haja vidas em perigo.

Quando se organizou, ha 76 anos, reunio sob uma só administração diversas secções já existentes nos arsenaes, na Repartição de Obras Publicas e na Casa de Correcção. Chamou-se, então, Corpo Provisorio de Bombeiros da Côrte. Compunha-se de 130 homens. Possuia 15 bombas manuaes, 73 mangueiras, 190 baldes e 13 escadas. O seu primeiro Director foi o Major de Engenheiros João Batista de Montes Antas.

O signal de incendio era dado nessa época por um tiro de peça colocada no Morro do Castélo, pelo sino grande da igreja de São Francisco de Paula, e pelo sino maior da matriz da freguezia onde ocorresse o sinistro. ([180])

A pessoa que primeiro desse aviso de incendio á Autoridade, Posto de Bomba, Corpo de Guarda mais proximo tinha direito a uma gratificação pecuniaria.

Na hora do sinistro fazia-se requisição de veículos, pipas d'agua, archotes, ferramentas necessarias para o serviço. De tudo a Policia, depois, indenizava os respectivos proprietarios. Cada morador das ruas por onde tivessem de andar os bombeiros em serviço nocturno era obrigado a pôr luzes ás janelas para clarear o transito. O dono da primeira pipa d'agua que se apresentava no logar do incendio era premiado com 20$000 pelo cofre da Camara.

A reforma de 1860 deu novos moldes ao Corpo de Bombeiros, mandando adoptar caixas de aviso de incendio. Em 1861 passou o Corpo para o Ministerio da Agricultura, Comercio e Obras Publicas. Em 1864 instalou-se no sitio em que actualmente se acha — face Sul da Praça da Republica. 14.600 m².

Em 1865 recebeu o Corpo a primeira bomba a vapor.

Em 1866 iniciou-se a tracção das viaturas por muares ; e as ordens de ataque ao fogo passaram a ser dadas por meio de corneta, em vez de apito.

Em 1872 chegou a segunda bomba a vapor. Em 1875 não tinha mais que essas duas bombas e 16 braçaes.

De 1876 a 79, sob a direcção do T. Coronel de Engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer, o material aumentou, foram instalados seis Postos em diversos pontos da Cidade ; e inauguraram-se, afinal, as Caixas de Aviso que a reforma de 1860 autorizara.

Em 1880 foram concedidas graduações militares aos oficiaes do Corpo, elevado o seu efectivo a 300 homens. Constava, então o material de 5 bombas a vapor, 3 bombas quimicas, 16 braçaes, 3 carros com escadas, 20 carros com pipas dagua, 50 muares e 7 cavalos.

Em 1887 a organização do Corpo tornou-se semelhante á do Exercito ; o Director Geral — Coronel — passou a denominar-se Comandante. Pela reforma desta data foi creada a Caixa Beneficente para garantir o futuro dos oficiaes e praças, havendo as Companhias de Seguro contra fogo oferecido a quantia de 20:000$000 necessaria para que a Caixa pudesse logo prestar beneficio. Hoje essa Caixa possue mais de mil contos de réis, e distribue mensalmente pensões na importancia de quinze contos.

Em 1892 passou de novo o Corpo de Bombeiros para o Ministerio da Justiça e Negocios Interiores .

Em 1898 começou a reconstrução do Quartel por iniciativa do Comandante Francisco Marcellino de Souza Aguiar. Hoje é um Quartel modelo, com acomodações higienicas, espaçoso abrigo do material, casas para

oficiaes, rêde telefonica propria, Corpo de Saude, Escola Profissional, Banda de Musica, etc.

O material de socorro é quasi todo automovel : Bombas possantes, escadas engenhosas, aparelhos de salvação em mais de cincoenta viaturas, além de trinta e tantas de tracção animal. Os mais aperfeiçoados recursos em conjugação com a destreza do pessoal.

Comandante : Coronel Mariciano de Oliveira e Avila.

Ha Estações de Bombeiros em Botafogo, no Caes Acostavel em S. Christovão e no Meyer. Para o serviço maritimo ha flutuantes e material apropriado.

Em caso de mobilização do Exercito o Corpo de Bombeiros formará como Força Auxiliar. Os oficiaes, sargentos e praças, depois de reformados são reservas das Forças Auxiliares do Exercito.

O ultimo Regulamento é de 31 de Dezembro de 1921 : Consta de 22 capitulos e 403 artigos ; refere-se a um efectivo de 1.064 individuos perfeitamente disciplinados e adestrados para o serviço de extinção de incendios. Encontra-se no *Diario Official* de 3 de Agosto de 1922.

MONUMENTOS

Os monumentos foram sempre a fórma mais duradoura e mais publica de significar a gratidão de um povo ao genio do Bem, aos obreiros do Amor. Os cantores da Raça, os defensores da Patria, os grandes medicos, os grandes letrados, os grandes artistas, professores e empreendedores, governantes e governados que se fizeram notaveis no cumprimento do dever são recomendaveis ás gerações vindouras como exemplos de Bondade e Valor, benemeritos por seu saber, suas acções e suas qualidades moraes.

Na Cidade do Rio de Janeiro ha em 1922 trinta monumentos, mencionados todos na parte descritiva desta obra ; damo-los aqui, agora, na ordem cronologica da sua inauguração :

D. PEDRO I. Proclamou a Independencia do Brasil e fundou o Imperio, em 7 de Setembro de 1822. Viveu de 1798 a 1834. Está na Praça "Tiradentes", hoje assim chamada por ser uma parte do Campo onde foi supliciado o proto-martir da Republica, Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes. Já tinha os actuaes limites, e chamava-se Praça da Constituição quando se inaugurou essa estatua equestre, em 30 de Março de 1862. O monumento é do artista francês Louis Rochet, modificado pelo Prof. brasileiro Maximiano Matra. Custou 334:710$375, levantados em tres subscripções populares.

JOSÉ BONIFACIO de Andrada e Silva. Orador politico. Grande mentalidade na Independencia do Brasil e na organização do Imperio. Viveu de 1763 a 1838. Formou-se em Coimbra onde chegou a leccionar. Teve celebridade européa como homem de Sciencia. Está de pé no Largo de S. Francisco de Paula. O monumento foi inaugurado no dia 7 de Setembro de 1872, por iniciativa do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Custou 60:000$000.

MARIANO PROCOPIO Ferreira Lage. Engenheiro empreendedor. Viveu de 1820 a 1872. O seu busto em bronze, do Artista J. Enderlin, foi oferecido pela sua Exma. viuva e colocado em 1887 no Jardim das Oficinas (Engenho de Dentro), da Estrada de Ferro Central do Brasil, de que foi Director (1869-72).

JOÃO CAETANO dos Santos. Actor de grande merecimento. Viveu de 1808 a 1863. A sua estatua foi, por iniciativa do actor Francisco Corrêa Vasques, inaugurada em 3 de Maio de 1891, na Travessa das Belas Artes, hoje Rua Leopoldina, sendo muito depois transferida para o Parque da Praça da Republica, e em 1916 para a Praça Tiradentes onde se acha. É obra do Escultor nacional Francisco Manoel Chaves Pinheiro. Custou 3:000$000.

GENERAL OSORIO (Manoel Luiz Osorio). Guerreiro impavido. Viveu de 1820 a 1879. Os seus restos mortaes jazem na cripta do monumento que é do Artista nacional Rodolpho Bernardelli, e foi inaugurado em 12 de Novembro de 1894. É de iniciativa popular, e custou 130:000$000.

JOSÉ DE ALENCAR. Romancista. Viveu de 1829 a 1877. O monumento, de Rodolpho Bernardelli, está no extremo Sul da rua do Catête, hoje Praça José de Alencar, onde foi inaugurada em 1 de Maio de 1897, por iniciativa do Dr. José Ferreira de Souza Araujo, redactor chefe da *Gazeta de Noticias*. Custou 20:000$000.

DUQUE DE CAXIAS (Luiz Alves de Lima e Silva). Guerreiro e Estadista. Viveu

de 1803 a 1880. A sua estatua equestre, obra de Bernardelli, foi inaugurada no jardim da Praça Duque de Caxias, em 15 de Agosto de 1899. Custou 120:000$000, obtidos por subscrição popular.

O Monumento do 4.º Centenario do Descobrimento do Brasil é, tambem, de Bernardelli. Está no Largo da Gloria. Foi inaugurado em 3 de Maio de 1900. Representa, em grupo, Pedro Alvares Cabral, Pero Vaz Caminha e Frei Henrique de Coimbra. Promovido pela Associação do 4.º Centenario do Descobrimento do Brasil. Custou 220:000$000.

GONÇALVES DIAS (Antonio). Poeta e erudito. Viveu de 1824 a 1864. Por iniciativa de Olavo Bilac, está o seu busto de bronze sobre uma herma de granito no Passeio Publico, onde foi inaugurado em 2 de Junho de 1901. É escultura do ilustre Bernardelli. Fundido no estrangeiro, custou 600 francos=3:000$000.

VISCONDE DO RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos). Estadista e Parlamentar. Viveu de 1819 a 1880. O monumento de iniciativa do *Jornal do Commercio,* que levantou subscripção popular em 1881, é de Felix Charpentier, Artista francês; e foi inaugurado no Largo da Gloria, onde se acha, em 13 de Maio de 1902. Custou 55:000$000.

BARÃO DE CAPANEMA (Guilherme Schuch de Capanema) 1825-1908. Fundador do Telegrafo no Brasil, em 1852. Busto em bronze de Benevenuto Berna, inaugurado em 1904 no vestibulo da Repartição Geral dos Telegrafos.

TEIXEIRA DE FREITAS (Augusto). Professor e Jurisconsulto. Viveu de 1816 a 1883. Está na Avenida Beira-mar, em frente ao Syllogêu Brasileiro, para onde a estatua foi transferida do Largo de S. Domingos onde fôra inaugurada em 7 de Agosto de 1905. É de Rodolpho Bernardelli. Promovido pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, custou 5:000$000.

FREI LEANDRO do Sacramento. Botanico ilustre. Viveu de 1779 a 1829. O seu busto, em bronze, do Escultor Benevenuto Berna, está, no Jardim Botanico onde foi inaugurado em 15 de Agosto de 1905, por iniciativa do Dr. Barbosa Rodrigues. Custou 2:000$000.

CONSELHEIRO THOMAZ COELHO (Thomaz José Coelho de Almeida) 1838-1895, Estadista. Fundador do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1889. Busto em bronze de Bernardelli, inaugurado em Abril de 1906 na praça central do Colégio Militar.

ALMIRANTE TAMANDARÉ. Marquez de Tamandaré. (Joaquim Marques Lisboa). Exemplar de nobreza e de intrepidez. 1805-1897. O seu busto, modelado por Benevenuto Berna, e fundido em bronze no Arsenal de Marinha, foi inaugurado em 16 de Dezembro de 1906, na Avenida Beira-mar, em Botafogo. Promovido pelo Club Naval. Custou 9:000$000.

CHRISTIANO OTTONI. Engenheiro empreendedor. 1881-1896. Primeiro Director da E. F. Pedro II, hoje Central do Brasil. Está em frente á estação inicial da Estrada, desde 29 de Março de 1908, o bronze de Bernardelli que representa o grande patriota e administrador. Deve-se á iniciativa da Comissão do Jubileu da E. F. C. B.. Custou 30:000$000.

ALMIRANTE BARROSO. Barão do Amazonas. (Francisco Manoel Barroso da Silva). Lisboa 1804 — Montevideo 1879. Marinheiro atilado, guerreiro audaz, comandante glorioso. O monumento, do Artista nacional Corrêa Lima, foi inaugurado na Avenida Beira-mar, Flamengo, em 19 de Novembro de 1909. Tambem aí jazem os seus despojos mortaes. Pago pelos Ministerios da Marinha e da Justiça, o monumento custou 120:000$000.

FLORIANO PEIXOTO. Marechal do Exercito. Defensor da Republica a que presidio impavidamente em hora tormentosa. Viveu de 1839 a 1895. O monumento é do Artista nacional Eduardo de Sá. Está na Avenida Rio Branco, deante da Bibliotéca. Foi inaugurado em 21 de Abril de 1910. Custou 180:000$0000, obtidos em subscrição popular promovida pela Comissão Glorificadora do grande patriota.

VISCONDE DE MAUÁ (Irineu Evangelista de Souza) Industrial de grandes iniciativas. Viveu de 1813 a 1878. Lançou a primeira estrada de ferro no Brasil, do Rio de Janeiro a Petropolis, em 1852. É do Club de Engenharia a iniciativa desta estatua, feita por Bernardelli, e inaugurada, em 30 de Abril de 1910, no extremo N. da Avenida Rio Branco, hoje Praça Mauá. Custou 30:000$000.

FRANCISCO DE CASTRO. Medico abalizado, Professor erudito. 1857-1901. A

sua estatua, que tambem é obra de Bernardelli, foi inaugurada em 17 de Setembro de 1910 em frente á velha Escola de Medicina. Custou 13:000$000, angariados entre Discipulos e Amigos. Em 1922 foi trasladada para a Avenida Pasteur, junto á Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

NILO PEÇANHA. Exerceu a Presidencia da Republica, como Vice-Presidente, de 1908 a 1910 ; foi Ministro das Relações Exteriores de 1916 a 1918. Busto em bronze, da Escultora nacional D. Nicolina Vaz de Assis ; inaugurado, na Quinta da Boa Vista, em 18 de Outubro de 1910. Pago pelo Ministerio da Viação, custou 3:000$000.

SERZEDELLO CORRÊA. Militar. Professor. Foi Ministro de Estado e Prefeito do Distrito Federal. Busto modelado por José Octavio Corrêa Lima, e vasado em bronze na "Fundição Indigena", inaugurado, em 6 de Novembro de 1910, na Praça Serzedello Corrêa, em Copacabana, e por iniciativa dos respectivos moradores.

FERREIRA DE ARAUJO (Dr. José Ferreira de Souza Araujo) Medico. Jornalista. (1848-1900). É modelado por Bernardelli e vasado em bronze na "Fundição Indigena", este busto que desde 4 de Agosto de 1912 esta sobre uma herma no Passeio Publico. Foi promovido pela *Gazeta de Noticias*, e custou 2:000$000.

MESTRE VALENTIM (Valentim da Fonseca e Silva). Ourives, cinzelador, entalhador. Projectou, desenhou e executou a obra primitiva do Passeio Publico (1779-83). O seu busto em bronze, do Escultor R. J. Moreira Junior, foi inaugurado á entrada do Passeio Publico, por iniciativa da Prefeitura no dia 1.º de Março de 1913.

CASTRO ALVES (Antonio de). Poeta. 1847-71. O seu busto em bronze, de Eduardo de Sá, foi inaugurado no Passeio Publico sobre uma herma de granito, em 7 de Setembro de 1913, e por iniciativa da Prefeitura Municipal.

FRANCISCO PEREIRA PASSOS. (1836-1913). Engenheiro notavel, administrador eximio ; foi duas vezes Director da E. F. Central do Brasil ; como Prefeito (1903-1906) reformou e embelezou a Cidade do Rio de Janeiro. Bustos de bronze, de Bernardelli : Um inaugurado em 1914, no edificio da Prefeitura, por iniciativa dos funcionarios municipaes ; outro oferecido á Municipalidade pelo comerciante Sr. com. Antonio Ribeiro Seabra, e inaugurado em 1916, na Avenida Beira mar, trecho de Botafogo. ([176])

CUAUHTEMOC — Indigena mexicano, valoroso defensor do territorio patrio, simbolo heroico da civilização azteca, intrepido sustentador da liberdade da sua raça, "heroe nacional" do grande povo ibero-americano, lá do Norte do Continente — a estatua de Cuauhtemoc foi pelo Mexico oferecida ao Brasil em afectuosa homenagem ao 1.º Centenario da nossa Independencia Politica. Inaugurada na Avenida Beira-mar a 16 de Setembro — Dia do Mexico —. Fez a entrega solene o Embaixador Dr. José de Vasconcellos. Prestou-lhe guarda de honra a Escola Militar do Mexico. Pronunciaram discursos de agradecimento ao Embaixador o Sr. Ministro das Relações Exteriores, e o proprio Sr. Presidente da Republica num arrebatador improviso de erudição historica e alta cortezia diplomatica.

*

Alem das estatuas e bustos fundidos em bronze ha, em ferro, a estatua do Engenheiro Manoel Buarque de Macedo, Estadista, feita pelo Escultor Chaves Pinheiro, e erecta no atrio ajardinado — lado oriental — do edificio do Ministerio da Viação e Obras Publicas ([177]). Em granito existe o busto de D. João VI, inaugurado em 1908 pelo Dr. Barbosa Rodrigues, no Jardim Botanico, junto á *Palma Mater* que êle mesmo plantou em 1809. De marmore é o busto do Engenheiro Paizagista Glaziou, inaugurado sobre pedestal de granito, na Quinta da Boa Vista em 1910.

*

Estão projectados nesta capital monumentos ao Generalissimo Deodoro, comandante do movimento militar que ocasionou a proclamação da Republica. É de iniciativa politica.

Ao Professor de Medicina, Conselheiro Torres Homem. É iniciativa da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Ao autor do Hino Nacional, Maestro Francisco Manoel do Nascimento. Iniciativa da Sociedade de Geografia.

Ao Professor Militar, General Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Iniciativa popular.

A Santos Dumont, o inventor da Aeronave. A iniciativa deste monumento é dos aero-

nautas portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A primeira pedra foi lançada em 23 de Setembro, na Avenida Ruy Barbosa, solenidade a que assistiram o Presidente do Brasil Dr. Epitacio Pessoa, e o Presidente de Portugal Dr. A. J. de Almeida.

ESTATUA DE BUARQUE DE MACEDO

A Eça de Queiroz, o brilhante e saudoso romancista português.

*

Em Novembro de 1922 o *Diario Oficial* publicou um Edital, declarando aberta a concorrencia publica para a apresentação de *Maquettes* de um monumento comemorativo da Proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil, a ser erigido nesta capital entre o Jardim da Praça da Republica e a fachada principal do Ministerio da Guerra.

O monumento, dizia o Edital, representará a evolução da idéa republicana no Brasil, destacando-se a figura do proclamador da Republica, Marechal Deodoro da Fonseca, assim como as do Tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães e do jornalista Quintino Bocayuva. A figura do Marechal Deodoro será a cavalo.

O Edital referia-se ao Decreto 4.478 de 16 de Janeiro do mesmo ano ; marcava o prazo de sete mezes ; oferecia o premio de 50.000, 25.000 e 15.000 francos para os projectos classificados em 1.º, 2.º e 3.º logar ; e foi publicado simultaneamente em Paris e Roma.

* * *

JORNALISMO CARIOCA

A primeira oficina tipografica de que ha memoria no Rio de Janeiro pertenceu a Antonio Izidoro da Fonseca, no governo do Conde de Bobadella, aí por 1747. Pouco durou ; não por falta de trabalho, mas por falta de licença para funcionar. Só quando a Familia Real Portuguesa chegou ao Rio de Janeiro houve consentimento para se fundar a Imprensa Régia. Tem a data de 13 de Maio de 1808 o Decreto em que o Principe D. João lhe deu existencia, subordinando-a á Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra.

A Impressão Régia instalou-se onde está hoje, na rua do Passeio, a Directoria de Meteorologia. Daí andou por outros edificios.

Da Impressão Régia saío em 1808 a primeira publicação periodica, *Gazeta do Rio de Janeiro,* propriedade de oficiaes da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, e redigida por Fr. Tiburcio José da Rocha, oficial da mesma Repartição.

De 1808 a 1822 imprimiram-se nessa oficina, alem da *Gazeta,* 1.154 opusculos diversos — editaes, sermões, discursos politicos, memorias historicas e economicas, odes, actos episcopaes, livrinhos de devoção, compendios, etc. Em 1821 a Impressão Régia deu á luz outros periodicos: O *Jornal dos Anuncios* que publicou 7 numeros, e outros, tambem de curta duração, que se intitulavam *Amigo do Rei e da Nação, Conciliador do Reino Unido, Despertador Brasiliense, e Sabatina Familiar dos Amigos do Bem Comum.*

Em 31 de Dezembro de 1822 cessou a publicação da *Gazeta do Rio* para dar logar ao *Diario do Governo, orgão oficial, que* apareceu a 2 de Janeiro de 1823.

Depois outras oficinas se foram estabele-

cendo, nelas se imprimindo a *Nova Oficina Tipografica*, a *Imprensa do Diario*, o *Diario do Rio*, *A Oficina*, *A Tipografia*, os *Annaes Fluminenses*.

A Independencia estimulou jornalistas e favoreceu a instituição de tipografias. Enumerar os jornaes e revistas que durante um seculo surgiram e desapareceram no Rio de Janeiro seria longo trabalho e de dificil exactidão. Limito-me a afirmar a existencia de 60 tipografias bem montadas, e citarei os titulos dos jornaes e revistas em publicação regular no ano do Centenario.

* * *

JORNAES DIARIAMENTE PUBLICADOS NO RIO DE JANEIRO :

Matutinos	1.º numero em
Jornal do Comercio	1827
Diario Oficial	1861
Gazeta de Noticias	1875
O Paiz	1885
Jornal do Brasil	1892
Corrcio da Manhã	1898
O Imparcial	1912
Patria degli Italiani	1917
O Jornal	1919
A Patria	1920
O Dia	1920
Consulta do Comercio	1920
O Diario do Commercio	1922
O Brasil	1922

Vespertinos	1.º numero em
A Noticia	1895
A Tribuna	1900
A Noite	1912
A Rua	1913
O Rio Jornal	1918
A Folha	1919
Bôa Noite	1920
A Vanguarda	1922
O Combate	1922
O Rebate	1922

PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL

	1.º numero em
A União	1905

PUBLICAÇÕES SEMANAES

Revistas	1.º numero em
L'Etoile du Sud	1882
Brasil Medico	1886
Revista da Semana	1899
O Malho	1902
O Tico-Tico	1905
Fon-Fon	1906
Careta	1908
Jornal das Moças	1914
D. Quixote	1916
A. B. C.	1916
O Social	1917
Para Todos	1918
Gazeta da Bolsa	19 8
Monitor Mercantil	1919
Brazilian American	1919
Hoje	1919
A Cruz	1921
Scena Muda	1921
Revista Infantil	1921
Exportador Brasileiro	1922

PUBLICAÇÕES QUINZENAES

	1.º numero em
A Tribuna Medica	1895
A Aurora	1903
Brasil Ferro Carril	1910
Brasil Contemporaneo	1919
Jornal dos Clinicos	1920

PUBLICAÇÕES MENSAES

	1.º numero em
Revista Medico-Cirurgica do Brasil	1893
Revista Comercial do Brasil	1903
Revista Synicatrica	1907
Leitura para Todos	1908
Medicina Clinica	1908
Illustração Brasileira	1909
Revista Maritima Brasileira	1909
Mocidade	1913
O Automovel	1914
Revista de Industria e Comercio	1916
Revista Italia-Brasile	1917
A Escola Primaria	1917
Revista Brasileira de Engenharia	1910
Comercio do Brasil	1921
America Brasileira	1921
A Ordem	1921
A Exposição	1922

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

	1.º numero em
Revista da Academia Brasileira de Letras	1910
Revista da Lingua Portuguesa	1920
Revista da Sul America . .	1920

PUBLICAÇÃO ANUAL

	1.º numero em
Revista do Instituto Historico	1839
Folhinha Laemmert	1839
Almanack Laemmert	1844

. . .
. . .

* * *

. . .
. . . . .

INDUSTRIA E COMERCIO

A primeira das muitas vantagens que imprevistamente nos trouxe, em 1808, a familia real portuguesa foi a *Carta Regia de 28 de Janeiro*, assinada pelo Principe D. João, Regente de Portugal, na Baia, onde acabava de chegar em transito para o Rio de Janeiro. Por esse acto ficaram os portos do Brasil abertos a todas as nações do mundo ; por esse acto o comercio brasileiro vio franqueadas relações que até então só eram permitidas por intermedio das praças de Lisboa e Porto.

Foi o romper d'alva para a Independencia do Brasil, dizem os politicos ; foi a letra inicial da historia da prosperidade do Rio de Janeiro, dizem os economistas.

Depois ainda houve o Alvará de 1 de Abril do mesmo ano que ordenou a mais completa liberdade de Industria, derogando perturbadoras proíbições do seculo anterior.

Logo se amiudaram as comunicações internacionaes ; aumentou logo o numero de casas estrangeiras na nova metropole portuguesa. Braços, inteligencia, capital afluiram rapido na diligencia natural de acharem emprego remunerador.

Avultando as transações, sentiram industriaes e comerciantes necessidade de uma Praça do Comercio como as que existiam em Lisboa, Paris, Londres, Amsterdam. Consultado D. João que já era Rei sexto do nome, indicou para local do edificio um terreno beira-mar no extremo oriental da rua então chamada do "Sabão", e hoje chamada General Camara.

O Arquitecto Grandjean de Montigny, da Missão Artistica Francesa, foi convidado para levantar o projecto. A construção foi começada em Outubro de 1819. A inauguração da primeira Praça do Comercio do Rio de Janeiro efectuou-se no dia 13 de Maio de 1820, aniversario natalicio do Monarca. ([183])

Em 19 de Julho D. João VI consagrou-lhe uma visita. Foi recebido com grandes demonstrações de cortezia, pronunciando discursos um representante do comercio português e outro do comercio inglês. ([184])

As paixões politicas que por aquelle tempo excitavam muito os animos, dividindo a população, invadiram afinal, a Praça do Comercio, e não houve mais a necessaria unidade de vistas entre os seus membros. O ano de 1821 foi tumultuoso e o edificio foi teatro de scenas violentissimas ([185]). Os comerciantes abandonaram-n-o. Em 1824 o primeiro Imperador mandou encorpora-lo, como proprio nacional, á Alfandega que lhe ficava ao lado. ([186])

Em 1834 os comerciantes pediram á Regencia do Imperio que lhes concedesse um logar para celebrarem as suas reuniões : e obtiveram o antigo "Armazem do Sêlo", na rua Direita, em frente á que já era e ainda hoje é Rua da Alfandega.

Aí se organizou a Sociedade dos Assinantes da Praça do Comercio ; aí foi resolvida a construção de uma séde condigna. Foi outra vez chamado para dar o risco o Arquitecto Grandjean de Montigny : e sobre a mesma area do Armazem do Sêlo ergueu-se rapido a nova Praça que foi inaugurada em 2 de Dezembro de 1836, aniversario natalicio de D. Pedro II.

O desenvolvimento comercial e industrial da cidade tornou em breve deficiente na capacidade e mesquinho no aspecto o edificio construido. Em 1867 os Assinantes da Praça do Comercio constituiram-se em Associação Comercial que em 1868 abria uma grande subscrição para nova obra, maior e melhor, em dois corpos, um destinado a Bolsa e o outro a escritorios comerciaes. Em 1870 o espirito generoso dos homens de negocios, desejando comemorar o termo da guerra Brasil-Paraguay, destacou uma parte da soma já então arrecadada e empregou-a na construção de um edificio destinado a Escola ([187]). Esse edificio ficou concluido em 1872. Em 26 de Junho desse ano lançou-se, finalmente, a pedra fundamental da terceira Praça do Comercio do Rio de Janeiro.

Interveio em 1873 o Governo Imperial desejoso de contratar com a respeitavel Associação Comercial a construção de outro edi-

ficio, em harmonia com os projectados, e no mesmo alinhamento, para Correio Geral e Caixa de Amortização. Marcou-se espaço para os tres entre as ruas do Rosario e General Camara, sendo 122 m. pela rua 1.º de Março, 114 pela rua Visconde de Itaborahy, 40 pela rua do Rosario e 46 m. pela rua General Camara. Seriam tres corpos distintos, separados por duas galerias envidraçadas. Aproveitou-se a ocasião para alargar as quatro ruas, no trecho. Orçamento 4.554:000$000 ; o Governo Imperial entraria com 1.688:000$000.

obras. O Barão de Oliveira Castro, e o Visconde de Ouro Preto que era Ministro da Fazenda, removeram, em 1889, dificuldades que se acumulavam ; mas nem assim foi possivel proseguir na construção. Já estavam despendidos 4.908:820$800. Em 1903 uma Directoria resoluta obteve auxilio do Governo Federal, e com mais 100:000$000, chegou á conclusão do edificio. A inauguração foi solene em 8 de Novembro de 1906.

Têm essa data as placas de bronze que no vestibulo recordam os nomes dos cava-

ESCOLA DE SÃO CHRISTOVÃO (OFERECIDA PELA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL)

Em Abril de 1875 o Governo fez lançar a primeira pedra do edificio para Correio e Caixa de Amortização, confiando a obra ao Engenheiro do Ministerio do Imperio, Dr. Antonio de Paula Freitas. Foram despendidos 300 contos em desapropriações, e 900 contos na construção que ficou pronta em 1877. ([188])

Em 1878 a Associação resolveu modificar o projecto primitivo, reunindo num só os dois edificios a construir. Incumbiu disso o notavel Arquitecto Bethencourt da Silva, que orçou a obra em 1.339:349$000. Em 1880 foi a obra contratada por 1.750:000$000, e principiada. Orçamentos posteriores elevaram as cifras a 2.125:101$000. Em 1883 pararam as

lheiros componentes da Directoria vencedora : Bento José Leite, Com. Julio Cesar de Oliveira, Visconde de Villela, Antonio Joaquim Peixoto de Castro, Ferdinand Jaymot, Braz Antonio Bifano, Com. Antonio Dias Garcia, e Richard Richers.

Em 17 de Janeiro de 1911 foram colocados nos nichos que lhes haviam sido reservados, á entrada, os bustos de D. João VI Visconde de Cayrú, Visconde de Mauá, e D. Pedro II.

A Associação Comercial teve, emfim, séde definitiva. A Bolsa de titulos e valores funciona na area de 20 metros de diametro, sob uma claraboia que está a 28 m. de altura. A Camara de Comercio Internacional

do Brasil, a Federação das Associações Comerciaes, a Junta de Correctores de Mercadorias e Navios, a Junta Comercial e outros instituitos conexos têm suas instalações, uns no primeiro pavimento, outros no segundo. Neste a Associação guarda o seu Salão Nobre onde jazem dois bustos que a gratidão mandou erigir: Um é o do Barão de Oliveira Castro e o outro é do Visconde de Ouro Preto.

Em 1922 a A. C. negociou com o Banco do Brasil a permuta dos respectivos edificios, nos ultimos dias do ano já se tratava das necessarias adaptações.

*

O progresso industrial foi muito mais demorado que o comercial. A mineração atraío as actividades. Em vez de estabelecer manufacturas para ganhar ouro, o homem ía logo directamente procurar o ouro nas suas longinquas fontes.

Emfim, lá por meados do seculo XVIII ensaiava-se no Rio de Janeiro a tecelagem de algodão e de seda; havia algumas oficinas de passamanaria; fabricavam-se chapeos moles; cordoalha, saboaria e olaria ganhavm incremento. Um Alvará inflexivel mandou parar tudo isso, pelo facto de taes industrias deterem nas cidades braços que deviam ser encaminhados para o interior, em bem do progresso agricola.

Com a vinda, porem, da Familia Real a Industria recrudesceu no Rio de Janeiro.

A passamanaria, a tecelagem de algodão e seda restabeleceram-se; apareceram fabricas de massas alimenticias e de chocolate; foram montadas uma distilação, uma oficina de caldeireiro, fabricas de papel e de rapé, um cortume e correspondente preparo de couros, fundição de metaes, e uma Fabrica de Polvora (oficial).

Proclamada a Independencia, o espirito industrial proseguio arrojadamente, multiplicando-se as instalações. A unica desse tempo que ainda hoje existe é a Fabrica de Vidros fundada pelo cidadão francês F. A. M. Esberard.

* * *

BANCOS FUNCIONANDO NO RIO DE JANEIRO EM 1922

Nomes	Começo das operações no Rio	Capital
Banco do Brasil . . .	1808	Rs. 100.000:000$
The London & Brasilian Bank Limited	1863	£ 3.000.000-0-0
The British Bank of South America Limited	1863	£ 2.000.000-0-0
Banco Comercial do Rio de Janeiro. .	1866	Rs. 8.000:000$
Banco do Comercio. .	1875	Rs. 7.000:000$
Banco do Minho (Agencia)	1885	Rs. 600:000$
Banca di Napoli (Agencia)	1887	Rs. 3.000:000$
Brasilianisch Bank für Deutschland .	1888	M. 25.000.000
Banco da Lavoura e do Comercio do Brasil	1889	Rs. 5.740:000$
Banco de Credito Real de Minas Geraes	1890	Rs. 7.000:000$
Banco dos Funcionarios Publicos . . .	1890	Rs. 8.000:000$
Banco de Credito Rural e Internacional	1891	Rs. 1.241:000$
The London & River *Plate Bank, Lmt.*.	1892	£ 2.000.000-0-0
Banco Nacional Brasileiro	1893	Rs. 2.000:000$
Banco Hipotecario do Brasil	1894	Rs. 16.000:000$
Banco Construtor do do Brasil	1903	Rs. 1.312:000$
Banco da Provincia do Rio G. do Sul	1907	Rs. 10.000:000$
Banco Espanhol del Rio de La Plata	1909	Pes. 148.000.000
Banque Française et Italienne pour l'Amerique du Sud	1910	Fr. 50.000.000
Banco Mercantil do Rio de Janeiro . .	1910	Rs. 10.000:000$
Crédit Foncier du Brésil	1910	Fr. 50.000.000
Banco Germanico da America do Sul — *Deutsch Sudamerikanisch Bank*. .	1911	M. 4.000.000
Banco Alemão Transatlantico — *Deutsch Ubersceisch Bank*	1911	M. 4.000.000
Banco Comercial do Porto (Agencia)	1913	Rs. 200:000$
Banco Nacional Ultramarino	1913	Esc. 48.000.000
Banco Italo Belga . .	1914	Fr. 20.000.000
The National City Bank of N. York	1915	Dol. 40.000.000
Banco Popular do Brasil	1915	Rs. 800:000$
American Foreign		

Bank Corporation	1917	Dol.	8.804.200
Banco do Rio de Janeiro	1917	Rs.	5.000:000$
Credito Popular do Brasil	1917		Ilimitado
Banco Holandês da America do Sul	.1917	Fl.	30.000:000$
Banco Pelotense . . .	1918	Rs.	30.000:000$
Banco de Credito Geral	1918	Rs.	2.116:400$
Banco Português do Brasil	1919	Rs.	50.000.000$
Banco Hipotecario e Agricola do Estado de M. Geraes	1919	Fr.	10.000.000
Banco do Distrito Federal	1919	Rs.	525:271$500
Banco Escandinavo Brasileiro	1919	Cor. Nor.	5.000.000
The Yokoama Specie Bank Ltd. . . .	1920	Yen	100.000.000
Banco Sul do Brasil	1920	Rs.	4.000:000$
Banco Auxiliar do Comercio	1920	Rs.	200:000$
The Royal Bank of Canadá	1920	Dol.	25.000.000
Banco Comercial dos Varegistas	1921	Rs.	1.000:000$
The Canadian Bank of Comerce	1921	Dol.	15.000.000
Banco Sul Americano	1922	Rs.	400:000$
Banco Brasileiro de Depositos e Descontos	1922	Rs.	100:000$
Banco Catolico do Brasil	1922		Ilimitado
Banco de Credito Auxiliar	1922	Rs.	100:000$
Banco de Espanha e Brasil	1922	Rs.	5.000:000$

* * *

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

Poucos são os brasileiros que apreciam a Estrada de Ferro Central do Brasil como Estrada de recreio. Utilizam-se dela, apenas, como meio de locomoção entre dois pontos quaesquer do seu traçado, alheios á sua historia, á sua beleza tecnica, á beleza dos scenarios que atravessa e á importancia das cidades que comunica entre si.

Toma-se um trem para uma estação dos Estados do Rio de Janeiro, de Minas ou de S. Paulo, sem se querer saber o que está de permeio. Entretanto, e tão agradavel e intellectual o conhecimento dos logares por onde se transita. A *E. F. Central do Brasil* não é uma rude via que se possa percorrer de olhos fechados. Arte e Natureza se associaram para lhe darem excelencia. A *Central* já não é um simples meio de transporte : É, tambem, um agradavel espectaculo. Conhece-la é ilustrar o espirito. E, porque assim penso, persuadi-me de que seria bom serviço contar aqui ao menos a sua historia. Descreve-la sairia dos limites deste livro. ([181])

*

Foi na Regencia do Padre Diogo Antonio Feijó (1835-37) que se pensou pela primeira vez em ligar a Capital do Brasil ás Provincias interiores — S. Paulo e Minas Geraes. Uma lei especial, de 31 de Outubro de 1835, autorizou a concessão do privilegio por 40 anos. O Marquez de Barbacena foi incumbido de estudar as disposições da Praça de Londres á cêrca da organização de uma Companhia para tal fim.

Como oficialmente nada se tivesse conseguido, requereu o Dr. Thomaz Cockrane, em 1839, privilegio exclusivo para organizar Companhia e construir uma estrada ferrea que principiaria na Pavuna e, galgando a Serra Geral, alcançaria a margem do rio Parahyba, até Rezende.

Á Camara dos Deputados foi apresentada a petição, resolvendo-se aí que o Dr. Cockrane se dirigisse ao Poder Executivo. Dificuldades inerentes aos processos oficiaes demoraram a decisão até 4 de Novembro de 1840 em que, por Decreto, foi concedido ao Dr. Thomaz Cockrane privilegio exclusivo, por 80 anos, para construir uma via ferrea da Côrte a S. Paulo.

A 25 de Novembro do mesmo ano organizou-se na Praça do Rio de Janeiro, com o capital de 8.000:000$000, uma Companhia destinada a explorar aquela concessão, sendo desde logo empossados como directores Joaquim J. de Faro, J. A. de Oliveira e Silva A. da Cunha Barbosa Guimarães, M. E. Monteiro de Barros, Thomaz Cockrane, J. P. da Veiga e Carlos Pentland.

Em 19 de Dezembro de 1845 a Companhia pagou uma multa de 4:000$000 por não haver começado as obras (Thomaz Cockrane justificava essa falta com a revolução que ocorrera em Minas e S. Paulo), e pleiteou outros favores ; mas por esse tempo o Ministro Brasileiro em Londres comunicava que,

com o capital de £ 2.500.000, estava sendo organizada uma Companhia, disposta a empreender a construção da Estrada de Ferro, Companhia que chegou, mesmo, a enviar ao Rio um Engenheiro seu para conferenciar com o Governo. A falta de garantia dos juros, que, já então, fizera baquear os empreendedores nacionaes, afastou os capitaes ingleses.

Sobre os destroços da Companhia Cockrane ergueu o Parlamento uma nova lei que foi promulgada, sob n. 641, em 26 de Junho de 1852 ; e, sendo chamadas, por Editaes de 4 de Outubro, propostas para a construção da Estrada, de conformidade com essa lei, foi preferida a de Cockrane, que ainda deixou caducar a Concessão por não apresentar os respectivos estudos dentro do prazo marcado !

Depois de tentativas realizadas em Londres, resolveu o Governo fazer organizar no Imperio outra Companhia, designando para meterem hombros a essa obra o Visconde do Rio Bonito, o Dr. Caetano Furquim de Almeida, João Baptista da Fonseca, J. C. Mayrink e Militão Maximo de Souza. Em 9 de Maio de 1855 eram, emfim, decretados os Estatutos da Companhia E. F. D. Pedro II.

Determinou outro Decreto da mesma data que a Estrada, transpondo a Serra do Mar, dividir-se-ia em dois ramaes : Um para a povoação da Cachoeira, em S. Paulo, outro para Porto Novo do Cunha, nos limites da Provincia do Rio de Janeiro, com a de Minas Geraes.

Começaram as obras em 11 de Junho de 1855, tendo sido escolhidos para Ponto Inicial o extremo N. da face ocidental da Praça da Aclamação, hoje Praça da Republica. Foi preciso demolir a igreja paroquial de Sant'-Anna, aí levantada pelos crioulos em 1735.

A Companhia robustecia-se na confiança publica, tendo a Assembléa Geral de Accionistas elegido a primeira Directoria, assim composta : Christiano B. Ottoni, Jeronimo J. Teixeira Junior, Roberto J. Haddock Lobo, Alexandre J. de Siqueira e J. Baptista da Fonseca.

Em 28 de Março de 1858, arrazado o templo, erguia-se em seu logar a Estação Inicial da Estrada de Ferro D. Pedro II ; e nesse dia memoravel abria-se ao trafego o primeiro trecho da linha : 48 kilometros até "Queimados".

Foi esse um dia de festa.

O povo aglomerou-se deante da Estação Inicial. Arquitectonicamente modesto, o edificio achava-se ornado de espelhos, lustres, cortinas, bandeiras, flores, tapetes e folhas aromaticas. As salas repletas de convidados que ansiosos esperavam o começo da ceremonia. Em dois coretos vistosamente enfeitados tocavam duas bandes de musica. Estavam postados deante da Estação, dando-lhe a direita dois batalhões de Infantaria e um parque de Artilharia, em grande uniforme.

Ás 9 horas chegou o Bispo, Conde de Irajá, acompanhado do Cabido ; e, pouco depois chegava a Familia Imperial. Palmas, salvas, sons musicaes, e o estrepito de milhares de foguetes, conjuntamente anunciaram a presença do Chefe do Estado. Em seguida o Diocesano procedeu á benção da Estação, das locomotivas, dos carros e dos trilhos, tendo se levantado para isso um altar sobre a linha.

Pronunciaram, então, discursos o Presidente da Directoria, Christiano Ottoni, e o imperador respondendo-lhe. Nesse acto foi divulgado que o Monarca dera a Carta de Conselho ao Engenheiro Ottoni, e a Comenda de Christo aos directores de então : R. J. Haddock Lobo, L. P. de Lacerda Werneck, Jeronimo J. Teixeira Junior e J. Baptista da Fonseca.

Ás dez horas e meia o silvo da primeira locomotiva "Brasil" casou-se com o hino nacional e com as aclamações delirantes da multidão : Era o primeiro trem que se afastava da plataforma, seguindo-o, depois, outros tirados pelas locomotivas "Imperador" e "Imperatriz" ([182]). Ao cabo de pouco mais de uma hora chegou á Estação a noticia telegrafica de que o trem inaugural havia atingido "Queimados", e repetiram-se as manifestações de contentamento, e subiram aos ares novas girandolas, e as bandas de musica encheram o espaço de sons alegres, tudo concordando para espalhar melhor no Rio de Janeiro a faustosa noticia do grande melhoramento.

Ainda troava a artilharia e repicavam os sinos das igrejas mais proximas quando os trens regressaram com a Familia Imperial, ministros, directores da Estrada e convidados, sendo numa das salas da Estação Inicial servido, então, o chá comemorativo.

*

Em 8 de Novembro de 1860 foi aberta ao trafego a primeira secção da Estrada desde a Praça da Aclamação até Belém ; kilometro 61.675 ; já existindo trabalhos da segunda secção, na Serra do Mar, e estando contratada a construção do ramal de Macacos, hoje Paracamby, com 4.929 kilometros.

Em 1861 estabeleceu-se o serviço espe-

cial de transporte de passageiros no suburbio, entre a Estação Inicial e "Cascadura" : kilometro 15.344 compreendendo as estações "São Christovão" (km. 3.236), "S. Francisco Xavier" (km. 5.809), "Riachuelo", (km 7.055), "Engenho Novo" (km. 8.518), "Todos os Santos" (km. 10.237), "Engenho de Dentro" (km. 11.331), "Piedade" (km. 13.030).

Já se achavam em trafego 133.486 kilometros, de linha, desde "Côrte" a "Vassouras", compreendido o ramal de Macacos, ia em construção o trecho de "Vassouras" a "Entre Rios", completavam-se os estudos dos traçados para Porto Novo do Cunha e Cachoeira, quando, devido a apuros financeiros da Companhia, o Governo resolveu encampar a Estrada, o que fez por Decreto de 10 de Julho de 1865. O mesmo Acto regulou o modo por que devia ser indemnizada a Companhia, cujo dispendio importava em 24.633:666$666. Aos accionistas que representavam o capital de 2.559:800$000, foi facultado trocar os seus titulos por apolices da Divida Publica.

Em nome do Governo ficou, ainda por alguns mezes, dirigindo a Estrada o Conselheiro Christiano Ottoni, sendo em 13 de Dezembro substituido pelo Dr. Bento J. Ribeiro Sobragy. O distinto Engenheiro que por espaço de dez anos exercera a presidencia da Companhia foi, então, agraciado pelo Imperador com a Dignitaria da Imperial Ordem da Rosa.

*

Tambem, desde 1840, vinham os paulistas pensando em ligar a sua capital á Côrte por meio de estrada de ferro. Em 1862 deram a isso melhor atenção ; e, 1872, organizou-se a *Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio de Janeiro* cujas obras principiaram no Braz, a 31 de Março de 1873. A bitola dessa Estrada era, porem, de 1 metro, apenas ; ao passo que a de D. Pedro II era de 1,60 m.

Em 7 de Julho de 1877 foi solenemente festejado o encontro dos trilhos, na Cachoeira, km. 265+278 da *E. F. D. Pedro II*, e km. 230+722 da *E. F. São Paulo-Rio de Janeiro*. Estava a Princeza, D. Izabel, regendo o Imperio. Compareceu á solenidade o Principe consorte Conde d'Eu, entregando nesse acto, em Cachoeira, o titulo de Barão ao Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Presidente da Companhia que iniciara e concluira obra de tamanha relevancia. Em 1890 o Governo da Republica adquiriu a *E. F. São Paulo-Rio de Janeiro*, e decretou para evitar baldeação, o alargamento da sua bitola, uniformizando-a com a da *E. F. Central do Brasil* a que se incorporava. Esse trabalho só foi começado em 1896, e concluido em 1908.

Tal é, em breve resumo, a historia deste Proprio Nacional.

* * *

COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO QUE COMUNICAM O PORTO DO RIO DE JANEIRO COM OUTROS PORTOS DA REPUBLICA E DO ESTRANGEIRO 1922

The Royal Mail Steam Packet Company — Mala Real Inglesa — (Southampton, Cherbourg, Vigo, Leixões, Lisboa, Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Companhia de Navegação "Lloyd Brasileiro" — (Cabotagem. Linhas para America do Norte, America do Sul, Europa e Africa).

Companhia Nacional de Navegação Costeira — Lage Irmãos — (Cabotagem).

Companhia Comercio e Navegação — Pereira Carneiro & Comp., Limitada — (Cabotagem).

Companhias Francesas de Navegação "Sud Atlantique" e "Chargeurs Reunis" — (Bordeaux, Vigo, Leixões, Lisboa, Dakar, Baia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Lloyd Real Hollandês — Koninklijke Hollandisch Lloyd — Amsterdam, Southampton, Cherbourg, Vigo, Leixões, Lisboa, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Hamburg Sudamerikanisch-Dampf-Shiffarhrts-Gesellschaft — (Hamburgo, Boulogne s|m, Lisboa, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires).

Société Generale de Transports Maritimes á Vapeur — (Genova, Marselha, Las

Palmas, Dakar, Rio, Montevideo Buenos Aires).

Navigazione General Italiana — (Genova, Barcelona, Dakar, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Sociedade Triestina de Navegação — Cosulich — (Trieste, Napoli, Almeria, Las Palmas, Rio, Montevideo e Buenos Aires).

Lloyd Sabaúdo — (Genova, Barcelona, Rio, Santos e Buenos Aires).

Aktien Gesellschaft Hugo Stinnes — (Hamburgo, Lisboa, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Norddeutscher Lloyd Bremen — (Bremen, Vigo, Leixões, Lisboa, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

United American Lines Inc. e *Hamburg Amerika Line — Joint Service* — (Hamburgo, Rio Buenos Aires).

Rotterdam-Zuid Amerika Line — Serviço combinado de *Van Nivelt, Goudriaan & Cos. Stoomvaart Maatschappij e Holland Amerika Linj* — (Rotterdam, Hamburgo, Rio e Buenos Aires).

Linha Baltica Sul Americana — The Baltic South American Line — (Noruega, Dinamarca, Finlandia, Rio, Buenos Aires).

Roderlaktiebolagei Nordsjornaan — Gotemburgo, Malmoe, Stokolmo e Helsingfors, Rio, Santos, Montevideo, Buenos Aires, Valparaiso).

Den Norske Sydamerika Linje — (Noruega, Dinamarca, Finlandia, Rio, Santos e Buenos Aires).

Lloyd Royal Belge S. A. — (Antuerpia, Funchal, Las Palmas, Bahia e Rio de Janeiro).

Munson Steamship Lines — (New York, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires.

Mississipi Shipping Company Inc United States Shipping Board Service — (New Orleans — Brasil).

Lamport & Holt Line — (New York, Trinidad, Barbados Rio, Montevideo e Buenos Aires).

Prince Line — New York, Rio, Santos,

Stray's South America Line — (New York, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Delta Line — Mississipi Shipping Company — (New Orleans-Brasil).

The Booth Steamship Cº, Ltd. — New York — Brasil).

Internacional Freighting Corporation — (Jakssonville, Baltimore; Philadelphia, Rio de Janeiro).

Kleppe Lines — (Europa Estados Unidos, Brasil, Rio da Prata).

Pacific-Argentine-Brasil Line — (São Francisco da California, Canal, Rio, Santos, Montevideo, Buenos Aires).

United States and Brasil Steamship Line — (New York, Rio de Janeiro, Santos e portos de Africa).

Rio Cap Line Limited — (Durban, East London, Port Elizabeth, Mossel Bay Cap Town, Rio de Janeiro).

Osaka Shozen Kaisha — Kobe, Yokoama, Los Anjeles, Balboa, Cristobal, Galveston Nova Orleans, Rio, Santos e Buenos Aires).

Nippon Yusen Kaisha — (Japão, China, Singapura, Durban, East London, Port Elizabeth, Mossel Bay, Cap Town, Rio de Janeiro).

Skoglands Linje — (Petrogrado, Copenhague, Vigo, Tenerife, Rio de Janeiro).

Compañia Naviera Sota y Aznar — Bilbao, Rio, Buenos Aires).

S. A. Naviera Guadalquivir — (Tarragona, Santos, Montevideo e Buenos Aires).

Wilhelmsen Steamship Line — U. S. A. — Brasil).

Transportes Maritimos do Estado, Portugal e *Linha Portuguesa de Navegação* —

(portos portugueses, ingleses, alemães e brasileiros).

Empresa Nacional de Navegação "Hoepcke" — (Cabotagem).

Sociedade Paulista de Navegação Materazzo, Ltda. — (Cabotagem).

Transportes Marítimos — Oliveira & Cbl. (Cabotagem).

S. A. White Martins — (Cabotagem).

Lloyd Nacional — (Cabotagem).

G. Luiz & Comp. — (Cabotagem).

Linha Rio-Laguna — (Cabotagem).

Linha Rio-Vitória-Caravellas — (Cabotagem).

Navegação Bahiana — (Cabotagem).

LEBLON

SEXTA PARTE

O CENTENARIO

O CENTENARIO

Para comemorar o 1.º Centenario da Independencia Politica do Brasil houve muito quem pensasse numa Exposição Nacional ; depois numa Continental Americana ; não sei como prevaleceu, em 1921, a idéa de uma Exposição Universal.

Desde logo se tratou do logar onde deveria ser instalada a Exposição ; e, nesta Cidade de 1116 kilometros quadrados, com tanto terreno desocupado, areas vastissimas na zona suburbana — tão necessitada de melhoramentos, teve surto e realização a lembrança de se crear uma superficie nova para o grande certame comemorativo !

O Prefeito, Professor das Escolas Politecnica e Naval, homem instruido, viajado, imaginoso e pratico, dispuzera-se a realizar o muito desejado e necessario arrazamento do "Castélo", um morro sem higiene, sem estetica, sem utilidade, antes rude obstaculo ao arejamento da zona comercial. Não faltaria onde lançar a terra dêle proveniente ; mas como havia pressa, pareceu mais comodo e expedito lança-la mesmo ali, por assim dizer, no sopé do morro, dentro dagua, na baía do Rio de Janeiro!

A estranheza do publico foi grande ; mas divulgada a noticia de que sobre o terreno com que se ampliasse a Avenida Beira-mar (Santa Luzia, Lapa, Gloria) se traçaria, formosa, a "Avenida das Nações" da Grande Exposição do Centenario, a surpresa converteu-se em espectativa. Todos se conformaram.

O desmonte já estava iniciado. O aterro foi-se alastrando. A ponta Leste da Cidade avançou rapido, puxando quinhentos metros na direcção de Vilegagnon. Ao mesmo tempo o Morro da Viuva era contornado por uma bela Avenida talhada no granito : É a Avenida Ruy Barbosa, novo trecho da Avenida Beira-mar. Saneava-se e embelezava-se a Lagoa Rodrigo de Freitas ; canalizava-se o Rio Maracanã, no Engenho Velho, pelo centro de outra nova Avenida; traçava-se a "Avenida do Exercito", em S. Christovão ; e outras muitas obras simultaneamente se executaram neste ano.

Afluiram trabalhadores de todos os campos, desprezando a Lavoura por amor dos altos salarios que a pressa oferecia. Revezavam-se turmas de milhares de operarios, noite e dia ; e fez-se atabalhoadamente, ofegantemente, dispendiosissimamente, em poucos mezes o que — está fóra de duvida — se podia ter feito com mais tempo, mais estudo, mais calma, mais acerto, e muito menos dinheiro.

*

No dia 7 de Setemro de 1922, sobre o aterro de Santa Luiza, onde fôra a Avenida Wilson, estava lançada, realmente, a Avenida das Nações. Na area que fôra do antigo Arsenal de Guerra avultavam palacios de grandiosa arquitectura, composição graciosa de artistas nacionaes. Procedeu-se oficialmente á inauguração da Exposição, havendo, apenas prontos, acabados na vespera, o "Palacio das Festas", e os pavilhões da Belgica, Dinamarca, Inglaterra, França, Japão, e Grandes Industrias Nacionaes. Estavam por acabar, a meio construidos ou apenas esboçados, o Pavilhão dos Estados, o das Pequenas Industrias e o da Estatistica (nacionaes), e os pavilhões do Mexico, dos Estados Unidos da America do Norte, da Argentina, de Portugal, da Suecia, da Noruega, da Italia e da Tcheco-Slovaquia.

*

Ao Rio de Janeiro chegavam diariamente forasteiros do interior e do exterior. Desde Agosto que desembarcavam no Rio de Janeiro representantes diplomaticos de nações amigas. Até 6 de Setembro estavam acreditados junto do Presidente da Republica do Brasil os Delegados Especiaes da Alemanha, Argentina,

Belgica, Bolivia, Bulgaria, Canadá, Chile, China, Colombia, Cuba, Dinamarca, Estados Unidos da America do Norte, Equador, Espanha, Gran-Bretanha, Italia, Japão, Mexico, Nicaragua, Noruega, Paraguay, Perú, Portugal, S. Salvador, Suecia, Suissa, Tcheco-Slovaquia, e Uruguay ; assim como o Pontificado Romano.

Foi perante esses diplomatas, e mais estrangeiros e brasileiros distintos que o Sr. Presidente da Republica, no dia 7 de Setembro de 1922, depois de passar Revista ás tropas em Parada, assistio na Praça Deodoro ao desfile das mesmas, vendo-se em primeiro logar os contingentes estrangeiros em fraternal solidariedade com as forças nacionaes :

Marinheiros e soldados navaes dos encouraçados norte-americanos *Maryland* e *Nevada;*

Marinheiros japonezes dos encouraçados *Iwate, Isuno* e *Azuma ;*

Marinheiros ingleses dos encouraçados *Hood* e *Repulse ;*

Marinheiros argentinos do encouraçado *Moreno ;*

Marinheiros Uruguayos do cruzador *Uruguay ;*

Marinheiros portugueses dos cruzadores *Republica* e *Carvalho Araujo ;* e

Colégio Militar de Mexico.

Cada bandeira era precedida da sua banda de musica. Era um extraordinario e emocionante espectaculo.

Depois desfilaram as forças brasileiras :

Brigada de Marinha, composta da Escola Naval, Marinheiros Nacionaes, Reserva Naval, Tiro Naval de Santos e Batalhão Naval ;

Companhia de Carros de Assalto ; Colégio Militar do Rio de Janeiro, 1.ª Brigada de Infantaria — 1.º e 2.º Regimentos de Infantaria, 1.ª Companhia de Metralhadoras ; 2.ª Brigada de Infantaria — 3.º Regimento de Infantaria, 3.ª Companhia de Metralhadoras Pesadas, 1.º, 2.º e 3.º batalhões de Caçadores, 1.º Batalhão de Engenharia ; 1.ª Brigada de Artilharia — 1.º e 5.º grupos de Artilharia Montada, 1.º Regimento de Artilharia de Montanha, 15.º Regimento de Cavalaria Independente. Policia Militar. Total 20.000 homens.

A Parada terminou por uma carga de cavalaria de impressionante efeito.

*

Regressando da Parada o Sr. Presidente da Republica assistio na Prefeitura ao patriotico Juramento da Bandeira pelos alunos das escolas publicas municipaes.

*

Ás 14 horas o Sr. Presidente recebeu em Palacio os cumprimentos das Embaixadas Estrangeiras em missão especial, Corpo Diplomatico, Comissarios Geraes, membros do Congresso Nacional, oficiaes de terra e mar, e alto funcionalismo. Era a segunda solenidade importante do dia.

Nesta ocasião Monsenhor Francisco Cherubini, representante de S. S. o Papa Pio XI, e na qualidade de Decano dos Embaixadores em missão especial, assim falou :

"Senhor Presidente ! — É com a maior satisfação que dirijo a palavra a V. Ex. neste dia, que será inscripto em letras de ouro nos anaes do Brasil ; e é para mim uma honra toda particular ser junto a V. Ex., nesta solenidade, o interprete dos meus ilustres colégas, embaixadores em missão especial. Considero como a nota mais agradavel de minha missão a de trazer, antes de tudo, as mais respeitosas homenagens ao ilustre Presidente, que, pelo seu saber, sua actividade, sua habilidade, seu devotamento, dirige o povo brasileiro para os seus gloriosos destinos.

Afirmo — gloriosos destinos ; taes, com efeito, foram sempre os destinos deste grande povo depois da primeira pagina, que escreveu na historia, até a época mais gloriosa ainda da sua independencia ; deste povo que atingio a virilidade sem passar pela infancia.

É um facto conhecido, que em todos os tempos os povos, que não gozaram de liberdade, aspiraram sempre a uma existencia nacional independente e trabalharam com todas as suas forças para a conquistar. Mas, ah ! quanto sangue, quantas lagrimas, não custou essa independencia !

Felizmente não aconteceu assim para a Nação Brasileira em 1822.

Porque o povo português, que lhe descobriu o genio e cultivou a nobreza, a considerou antes como filha do que colonia.

Elle lhe deu a educação moral, social, religiosa ; desenvolveu suas excelentes disposições para as artes, sciencias, comercio ; em uma palavra, preparou-a para o dia da emancipação, para o dia da Independencia.

De facto, Sr. Presidente, quando, ás margens do Ypiranga ecoou o grito da liberdade, esta grande Nação obtinha a sua independencia sem derramar uma gota de sangue,

nem mesmo uma lagrima ; porque era o sangue português que corria nas veias do jovem e nobre principe que acabava de pronunciar a frase historica : "Independencia ou Morte !"

Desde então a generosa Nação Brasileira, tão jovem ainda, se lançava sobre o caminho da gloria ou mesmo de todas as glorias.

De José Bonifacio ao Barão do Rio Branco, é toda uma série de passagens ilustres, que revelam ao mundo inteiro o desenvolvimento intelectual e ascendente moral desta nobre Nação.

A Historia repetirá á Posteridade as paginas sublimes, onde estão escritos em caracteres indeleveis os feitos gloriosos do nobre povo brasileiro.

O grande gesto da Princeza Izabel, proclamando a abolição da escravatura, fez conhecer os sentimentos delicados da civilização e do progresso deste paiz.

Na Conferencia da Paz, em Haya, a delegação brasileira chamou sobre si a atenção universal ; e o nome do eminente jurisconsulto Ruy Barbosa será respeitado tanto pelo historiador como pelo homem de Estado. E na Conferencia de Paris, Sr. Presidente, o tacto e a habilidade com que V. Ex. dirigiu a delegação do Brasil grangearam para V. Ex. as maiores sympatias do estrangeiro, e um logar de maior realce. É, portanto, justo, Sr. Presidente, que todas as nações estejam aqui representadas nas festas do Centenario da Independencia de sua nobre Patria, e lhe tenham trazido o tributo de sua admiração.

Sr. Presidente ! Em nome de Sua Santidade o Papa Pio XI, em nome dos demais augustos soberanos e chefes de Estado, que temos a honra de aqui representar, nós nos associamos com alegria ás festas que recordam dias tão gloriosos para o Brasil, e ao mesmo tempo formulamos votos os mais sinceros pela prosperidade, cada vez maior, para a felicidade sempre mais completa, deste nobre paiz.

E, se bem que é da união dos espiritos que resultam os grandes beneficios peço a Deus realiza-los sempre com vantagem, removendo tudo que lhe possa servir de obstaculo.

Que o Cruzeiro do Sul, que brilha sobre esta terra privilegiada, possa, para o futuro, como no passado não a iluminar senão de cousas nobres, generosas e admiraveis."

*

Ás 16 horas foi solenemente inaugurada a Exposição. Era a terceira grande solenidade comemorativa.

Na presença dos representantes de nações amigas, Ministerio, militares, magistrados, professores, senhoras, comerciantes, industriaes, congressistas, logo que o Sr. Presidente da Republica declarou aberta a Exposição, o Sr. Ministro do Interior proferio o seguinte discurso :

"Sr. Presidente ! Srs. Embaixadores e Enviados das Nações amigas ! Minhas Senhoras ! Meus Senhores !

O começo do Seculo XX e a epoca festiva da America Latina, como o começo do seculo dezenove é a época dolorosa das suas lutas pela independencia e pela liberdade.

Dir-se-ia que ela passou cem anos a crescer e a robustecer-se, e agora celebra a sua maioridade no meio das nações mais velhas do mundo, gentilmente associadas a essa comemoração.

É tão longa a idade dos povos, que menos de um seculo parece apenas a adolescencia, o começo da juventude.

O Brasil já teria chegado áquela fase da vida, se tivesse querido contar a sua entrada no convivio internacional, desde 1815, quando, unido a Portugal e Algarves, passou a fazer parte do Reino-Unido e aqui se constituio a séde do governo comum.

Ao fim de seis anos, porem, foi interrompida a cordialidade existente entre os membros da União, e começou a luta porfiada, donde resultou separarem-se pelo interesse particular de cada um, para depois se encontrarem irmanados no futuro pelos destinos identicos da mesma origem e as tendencias iguaes da mesma civilização.

O Brasil quiz mostrar ao mundo como usou da liberdade nesse seculo que passou.

Recebendo a visita de Chefes de Estados, de Embaixadores e Enviados das Nações Amigas, quiz dizer-lhes, por factos, como trabalhou e quanto produzio ; como foi digno da independencia que logrou e deixar julgar se merece, ainda mais, a confiança dos que esperam do seu porvir.

Nenhuma linguagem falará melhor do que o certame que hoje inauguramos.

Ele não se realiza como pretexto para festins, mas como demonstração de esforços extraordinarios de inteligencia consumidos num seculo de actividade, em quasi todos os ramos de trabalho.

Haverá aí mostras desse passado.

Umas servirão para acentuar como os povos devem guardar certos patrimonios legados por seus maiores, exemplos do seu bom gosto e da sua personalidade tecnica ; outras

servirão para abrir os olhos aos que se aferram á rotina e hão de constituir, pela comparação com os produtos aperfeiçoados aqui expostos, benefico estimulo para melhorar e progredir.

Esse ultimo efeito ha de vir, sobretudo, da lição que nos trazem os povos mais adiantados do mundo, cultores das maravilhas de todo genero que facilitaram o bem estar dos homens e concorreram para leva-los, com rapidez, de um a outro extremo da Terra, aproximando-os reunindo-os, tornando possivel conhecerem-se melhor, para um dia, que praza aos céos já tenha chegado, abandonarem as suas desconfianças e prevenções, geradoras de males, e enfrentarem uns aos outros, sómente como hoje, nestes campos de combate do pensamento e do trabalho, donde só resultam beneficios para a humanidade e brilho para a civilização.

Em nome do Governo da Republica, agradeço aos Chefes de Estados, Embaixadores e Enviados das Nações Amigas, a honra que fazem ao Brasil de realçar com a sua presença a solenidade deste acto ; e aos representantes da industria e de todas as manifestações do trabalho vindos de tão longe o concurso que nos trouxeram para o bom exito da Exposição comemorativa do primeiro Centenario da Independencia Politica do Brasil".

*

Á noite houve espectaculo sumptuoso no Teatro Municipal, com uma assistencia brilhantissima de convidados do Sr. Presidente da Republica, sendo cantada a opera *Il Guarany*, inspirada composição do Maestro brasileiro Antonio Carlos Gomes.

*

Continuou por dias a comemoração festiva do Centenario da Independencia, realizando-se consecutivamente solenidades e reuniões cuja enumeração é dificil fazer completa :

Missa Campal no campo que se estende onde foi a Praia do Russell ;

Te Deum, na Catedral Arquiepiscopal :

Banquete oferecido pelo Presidente da Republica do Brasil aos chefes das missões especiaes ; e Recepção concorridissima, em Palacio ;

Revista Naval.

O Secretario de Estado da Republica dos Estados Unidos da America do Norte assistio ao lançamento da pedra fundamental do monumento que o seu paiz oferece ao Brasil.

Houve na Embaixada norte-americana Recepção ás altas autoridades, Corpo Diplomatico, delegações estrangeiras e Sociedade Brasileira.

A bordo do *Maryland* foi pela Delegação norte-americana oferecido um almoço ás altas autoridades brasileiras, embaixadores especiaes e Corpo Diplomatico.

A União dos Empregados no Comercio reunio-se para ouvir a Oração Civica de Coelho Netto.

O Embaixador do Mexico ofereceu ao Brasil a imponente estatua de Cuhautemoc, inaugurando-a no local em que está.

Houve mais :

Recepção na Embaixada do Chile ;

Recepção e Baile na Embaixada da Inglaterra ;

Baile a bordo do encouraçado *Hood*,

Banquete da Embaixada Especial da Republica Argentina em homenagem ao Sr. Presidente da Republica do Brasil ;

Sessão solene da Universidade do Rio de Janeiro em homenagem aos delegados universitarios nossos hospedes ;

Banquete das delegações municipaes de Buenos Aires, Montevideo, Cordoba, Santiago e Valparaiso ao Conselho Municipal do Rio de Janeiro ;

Recepção do Embaixador Francês aos diplomatas presentes no Rio de Janeiro, e á Sociedade brasileira ;

Almoço oferecido pela Marinha Brasileira á oficialidade dos navios de guerra surtos na Baía de Guanabara ;

Recepção e Baile oferecido ao Governo e á Sociedade Brasileira pelo Embaixador Extraordinario da Belgica ;

Jantar oferecido pelo Ministro do Japão ás autoridades brasileiras, embaixadores especiaes e Corpo Diplomatico ;

Baile oferecido pelo nosso Ministro das Relações Exteriores ás missões especiaes e ao Corpo Diplomatico ;

Garden Party oferecido pelo Congresso Nacional Brasileiro aos congressistas e parlamentares estrangeiros ;

Banquete em caracter intimo do Sr. Presidente da Republica ao Embaixador Especial da Santa Sé ;

Garden Party oferecida pelo Dr. Linneu de Paula Machado, Presidente do Jockey

Club do Rio de Janeiro á Directoria do Jockey Club de Buenos Aires ;

Sessão especial do Congresso Nacional para votação de uma Moção Congratulatoria ;

Recepção oferecida pelo Presidente do Brasil á Sociedade Carioca em homenagem ao Presidente de Portugal ;

Parada Infantil, desfilando pela Avenida Rio Branco, militarizados, 4.600 alunos de institutos e colégios oficiaes e particulares, escoteiros, e patronatos agricolas ;

Corridas, nos hipodromos do Derby e do Jockey Club ; Festa Veneziana, na Enseada de Botafogo ; exposições agricola e pecuaria; Olimpiadas ; grandes fogos de artificio em varios pontos da Cidade.

Enriquecendo o programa comemorativo, reuniram-se no Rio de Janeiro as seguintes colectividades, celebrando sessões regulares com variado e sempre grande numero de membros vindos de toda parte :

Congresso Americano da Criança ;

Congresso das Associações Comerciaes do Brasil ;

Congresso Americano de Expansão Economica e Ensino Comercial ;

Congresso Brasileiro do Carvão ;

Congresso Brasileiro de Ensino Secundario e Superior ;

Congresso Brasileiro de Esperanto ;

Congresso Brasileiro de Farmacia ;

Congresso Brasileiro de Quimica ;

Congresso de Estradas de Rodagem ;

Congresso de Estudantes de Escolas Secundarias ;

Congresso Carmelitano Nacional ;

Congresso Espirita Internacional ;

Congresso Eucaristico ;

Congresso Ferro-Viario Sul Americano ;

Congresso de Inspectores Agricolas ;

Congresso Internadinonal de Americanistas ;

Congresso Internacional de Engenharia ;

Congresso Internacional de Febre Aftosa;

Congresso Internacional de Historia da America ;

Congresso Juridico ;

Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria ;

Congresso de Operarios em Fabricas de Tecidos no Brasil ;

Congresso Nacional de Praticos (Medicos) ;

Congresso de Protecção e Assistencia á Infancia (com Inauguração do Museu da Infancia, fundado pelo Dr. Moncorvo) ;

Congresso Regional de Igrejas Evangelicas ;

Conferencia Americana da Lepra ;

Conferencia Brasileira de Mulheres ;

Conferencia do Ensino Primario ;

Conferencia Internacional Algodoeira.

*

* *

Verdadeiro acontecimento, como o fôra, dois anos atrás, a vinda do Rei Alberto, da Belgica, foi a visita do Presidente da Republica de Portugal, Sr. Dr. Antonio José de Almeida.

Não lhe foi possivel estar aqui no dia 7, mas chegou no dia 17, havendo de bordo do *Porto* que o transportava, desferido, pelo telegrafo sem fio, esta Mensagem que logo penetrou no coração do povo brasileiro :

"Ao entrar na baía de Guanabara, a melhor baía do mundo, tenho a honra de saudar o Brasil, uma das mais possantes e formosas patrias que tem existido sobre a Terra. Venho visitar este paiz de maravilhas com a trémula emoção de quem pratica um acto religioso, em que o espirito se sente arrebatado para alem do espaço e do tempo, contemplando absorto, o esforço sobre-humano das gerações predestinadas. Colaboradores da mesma obra de civilização, tão juntos temos trabalhado, brasileiros e portugueses, que para sempre ficámos irmãos ; irmãos, mais nos aproximamos ainda no momento do centenario da vossa independencia, em que as duas patrias como que suspendem o vôo na sequencia de um destino eterno, para se unirem sob a asa da sua tradição ancestral, como duas aguias oriundas dos cerros da Lusitania que quizessem sentir por um instante o calor e agasalho comum. Homem simples e modesto, figura transitoria da vida publica do meu paiz, por mim, brasileiros, nada vos posso trazer que tenha valor. Mas no meu coração conduzo até vós um sentimento imorredouro que é o amor dos portugueses á vossa patria acolhedora e resplandecente. Patria fecunda e generosa onde, como se fôra na sua, devotados á terra e respeitando as leis, trabalham honradamente tantos filhos queridos de Portugal. E mais, ainda, se é possivel, do que o proprio orgulho de ser chefe do grande povo que, outrora, fez uma patetica criação de mundos, experimento a imerecida fortuna de ser o mensageiro da fraternidade inviolada que a

minha terra sente pela vossa terra admiravel. Aguas brasileiras, 16 de setembro de 1922. — ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA."

A bordo do *Porto* chegou pouco depois este radiograma:

"Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1922 — Tenho grande prazer em apresentar a V. Ex.ª, Senhor Presidente da Republica Portuguesa, os cumprimentos de boas vindas e as saudações muito cordiaes do povo do Brasil, no momento em que o *Porto*, navegando em aguas brasileiras, se aproxima dèsta Capital, que espera V. Ex.ª com demonstrações da mais viva simpatia e cordialidade. — EPITACIO PESSOA."

O desembarque do Presidente de Portugal, recebido pelo Presidente do Brasil num Domingo luminoso, passando por deante das forças militares que em duas alas guarneceram o trajecto desde o Arsenal de Marinha até o Palacio Guanabara, e sob as aclamações do povo que afluira para vê-lo e sauda-lo, foi uma nota galantissima que brilhou nos brilhos festivos da comemoração do Centenario.

A estada do Presidente de Portugal no Rio de Janeiro, entre 17 e 27 de Setembro de 1922 foi uma sucessão quotidiana de demonstrações afectuosas. S. Ex.ª, poude apreciar o espirito fraternal das duas nacionalidades, a alta cultura do povo que descendia da radiante cultura lusiada, e o grande esplendor da metrópole, que, ha 355 anos, portugueses fundaram nesta parte da America. S. Ex.ª reconheceu o trabalho dos ultimos cem anos de vida nacional, a obra genuinamente brasileira do ultimo quarto de seculo transformando, saneando, embelezando a Capital do Brasil.

DR. EPITACIO PESSOA

O Presidente de Portugal confessou-se deslumbrado em discursos calorosos, eloquentissimos que de improviso proferio na Festa Popular da Exposição, no Gremio Republicano Português, no Supremo Tribunal Federal, no Gabinete Português de Leitura, na Sociedade Portuguesa de Beneficencia, na Academia Nacional de Medicina, na Camara Portuguesa de Comercio, no Congresso Legislativo, na Escola Naval, no Banquete que lhe ofereceu o Presidente do Brasil.

Estão publicados alguns dêles. O que foi pronunciado no Congresso mostra bem a grandeza e a formosura do orador ; mas reproduzirei aqui somente o da pragmatica, respondendo á saudação do Presidente do Brasil

no banquete que lhe ofereceu em Palacio no dia seguinte ao da chegada. E como a saudação é tambem um primor de eloquencia cordial, estampo gostosamente as duas orações.

Assim falou o Dr. Epitacio Pessoa :

"Sr. Presidente !

A visita de V. Ex.ª a esta Capital, no momento em que o Brasil comemora o primeiro centenario de sua independencia politica, tem tão alta significação, e importancia transcendente, que bem justifica a profunda comoção com que é recebida por todos os brasileiros.

Espiritos menos observadores poderão, talvez, acreditar que, nessa comemoração, á qual a presença de V. Ex.ª dá excepcional relevo, se dissimula o jubilo nacional pela vitoria que os brasileiros alcançaram contra os portugueses em 1822. Um exame menos superficial do acontecimento, porem, logo dissipa o equivoco, e mostra a toda a luz que o que estamos festejando, neste momento historico, é antes uma data da raça.

Porque não haveria Portugal de comemorar hoje conosco a emancipação politica de um paiz que elle descobrio, povoou e defendeu contra a cobiça dos invasores ? Porque, se, mesmo em 1822, tantos portugueses de nascimento se bateram ao lado dos brasileiros pela obra da Independencia ?

Não ! A guerra da Independencia não foi uma luta de brasileiros contra portugueses, mas de brasileiros e portugueses, aliados entre si, contra a orientação retrograda e impolitica das Côrtes de Lisboa, empenhadas em destruir a obra que varios seculos haviam já consolidado — a unidade nacional dentro da imensa vastidão do nosso territorio.

Ninguem mais trabalhou pela independencia do Brasil do que D. João VI que, nos seus treze anos de administração, cuidou exactamente de preparar o paiz para o Governo de si mesmo, abrindo-lhe os portos, dando-lhe arte, escolas, academias, bibliotécas, imprensa, liberdade de comercio e de industria, meios de transporte, vias de comunicação, exercito, armada, cultura, em uma palavra, tudo quanto podia conduzir-nos á vida de soberania. Fe-lo com o proposito declarado e firme de formar, no Brasil, o grande imperio do futuro. Quando êle partio, em 1821, já o nosso paiz tinha seis anos de vida como Reino, com a sua politica, a sua justiça, a sua administração e o seu credo religioso — condições essenciaes á formação da nova nacionalidade. Essa formação já o velho monarca a

DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

previa, tanto que, ao deixar as nossas plagas, aconselhava o filho a pôr na cabeça a nova corôa antes que o fizesse qualquer aventureiro.

Assim, pois, o grito do Ypiranga — dado pelo filho ás margens do ribeirão paulista — nada mais foi do que a consequencia logica dos actos do pai. Esse grito, partido da alma portuguesa de D. Pedro, com aplausos de portugueses e filhos de portugueses, não foi nem podia ser um brado de guerra contra Portugal, mas um protesto vibrante contra os desatinos das Côrtes de Lisboa.

Fez-se a Independencia.

As relações entre os dous povos ou, melhor, entre os dous ramos do mesmo povo, que a força irresistivel da evolução natural desunira sem separar, ou cujos corpos separara sem as almas desunir, nem foram, a bem dizer, interrompidas. Os portugueses que ficaram conosco não se sentiram, em 1822, como não se sentem hoje, em terra estranha. As forças mandadas de Lisboa pelas Côrtes hostis, não tiveram contra si apenas os brasileiros feridos no seu orgulho, mas tambem os portugueses liberaes, indignados com a dictadura colectiva dos deputados da Regeneração.

Portugal, pelo seu Rei, preparara o Brasil para a Independencia, como o pae prepara o filho para a maioridade. O 7 de Setembro de 1822 é, pois, uma data luso-brasileira, é uma data da Raça. E, assim, nada mais natural que os dous povos, unidos outrora por esse espirito de justiça e de liberdade, de progresso e de empreendimentos ousados que levaram os portugueses ao descobrimento e impeliram os brasileiros á Independencia, se reunam hoje tambem, com a amizade e o carinho de sempre, para festejarem juntos um acontecimento que a ambos deve encher de orgulho.

É portanto, Sr. Presidente, com o mais intimo regosijo que, em nome da Nação Brasileira, e no meu proprio nome, saudo ao glorioso Portugal, na pessoa de V. Ex.ª, em cuja honra levanto a minha taça."

Assim respondeu o Sr. Dr. Antonio José de Almeida :

"Sr. Presidente !

A emancipação politica da grande Patria que é hoje o Brasil foi um facto espontaneo e normal, consequencia de uma evolução inexoravel, que nenhuma força seria capaz de impedir.

A Independencia do Brasil não data do grito de Ypiranga, como á primeira vista podia supor-se ; ela partio de mais longe, porque se vinha formando lentamente na consciencia nacional, visto que, de facto, o Brasil, apesar de colonia, foi desde cedo nação, tendo mais condições de vida, propria do que tantos outros povos que, ao longo da Historia, com aparencia de independentes, mais não foram do que organismos subordinados a outros mais poderosos que os dominaram.

O nervosismo, mais feito, afinal, de desolação e despeito do que de má vontade, que, em Portugal, se manifestou logo após o acto definitivo da Independencia, desapareceu sem demora, porque aqueles, que lá lutavam contra uma forma de governo retrograda e reacionaria, compreenderam que se, para êles, a fórmula da propria independencia individual e colectiva era a revolução liberal, aqui, no Brasil, a revolta contra a mesma opressão só podia revestir um aspecto — o da Independencia.

Como V. Ex.ª, acaba de dizer, com firme exactidão e escrupulosa verdade, Portugal descobrio, povoou e defendeu contra a cobiça, dos estrangeiros o vasto territorio do Brasil.

O Brasil independente de hoje tem pois que agradecer a Portugal o facto de êle lhe ter legado, intacto, á custa de torrentes de sangue e torrentes de lagrimas, tamanho e tão rico patrimonio. Mas Portugal tem que agradecer ao Brasil independente de hoje a energia, a bravura, a inteligencia e o amor da Raça com que elle tem sustentado, aumentando-a, desenvolvendo-a e dourando-a de uma maior majestade e beleza, a sua obra, que foi a maior gloria do seu grande passado.

Creio que estamos pagos perante a Historia.

Nenhum povo deve menosprezar as honradas origens que teve ; e nenhum povo tem o direito de olhar com resentimento ou tristeza sequer a separação do seu todo daquella parte que, no exacto cumprimento dos destinos historicos, uma vez sentio em si a acção de forças indomaveis que a levaram ao legitimo afastamento.

É esse o motivo que determinou V. Ex.ª a render, neste momento, um sentido culto a Portugal. É essa a razão que me impele a mim, a prestar profunda e comovida homenagem ao Brasil.

V. Ex.ª o disse : o Sete de Setembro é uma data luso-brasileira ; e celebra-lo é realizar uma festa da Raça.

Em verdade, nesta data ha gloria que chegue para todos. Sómente eu, Senhor Presidente Dr. Epitacio Pessoa, devo declarar

francamente que não vim aqui com mandato da minha Patria para tomar a porção de gloria que lhe pertence. Eu vim aqui no exclusivo intuito de reconhecer aquella outra, e bem grande ela é, que cabe em partilha ao Brasil.

E nesta missão de que venho investido, e que teve ontem tão auspicioso inicio na maneira inexcedivel de entusiasmo e carinho com que V. Ex.ª, o seu governo, as autoridades civis e militares e o povo quizeram receber-me, ao entrar nesta formosa Cidade, estou reconhecendo por mim proprio, o que já sabia por depoimentos alheios, isto é, que o Brasil tem sabido crear uma civilização propria que é, em parte, feita da velha tradição portuguesa, em parte devida ao forte e sadio ambiente americano ; mas, sobretudo, é o resultado do esforço intrepido e inteligente dos homens resolutos que o povoam, e na verdade se formaram um estado de alma colectivo, poderoso e resplandecente, a que, com justeza se deve chamar brasilidade, — força nova, serena e ousada que está intervindo eficazmente nos destinos do mundo.

Brasil e Portugal são duas Patrias irmãs, cada uma vivendo em sua casa, tendo um passado até ha cem anos comum, e um futuro, em muitos pontos, diverso, mas, em tantos outros equivalente.

Os brasileiros sentem-se em Portugal como na sua Patria.

Os portugueses, em vastos nucleos de trabalhadores, sentem-se no Brasil, como na sua propria terra. As mesmas instituições republicanas, embora sob aspecto diferente, governam e dirigem as duas Nações, que têm dado provas de amar sinceramente a Democracia.

Uma lingua incomparavel que retine o melhor ouro de linguagem humana, e dispõe de um poder plastico sem igual, serve — maravilhoso instrumento de civilização e solidariedade — os dois povos que se sentem presos nas espiras desse verbo quasi divino.

Que outra cousa é preciso para que êles se auxiliem sempre e se entendam cada vez mais ? Creio que cousa nenhuma, já que o sentimento fraterno que enleia os seus corações, perenemente, alvoroçados pela estima comum, é tão forte, que em caso nenhum a vontade dos homens o pode quebrar. E o nosso encontro aqui, Senhor Presidente, é um eloquente testemunho dessa esplendida realidade.

Senhor Presidente !

Em nome da Nação Portuguesa, e no meu proprio nome, agradeço a V. Ex.ª, e ao Brasil, a entusiastica e comovida recepção que me fizeram, e de que guardarei perduravel recordação ; e erguendo a minha taça em honra a V. Ex.ª, e do grande povo de que é chefe eminente, faço votos sinceros pelas suas mutuas felicidades."

*

* *

A Exposição completou-se demoradamente. Os pavilhões estrangeiros que margeavam a Avenida das Nações, e que, tambem, se ergueram, atraentes, na Praça Mauá atestaram o já conhecido poder industrial e capacidade creadora de nações europeas, asiaticas e americanas ; assim como os pavilhões nacionaes afirmaram possibilidades surpreendentes da nossa Industria ; e as riquezas naturaes do Brasil foram brilhantemente expostas .

O Pavilhão de Estatistica agradava e empolgava ; ali o visitante era, por meio de simbolos e de algarismos, levado ao conhecimento de realidades que ignorava.

Imigração, nacionalidades, nascimentos, casamentos, obitos, instrução, agricultura industria, importação, exportação, estatistica pecuaria, tudo ali se mostrava impressionantemente ; sob todos os pontos de vista o Brasil foi estudado e exposto aos olhos do visitante.

De lá transporto para aqui somente alguns algarismos referentes ao Rio de Janeiro. São do recenseamento de 1920 :

População: 1.157.873 individuos; 917.481 brasileiros, 239.129 estrangeiros, sendo 172.338 portugueses; 21.929 italianos; 18.221 espanhoes; 6.121 arabes; 3.538 franceses; 2.885 alemães; 2.057 ingleses; 1.370 argentinos, 1.022 norte-americanos...

Podem-se distinguir, ainda, 598.307 adultos masculinos ; 559.566 mulheres adultas ; 540.877 brasileiros letrados; 200.925 analfabetos ! 163.086 estrangeiros letrados e 73.150 analfabetos !

Esta secção da Exposição foi organisada pelo Director Geral de Estatistica, Dr. Bulhões Carvalho.

*

Notaveis concertos se realizaram no Palacio das Festas, interior e exteriormente. A concurrencia de visitantes á Exposição, sempre grande, mantinha cheios de admiradores os pavilhões da Argentina, America do Norte, Inglaterra, Mexico, Noruega, Tcheco-Slovaquia, Portugal, Japão, Italia, Belgica, França — cada qual com suas especialidades, seu cunho

caracteristico, seus primores manufactureiros, seus engenhos, suas utilidades. Fizeram-se conhecidos muitos artigos novos, houve intercambio de relações comerciaes. Lucrou o nosso mercado, lucraram os mercados estrangeiros, todos alargando a esfera de suas transacções. E o fino espirito de quem sabe gozar as belas artes extasiou-se com a mobiliario e tapeçaria do Pavilhão de Honra da França, com os formosos quadros e soberba prataria artistica de Portugal e com as delicadas esculturas italianas. Todos os produtos da prodigiosa actividade humana apareceram neste certame faustoso que pela primeira vez se abrio em cidade brasileira.

Ao estandarte da Independencia que desfraldámos em 1822 trouxeram em 1922 seu convivio afectuoso os lindos estandartes de tantas nações laboriosas. Oxalá que esta harmonia, esta associação de esforços nunca desfaleçam ; que as nacionalidades que nos visitaram sempre nos estimem como nós as prezamos, e sempre, todas as bandeiras se encontrem reunidas para o Progresso, e para a felicidade humana.

NOTAS

NOTAS

(1) «As confusas noticias e diminutos conhecimentos com que ainda estava a nossa Côrte no ano 1530 a respeito de mares e continentes que seguem da Bahia de Todos os Santos para o Sul até o Rio da Prata deram bastante motivo para que o Sr. Rei D. João III, desejoso de conhecer este resto ainda não explorado, fizesse aprontar uma Armada e a mandasse examinar a Costa do Sul de todo este Continente até o famoso Rio da Prata, nomeando para Comandante daquella expedição a Martim Affonso de Sousa, seu Conselheiro a quem ordenou que estabelecesse uma Colonia no logar que parecesse mais comodo para isso. Com prospera viagem chegou a esta altura de 23.º avistando logo terra; e, mandando aproximar as embarcações á Costa, divisou, no dia 1.º de Janeiro de 1531, um boqueirão defendido de altos penhascos por uma e outra parte, e com uma grande lage no centro, que, dividindo as aguas, oferecia duas barras para o interior de uma dilatada bacia com muitas ilhas de diferentes grandezas.

«Os naturaes do paiz chamavam a este sitio Niteroy, e Martim Affonso o denominou Rio de Janeiro pelo ter descoberto neste mez». *Memorias do Descobrimento e Fundação da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro,* por Antonio Duarte Nunes. 1799.

Veja-se «Diario ‖ da ‖ Navegação da Armamada, que foi á Terra do Brasil ; em 1530 ‖ sob a Capitania-Mór de ! Martim Affonso de Souza ‖ Escripto por seu irmão ‖ Pero Lopes de Souza ‖ publicado por ‖ Francisco Adolpho de Varnhagen ‖ Rio 1847». notas *in fine.* Tambem: «Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil» Tomo 24, paginas, 82 a 87. E, ainda, na «Historia Topographica e Bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata», por Simão Pereira de Sá, o Prefacio do erudito Prof. J. Capistrano de Abreu.

(2) «Uma das tribus mais guerreiras e ferozes da grande familia de indigenas ocupava terras desde o Cabo S. Thomé até proximidades de S. Vicente. Era a tribu dos Tamoios. Ainda que falassem dialecto diverso, adoptassem diversos costumes, e vivessem em guerra permanente com seus visinhos, os goitacazes e os goianazes, percebia-se claramente que os tamoios procediam do mesmo tronco que os Tupinambás da Bahia, os Caetés de Pernambuco, os Pitaguares da Parahiba do Norte, os Tupinamquins de Porto Seguro, os Goitacazes de S. Thomé, os Goianazes de S. Vicente, os Carijós de Capanea, e os Guaranezes, mais ao Sul e mais ao interior». (Pereira da Silva. *Historia Colonial,* Cap. II).

(3) Este local foi pelos primeiros povoadores chamado «Praia do Carioca» por desembocar aí o rio desse nome; depois foi «Praia do Lerype», nome do navegador e cronista francês que aí residio até 1612. Tambem foi «Praia da Aguada dos Marinheiros» e «Praia do Juiz Pedro Martins Namorado». Salvador Corrêa de Sá aí deu a Sebastião Gonçalves (Sapateiro) 100 braças de terra de sesmaria para morada e lavoura; e, como a casa ficasse bem á vista, na praia, tomou esse trecho beira-mar o nome de «Praia do Sapateiro» até 1698. Neste ano ali desembarcou o holandês ou flamengo, Olivier van Noord, que estava viajando á roda do mundo, e desde então é conhecida por «Praia do Flamengo».

(4) Popularizou-se como «Ilha do Governador» depois que foi propriedade de Salvador Corrêa de Sá, quando 6.º Governador do Rio de Janeiro, 1577-99.

(5) Em 1532 fundou Martim Affonso de Souza as colonias de S. Vicente e de Piratininga. Em 1534 D. João III resolveu dividir o Brasil em 12 Capitanias, e doa-las a homens notaveis que promovessem a sua colonização; Martim Affonso recebeu, então, sob o nome de Capitania de S. Vicente, as duas colonias que fundara, e que compreendiam terras hoje pertencentes aos Estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Santa Catarina, Paraná, S. Paulo, Goyaz, Minas Geraes e Rio de Janeiro.

(6) Villegagnon ou Villegagnon (escrevia êle mesmo ora de um ora de outro modo), era habil

e intrepido Oficial de Marinha. Nasceu em Provins (Seine-et-Marne) em 1510, e faleceu perto de Nemours a 8 de Janeiro de 1571. Era Sobrinho de Villier de l'Isle Adam, Grão-Mestre dos Cavaleiros de Rhodes. Cursara a Universidade de Paris onde foi condiscipulo de Jean Calvin.

(7) A fim de que os colonos das diversas capitanias, reunindo os seus esforços em volta de um poder director, pudessem conter os selvagens e malograr qualquer tentativa de outras nações européas, creara D. João III um Governo Geral do Brasil. O primeiro nomeado para esse cargo foi Thomé de Sousa que chegou á Bahia no ano 1549; o segundo foi Duarte da Costa (1553-58); Mem de Sá foi o terceiro.

(8) Estas afirmações encontram-se nos *Annaes do Rio de Janeiro*, MS. da Biblioteca Nacional, de que o Tomo V da *Revista do Instituto Historico* encerra alguns extractos.

(9) «Morubixaba» é chefe ou cacique de indigenas, e Ararigboia corresponde em Português a «cobra feroz». Sobre Ararigboia veja *Anno Biographico Brasileiro,* do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, volume I, pag. 355.

(10) «Confederação dos Tamoios», Canto X.

(11) Nos *Annaes do Rio de Janeiro,* do Conselheiro Balthasar da Silva Lisboa, e no Tomo IV da Rev. do Inst. Hist. vem este discurso por extenso.

(12) A Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro foi, pois, creada e fundada em terras da Capitania de S. Vicente, de que era donatario Martim Affonso de Souza; mas não o foi em nome do Donatario, e sim no de El-Rei. Da Capitania se desmembrou o termo da Cidade — seis leguas para cada parte— cessando todo o poder e jurisdição do Donatario nessa Zona.

(13) O Primeiro Congresso de Historia Nacional, convocado pelo Inst. Historico e Geographico Brasileiro, e reunido no Rio de Janeiro em 1914, incumbio uma Comissão de membros do Instituto de assinalar com um Marco o logar em que primeiro se estabeleceu o Fundador da Cidade do Rio de Janeiro. Baseada em estudos feitos, e então renovados, opinou a Comissão (a meu ver erradamente) pela varzea que fica dentro da actual fortaleza de S. João, e compreendida entre o morro «Cara de Cão» e o penedo base comum á «Urca» e ao «Pão de Açucar». Ahi foi lançado, em 20 de Janeiro de 1915, um Marco feito de granito, e com uma placa de bronze em que se lê o seguinte: NESTE LOCAL / EM 1565/FORAM LANÇADOS/POR/ESTACIO DE SÁ OS PRIMEIROS / FUNDAMENTOS / DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO. / MARCO COMMEMORATIVO / QUE MANDOU ERIGIR / O / PRIMEIRO CONGRESSO / DE HISTORIA NACIONAL / REUNIDO POR INICIATIVA / DO / INSTITUTO HISTORICO / E GEOGRAPHICO BRASILEIRO. / 7 DE SETEMBRO DE 1914.

Sobre este assunto convem ler a *Revista do Instituto Historico,* Tomo 80, pag. 527.

(14) Ha muita propriedade na denominação de *vermelha* dada a esta praia. As suas areias têm, efectivamente, um colorido diferente das areias da Enseada de Botafogo ou de qualquer outra praia do litoral da bahia; e isso, devido ás condições geologicas do local. As areias quartzosas provêm da decomposição de um gneiss muito ferruginoso, e dahi o oxido de ferro que as tinge de vermelho. Procedentes do mesmo gneiss encontram-se nas areias dessa praia, concorrendo tambem para tingi-las, granadas almandinas, e numerosos granulosinhos pretos e opacos de ilmenito de ferro titanado.

(15) Este aborigene, Ararigboia, tomou o nome christão de Martim Afonso; e, em premio de seu valor, El-Rei de Portugal condecorou-o Cavaleiro da Ordem de Christo.

(16) Dr. J. G. de Magalhães, Visconde de Araguaya, «*Confederação dos Tamoios.* Canto X.

(17) Numa sala da Prefeitura Municipal ha um quadro a oleo, concepção e execução do estimado pintor brasileiro, A. Parreiras, memorando os ultimos momentos de Estacio de Sá.

(18) A fortificação chamou-se «Forte de S. Januario» e «Castélo de S. Januario»; o local teve os nomes de «Morro do Descanso», «Morro de S. Sebastião», «Alto da Sé», «Morro do Castélo». Em 1921-22 estava sendo arrazado; em 1922 continuava o arrazamento, devendo ficar no logar do morro uma planicie de 213000 m².

(19) Parecendo o Brasil já muito importante para que um só homem o dirigisse resolveu a Côrte de Lisboa dividi-lo em duas secções: Uma que se estendia desde a Capitania do Pará até Porto Seguro; outra que se estendia desde Espirito Santo até o extremo Sul: «*Dom Sebastião, etc... Considerando eu como por as terras da costa do Brasil serem tão grandes e tão distantes humas das outras e aver*

já agora nelas muytas povoações e esperanças de se fazerem muytas mais pelo tempo em diante, não podiam ser tão inteiramente governadas, como compria per hum só governador, como té quinelas ouve, assentei... de mandar dous governadores ás ditas partes, hum para residir na cidade do Salvador da Capitania da Bahia de todos os Santos, e outro na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro...» (Carta Regia de 10 de Dezembro de 1572).

(20) Por iniciativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e particular empenho de D. Pedro II, esta sepultura foi aberta em 16 de Novembro de 1862; examinaram o seu conteúdo os professores da Faculdade de Medicina, Drs. J. R. de Souza Fontes e F. Ferreira de Abreu (V. *Rev. do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro.* Tomo 26, pag. 301, e *Jornal do Commercio* de 17 de Nov. 1862).

Em 20 de Janeiro de 1922, abandonando os frades Capuchinhos a igreja que a Prefeitura desapropriara mediante 900:000$, por motivo do arrazamento do morro, foram a Lapide da Sepultura e o Marco da Fundação da Cidade transferidos processionalmente para um improvizado convento na rua Conde do Bomfim, quando o seu logar, de direito, devia ser no Museu Historico ou no Arquivo Nacional.

(21) Governava o Rio de Janeiro, pela 2.ª vez, o Capitão Mór Duarte Corrêa Vasqueanes, e reinava D. João IV, 21.º Rei de Portugal, e fundador da Dinastia de Bragança, quando, em 1647, o Brasil foi elevado á categoria de Principado. Nesse mesmo anno foi Rio de Janeiro agraciada com o honroso titulo de LEAL: É interessante o documento:

> *«Havendo respeito ao grande amor e lealdade com que os moradores da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro me têm servido, e servem em tudo o que se oferece de meu serviço, bem comum, conservação e defensa do Estado do Brasil, desejando fazer-lhes mercê muito conforme a boa vontade que lhes tenho, e ao que merecem por as razões referidas: Houve por bem fazer-lhes mercê que em ausencia do Governador ou Alcaide-Mór, daquela praça, faça a Camara da dita Cidade o oficio de Capitão-Mór, e tenha as chaves dela; e, outro sim, lhes faço mercê do titulo de LEAL. O Desembargador do Paço faça passar nessa conformidade as doações e mais despachos necessarios. Em Alcantara, a 6 de Junho de 1647. REI».*

(22) Este fôra imposto pelo povo amoinado que depuzera Alvarenga, deixado por Salvador emquanto ia a S. Vicente inspeccionar as minas. Salvador pretendeu acomodar os animos perdoando aos revoltosos e admitindo o Governo de Bezerra; mas a Camara, não contente, depoz por sua vez o seu eleito, e ficou com o Governo desde 8 de Fevereiro até 11 de Abril de 1661 em que benevolamente o entregou a João Corrêa de Sá, filho do Governador legal.

(23) D. Manoel Lobo faleceu no Sul onde fôra em nome da Corôa de Portugal fundar a Colonia do Sacramento para assegurar a possessão portuguesa até a margem esquerda do Rio da Prata.

(24) Foi este Governador quem remeteu para Portugal a primeira amostra de ouro descoberto pelos paulistas no sertão de Minas Geraes.

(25) Este Governador foi o primeiro que teve o titulo de Capitão General *ad honorem;* os seus antecessores tinham patente de Capitão-Mór.

Durante uma viagem que fez a S. Paulo ficou regendo a Capitania Martim Corrêa Vasques; durante outra excursão a Minas substituio-o Francisco de Castro Moraes.

(26) Ausentando-se D. Fernando para Minas, governaram interinamente a Capitania o Bispo D. Francisco de S. Jeronymo e os Mestres de Campo Martim Corrêa Vasques e Gregorio de Castro Moraes.

(27) Antonio de Albuquerque passou a governar a Capitania de S. Paúlo e Minas desmembrada da do Rio de Janeiro pela Carta Regia de 3 de Novembro de 1709.

(28) A fama das minas do Brasil e da opulencia do Rio de Janeiro excitou ambiciosos que invejavam aos portugueses a rica possessão. Surgindo desinteligencias entre as côrtes da França e de Portugal por motivos dinasticos e politica espanhola, e sabendo-se quanto estava atrazada e desprevenida a colonia do Brasil, não trepidaram franceses em tentar um golpe de audacia sobre esta Cidade. Em 18 de Setembro de 1710 desembarcaram na deserta praia de Guaratiba mil homens comandados por Jean François Duclerc, e por terra vieram atacar a Cidade. A população apesar de surpreendida ofereceu resistencia, e infligio aos invasores duro castigo. Duclerc, prisioneiro, foi mais tarde assassinado em condições misteriosas.

Para vingar essa morte outra expedição se organizou em La Rochelle. Vieram 18 navios

com 3.000 homens, sob o comando de Duguay-Trouin. No dia 12 de Outubro de 1711 transpuzeram a barra do Rio de Janeiro, assaltaram a Ilha das Cobras, e inflingiram cruel vexame á Cidade que, a titulo de resgate, se vio obrigada a pagar 610.000 cruzados, 100 caixas de açucar e 200 bois.

Sobre estas invasões muito se tem escrito, fazendo alguns autores injustiça ao Governador Francisco de Castro Moraes quando lhe atribuem fraqueza ou inercia. A Historia desapaixonada reconhece o esforço que êle empregou para defender a Cidade.

(29) Foi este Governador quem mandou canalizar as aguas do Rio Carioca. Nasce este rio na Serra da Carioca, maciço central do Rio de Janeiro, acima da Estação «Paineiras» da E. F. Corcovado. Ainda hoje o restante de suas aguas desce Larangeiras. Tinha fama a agua do Carioca, unica que se bebia em quanto na Cidade não houve mais de vinte mil habitantes. «*A fonte de que bebem os vizinhos da Cidade é um copioso rio chamado Carioca, de puras e cristalinas aguas que, depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavam por altos riscos, uma legua distante da Cidade, onde as iam tomar com algum trabalho; mas aquêle Senado, com magnifica fabrica e liberal despeza, trouxe para mais perto o rio; e de proximo o laborioso cuidado do General Ayres de Saldanha de Albuquerque, que neste tempo com muito acerto governava aquela provincia, o trouxe para junto da Cidade com maior grandeza e utilidade. É fama acreditada entre os seus naturaes que esta agua faz vozes suaves nos musicos e mimosos carões nas damas*». (Rocha Pitta, Hist. da America Portuguesa, Livro II, § 88).

Presume-se que o nome «Carioca» vem de *kaa-ri-og*, palavras tupis que significam *corrente de agua saída do mato*. (Conjectura de Lery ou Lerype apoiada por Valle Cabral).

O chafariz que deu o nome ao Largo da Carioca tambem foi iniciado pelo mesmo Governador.

(30) A obra principal deste Governador foi a fortificação da Ilha das Cobras por ordem de D. João V. Parece que lhe faltou o juizo, pelo que o depoz a Camara. Foi apelidado «Onça» pela extravagante justiça que praticava, metendo medo a toda a gente. Depois dizia-se, criticando qualquer acto de despotismo: «Não estamos mais no tempo do Onça». Por fim, «tempo do Onça» passou a designar epoca remota e de atrazada civilização.

O Retrato deste cavalheiro ainda se vê na Sacristia da Igreja do Rosario.

(31) O territorio que constituia a Colonia do Sacramento é o que constitue hoje a Republica Oriental del Uruguay.

(32) Monsenhor Pizarro avaliou em 50.144. O Pe. Luiz Gonçalves dos Sanctos escreveu: «A população desta Cidade nos principios do ano 1808 chegaria a 60$000 almas, repartidas pelas quatro freguezias: Sé, Candelaria, S. José e Santa Rita».

(33) DECRETO — D. João, por graça de Deus, Principe Regente de Portugal, e dos Algarves d'aquem e d'alem mar, em Africa de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc.. Faço saber aos que a presente Carta de Lei virem, que tendo constantemente em Meu Real Animo os mais vivos desejos de fazer prosperar os Estados que a Providencia Divina confiou ao Meu Soberano Regimen: e dando ao mesmo tempo a importancia devida á vastidão e localidade dos Meus Dominios na America, á copia e variedade dos preciosos elementos de riqueza que elles em si contêm, e, outro sim, reconhecendo quanto seja vantajosa aos Meus fieis Vassalos em geral uma perfeita união e identidade entre os Meus Reinos de Portugal e dos Algarves, e os Meus Dominios do Brasil, erigindo estes áquela graduação e categoria politica que pelos sobreditos predicados lhes deve competir, e na qual os ditos Meus Dominios já foram considerados pelos Plenipotenciarios das Potencias que formaram o Congresso de Vienna, assim no Tratado de Aliança concluido aos 8 de Abril do corrente ano, como no Tratado final do mesmo Congresso: Sou, portanto, servido, e Me Praz Ordenar o seguinte:

1.º Que desde a publicação desta Carta de Lei o Estado do Brasil seja elevado á dignidade, preeminencia e denominação de Reino do Brasil.

2.º Que os meus Reinos de Portugal, Algarves e Brasil formem d'ora em deante um só e unico Reino, debaixo do titulo de Reino Unido de Portugal, e do Brasil, e Algarves.

3.º Que aos Titulos inerentes á Corôa de Portugal, e de que até agora Hei feito uso, se substitua em todos os Diplomas, Cartas de Lei, Alvarás, Provisões e Actos Publicos o novo Titulo de Principe Regente, do Reino Unido de Portugal e do Brasil, e Algarves d'aquem e d'alem mar, em Africa de Guiné, e da Conquista, Navegação e Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc.. E esta se cumprirá como nela se contem. Pelo que Mando a uma e outra Mesa do Desembargo do Paço, e da Consciencia e Ordens; Presidente do Meu Real Erario; Regedores das Casas da Suplicação; Con-

selho da Minha Real Fazenda; e mais tribunaes do Reino-Unido; Governadores e Capitães Generaes, e mais Governadores do Brasil, e dos Meus Dominios Ultramarinos; e a todos os Ministros da Justiça, e mais pessoas a quem pertencer o conhecimento e execução desta Carta de Lei, que a cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir, e guardar como nela se contem, não obstante quaesquer Leis, Alvarás, Regimentos, Decretos ou Ordens em contrario; porque todos e todas Hei por derogadas, para este efeito somente, como se delas fizesse expressa e individual menção, ficando aliás sempre em vigor. E ao Dr. Thomaz Antonio de Vilanova Portugal, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chancelér Mór do Brasil, Mando que a faça publicar na Chancelaria, e que dela se remetam copias a todos os Tribunaes, Cabeças de Comarca, e Vilas deste Reino do Brasil; publicando-se igualmente na Chancelaria Mór do Reino de Portugal; remetendo-se tambem as referidas copias ás Estações competentes; registando-se em todos os logares onde se costumam registar semelhantes Cartas; e guardando-se o Original no Real Arquivo, onde se guardam as Minhas Leis, Alvarás, Regimentos, Cartas e Ordens deste Reino do Brasil. Dada no Palacio do Rio de Janeiro aos dezesseis de Dezembro de mil oitocentos e quinze. O PRINCIPE. Com guarda. *Marquez de Aguiar.*

Sobre este assunto de historica importancia é interessantissimo o livro *Memorias do Reino do Brasil,* do Pe. Luiz Gonçalves dos Sanctos, vol. 2.º, pags. 5 a 37.

(34) Com a reforma constitucional de 12 de Agosto de 1834 (Acto Addicional) ficou a Cidade do Rio de Janeiro com seu Termo desligado da Provincia, ora Estado do Rio de Janeiro, constituindo a Côrte ou Municipio Neutro, ora Distrito Federal, e futuro Estado, quando a Capital da Republica se mudar para o planalto Central de Goyaz. «Por Decreto de 30 de Dezembro de 1833, o Curato de Santa Cruz, confiscado aos jesuitas fôra anexado á Côrte». (Carlos de Carvalho. *O Patrimonio Territorial)*

(35) Constituição Federal, artigos 2.º, 3.º, 28.º, 30.º, 67.º.

(36) Essa Ponta existio com os nomes de «Calabouço» e «Cafôfo», extremo SE do antigo Arsenal de Guerra, demolido em 1921 para ceder logar á Exposição Comemorativa do 1.º Centenario da Independencia do Brasil. Um baixio pedregoso contornante dessa Ponta foi coberto pelo aterro então feito para ampliar a superficie, e lançar 500 metros para Leste a Avenida Beira-mar.

(37) No logar em que se acha a Igreja da Cruz dos Militares, existia, no ano 1611, um pequeno forte denominado «Santa Cruz», mandado construir em 1605 pelo 8.º Governador do Rio de Janeiro. O forte que fôra em principio dentro do mar achava-se em 1623 longe dêle, e totalmente arruinado; nessa epoca os oficiaes e soldados da guarnição da Cidade pediram e alcançaram do 9.º Governador licença para ali edificarem uma capela onde fossem sepultados. Concluida a capela em 1628, sob a invocação de «Santa Vera Cruz», os oficiaes e soldados seus proprietarios reuniram-se em Irmandade religiosa». (Noticia anexa ao COMPROMISSO da Irmandade. Rio. 1892).

(38) O actual estado é reconstrução de 1809 a 1842.

(39) «As municipalidades do Brasil, como as primitivas municipalidades de Portugal, não tiveram todas origem em um acto do Poder Legislativo ou autoridade central, e sim no desenvolvimento de população em um ponto do territorio, e consequente necessidade de administração local». (Cortines Laxe, *Regimento das Camaras Municipaes).*

(40) «Chamava-se Campo da Cidade toda a vasta superficie compreendida entre o antigo fosso (rua da vala) e os mangues de S. Diogo (hoje Cidade Nova). Ainda em 1711 toda esta imensa area era assim designada nas memorias que relatam a tomada da Cidade pelos francezes, apesar de se achar já por esse tempo retalhada e edificada em muitos logares por diferentes chacaras». (Haddock Lobo, *Tombo, pag. 10).*

(41) Vala aberta para escoamento das aguas que se derramavam no Largo da Carioca. A vala desembocava na Prainha. O 1.º Vice-Rei mandou cobri-la, mas a vala deu o nome á rua até 1865, ano em que a Municipalidade do Rio o substituio por Uruguayana em memoria da Cidade riograndense do Sul que acabava de ser desafrontada da opressão de um mau vizinho.

(42)) Ajuda» extremo S. da actual Avenida Rio Branco, e onde existio uma capela de N. S. da Ajuda, ampliada para Convento que foi demolido em 1911. «Prainha» extremo N. da Avenida Rio Branco, e onde se abre hoje a Praça Mauá.

«*Do Canal para dentro*», afirmava o Governador, «*ficam muitas roças e campos, circunstancia precisa para a defença da Cidade, a qual consiste em conservar dentro dela os moradores... sendo necessario recolher vacadas*

e outros gados, que tudo se pode alimentar do Canal para dentro». (Carta de Luiz Vahia Monteiro a El-Rei, em 7 de Julho de 1726).

(43) Em 1757 mandara El-Rei que o Governo Municipal do Rio de Janeiro tivesse o nome de «Senado da Camara». Compunha-se, então, do Juiz de Fóra como Presidente, 3 vereadores, 1 Procurador, 1 Escrivão e 2 almotacés.

(44) Assim se chamava o sitio que hoje, nivelado, tem o nome de Praça José de Alencar. Houve aí uma ponte sobre o rio que tem tido todas estas denominações: Carioca, Catête, Caboclas e Laranjeiras.

(45) Londres tem 1704 km.² de area total; New York 770 km.²; Paris 500 km.²; Vienna 178 km.².

(46) Vem a proposito rememorar as estimativas e recenseamentos da população do Rio de Janeiro em varias epocas:

O Barão do Rio Branco, na sua *Esquisse de l'Histoire du Brésil,* atribuio á Capitania do Rio de Janeiro 3850 habitantes, em 1584.

Joaquim Caetano da Silva calculou uma população de 12.000 hab. em 1710.

Em 1750 Balthazar da Silva Lisboa *(Annaes do Rio de Janeiro)* fez a estimativa de 25.000 hab.

Um decenio depois, afirma o Barão do Rio Branco na obra citada, a população subira a 30.000.

Em 1799, por ordem do Vice-Rei Conde de Rezende, realizou-se o primeiro recenseamento no Brasil, sendo contados 43.376 habitantes do Rio de Janeiro.

Em 1808, segundo calculo de Monsenhor Pizarro, era de 50144 o numero de habitantes da Cidade.

John Luccock, na sua obra atrás referida, informa que sob o reinado de D. João VI a população do Rio chegou a 70.000.

Em 1821 o recenseamento dirigido pelo Ouvidor da Camara, Joaquim José de Queiroz, apurou 112.695 hab.

Em 1838 o M. do Imperio, Bernardo Pereira de Vasconcellos, mandou proceder a novo recenseamento, e achou 137.078 hab.

Em 1849 o Cons. Euzebio de Queiroz, por intermedio do Dr. R. J. Haddock Lobo, recenseou 266.466 hab.

Em 1856 o Senador Nabuco de Araujo, M. da Justiça, por intermedio da Policia, obteve um resultado bem inferior: Apenas 188.158.

Em 1870 o M. do Imperio Paulino de Souza nomeou uma Com. de Recenseamento que verificou a existencia de 235.381 hab.

O M. do Imperio João Alfredo creou em 1871 a Repartição de Estatistica, que no ano seguinte recenseou 274.972 hab.

Na Republica, organizada a Repartição Geral de Estatistica, o M. do Interior Cesario Alvim ordenou um recenseamento que apurou 522.651 habitantes.

Em 1900, sendo M. do Interior o Dr. Alfredo Maia, procedeu-se a novo recenseamento que apenas achou 431 mil e poucos habitantes, pelo que foi cancelado.

O recenseamento de 1906, ordenado pelo Prefeito Passos, deu á Capital da Republica 811.443. hab., e não foi julgado certo.

(47) Em 1820, segundo os mapas ou relações enviados á Policia, existiam na Cidade 9.916 casas que pagavam Decima; e mais 147 pertencentes á Misericordia, isentas desse Imposto. Em 1873 contava a Cidade 23.523 predios sujeitos á Decima, 622 isentos, e 82 edificios publicos. Em 1884 havia 41.036 predios; em 1889 subiam a 51.026; em 1913 a Estatistica Municipal acusou 84.375 predios.

(48) Em 1830 foi extinto o Senado da Camara: e, em seu logar, de acordo com a Lei de 1 de Outubro de 1828, instalada a Camara Municipal, que, por sua vez, foi extinta em 7 de Dezembro de 1889 para dar logar ao Conselho da Intendencia Municipal. A Lei de 20 de Setembro de 1892 creou o Conselho Deliberativo Municipal e a Prefeitura.

(49) O Decreto de 16 de Junho de 1903 dividio o territorio do Distrito Federal em 25 distritos numerados, sendo 18 urbanos: 1.º *Candelaria,* 2.º *Santa Rita,* 3.º *Sacramento,* 4.º *S. José,* 5.º *Santo Antonio,* 6.º *Santa Thereza,* 7.º *Gloria,* 8.º *Lagôa,* 9.º *Gávea,* 10.º *Sant'Ana,* 11.º *Gambôa,* 12.º *Espirito Santo,* 13.º *S. Christovam,* 14.º *Engenho Velho,* 15.º *Andarahy,* 16.º *Tijuca,* 17.º *Engenho Novo,* 18.º *Meyer,* e sete suburbanos: 19.º *Inhaúma,* 20.º *Irajá,* 21.º *Jacarépaguá,* 22.º *Campo Grande,* 23.º *Guaratiba,* 24.º *Santa Cruz,* 25.º *Ilhas.* Por Decreto de 5 de Agosto de 1915 foi creado o 26.º distrito, *Copacabana.*

Outro Decreto de 5 de Janeiro de 1918 dividio o Distrito Federal em tres zonas: Urbana, Suburbana e Rural; sendo a Urbana ainda subdividida em tres sub-zonas. O *Jornal do Comercio* do dia 6 desse mesmo mez e ano traz a discriminação dessas zonas e sub-zonas, o que não traslado para aqui por economia de espaço e porque não interessa á descrição.

(50) A Administração Municipal do Rio de Janeiro tinha a sua séde, em 1780, num predio da rua da Misericordia fronteiro á rua da Assembléa; ocupava o pavimento superior, que o inferior servia de Cadêa Publica. Em 1700 a sua séde era numa casa do Terreiro do Paço (hoje Praça 15 de Novembro) canto da rua do Mercado. Aí sofreu incendio perdendo todo o seu Arquivo. Depois funcionou na casa do Ouvidor, a qual tem hoje o numero 96 da rua desse nome. Em 1808 achava-se outra vez no mesmo predio da rua da Misericordia, de onde, afinal, saío ás pressas porque lh'o reclamavam para hospedar a comitiva do Principe Regente a chegar de Lisboa. Foi, então, para a rua Direita (hoje 1.º de Março), n.º 8. Em 1809 arrendou o Consistorio da Igreja do Rosario, onde esteve até 1812, ano em que se instalou no sobrado da rua do Rosario 78. Em 1820 voltou para o Consistorio que fôra reformado. Em 1825 entrou no gozo de edificio proprio na então chamada Praça da Aclamação (hoje Praça da Republica) entre as ruas S. Pedro e Sabão (hoje General Camara). Em 1878 deixou esse edificio que estava em ruinas, e foi ocupar outro hoje, tambem, já desaparecido, na mesma praça, canto da rua que tem o nome de Fr. Caneca. Concluidas as obras da restauração do Paço Municipal, em 1882, para lá voltou, até que em 1896 esse ficou só com a Prefeitura. O edificio da Prefeitura foi pelo Prefeito Passos ampliado até a rua José Mauricio, no ano 1905.

(51) Ha um opusculo, do Dr. Alvarenga Fonseca, com a relação nominal dos cidadãos que exerceram o Gov. Municipal do Rio de Janeiro desde 1791 a 1897.

(52) O Dr. F. P. Passos fôra Engenheiro Chefe de varias estradas de ferro, e por duas vezes Director da E. F. Central do Brasil.

(53) Por ser a primeira obra do novo Prefeito, muitos anos antes projectada por outros e rapidamente executada por êle, quiz o Povo que se chamasse «Avenida Passos», e assim ficou.

(54) Foi canalizado pelo Prefeito Passos na extensão de 2637 metros, desde a sua foz, no Flamengo, até a rua Senador Octaviano (Cosme Velho).

(55) Hoje resta um pequeno trecho da antiga e estreita rua da Prainha, desembocando na rua Camerino; a parte alargada tomou o nome de Rua do Acre.

(56) Em 18 de Maio de 1903 foi assinado o Decreto que autorizou o Ministro da Fazenda a contratar com N. M. Rothschild & Sons, de Londres, o emprestimo de oito e meio milhões esterlinos destinados ás obras de melhoramento do porto desta Capital, e a outras complementares.

(57) Teve em principio o nome de Avenida Central, por não terem consentido que lhe fossem dados os seus nomes nem o Presidente da Republica, nem o Ministro da Viação; tomou o nome actual em 10 de Março de 1912, data do falecimento do Barão do Rio Branco (filho do Visconde do mesmo titulo) que nos ultimos dez anos de sua vida exercera com brilho o cargo de Ministro do Exterior.

(58) A Inspectoria de Matas, Jardins, Caça e Pesca tem publicado o seguinte quadro dos logradouros que estão a seu cargo:

Quinta da Boa Vista. 628000 metros quadrados, excluidos lagos e alamedas.
Parque da Praça da Republica. 144130 m².
Praça Marechal Deodoro, 122229 m.².
Avenida Beira-mar (Botafogo). 6696 m.².
Avenida Beira-mar (Lapa, Russell e Flamengo). 16770 m.².
Passeio Publico. 26440 m.².
Praça Ferreira Viana (Ipanema) 16000 m.².
Praça Sete de Março. 14500 m.².
Praça 15 de Novembro. 10600 m.².
Praça 11 de Junho. 8800 m.².
Praça Tiradentes. 8730 m.².
Praça da Gloria. 7540 m.².
Praça Duque de Caxias. 7320 m.².
Praça Serzedêlo Correia. 7030 m.².
Jardim do Curato de Santa Cruz. 6048 m.².
Jardim do Largo dos Leões. 5430 m.².
Jardim da Lagôa Rodr. de Freitas. 7150 m.².
Jardim do Alto da Boa Vista, 4330 m².
Jardim da Praça S. Salvador. 2130 m.².
Jardim da Pr. Marechal Floriano (Aven. Rio Branco). 1640 m.².
Jardim do Valongo (Camerino) 1530 m.².
Alegretes da Aven. 28 de Setembro 1230 m².
Jardim da Pr. da Harmonia 4350 m.².
Jardim do Largo da Carioca 7110 m.².
Jardim do Meyer 13000 m.².
Praça Saenz Peña 11200 m.².
Jardim entre Campos Salles e Affonso Penna 4410 m.².
Jardim do Reservatorio (Estacio de Sá) 1780 m.².

( ) Actualmente mais de 80 ruas, e 20 praças e largos, então afastados pelos sistemas comprimido , maestú e americano , somando

uma superficie de cerca de 800 mil metros quadrados. Os maiores percursos N. S. e Leste Oeste podem ser feitos só sobre asfalto. De Gavea ou de Leblon á Tijuca, por Botafogo, Gloria, Espirito Santo, Engenho Velho, uma linha de mais de 20 km., oferece pavimento todo asfaltado.

(60) Os primeiros automoveis apareceram no Rio de Janeiro em 1903, e nesse ano não passaram de seis. No ano seguinte doze. Em 1906 sessenta e seis, sendo 35 particulares e 31 de praça. Em 1907 noventa e nove, incluidos os primeiros seis de carga. Em 1910 havia um total de 615 carros automoveis. Em 1911 subio a 1239. Em 1914 foram matriculados 2522, sendo 2241 de passageiros. Em 1920 foi de 4415 o numero total de automoveis matriculados; e em 1922 atingio a 5876.

(61) Esse Mercado foi em 1922 mudado para a Praça Gonçalves Dias, prolongamento N. O. da rua deste nome.

(62) Pelo Ministro do Interior, Dr. J. J. Seabra, foi nomeado Director Geral de Saude Publica o Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz, Medico e Bacterologista, que se propuzera a livrar a Cidade da terrivel febre amarela, adoptando o mesmo sistema empregado em Havana. O Governo proporcionou-lhe todos os recursos, e a obra foi executada com o maior exito. A Cidade é muito grata á memoria deste Scientista brasileiro, seu intrepido e infatigavel saneador. Em 26 de Agosto de 1922 constituio-se no Brasil a «Fundação Oswaldo Cruz» que sob os auspicios de perpetuo culto á memoria do grande sabio patricio, pretende objectivar seus destinos na instituição de obras de assistencia, instrução tecnica e educação profissional. É seu Presidente o Dr. Salles Guerra; Vice-Presidente, Dr. Guilherme Guinle; Secretario, Dr. Clementino Fraga; Tesoureiro, Dr. João Pedroso. O Vice-Presidente já ofereceu tudo que fôr necessario para sistematizar a campanha contra o Cancer, começando por um terreno da rua Mariz e Barros para construção de um Hospital.

(63) Guanabara é hoje expressão poetica designativa das aguas da baía de Rio de Janeiro. Não se lhe conhece a origem, nem a significação. É um vocabulo que se encontrou na boca dos indigenas, e que uns investigadores querem que exprima *seio de mar* (Varnhagen), outros acham que se aplicava á margem ocidental, em quanto que Niteroi designava a margem oriental onde, efectivamente, está assentada a Cidade desse nome.

O Dr. Theodoro Sampaio, em seu livro «O Tupy na Geographia Nacional», acha que a grafia antiga deste vocabulo seria *Guanabará* ou *Guanabaró,* composto de dois termos tupis— *Guaná-bará* — que valem por *Guá-nã-para,* dado a abrandamento do *p,* resultado *goá*=seio, *nan* semelhante, e *para*=mar, que é o *sinus similis mari* de outro investigador, Dr. Baptista Caetano.

(64) *Notes on Rio de Janeiro, from 1808 to 1818 by J. Luccok.*

(65) *Histoire des Relations Commerciales entre la France et le Brésil.* 1839.

(66) *Journal of a voyage to Brasil and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823.*

(67) *Rio si nasconde in questa baía; s'insinua nell intrico che fanno qui tutt' attorno, le colline, le vallate e le montagne, nel disordine geologico il piú fantastico... E la, in qualche punto, ove la citta potrebbe affaciarsi o specchiarsi nel mare, essa é ancora coperta e sparisce a dogni sguardo sotto il morbido e spesso manto de la vegetazione lussoreggiante che le cresce sopra e la riassorbe nel suo verde cupo. La lucce, che abbaglia nella baia, di spegne ora nel falta di questa vegetazione; sulla citá, sul-dolline, sulle montagne in grandi zone oscure e misteriosa di ombre vellutate.* (Francesco Bianco. «La Magio di Rio Janeiro». O PAIZ—16-IX-920).

O romancista italiano Edmundo de Amicis assim se exprimio a respeito da baía do Rio de Janeiro em artigo publicado em «La Lettura» de Milão, 1889:

«Sim. Mantegazza tinha razão quando me escreveu *Com sua licença, Rio de Janeiro é mais belo do que Constantinopla;*

«Não é a Cidade que é mais bela: É o sitio, são as aguas, toda a natureza que a circunda. Oh! Sem comparação! Todavia, parece-me ter alguma vez sonhado, confusamente, num sonho imenso, luminoso e gentil, alguma cousa de semelhante a essa visão. Não é uma baía aquilo: É um pequeno mar mediterraneo recortado de enseadas que se diriam competindo entre si na graça das curvas e no sorroso das margens. E aquelas cem ilhas que ali estão disseminadas são o mais encantador arquipelago do planeta. E este anfiteatro de montanhas que o rodeia é a mais maravilhosa corôa de granito que a natureza jámais preparou para a capital de um imperio. Se sobre as obras da natureza se pudesse exercer a critica, como sobre as obras de um artista, eu diria que nesta sua grande obra ela procurou demasiado aberta-

mente, para maravilhar os homens, a novidade e os contrastes da beleza».

(68) Para determinar com precisão a hora legal na baía de Guanabara a Superintendencia de Navegação faz diariamente um sinal luminoso, ás 12 horas precisas, pela queima de uma carga de magnesio no interior da torre central do edificio da Ilha Fiscal, no momento de ser bruscamente arriado o galhardete azul e branco que é cinco minutos antes içado no mastro NO da mesma torre.

Quando por qualquer motivo falha o sinal luminoso, ás 12 horas precisas, o galhardete volta ao tope a fim de ser bruscamente arriado 10 minutos exactos depois de 12 horas, ao relampago da queima de outra carga de magnesio.

Este serviço foi interrompido durante a Exposição porque a Superintendencia de Navegação saio da Ilha.

(69) «Devido ao arrazamento do Morro do Castello o posto semaphorico de temporaes e previsões diarias, outr'ora no antigo Observatorio, foi transferido para a Ilha das Cobras.

Os signaes são feitos da mesma armação metalica que hoje se encontra localisada sobre a torre de menagem do edificio do Batalhão Naval, visivel de todos os ancoradouros habituaes do nosso porto.

Foi igualmente inaugurado outro posto identico, dentro do recinto do forte de Copacabana, que servira á população daquelle bairro, aos banhistas, e ás pequenas embarcações em geral.

(70) A Academia de Marinha veio com a Familia Real Portuguesa de Lisboa para Rio de Janeiro em a nau *Conde Henrique*. Depois que foi promulgada a Constituição Portuguesa passou a denominar-se Academia Nacional e Real de Marinha ou dos Guardas-Marinha. Proclamada a Independencia do Brasil foi o titulo modificado para Imperial. Tinha sua séde nas hospedarias dos religiosos Beneditinos.

Em 15 de Novembro de 1831 foi reunida á Academia Militar que funcionava na Escola Polytecnica, e aí esteve por 2 annos, voltando para S. Bento até 1839 em que passou para bordo da náu *Pedro II*, construida em 1830 no Arsenal da Bahia.

Em 1849 a Academia passou-se para o predio que depois foi Liceu Literario Português, e que, de outro proprietario, ainda se ostenta na Praça Mauá.

Em 1858 o Governo reorganizou-a, e deu-lhe o nome de Escola de Marinha, que em Junho de 1867 foi transferida para bordo da fragata *Constituição*. Este navio, construido em 1826, em New York, conduzira da Europa para o Brasil, em 1843, a Imperatriz D. Thereza Christina.

Em 8 de Dezembro de 1870 tomou o nome de Escola Naval. Em 1883 instalou-se na Ilha das Enxadas que o Governo, em 1869, comprara por 1.150:000$. Em 1890 anexou-se-lhe a Escola de Maquinistas. Em 1911 foi a Escola Naval para a Enseada Baptista das Neves, perto de Angra dos Reis, ocupando a ilha uma Escola de Grumetes. Em 1921 a Escola Naval regressou á Ilha das Enxadas, e a Escola de Grumetes foi para Baptista das Neves.

(71) Esta não pertence ao Distrito Federal; faz, como outras muitas, parte do territorio do Estado do Rio de Janeiro.

(72) O Recensamento de 1920 encontrou nas ilhas da Guanabara 13.033 hab.

(73) Mais notaveis são, de Leste para Oeste: Guaxindiba, com um curso de 12 km.; Macacú, com 70 k. de curso; Guapi, com 10 km.; Magé, com 18 km.; Iriri, com 48 km.; o Miriti, que limita o Distrito Federal com o Estado do Rio de Janeiro, tem um curso de 25, 500 km..

(74) Esta soma não foi sómente despendida no Caes, mas, tambem, nas avenidas que lhe são complementares como vias de comunicação.

(75) Com as modificações que a experiencia aconselhou, e novas necessidades impuzeram, essa Comissão transformou-se em 1912 na actual Inspectoria Federal de Portos Rios e Canaes, cujo ultimo Regulamento, de 31 de Dezembro de 1921, se acha no *Diario Oficial* de 27-IV-22.

(76) No exterior desse cubo de granito que encerra documentos e moedas comemorativas, ha uma grande placa de bronze com a seguinte legenda: *Inauguração das Obras do Porto do Rio de Janeiro em 1.º de Maio de 1905, sendo Presidente da Republica o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, e Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas o Major de Engenheiros Lauro Severiano Muller.*

(77) Servem quatro pelo menos a cada armazem, que, internamente, é servido por outros guindastes. Os da beira do caes são de capacidade para uma e meia, tres e cinco toneladas. Os internos são 158 electricos, para tonelada e meia cada um, e tres de vapor, para 10toneladas e para 20 toneladas cada um.

(78) Tomou o nome de Mauá esta praça desde que aí, na embocadura da Avenida, se

levantou, sobre uma coluna dorica de granito, o vulto em bronze do cidadão Irineu Evangelista de Souza (1813-89) primeiro Barão e depois Visconde de Mauá, industrial notabillissimo, de rara capacidade empreendedora. O Brasil deve-lhe, entre outras iniciativas, a sua primeira estrada de ferro: «E. F. de Mauá», ligando a Côrte a Petropolis. Saíam barcas dali, de perto do logar onde se acha a estatua, para o porto de Mauá, no interior da baía, litoral do Estado do Rio, e lá, então, começava a Estrada que subia a Serra, terminando em Petropolis. Hoje essa linha pertence á E. F. Leopoldina, que tem a estação inicial na rua Figueira de Mello.

A este mesmo brasileiro, Visconde de Mauá, deve o Brasil a primeira instalação do Cabo telegrafico Submarino para comunicações com a Europa.

(79) A Comissão compunha-se dos seguintes Engenheiros: J. Valentim Dunham, Gabriel Diniz Junqueira, L. Le Cocq de Oliveira, H. Couto Fernandes, J. Clemente Gomes, M. da Silva Oliveira, E. Dodsworth, M. Ricardo Galvão, C. de Avillez Barrão, J. F. de Lacerda Coutinho, M. Fialho de Valladares, J. F. Pestana, A. de Britto Belfort Roxo, M. Bacellar, J. Vieira Ferro, Jayme L. do Couto, C. L. Moreira Machado, Euwaldo Nina, J. de Mattos Travassos Filho, Armando Delamare, P. Dutra de Carvalho Filho e Ed. Morpurgo.

(80) A extensão total é de 2000 metros, contando com as praças formadas nos seus extremos; mais longa, portanto, do que a famosa Avenue des Champs Elysées, de Paris, que tem 1900 metros.

(81) Em 1910, com a creação do Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio, esse passou a chamar-se da Viação e Obras Publicas.

(82) Decreto do Prefeito Passos, dando novo Regulamento para a construção, acrescimos e consertos de prédios.

(83) Pode-se afirmar que a abertura da Avenida importou em 40.419:904$600, assim discriminados: Desapropriações 31.549:984$; indenizações por mudanças 1.636:442$; despeza com escrituras, etc. 318:241$; folha do pessoal . . 3.721:864$; contas de material 3.723:247$. O material vendido das demolições produziu . . . 529:874$; e oficializaram-se os terrenos em que foram construidos o Pavilhão Monroe, a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas Artes, a Caixa de Amortização, o Club Militar, o Club Naval, a Policlinica Geral e o Teatro Municipal.

(84) É uma das associações mais prosperas do Rio de Janeiro. Fundada em 1881, ano em que não conseguio mais de 371 socios, conta hoje cerca de 20 mil. No «Rio de Janeiro» que escrevia em 1904 e a Prefeitura publicou em 1905 ocorre uma estatistica de associações que mostra bem a importancia da Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro.

(85) O Lyceu é creação da Sociedade Propagadora das Belas Artes, e mantem, para ambos os sexos, gratuitamente, cursos artistico, comercial e tecnico profissional, dispondo de oficinas e de uma biblioteca franca ao publico. Os professores são gratuitos; os mestres de oficina recebem uma pequena gratificação.

(86) No Rio de Janeiro ha ensino oficial de Belas Artes desde 1816. *O Jornal do Comercio* de 13 de Agosto de 1916 condensa muita noticia dispersa da Historia das Belas Artes no Brasil; e a *Revista do Instituto Historico,* tomos 74 e 78, encerra materia interessantissima a respeito.

(87) Á direita e á esquerda de quem se acha no vestibulo da Biblioteca Nacional, vêem-se duas placas de bronze com os seguintes dizeres:

«Lançamento da pedra fundamental a 15 de Agosto de 1905. Sendo Presidente da Republica, o Exmo Snr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, e Ministro da Justiça e Negocios Interiores o Dr. José Joaquim Seabra. Projecto do General Francisco Marcelino de Souza Aguiar. Construção iniciada por este e terminada em Outubro de 1909 pelo C.el N. A. Moniz Freire, Auxiliado pelo 1.º T.te Alberto de Faria.»

«Inauguração a 29 de Outubro de 1910, sendo Presidente da Republica o Ex.mo Sr. Dr. Nilo Peçanha e Ministro da Justiça e Negocios Interiores o Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira. Edificio construido e inaugurado na Administração do Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, Director da Biblioteca».

No vol. 19 dos *Anaes da Biblioteca Nacional,* pag. 219, ha um historico escrito por um de seus Directores, o Dr. J. Alexandre Teixeira de Mello. No meu livro *O Rio de Janeiro em 1900* ha, tambem uma noticia desenvolvida que, aliás, ainda se não refere á moderna instalação. Interessante é, ainda, o que a respeito da Biblioteca da Corôa e do Infantado se lê no

vol. I, pag. 308-311 do livro *Memorias para servir á Historia do Reino do Brasil*, pelo P.e Luiz Gonçalves dos Sanctos.

(88) Esta data é a do oferecimento e inauguração do obelisco um ano depois de inaugurada a Avenida, e quando não havia mais terrenos disponiveis.

(89) Floriano Peixoto nasceu a 30 de Abril de 1839, no Estado das Alagoas; foi educado no Rio de Janeiro: assentou praça a 1 de Maio de 1857, matriculando-se, depois., na Escola Militar. Em 1861 era Cabo; em 1863 Alferes; em 1865 seguio como Capitão para o Paraguay de onde voltou, em 1870, promovido a Tenente-coronel do Estado Maior de Artilharia. Foi condecorado com todas as ordens honorificas do Imperio, e com muitas medalhas de Campanha. Em 1872 bacharelou-se em Sciencias Fisicas e Matematicas. Coronel em 1874; Brigadeiro em 1883. Era Ajudante General do Exercito em 1889, quando se proclamou a Republica. O Congresso Constituinte elegeu-o, em 1891, Vice-Presidente da Republica, vindo a exercer a Presidencia, pela renuncia do Marechal Deodoro, de 1892 a 1894. Faleceu a 29 de Junho de 1895.

(90) Publicado, no dia da inauguração deste monumento ha um opusculo do C.el (hoje General) Gomes de Castro, revelando-lhe completamente a simbologia.

(91) «Rocio da Cidade» foi o seu primeiro nome: depois «Terreiro da Polé»; «Largo do Carmo» até 1743. Depois «Terreiro do Paço dos Governadores» e «Largo do Paço».

Em 1870 o Senado da Camara distinguio-o chamando-o Praça D. Pedro II. Em 1889 a Camara Municipal deu-lhe a denominação de Praça 15 de Novembro.

(92) Manoel Luiz Osorio nasceu no Estado do Rio Grande do Sul a 10 de Maio de 1808. Escolheu a carreira das armas, e distinguio-se por intrepido e de elevada inteligencia. Foi Deputado, Senador, Ministro de Estado. Durante a guerra que o Brasil sustentou contra o Ditador do Paraguay (1865-70) celebrizou as suas qualidades de patriota e de militar. Quando deixou de existir, em 4 de Outubro de 1879, era Marechal do Exercito, e havia recebido graduações hierarquicas desde Barão até Marquez do Herval. O seu corpo embalsamado permaneceu no Asilo dos Invalidos da Patria até 21 de Julho de 1892, dia em que foi trasladado para a cripta do monumento.

(93) E interessante o que sob o titulo Capela Imperial escreveu o Dr. Moreira de Azevedo no 1.º vol. do seu *Rio de Janeiro*, e Monsenhor Pizarro no tomo VI das *Memorias Historicas*.

(94) Quem desejar ler uma noticia sobre esta igreja tambem a encontrará nas mesmas obras supra citadas.

(95) A pedreira de onde se extraio este granito tomou o nome de Pedreira da Candelaria, nome que por muitos annos se estendeu á rua mais tarde alinhada pela sua frente, e que hoje se chama Bento Lisboa.

(96) Assim é denominada esta rua, desde 1780 ano em que nela residio o Dr. Francisco Berquó da Silveira que exerceu com distinção as funções de Ouvidor, cargo de Magistratura: morou no predio que hoje, reformado, tem o numero 96, e que depois foi adquirido especialmente para residencia dos Ouvidores. Antes tivera esta rua o nome de Aleixo Manoel, um açoreano, terceirense, que se notabilizou por seus bens e virtudes; o Pe. Pedro Homem da Costa, por seu grande prestigio, tambem lhe deu o nome algum tempo.

(97) O *Jornal do Comercio* está na esquina da rua do Ouvidor com a Avenida Rio Branco; a *Gazeta de Noticias* sob o n.º 104; a *A Noticia* sob o n.º 153; o *Rio Jornal* sob o n.º 162; a Empresa que publica o *Tico-Tico*, o *Malho*, a *Leitura para Todos* e *A Ilustração* está no predio 161 da mesma rua.

(98) José Bonifacio nasceu em Santos, a 13 de Junho de 1763. Estudou e bacharelou-se em Coimbra. Viajou pela Europa desenvolvendo seus conhecimentos scientificos, e especializando-se em Mineralogia, materia de que foi depois Professor na mesma Universidade que frequentara como aluno. Regressando ao Brasil, o seu saber e patriotismo tornaram-no influencia prestigiosa nos negocios publicos, e Tutor de D. Pedro II, na sua menoridade. Faleceu a 6 de Abril de 1838.

(99) O Manifesto ás Nações foi dirigido por D. Pedro I aos governos amigos, em 5 de Agosto de 1822. Veja Abreu e Lima, *Historia do Brasil*, 2.º vol. pag. 88.

(100) No terreno em que está o edificio do Gabinete havia umas casas pequenas. Numa delas nasceu o grande jornalista republicano em 1839. Quintino de Souza Bocayuva.

(101) O Tesouro Nacional compreende Directoria Geral, Contadoria Central da Republica, Directorias da Receita da Despeza, de Contabilidade e do Patrimonio: Gabinete do Consultor da Fazenda.

O Regulamento para os serviços da Administração Geral da Fazenda Nacional foi publicado no Diario Oficial de 31 de Dezembro de 1921.

No *Jornal do Comercio* de 28 de Junho de 1908 ha sobre esta Repartição Publica uma larga e interessante noticia.

(102) Este Arquitecto, bem como os irmãos Ferrez, Escultor e Gravador, e os Taunay, Escultor e Pintor; Debret, Pintor; Pradier, Gravador: e outros artistas—vieram de França, depois da queda de Napoleão, contratados especialmente por ordem do Principe D. João para fundarem no Rio de Janeiro uma Academia de Belas Artes.

Sobre Belas-Artes leiam-se noticias historicas interessantes relativamente ao Rio de Janeiro, na *Revista do Instituto Historico* Tomo III, pag. 547; e a pag. 777 do ultimo dos cinco tomos que em 1914 o Instituto consagrou ao Congresso de Historia Nacional. Tambem os tomos 74 e 78 da mesma *Revista*.

(103) Esta rua foi rasgada desde o hemiciclo que se abre em frente ao Ministerio da Fazenda até á rua Luiz de Camões (antiga Lampadosa) em 1839; e daí prolongada até a Praça Tiradentes (então Largo do Rocio) em 1846, recebendo nessa época o nome de Leopoldina, substituido em 1891 pelo de Barbara de Alvarenga, e restabelecido em 1922.

(104) Chamou-se por muitos anos «Largo do Rocio», depois «Praça da Constituição». A Republica denominou-a «Tiradentes» por estar compreendida num dos quatro campos de *fóra da Cidade*, o «Campo da Lampadosa», onde, em 21 de Abril de 1792, foi supliciado, por haver tomado parte numa conspiração republicana, o Alferes de Milicias Joaquim José da Silva Xavier, apelidado «Tiradentes».

(105) Este Teatro tem menção na historia politica do Brasil: Do terraço que se lhe abre na frontaria, á altura do 1.º andar, foi lido pelo Principe D. Pedro (depois 1.º Imperador) em 26 de Fevereiro de 1821, o Decreto em que D. João VI tranquilizava os seus vassalos com a segurança de que compreenderia o Brasil a Constituição que para Portugal fosse votada.

Sobre o Teatro S. Pedro é interessante o que publicaram o Dr. Moreira de Azevedo em sua obra *O Rio de Janeiro*, vol. 2.º, pag. 139; e Dr. Escragnole Doria, no *Jornal do Comercio* de 13 de Fev. 1920.

(106) D. Pedro, filho de D. João VI, nasceu em Lisboa a 12 de Outubro de 1798; veio com seu pae para o Rio de Janeiro em 1808, e aqui ficou, em 1821, como Regente, quando D. João regressou a Lisboa. Em 1822 proclamou o Brasil nação independente, e foi Imperador constitucional. Em 1826, aclamado Rei de Portugal, por morte de seu pae, abdicou a Corôa em sua filha, D. Maria, de 7 anos; e entregou a Regencia do Reino a seu irmão, D. Miguel, que destinava para consorte da futura Rainha. D. Miguel, entretanto, de posse do Trono de Portugal, fizera-se absolutista. D. Pedro I, tendo razões, em 1831, para abdicar em seu filho, tambem D. Pedro, de 6 anos, partio do Brasil e, á frente de um pequeno exercito que de passagem organizou na Ilha Terceira, desembarcou, e fortificou-se no Porto, lutou por um ano nessa Cidade até derrotar as forças do usurpador, restabelecer a Constituição, e, com ela, a autoridade da Rainha. Esta, declarada maior pelas Côrtes, principiou a reinar com o nome de D. Maria II, em 20 de Setembro de 1834, quatro dias antes da morte de seu pae, o espirito liberal que dera Constituição a dois paizes.

No 2.º vol., pag. 7, d'*O Rio de Janeiro* do Dr. Moreira de Azevedo, e no *Jornal do Comercio* de 30 de Março de 1910, ha completo historico e descrição perfeita deste monumento, e narrativa da sua inauguração.

(107) Sobre João Caetano ha um interessante escrito do Dr. Escragnole Doria, no *Jornal do Comercio* de 24 de Agosto de 1916.

(108) Vem a proposito recordar a extensão de outras praças notaveis: S. Marcos (em Veneza) 12000 m.²; Trafalgar (em Londres) 20000 m.²; Concordia (em Paris) 89000 m.²; Campo de Marte (na mesma Capital) 112000 m.².

(109) Acta da colocação da pedra fundamental da construção do edificio da Praça da Republica, onde vão ser instalados o Hospital de Pronto Socorro, as Inspectoria Tecnicas e o Posto Medico-Cirurgico de Urgencia do Departamento Municipal de Assistencia Publica:

«Aos sete dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e um, sendo Prefeito o Exmo. Sr. Dr. Carlos Sampaio e Director Geral do Departamento Municipal de Assistencia Publica o Exmo Sr. Dr. Luiz Pedro Barbosa, na presença dos mesmos e dos Srs. Dr. José Dias Cupertino Durão, Director Geral de Obras e Viação; Inspectores Tecnicos, Drs. Adalberto Fer-

reira da Silva, Oscar Godoy e José Jaime de Almeida Pires; Chefes dos Postos de Pronto Socorro, Drs. Rodolpho Abreu Filho e Augusto Macedo Costallat; Chefe dos Serviços de Engenharia Sanitaria do Departamento Nacional de Saude Publica, Dr. Domingos Cunha; medicos do Departamento Municipal de Assistencia Publica; auxiliares-academicos, pessoal superior e subalterno e demais pessoas abaixo assinadas, foi colocada á Praça da Republica, entre os ns. 97 e 111, a pedra fundamental do edificio que, com os demais já existentes, em que funcionam o Posto Central de Assistencia e a Superintendencia dos Serviços de Limpeza Publica e Particular, completará a séde em que vão funcionar os serviços acima declarados, do Departamento Municipal de Assistencia Publica. Desta ceremonia foi lavrada a presente Acta, em duas vias, uma dos quaes foi encerrada, com os jornais do dia e moedas correntes, em uma caixa aberta na propria pedra angular do edificio, á esquerda de quem olha para o mesmo, devendo ser a outra remetida ao Arquivo Municipal».

(110) O edificio do Senado tem sua historia que se encontra no 1.º vol. da obra do Dr. Moreira de Azevedo. Resume-se no seguiete:

Em 1810 foi nomeado Governador da Baía D. Marcos de Noronha e Brito, 8.º Conde dos Arcos, que fôra 7.º e ultimo Vice-Rei no Rio de Janeiro. Tendo sido grande promotor de melhoramentos, pois abrira estradas e canaes, favorecera industrias, fundara uma tipografia, uma bibliotéca, um teatro, e construira o Passeio Publico ainda hoje existente, o Comercio da Baía deliberou significar-lhe a sua gratidão. O Conde viera para o Rio em 1818 para assumir o cargo de Ministro da Marinha. Por ordem dos Comerciantes bahianos foi adquirida uma das grandes chacaras desta Cidade — a que pertencia a Anacleto Elias da Fonseca, e que ia da então chamada Praça da Aclamação á rua das Flores, hoje Sant'Anna. Veio da Bahia o material necessario para se levantar o palacete na esquina da rua do Areal. Ai residio o Conde até seu régresso a Portugal, com D. João VI, em 1821. O Imperio, em 25 de Out. de 1824, decretou a desapropriação do palacete por 44:568$, compreendida toda a chacara e a casa do primitivo proprietario. Nesse palacete se celebrou a primeira sessão do Senado do Imperio, em 1826.

(111) A Casa da Moeda do Rio de Janeiro foi creada pelo Decreto de 23 de Janeiro de 1697; depois de andar por varios edificios, inclusive a Casa dos Governadores, estabeleceu-se no Tesouro até 1868, ano em que se instalou definitivamente onde está. Ocupa uma area de 2000 m.². A frontaria é decorada no 1.º pavimento com pilares e colunas de granito da Ordem Dorica, e no 2.º com pilares e colunata da Ordem Jonica, terminando por um entablamento da mesma Ordem. Ai trabalham 500 operarios e funcionarios diversos.

(112) Sómente a face principal foi reconstruida nesse ano: V. *Jornal do Comercio* de 24 de Maio de 1900. A face voltada para o Passeio foi reconstruida em 1919-20.

(113) Não pode o Autor passar pela Praça da Republica, e Campo de Sant'Anna, sem fazer referencia, ainda que breve, ao Teatro Lirico Fluminense que ali, no meio do campo esteve, como Provisorio durante 25 anos.

Inaugurou-se — com a Augusta presença de Suas Magestades Imperiaes — em 25 de Março de 1852, cantando a opera *Macbeth* os artistas Zecchini e Bertolini, e Di Lauro, Capurri, Sicure, Mosquesi e Tati.

O *Jornal do Comercio* de 29 de Março de 1852 fez a critica do espectaculo, e assim tratou do edificio:

O teatro é uma obra provisoria. É possivel que, como todas as cousas provisorias, dure tanto como os permanentes. É vasto, arejado e bem distribuido. Seus corredores são espaçosos, e largo o intervalo entre as cadeiras da platéa. Os 124 camarotes de suas 4 ordens oferecem largueza suficiente para quatro pessoas se sentarem de frente.

O teatro nada tem de rico; todo, porém, é arejado e vistoso.

O tecto está coberto de medalhões que o enfeitam sem lhe dar realce: Representam — Auber, Bellini, Taglioni, Bibiene, Verdi, Donizetti, Schiller, Cataloni, Servandoni e Meyerbeer. Fóra desse circulo, isolado, e entre palmas e louros, apparece Rossini — como principe de todas essas ilustrações».

Custavam apenas 18600, por assinatura, as cadeiras neste teatro que foi demolido em 1873 quando começaram as obras do parque.

(114) Por extensão chama-se mangue a todo o alagadiço em que vegeta o Mangue, *Eugenia Nitida*, da familia das Myrtaceas.

(115) Pode-se indicar hoje como centro da Lagoa da Sentinela espaço da rua Fr. Caneca entre as ruas Sant'Anna e General Caldwell. Corriam para ela aguas do Morro do Senado, hoje arrazado, e do Morro de Paula Mattos; e comunicava-se com o Mangue, a N. O..

(116) É interessante o que a respeito do Canal do Mangue se lê no livro *O Rio de Ja-*

neiro, do Dr. Moreira de Azevedo, 2.º volume, pagina 343; e no *Jornal do Comercio* de 17 de Junho de 1905 — Discurso do Dr. Alfredo Lisboa, no Club de Engenharia.

(117) O Mangue alastrava-se por uma area de 2.200.000 m.² hoje cruzada pelas ruas Fr. Caneca, Sant'Anna, S. Leopoldo, Marquez de Pombal, General Pedra, Senador Euzebio, Visconde de Itaúna e outras muitas ruas e travessas.

(118) Tambem é merecedor de leitura o Capitulo «Fabrica do Gaz», a pag. 327 do 2.º vol. da obra do Dr. Moreira de Azevedo.

(119) No *Guia da Estrada de Ferro Central do Brasil*, do Engenheiro Civil V. A. de Paula Pessoa, vol. I, pag. 50, encontram-se as datas inauguraes das primeiras estradas de ferro em diversos paizes vendo-se que o Brasil figura no numero das nações que mais cedo introduziram tão util melhoramento.

(120) As estações da E. F. C. B. na linha do Suburbio são: *Lauro Müller*, a 1920 metros da estação inicial; *S. Christovão*, 3226 m.; *Mangueira*, 4842 m.; *S. Francisco Xavier*, 5809 m.; *Rocha*, 6386 m.; *Riachuelo*, 7055 m.; *Sampaio*, 7660 m.; *Engenho Novo*, 8518 m.; *Meyer* 9365 m.; *Todos os Santos*, 10237 m.; *Engenho de Dentro*, 11331 m.; *Encantado*, 12065 m.; *Piedade*, 13030 m.; *Q. Bocayuva*, 14242 m.; *Cascadura*, 15344 m.; *Madureira*, 16564 m.; *D. Clara*, 17224 m.; *Rio das Pedras*, 19000 metros.

(121) As estações da E. F. Rio do Ouro em Inhaúma são *Vargem Grande*, *Botafogo* e *Mato Alto*.

As estações da «Leopoldina Railway» em Inhaúma são *Amorim*, *Bomsucesso*, *Ramos* e *Olaria*.

(122) As estações da Estrada de Ferro Central do Brasil em Irajá são *Madureira*, *Deodoro* e *Rio das Pedras*. As estações da E. F. Rio do Ouro são *Vicente de Carvalho*, *Irajá*, *Colégios*, *Areal* e *Pavuna*. As estações da «Leopoldina Railway» são *Penha Cordovil* e *Vigario Geral*.

(123) É depois de passar *Deodoro* que a E. F. C. B., seguindo a linha tronco, transpõe — no kilometro 28, 500 — o limite do Distrito Federal com o Estado Fluminense.

(124) Interessantes noticias sobre a Fazenda de Santa Cruz encontram-se na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo V, pag. 154; e na pag. 165 da 2.ª parte do tomo XXXVIII. O *Archivo do Distrito Federal* tambem publicou algo curioso do inventario a que se procedeu depois do confisco dos bens dos jesuitas.

(125) Em 1921 a Prefeitura do Distrito Federal da Republica mandou publicar editaes aqui, em Nova-York, Chicago, San Francisco, Londres, Antuerpia, Pariz, Berlim, Cologne, Lubbeck, Bremen e Hamburgo para a construção de um Matadouro Modelo, e respectivos frigorificos, organização, fornecimento e instalação dos transportes necessarios para a distribuição de carnes e sub-produtos, segundo as exigencias de uma grande capital.

A Concorrencia esteve aberta desde Fevereiro até 15 de Maio.

Houve propostas, mas não satisfaziam as condições do Edital.

(126) No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, chama-se bonde ao veículo que nos outros paizes tem o nome de *tramway*, *tramvia* e «carro americano». A razão é a seguinte:

Em 1868 foi levantado na Praça do Rio de Janeiro um Emprestimo, segundo o metodo inglês: *bond* pagavel em ouro. Naturalmente, só possuiam *bonds* os homens ricos que tinham emprestado dinheiro. Nesse mesmo ano appareceram no Rio de Janeiro os primeiros carros americanos; e a Companhia que os estabelecera emitio como bilhetes de passagem uns rectangulos de papel que se assemelhavam aos *bonds* das apolices do Emprestimo. Então, a gente de bom humor começou a chamar *bonds* aos papelinhos de que se munia para viajar no carro sobre trilhos; e o gracejo foi se generalizando. Quem tinha bilhetes de passagem nos carros americanos dizia, mostrando-os: «Eu tenho *bond*». «Eu ando de *bond*». Eu vou de *bond*»; e como esta palavra, mesmo, era mais facil de pronunciar do que *tramway*, e mais curta do que «carro americano», foi se tornando preferida, e rapidamente se deslocou do bilhete para o veículo. Hoje está aportuguesada: Bonde.

(127) A primeira linha de *tramways* no Rio de Janeiro foi inaugurada apenas cinco anos depois de inaugurada a primeira linha de *tramways* de Berlim a Charlottenbourg; e cinco anos antes de se inaugurar em Paris a primeira linha desse sistema de viação, entre Praça da Concordia e Sèvres.

(128) A *The Rio de Janeiro Tramway Light & Power Company Ltd.* adquirio com a Companhia Ferro Carril S. Christovão a E. F. da Tijuca que a esta pertencia desde 1903, e substituiu-a pelos comodos bondes que vão até o Alto da Boa Vista. Depois adquirio tambem

a E. F. Corcovado cuja tracção a vapor substituio pela electrica. E, porque, com o fim de dar tracção electrica a todas as suas linhas de transportes se fizera proprietaria de uma concessão para o fornecimento de energia colhida em cachoeiras a 70 kms. desta Capital, assumio tambem a responsabilidade da iluminação publica, passando a executar o Contracto da Societé Anonyme du Gaz. Tambem tomou a seu cargo o serviço de comunicações telefonicas, cujo contracto foi reformado por Decreto Municipal de 13 de Outubro de 1922.

(129) Havia quatro serviços de transporte: Um do Com. João Xavier de Oliveira Menezes, pae e avô de medicos distintos; outro de Antonio Ignacio Vila Real, açoreano, muito devotado ao progresso de S. Christovão; um terceiro do Capitão Cardim; o quarto de Antonio José Gonçalves. Tudo cessou com o aparecimento da *The Rail Street Company*.

(130) Encontra-se o Testamento do benemerito Antonio Gonçalves de Araujo no 2.º volume da obra do Dr. F. B. Marques Pinheiro sobre a Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria.

(131) O ultimo Regulamento do Observatorio Nacional tem a data de 25 de Maio de 1921, e confere-lhe as seguintes atribuições:

1.º Fazer todas as observações astronomicas, geodesicas e de geophysica que forem uteis em geral, e, com especialidade, ao Brasil.

2.º Determinar diariamente a hora e transmiti-la, pelo T. S. F., de acôrdo com as decisões da Comissão Internacional da Hora, de elementos magneticos correspondentes, e a intenengenheiros e demais interessados.

3.º Regular os cronometros dos serviços publicos, que disto necessitarem.

4.º Determinar as posições geograficas dos principaes pontos do territorio, e bem assim os elementos magneticos correspondentes, e a intensidade da Gravidade.

5.º Calcular, para os principaes portos do litoral, as tabelas de maré que serão publicadas com a conveniente antecedencia.

6.º Registar de maneira continua as variações do magnetismo terrestre, pelo menos em uma estação, e bem assim as de electricidade atmosferica.

7.º Fazer observacões directas e fotograficas do sol, tão regularmente quanto possivel, com o fim de determinar, a frequencia das manchas e de observar o valor da constante solar, tendo em vista os progressos da Meteorologia.

8.º Fazer as observações meteorologicas que forem necessarias ás observações astronomicas.

9.º Fornecer aos engenheiros, civis ou militares, que tiverem, de desempenhar comissões de caracter geografico e geodesico, os conhecimentos pratico indispensaveis, mediante um curso metodico findo o qual receberão Atestado firmado pelo Director.

10.º Publicar anualmente, alem dos anaes e outras obras que forem necessarias, um Annario contendo todos os dados astronomicos uteis á navegação e ás determinações geograficas.

(132) A historia deste Hospital encontra-se na citada obra do Dr. Marques Pinheiro; no *Rio de Janeiro*, do Dr. Moreira de Azevedo, volume 1; e no *Rio de Janeiro em 1900*, de Ferreira da Rosa, pag. 75.

(133) Nesta praça começa a rua Desembargador Isidro, centro de um antigo bairro chamado «Fabrica das Chitas», por aí ter realmente existido uma fabrica. A Sueste desta rua ha uma rêde regular de ruas e travessas, todas calçadas e edificadas.

(134) No dia 21 de Outubro de 1904 «A Sentinela», de S. Paulo, publicou a seguinte carta do mesmo autor deste livro.

Faz anos hoje um homem notavel de quem aliás toda gente vive esquecida. Que ingratidão!

Mesmo o jornalismo que presume ser o rememorador do Passado, o fiscal do Presente e o acautelador do Futuro, mesmo esse tem por bem esquecido o brasileiro a quem o Rio de Janeiro deve a maior e melhor, mais bela e mais rica de suas inumeras joias.

O fundador da Floresta da Tijuca é o homem cujo nome devia ser lembrado hoje: Manuel Gomes Archer, o extraordinario amigo das plantas, o artista que nos deu aquêle primor que engrinalda o Distrito Federal da Republica.

O Imperio chamou-o de Guaratiba onde morava para o alto do grande maciço que arborizou, reverdeceu, litrou de caminhos regulares para ser cruzado e percorrido em todas as direcções.

«Devia ser o passeio favorito dos cariocas. Não é! A Imprensa que inculca tanto divertimento ás vezes futil, quando não mau, não aconselha frequentemente, insistentemente, o passeio á Tijuca, essa majestosa catedral erguida entre balsamos, obra sublime cujo Arquitecto, o Major Archer, completa hoje 83 anos de existencia, esquecido na mesma Guaratiba de onde saío em 1857, a chamado do Inspector das Obras Publicas, por indicação do Imperador.

Rendo aqui homenagem a um trabalhador honesto, e cioso do seu oficio. A Tijuca é obra dos seus zelos. Só num ano preparou 234256 me-

tros quadrados de terreno onde plantou 7853 arvores».

(135) O sistema orografico do Rio de Janeiro, constituido por maciços independentes do chamado sistema orografico brasileiro, é interramente distinto da Serra do Mar.

O primeiro — Urbano — Grande Maciço da Cidade (Carioca—Andarahy)) estende-se na direcção E-O, do cume do Pão de Açucar por morros de Botafogo e Copacabana até Jacarépaguá (19 kilometros); e na direcção S-N, da Ponta do Marisco, na Gavea, ao Morro de Ignacio Dias, em Inhaúma (17 kilom.). Tem 65 pontos culminantes, sendo mais destacados Pão de Açucar (395) m.), Pedra da Gavea (842 m.), Corcovado (704 m.) Pico da Tijuca (1020 m.), e 23 morros isolados desde o centro da Cidade até o Suburbio. Interpõem-se os vales de Gavea, Botafogo Laranjeiras, Gloria, Centro, Saúde, S. Christovão, Engenho Velho, Andarahy, Engenho Novo, Jacarépaguá e Inhaúma.

O segundo—Rural—é constituido por um grupo de 19 pontos culminantes na direcção E-O, o mais alto dos quaes é o Morro da Pedra Branca (1023 metros). Dêle se destacam tres contrafortes, um para Norte com tres kilometros de extensão, e dois pontos culminantes; outro para Oeste com 8300 metros de extensão, e tres pontos culminantes; e outro para Sul, com 15 km., e 12 pontos culminantes.

O terceiro — Rural, tambem — consta de sete maciços destacados com 31 culminancias entre 50 e 278 metros de altitude; tem mais 17 morros isolados por entre os quaes se dilatam os povoados de Irajá, Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz.

(136) Em relação a este chafariz ha uma nota na obra do Pe. Luiz Gonçalves dos Sanctos; ha uma «Memoria Historica» do Conego Fernandes Pinheiro, no Tomo 25 da *Revista do Instituto Historico;* ha importantes noticias no *Ostensor Brasileiro* (1846)); no *O Rio de Janeiro* do Dr. Moreira de Azevedo)1877), e n'*O Commentario* de Ferreira da Rosa (Abril de 1906).

(137) A proposito, vale bem a pena de contar que foi sómente na presença do Principe Regente D. João que Rio de Janeiro teve ostensivamente uma tipografia, cousa até então proíbida «porque podia ser instrumento de propaganda infensa aos interesses do Estado». Em 1744 estabelecera-se aqui com tipografia, sob a protecção do Conde de Bobadella, Antonio Isidro da Fonseca que tinha em Lisboa o mesmo negocio; mas vieram logo de Portugal ordens terminantes para encerramento da oficina.

Só no dia 13 de Maio de 1808 apareceu um Decreto fundando a Imprensa Regia «onde se imprimam exclusivamente toda a legislação e papeis diplomaticos que emanarem de qualquer Repartição do meu real serviço, e se possam imprimir quaesquer obras».

Foi D. Rodrigo de Souza Coitinho, depois Conde de Linhares o inspirador desse Decreto. Para administrar a Imprensa Regia foram nomeados em Comissão o Desembarg. José Bernardes de Castro — José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cairú — Mariano José Pereira da Fonseca, depois Marquez de Maricá — Silvestre Pinheiro Ferreira — M. F. de Araujo Guimarães, e o Conego Francisco Vieira Goulart. Revizor de provas, José Saturnino da Costa Pereira.

A Imprensa Regia em 1822 passou a chamar-se Tipografia Nacional; e em 1889 Imprensa Nacional.

Do Dr. Antonio de Paula Freitas ha, publicada em 1877, uma boa monografia sobre a Tipografia Nacional. Publicado em 1881, por Alfredo do Valle Cabral, existe um volume *Annaes da Imprensa Nacional.*

(138) Foi a Sociedade Propagadora das Belas Artes fundada em 1856 pelo Arquitecto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva — de paes açoreanos, e nascido em viagem para o Brasil. Tem por fim promover o desenvolvimento e perfeição das artes, e manter um Liceu de Artes e Oficios que facilite a nacionaes, e a estrangeiros o estudo das belas artes, não só como especialidade, mas, tambem, como aplicação aos oficios e industrias.

Eleito Secretario Perpetuo da Sociedade que fundou, Bethencourt da Silva organizou e dirigio o Liceu a que consagrou o maximo da sua actividade e paternal dedicação. Coube-lhe a fortuna de ver a Sociedade prospera e o Liceu reputadissimo. Quando em 1911 faleceu o benemerito fundador a Sociedade Propagadora das Belas Artes elegeu para substituil-o como Secretario o Bel. F. J. Bethencourt da Silva Filho, que é *ipso facto* o Director do Liceu.

Foi sob a habil direcção deste, e com auxilio oficial, que se construio o vastissimo edificio em que o Liceu hoje funciona, sem, aliás ocupa-lo todo.

(139) Esta «Rua 13 de Maio» é muito antiga, e conservou até 1888 o nome de «Guarda Velha» por haver nela permanecido longos anos uma estação de Policia necessaria á boa ordem entre famulos e escravos empregados no transporte de agua da Carioca, serviço que ocasionava frequentes desavenças e conflitos.

(140) Esta rua traçada no logar do desaterro chamou-se por muitos anos Rua das Man-

gueiras, recordando o monte que ali demorou fornecendo seiva a copadas arvores da *Mangifera Indica*.

(141) Valentim da Fonseca e Silva — Mestre Valentim — nasceu em Minas Geraes, da união de um contratador de diamantes, de nacionalidade portuguesa, com uma preta brasileira. Acompanhou seu pae a Portugal onde estudou, inclinando-se pela arte torentica que mais tarde veio praticar no Rio de Janeiro com grande sucesso. Em obras publicas e particulares deixou atestados do seu engenho como desenhista e entalhador. Foi grande a sua fama de Artista. Faleceu a 1 de Março de 1813.

(142) É muito minucioso o que a respeito do Passeio Publico o Dr. Joaquim Manoel de Macedo desenvolve em sua obra *Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro*, 1862.

(143) Antonio Gonçalves Dias (Maranhão, 1823-64). Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Notavel é a sua obra de poeta lirico. Na *Revista do Instituto Historico* figuram importantes memorias devidas á sua erudição. Pereceu no naufragio do navio em que bastante enfermo regressava da Europa.

(144) Antonio de Castro Alves (Bahia, 1847-71). Revelou-se poeta no Ginásio Bahiano do grande educador Barão de Macahubas. Estudou Direito em Pernambuco e S. Paulo. Talento fulgurante. Fizeram vibrar a alma popular as vivissimas poesias que lançou em grito de guerra á escravidão, quando ainda se não tinha organizado a depois triunfante campanha abolicionista. Em Julho de 1921 foi literariamente comemorado o cincoentenario do seu passamento. O Dr. Afranio Peixoto medico erudito Professor e escritor, e o Dr. Constancio Alves, medico, jornalista e bibliofilo, celebraram com producções magnificas a memoria do eleito das Musas.

(145) Dr. José Ferreira de Souza Araujo (Rio de Janeiro 1848-1900). Estudara Medicina e doutorara-se; mas o seu brilhante espirito voltou-se para o jornalismo exercendo-o com a maior distinção como Redactor-Chefe da *Gazeta de Noticias* que fundou com Elysio Mendes e Henrique Chaves em 1876.

(146) Ha desta igreja uma boa noticia no primeiro volume do «O Rio de Janeiro» do Dr. Moreira de Azevedo.

(147) A pag. 199 do 2.º vol. do *Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro* ha referencia ás festas de Santa Cecilia, celebradas na igreja do Parto por uma Irmandade de Musicos que teria sido origem de uma Sociedade de Musica de onde saio o actual Instituto Nacional de Musica. Tambem é recomendavel o que a respeito se encontra no Cap. XXIV da *Noticia Historica de Varias Instituições pertencentes ao Ministerio do Interior*.

Em 1922 matricularam-se no Instituto Nacional de Musica 961 alunos, sendo 825 do sexo feminino; quarenta estrangeiros; 8 argentinos, 7 portugueses, 7 italianos, 6 espanhoes, 5 russos, 2 ingleses, 2 belgas, 1 francês, 1 alemão, 1 urugnayo.

(148) Em seu livro *O Rio de Janeiro*, 1.º vol. pag. 293, Moreira de Azevedo dá larga noticia sobre a igreja da Gloria do Outeiro. Tambem a respeito escreveu o Dr. Vieira Fazenda — *Jornal do Comercio* de 15 de Agosto de 1914.

(149) Em 1895 foram publicados em volume *Apontamentos para a Historia da Sociedade Portuguesa de Beneficencia*. É obra do Sr. Carlos Dias, autorizada pelo Sr. Conde de Avellar, então membro da Directoria da importante Sociedade.

(150) *A Noticia* de 22 de Setembro de 1896 publicou um artigo do Sr. Agenor de Roure, descritivo deste palacio.

(151) Este edificio e mais tres — Um na rua da Harmonia, um na Praça 11 de Junho e outro na rua Matriz, em Botafogo — foram construidos com o produto de uma subscrição popular, aberta quando D. Pedro II voltou do Sul do Imperio onde assistira áo levantamento do cerco de Uruguayana, e com o fim de erguer-lhe uma estatua. Sabendo disso o Imperador mandou fazer publico que preferia com o dinheiro reunido ver construir casas para escolas. E assim se fez.

(152) Ha sobre Caxias varias obras: *Vida do Grande Cidadão* Luiz Alves de Lima e Silva, pelo Pe. Joaquim Pinto de Campos (Lisboa. 1878); *Homenagem Posthuma*, saída da Tipografia do *O Cruzeiro* (Rio 1880); *Esboço de uma Gloriosa Vida pelo* Cap. Raymundo Seidl (Rio 1903); *O Duque de Caxias e a Integridade do Brasil*, por Sylvio Roméro (Rio 1903).

(153) Traduzo para aqui uma passagem do Diario de Mrs. Graham: (Journal of a Voyage to Brasil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823 by Maria Graham).

19 de Dezembro de 1821:

«Langford foi passear a cavallo, e eu acom-«panheio-o até um pequeno vale no sopé do «Corcovado: Chama-se Laranjeiras por causa das «numerosas laranjeiras que bordam as margens «do arroio que embeleza e fertiliza este sitio. «Justamente á entrada deste vale oferece-se a «vista uma planicie verde através da qual des-«lisa a corrente de agua no seu leito pedregoso. «Alegram o pitoresco dessa planicie grupos de «lavadeiras em que predominam pretas; quasi «todas usam lenço branco ou vermelho na ca-«beça; um pano de muitas dobras lhes cae do «ombro direito para debaixo do braço esquerdo; «uma saia de grande roda é o seu vestido fa-«vorito. Algumas passam uma rodilha em torno «do ventre suspendendo a saia, como as hindús; «outras usam um deanteiro de mau gosto, es-«pecie de avental só para o busto.

«Contornam a planicie matizada por estas «mulheres sébes de acacia e mimosa, laranjeiras «e outras arvores frutiferas limitando as cha-«caras. Para além das chacaras vêem-se os ca-«feeiros cobrindo os morros que limitam o sce-«nario.

«Não são grandes, nem magnificas as casas «de campo neste vale, mas todas têm suas va-«randas e, ás vezes, bonita escadaria para o «andar nobre; os pavimentos terreos são sempre «armazens ou moradas de escravos. Todas têm «airoso portão; e o caminho do portão á casa «é cuidadosamente ladeado de flôres e plantas «ornamentaes. O Brasil é rico de trepadeiras «e arbustos cuja floração misturando-se com a «das laranjeiras, limoeiros, jasmineiros e rosei-«ras firma um extraordinario cunho de beleza «e fragrancia».

(154) O Syllogêu é edificio proprio nacional concluido em 1904 por ordem do Ministro do Interior, Dr. José Joaquim Seabra que logo prometeu ao Presidente da Academia Nacional de Medicina Dr. Alfredo Nascimento, que ali daria séde para essa antiga e prestimosa instituição. Depois foram recebidas no mesmo edificio o Instituto Historico e Geografico, o Instituto da Ordem dos Advogados e a Academia Brasileira de Letras. Então o Dr. Alfredo Nascimento solicitou do erudito helenista Dr. Ramiz Galvão um nome apropriado para a séde de tão diversas associações; e, entre outros vocabulos oferecidos, foi preferido SYLLOGEU que ssignifica rigorosamente «casa onde se reunem associações literarias e scientificas».

(155) Eis o texto da Carta Regia que abolio o velho sistema colonial, e concedeu aos brasileiros o comercio franco com todas as nações estrangeiras e amigas da Real Corôa Portuguesa, abrindo aos seus navios os principaes portos do Brasil:

«Conde da Ponte, do Meu Conselho, Go-«vernador e Capitão General da Capitania da «Bahia. Amigo: Eu, o Principe Regente, vos «envio muito saudar, como aquêle que amo. Aten-«dendo á Representação que fizestes subir á «Minha Real Presença sobre se achar interrom-«pido e suspenso o comercio desta Capitania «com grave prejuizo dos Meus Vassalos e da «Minha Real Fazenda, em razão das criticas e «publicas circumstancias da Europa; e querendo «dar sobre este importante objecto alguma pro-«videncia pronta e capaz de minorar o progresso «de taes danos: Sou servido Ordenar interina «e provisoriamente, em quanto não consolido um «sistema geral que efectivamente regule seme-«lhantes materias, o seguinte: — 1.º Que se-«jam admissiveis nas alfandegas do Brasil todos «e quaesquer generos, fazendas e mercadorias «transportados em navios estrangeiros das Po-«tencias que se conservam em paz e harmonia «com a Minha Real Corôa ou em navios de «Meus Vassalos, pagando por entrada 24 %, a «saber: 20 de direitos grossos e 4 de donativo «já estabelecido, regulando-se a cobrança destes «direitos pelas pautas ou aforamentos por que «até ao presente se regula cada uma das ditas «alfandegas, ficando os vinhos aguardentes e azei-«tes doces que se denominam molhados, pagando «o dobro dos direitos que até agora nelas sa-«tisfaziam. — 2.º Que não só os Meus Vassalos «mas, tambem, os sobreditos estrangeiros pos-«sam exportar para os portos que bem lhes «parecer, a beneficio do Comercio e da Agri-«cultura que tanto desejo promover, todos e «quaesquer generos e produções coloniaes, á ex-«cepção do Pau-Brasil ou outros notoriamente es-«tancados, pagando por saída os mesmos di-«reitos já estabelecidos nas respectivas Capita-«nias, ficando, entretanto, como em suspenso, «e sem vigor, todas as Leis Cartas Regias ou «outras Ordens que atéqui proíbiam neste Es-«tado do Brasil o reciproco comercio e nave-«gação entre os Meus Vassalos e Estrangeiros. O «que tudo assim fareis executar com o zelo «e actividade que de vós espero. Escrita na «Bahia, aos 28 de Janeiro de 1808 — PRIN-CIPE.

(156) A respeito do Morro da Viuva publicou o Dr. Vieira Fazenda um folhetim na *A Noticia* de 17 de Outubro de 1911.

(157) Este nome vem do maior proprietario que por aqui houve no fim do seculo XVI — João de Souza Botafogo. Ainda antes se chamara Enseada ou Praia de Francisco Velho, nome do primeiro morador conhecido neste

logar, homem que viéra de S. Vicente com Estacio de Sá.

(158) O mesmo cronista referido, Dr. Vieira Fazenda, publicou em 7 de Agosto de 1906, no mesmo jornal *A Noticia*, um folhetim relativo ao Palacete Abrantes.

(159) A Policlinica de Botafogo foi em 1900 fundada pelo excelente e bondoso Medico, Dr. Luiz Barbosa, de acordo com a Sociedade Propagadora da Instrução aos operarios da Freguezia da Lagôa que lhe proporcionou casa. Praticando a Caridade e servindo á Sciencia, desenvolveu-se a Policlinica, e aumentou a sua capacidade beneficente, dispondo hoje de consultorios aparelhados, laboratorios, sala de operações e leitos para operados, em ambiente da mais perfeita higiene. O seu Corpo Clinico está constituido em Sociedade Scientifica sob a presidencia do Fundador. A referida Sociedade Protectora da Instrução que acolheu a Policlinica mantem aulas nocturnas e Oficina de Encadernação no seu predio da Rua Bambina.

(160) Ha no edificio da Faculdade um belo quadro de Manoel de Araujo Porto Alegre (Barão de Santo Angelo)). Representa D. Pedro I entregando ao Dr. Vicente Navarro de Andrade (Barão de Inhomirim) o Decreto de reforma do Ensino Medico, creando a Escola Medico Cirurgica.

(161) O *Jornal do Comercio* de 12 e 13 de Outubro de 1918 dá noticias da Faculdade e do novo edificio; e capitulo XIV da *Noticia Historica de Varias Instituições* é todo referente á Faculdade de Medicina; e no tomo 74, parte 2.ª, pag. 265 da *Revista do Instituto Historico* ha tambem que ler a respeito. Em 1908, comemorando o Centenario do Ensino Medico, a Academia Nacional de Medicina publicou uma obra interessante.

(162) O Farol da Rasa foi inaugurado em 31 de Julho de 1829; dá dois lampejos brancos e um vermelho, de 15 em 15 segundos; o fóco luminoso está 96 metros a cima da preamar, sobre uma torre quadrangular de alvenaria pintada de branco; alcança 25 milhas em tempo claro. Ha na ilha telegrafo sem fio, em correspondencia com a ilha das Cobras.

A posição Geografica da Ilha Rasa é 23º 03' 40" S. e 43º 08' 45" W. de Greenwich.

(163) São do erudito escritor João Ribeiro as seguintes linhas n*O Imparcial* de 11 de Outubro de 1920:

No Brasil o influxo das civilizações novas do Pacifico é apenas perceptivel. Entretanto, aqui mesmo no Rio ha um vestigio poetico e religioso do tempo em que o dominio espanhol dava unidade á peninsula iberica. Por quasi um seculo eramos espanhoes. Por esse tempo, entre Perú e Bolivia o zelo da fé cristã fazia destruir um templo dos Incas numa solitaria ilha aonde acorria o gentio supersticioso, esperando dos seus deuses o milagre de consolação e remedio para as miserias humanas.

O Cristianismo destruio aquêles deuses e aquela idolatria e repoz no templo incaico a imagem de Nossa Senhora. A continuidade dos milagres não se interrompeu e, antes, avultou e centuplicou com a imagem de Maria na ilha de Copacabana. Esse culto de Nossa Senhora da Copacabana passou da solitaria ilha do Perú a todo o dominio espanhol com a fama de todas as virtudes e maravilhas da Virgem Santa, e, então, aqui mesmo junto ao Oceano surgio numa aldeia de pescadores a igrejinha da Santa onde é o mais admiravel recanto da Cidade.

O velho nome tupi — Sacopenopan — cedeu ao vocabulo quéchua, Copacabana que imigrava assim desde vertentes do Pacifico ás praias do Oceano Atlantico.

(164) A construção do Caes Acostavel e da Avenida Beira-mar fez desaparecer a majoria dessas praias com que as aguas da Guanabara bordavam a Cidade.

(165) O nome Largo dos Leões vem de antigos proprietarios — tres irmãos de apelido Marques Leão, proprietarios de extensos chãos no fim do caminho de S. Clemente e principio da Piaçaba, hoje Humaytá. Aí cederam êles terreno para um logradouro publico, e o povo chamou ao espaço doado Largo dos Leões. O logradouro ainda existe; mas a linha de bondes deslocou essa denominação duzentos metros para o Sul, na rua Humaytá, onde tem a sua curva de reversão.

(166) Tem esta rua, antiga Estrada ou simples Caminho, o nome de S. Clemente desde o principio do seculo XVII em que aí demarcou larga fazenda o Dr. Clemente Martins de Mattos, construindo uma capela dedicada ao santo do seu nome. Ficou a vasta propriedade conhecida por Fazenda de S. Clemente; e, quando a estrada tomou o civilizado aspecto de rua, guardou o mesmo nome por mais de dois seculos e meio.

A Municipalidade, em 1918, trocou esse nome pelo de Ruy Barbosa, em homenagem ao grande intelectual residente ha muitos anos no

predio que tem o n.º 134; depois restabeleceu o nome antigo.

(167) Ha, de Felix Emilio Taunay, um quadro, na Pinacotéa das Belas Artes, representando a «Mãe d'Agua» antes de construido o Reservatorio.

(168) D. Frei Antonio de Guadelupe, franciscano, natural de Portugal; recebeu a mitra na Sé de Lisboa. Foi moralista insigne, devotadissimo á sua religião e ao bem da humanidade. Chegou ao Rio de Janeiro em 2 de Agosto de 1725, e tomou posse da Diocese como 4.º Bispo no dia 4. Foi sempre de uma actividade exemplar. Quando regressou a Lisboa em 1740 estava exausto de forças, e aí faleceu nesse mesmo ano, com 68 de idade.

(169) O autor deste Livro escreveu para o 2.º Congresso da Criança, reunido em Buenos Aires em 1916, uma Memoria sobre Colégios Militares que foi lida, aprovada, impressa nos Anaes e publicada oficialmente em avulso.

(170) Em 1921 foi inaugurado numa janela da Abadia de Westminster um rico vitral comemorativo da obra de Sir George Williams, e em reconhecimento dos serviços prestados pelas Y. M. C. A. durante a ultima guerra. Na solenidade oficiou o proprio Deão da Westminster Abbey; a Princesa Helena Victoria representou o doador anonymo da obra d'Arte; o Conselho Nacional Britanico das Y. M. C. A. fez a exposição da oferenda. No historico Santuario onde ha mil anos se corôam reis e onde a Nação rende homenagem aos seus filhos dilectos, ficou gravado o nome do venerando creador de tão benemerita instituição.

(171) V. *O Rio de Janeiro em 1900,* de Ferreira da Rosa, pag. 345.

(172) «Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brasil que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em beneficio do Comercio da Industria e das Artes que muito desejo favorecer como grandes mananciaes da riqueza, etc.».

(173) Neste Palacio nasceram onze membros da Familia de Bragança:

Em 20 de Janeiro de 1811 o Infante D. Sebastião, filho da Princeza D. Thereza, e 1.º neto de D. João VI;

Em 4 de Abril de 1819 a Princeza D. Maria da Gloria, filha do Principe D. Pedro, e neta de D. João VI; foi depois Rainha de Portugal sob o nome de D. Maria II;

Em 6 de Março de 1821 outro filho de D. Pedro, o Principe da Beira, D. João Carlos, que faleceu no ano seguinte;

Em 11 de Março de 1822 a Princeza D. Januaria Maria que casou aos 22 anos com o Conde d'Aquila;

Em 17 de Fevereiro de 1823 a Princeza D. Paula Mariana que faleceu em 1833;

Em 2 de Agosto de 1824 a Princeza D. Francisca Carolina que casou aos 19 anos com o Principe de Joinville, D. Francisco de Orléans;

Em 2 de Dezembro de 1825 o Principe D. Pedro que veio a ser 2.º Imperador do Brasil;

Em 23 de Fevereiro de 1845 o 1.º filho de D. Pedro II, Principe D. Affonso, que faleceu em 1847;

Em 29 de Julho de 1846 a Princesa D. Izabel, que casou com o Conde d'Eu, foi tres vezes Regente do Imperio, e faleceu em Paris, em 14 de Nov. de 1921.

Em 13 de Julho de 1847 a Princeza D. Leopoldina que casou com o Duque de Saxe;

Em 19 de Julho de 1848 o ultimo filho de D. Pedro II, Principe D. Pedro, que faleceu em 1850.

Neste Palacio realizaram-se, tambem, pomposas festas:

Pelo casamento da Princeza D. Maria Thereza, filha de D. João, em 13 de Maio de 1810, com o Infante de Espanha D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Almirante General da Marinha Real Portuguesa;

Baptismo do primeiro e unico filho desse consorcio, Infante D. Sebastião, em 17 de Dezembro de 1811;

Casamento do Principe D. Pedro, filho de D. João, com a Princeza d'Austria D. Maria Leopoldina Josefa Carolina, em Novembro de 1817;

Aclamação de D. João VI, em Fevereiro de 1818;

Baptismo da Princesa D. Maria da Gloria, em 3 de Maio de 1819;

Coroação de D. Pedro I; baptismo de seu filho D. Pedro; casamento do mesmo, como 2.º Imperador, com D. Thereza Christina Maria de Bourbon, Princesa da Casa Real de Napoles; baptismo de seus filhos D. Affonso, D. Izabel, D. Leopoldina e D. Pedro; casamento da Princesa D. Francisca Carolina com o Principe de Joinville em 1 de Maio de 1843; casamento de D. Izabel com o Principe Louis Filipe Gaston d'Orléans, Conde d'Eu, em 15 de Outubro de 1864; casamento da Princesa D. Leopoldina com o Principe Louis Augusto de Saxe Coburgo,

Duque de Saxe, em 15 de Dezembro do mesmo ano.

Tambem neste palacio se celebraram funeraes:

De D. Pedro Carlos, em 26 de Maio de 1812;

Da Infanta D. Mariana (Irmã de D. Maria I) em 16 de Maio de 1813;

Da Rainha D. Maria I, em 20 de Abril de 1816;

De D. João Carlos, em 4 de Fevereiro de 1822;

Da Imperatriz Leopoldina, em 11 de Dezembro de 1826;

De D. Paula Mariana (Irmã de D. Pedro II) em 16 de Janeiro de 1833;

Do Principe D. Affonso, filho de D. Pedro II, em 11 de Junho de 1847;

Do Principe D. Pedro, irmão de D. Affonso, em 10 de Janeiro de 1850.

Proclamada a Republica em 15 de Novembro de 1889, banida a Familia Imperial, neste Palacio se reunio em 15 de Novembro de 1890 a Constituinte Republicana que promulgou a Constituição, em 24 de Fevereiro de 1891, e elegeu o 1.º Presidente e o 1.º Vice-Presidente da Republica.

Depois de separadas as duas Camaras, a de Deputados ainda funcionou por alguns mezes neste Palacio.

(174) Ha sobre o Meteorito de Bendegó interessantissimo Relatorio escrito pelo chefe da Comissão encarregada de o trasladar. O Prof. Orville Derby publicou, tambem, a respeito do Meteorito, um trabalho de grande valor no Vol. IX dos *Arquivos do Museu Nacional.*

(175) Para um melhor conhecimento do Museu o leitor poderá consultar:

Investigações Historicas e Scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional, pelo Dr. Ladislau Netto, Rio. 1870.

Le Museum National de Rio de Janeiro, por Ladislau Netto. Paris. 1889.

Fastos do Museu Nacional, pelo Dr. Baptista de Lacerda. Anexo ao Relatorio do Ministerio do Interior de 1905.

O Rio de Janeiro, de Moreira de Azevedo. Rio. 1877. Vol. 2.º pag. 219.

O Rio de Janeiro em 1900, de Ferreira da Rosa, pag. 457.

(176) O Dr. Passos teve a satisfação de assistir, quando deixou a Prefeitura, em 15 de Novembro de 1906, á Ceremonia da Pedra Fundamental deste pequeno monumento, aliás sómente erguido tres anos depois da sua morte. Eis os termos da Acta então lavrada, e por êle proprio assinada:

«Aos quinze dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e seis, sendo Presidente da Republica o Ex.mo Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Ministro da Fazenda o Ex.mo Sr. Dr. Leopoldo Bulhões de Moraes Jardim, Ministro da Justiça o Ex.mo Sr. Dr. Felix Gaspar de Barros e Almeida, Ministro da Viação o Ex.mo Sr. Dr. Lauro Müller, Ministro da Guerra o Ex.mo Sr. Marechal Francisco de Paula Argollo e Ministro da Marinha o Ex.mo Sr. Almirante Julio Cesar Noronha, teve lugar o assentamento da pedra fundamental do monumento que se vai erigir, neste local, em homenagem ao Ex.mo Sr. Dr. Francisco Pereira Passos, Prefeito do Distrito Federal, precedendo a esse acto as formalidades do estilo, do que para constar lavrou-se o presente termo, que vai assinado pelas pessoas presentes a tal solenidade. —Francisco Pereira Passos. General José de Siqueira Menezes; A. C. Chaves Faria; Cordeiro da Graça; João Fidelino Leitão; Joaquim Machado de Mello, F. de O. Passos, Jeronymo Francisco Coelho, Americo Rangel, José Diniz Cupertino Durão, Julio Furtado, Alberto Moreira da Rocha, Mario Rodrigues. João José de Abreu, João de Almeida Guerido, Alfredo Duarte Ribeiro, Henrique Bernardelli, Francisco Guimarães, L. Rut, Leão Martins dos Santos, Alfredo da Costa Palmeira, Dr. Affonso Nery, Alfredo José de Carvalho, Arthur Kortruz e Augusto Marta».

Parece que, emfim, ao grande remodelador da Cidade se levantará monumento condigno, e com o concurso oficial: O Prefeito Carlos Sampaio, em Mensagem de 18 de Julho de 1922, pedio ao Conselho Municipal que o autorizasse a contribuir pelo Distrito Federal com 100:000$ para a Estatua de Francisco Pereira Passos. O Conselho votou logo a verba, e o Decreto foi sancionado em 29 de Agosto seguinte.

(177) O *Jornal do Comercio* de 3 de Abril de 1908 insere a seguinte nota:

«O Dr. Miguel Calmon, Ministro da Industria, autorizou o Director da Estrada de Ferro Central do Brasil a providenciar afim de que a estatua do Conselheiro Manuel Buarque de Macedo, falecido em 31 de Agosto de 1881, no cargo de Ministro da Agricultura, seja transferida do ponto onde se acha, á margem do leito da mesma Estrada, para um dos jardins existentes nas entradas do edificio da Secretaria de Estado, na Praça 15 de Novembro, devendo ser colocada na posição que melhor convier».

(178) O criterio para a classificação dos predios é o valor do seu aluguel: são de 1.ª classe os predios de aluguel superior a 2:400$ anuaes, e de 2.ª classe os de aluguel não excedente áquela quantia.

(179) A soma destas 24 contribuições dá 225.317.000 litros; mas já foi maior; e a tendencia é para deminuir, pois havendo falta de chuvas reduz-se notavelmente o volume de agua de cada manancial. Por isso o Governo está tratando de captar as aguas do Rio Sant'Ana, afluente do Guandú, acima da estação «Vera Cruz» da Linha Auxiliar da E. F. C. B. O encanamento medirá 10 km. O volume dagua é calculado em 80.000.000 de litros diarios. O total do abastecimento será então de 305.317.000 litros diarios.

(180) Eram nove as freguezias: Sacramento, S. José, Candelaria, Santa Rita, Sant'Ana, Engenho Velho, Santo Antonio, Gloria, Lagaô, compreendendo uma area de 36 km.².

(181) Sob o titulo *Cidades Brasileiras servidas pela E. F. C. B.*, escrevi uma Memoria que enviei ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, reunido na Bahia, em 1916. Está a pag. 772 do 2.º vol. dos *Anaes do Congresso*.

(182) Destas locomotivas não existe hoje vestigio algum: O seu material já foi todo vendido como ferro velho. Nas Oficinas da *E. F. C. B.*, estação suburbana de «Engenho de Dentro», é conservada, entretanto, como num museu, a locomotiva «Baronesa», primeira que correu sobre trilhos na America do Sul. Pertenceu á *Estrada de Ferro de Mauá*, inaugurada em 16 de Dezembro de 1856.

(183) A pag. 396 do 2.º vol. do livro do Padre Luiz Gonçalves dos Sanctos, *Memorias para a Historia do Reino do Brasil* ha uma descrição deste edificio que é o mesmo que ainda hoje faz frente á rua General Camara, tendo na fachada, em grande relevo a palavra ALFANDEGA.

(184) Esses dois discursos podem ser lidos naquela mesma obra, pag. 395, e no tomo LXXIII, parte 2.ª, pag. 91 da *Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro*.

(185) Dessas ocurrencias encontra-se noticia circunstanciada a pag. 21, parte 1.ª do tomo XXVII da *Revista* citada.

(186) Existia desde 1703 uma «Casa da Alfandega», cuja construção fôra iniciada por D. Alvaro da Silveira, 47.º Governador do Rio de Janeiro.

(187) Estampo aqui a gravura da Escola então edificada pelo Comercio, e oferecida ao Municipio. É uma gravura preciosa, porque a Escola, ainda existindo na Praça Deodoro, tem hoje outra fachada e outra legenda!

(188) O edificio do Correio tem do lado N. uma serie de cariatides destinadas a sustentar o telhado de vidro que cobriria a passagem, se se realizasse o projecto primitivo de tres corpos distintos combinados numa mesma composição arquitectonica.

Pedimos ao leitor o obsequio de fazer as seguintes emendas:

Pag. 39, no titulo «Baía de Guanabara», colocar a chamada para a nota 63.
A leganda da grav. que está na pag. 49 deve ser assim:
1743-1808, Casa dos Governadores. — 1808 e 1822, Paço Real. — 1822-1889, Paço Imperial. — Actualmente, Repartição Geral dos Telegrafos.
Pag. 78, no alto, colocar o titulo «Arrabaldes de Noroeste».
Pag. 109, na legenda da gravura, substituir a palavra NORTE por SUL.
Pag. 115: A chamada para Nota deve ter o n.º 167 em vez de 165.

INDICES

INDICE GERAL

A

Abastecimento de agua 144
Academia Brasileira de Letras, 132 e . 135
Acto Adicional 22
Academia de Marinha — . . . Nota 70
Agua do Carioca, 89, 90 e 115
Ajuda — Veja . . . . . Nota 42
Alberto Barth 106
Alfandega (edificio) 52
Alfandega (receita) 37
Alimentação Publica, 144 e 157
Almirante Barroso 99
Almirante Tamandaré, 102 e 164
Alto da Bôa Vista (Tijuca) 83
Andarahy 82
Antonio Gonçalves de Araujo 77
Aquario fluvial 81
Aquario marinho 91
Aqueduto da Carioca, 89 e 116
Ararigboia, 15 e 16
Arcos da Carioca, 89, 90 e 115
Area do Distrito Federal 23
Areas dos logradouros ajardin. V. Nota 58
Armas municipaes 26
Arrabaldes N. O. 77
Arrabaldes do Sul 88
Arsenal de Guerra 79
Associação Comercial (Bolsa)) . . . 168
Associação Christã de Moços 136
Associação dos Empregados no Comercio 42
Assistencia Publica, 145 e 157
Assistencia a Alienados, 67 e 103
Asilo Gonçalves de Araujo 77
Asilo dos Invalidos da Patria . . . 33
Asilo «Santa Maria» 153
Asilo S. Cornelio 154
Asilo S. Francisco de Assis (invalidos) 82
Asilo «S. Luiz» (Velhice Desamparada) . 79
Asilo da Misericordia 153
Avenida Beira-Mar, 99 e 101
Avenida Central . . . . . Nota 57
Avenida Niemeyer, 112 e 113
Avenidas novas 30
Avenida Passos, 29 e 58
Avenida Paulo de Frontin 88
Avenida Rio Branco, 29 e 41

B

Baía de Guanabara 30
Bancos, em 1922 170
Bangú 70
Baptisados no P. da Bôa Vista — Nota 173
Barão de Capanema 164
Barão do Amazonas, 99 e 164
Barra do Rio de Janeiro 32
Bateria de S. Tiago 22
Belas-Artes — Notas, 86 e 102
Biblioteca Nacional, 44 e 45
Biblioteca Municipal 26
Boletim de Estat. Demogr. Sanitaria . 141
Bolsa, 136 e 168
Bom Retiro (Tijuca) 84
Bonde (Tramway) 71
Botafogo, 101 e 108
Bôa Vista (Gavea) 112
Bôa Vista (Tijuca) 83
Bôa Vista (Parque) 80
Brasil Principado. V. Gov. Duarte Corrêa Vasqueanes
Brasil-Reino 22
Buarque de Macedo 165
Busto do Almirante Tamandaré, 102 e 164
Busto do Prefeito Passos, 102, 103 e . 165

C

Caes Acostavel 35
Caes Pharoux 47
Caixa de Amortização 42
Caixa Economica e Monte de Socorro
Cajú 79
Camara Municipal 22
Campo da Cidade (em 1700) . . . 23
Campo Grande 70
Campo de Sant'Ana 59
Canal da Cidade (em 1700) 23
Canal do Mangue 61
Candelaria (igreja), 52 e 56
Carioca — Veja Gov. Ayres de Saldanha
Carioca—Rio, 89 e 115

Carnaval no Rio de Janeiro 158
Carta Régia de 28 de Janeiro 99
Casa de Deodoro 61
Casa dos Expostos 151
Casa dos Governadores 49
Casa da Moeda 61
Casas de Espectaculos 160
Cascadura 67
Cascatinha (Tijuca) 84
Castro Alves, 90 e 165
Catedral 50
Catête, 95 e 97
Catumby 119
Celestino Silva (Escola) 160
Cemiterios, 155 e 157
Centenario 179
Centro Comercial da Cidade 47
Chafariz da Carioca, 89, 90 e 115
Chafariz Colonial, 19 e 49
Christiano Ottoni 164
Cidade—A 27
Cidade de S. Sebastião 15
Cidadãos que exerceram o Gov. Municipal 26
Clima do Rio de Janeiro, 140 e . . 144
Clube de S. Christovão 78
Collegio Militar, 129 e 130
Collegio Pedro II, 126 e 128
Colonia de Alienados, 67 e 103
Colonia do Sacramento — V. Gov D. Manuel Lobo e pag. 20
Comissão Construtora da Avenida . . 46
Com. Fiscal das Obras do Porto . . 36
Com. de Hist. e Est. de Assist. Publ. e Priv. 26
Companhias de Navegação 173
Conde dos Arcos 61
Conde de Bobadella, 19 e 90
Conselho Deliberativo Municipal . . 23
Contencioso Municipal 26
Copacabana, 108 e 109
Corcovado, 114 e 118
Corpo de Bombeiros, 60 e 162
Correio Geral (edificio)) 51
Costumes 157
Cuhantemoc 165
Curato de Sta. Cruz 71

D

Decima Urbana 23
Directoria do Arquivo 26
Directoria de Estatistica 25
Directoria de Fazenda 25
Directoria de Instrucção 25
Directoria de Obras e Viação . . . 25
Directoria de Patrimonio 25
Discurso de Estacio de Sá 15
Dep. M. de Assistencia Publica . . 25
Deposito Central da Municipalidade . 26
Derby Club 43
Despeza da Municipalidade (1889-1922) 27
Divisão Adm. do Municipio . Nota 49
Dr. Paulo de Frontin 41
Dr. Ramiz Galvão , ... 126
Duclerc: Veja Governador Francisco de Castro Moraes
Duguay-Trouin· V. Duclerc
Duque de Caxias, 97, 89 e 163

E

Edificio do Correio Geral 51
Edificio do Senado 61
Engenho de Dentro 67
Engenho Novo 66
Entradas de Navios 37
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiaes 130
Escola de Aprendizes Marinheiros e Grumetes, ... 131
Escola de Aviação Militar, 69 e . . . 130
Escola de Aviação Naval 131
Escola «Barth» 100
Escola «Deodoro» 94
Escola do Estado Maior 130
Escola «Gonçalves Dias». Nota 187 e pag. 78
Escola de Intendencia 131
Escola Militar 130
Escola Nacional de Bellas-Artes . . . 44
Escola Naval 33
Escola Naval de Guerra 131
Escola Normal, 125 e 131
Escola Politecnica 56
Escola Veterinaria do Exercito . . . 130
Estacio de Sá, 14 e 17
Estacio de Sá (bairro)) 119
Estações Suburbanas da E. F. C. B. . 66
Estações Suburbanas da E. F. Leopoldina 69
Estaç. Suburb. da E. F. Rio d'Ouro . 69
Estatistica Predial da Cidade . . . 23
Estatua do Almirante Barroso . . . 99
» de Chritiano Ottoni 61
» de Cuhantemoc, 100 e . . . 165
» do Duque de Caxias 97
» do General Osorio 48
» de João Caetano 59
» de José Bonifacio 56
» de D. Pedro I 58
» de Teixeira de Freitas . . . 99
Estrada de Ferro Central do Brasil, 61 e 171
Excelsior (Tijuca)) 84

F

Fabrica das Chitas (bairro) . . . 119
Faculdade de Medicina, 104 e . . . 106

Fazenda de Santa Cruz 71
Ferreira de Araujo, 91 e 165
Ferro Carril Carioca, 90 e 115
Flamengo 13
Floresta da Tijuca, 83 e 88
Floriano Peixoto 46
Fonte Artistica «Ramos Pinto» . . . 95
Fortalezas da barra 32
Francisco Manoel Barroso da Silva, 99 e 164
Francisco de Castro 164
Francisco Pereira Passos, 28 e . . . 165
Frei Antonio de Guadellupe . . Nota 168
Frei Leandro 164
Funeraes no Palacio da Bôa Vista—Nota 172
Furnas de Agassiz (Tijuca) 87

G

Gabinete Português de Leitura . . . 57
Gavea, 109 e 110
General Osorio, 49 e 162
Gigante de Pedra 31
Gloria 92
Gonçalves Dias, 90 e 164
Governadores 18
Gov. Ayres de Saldanha 19
Gov. Duarte Corrêa Vasqueanes . . 18
Gov. Francisco de Castro Moraes . . 19
Gov. D. Manuel Lobo 18
Governo do Municipio 23
Guanabara 30

H

Historico da Cidade 13
Horto Fruticula da Penha 69
Horto Municipal 81
Hospicio de S. João Baptista . . . 152
Hospital de Alienados 103
Hospital Central do Exercito . . . 146
Hospital José Carlos Rodrigues . . . 154
Hospital dos Lazaros 78
Hospital da Misericordia 150
Hospital N. Sra. das Dores, 68 e . . 70
Hospital de N. Sra. da Saude . . . 152
Hospital de N. S. do Soccorro . . . 79
Hospital da Penitencia 82
Hospital de Pronto Soccorro, 60 e . 147
Hospital de S. Sebastião 79
Hospital da Soc. Port. de Beneficencia 96

I

Igreja da Candelaria, 52 e 56
Igreja do Carmo 51
Igreja Catedral 50
Igreja da Cruz dos Militares . . . 51
Igreja da Gloria, 92 e 97
Igreja de N. Sra. da Penha, 69 e . 70
Igreja de N. Sra. da Pena . . . 68
Igreja do Sacramento 58
Igreja de Sta. Cruz 22
Igreja de Sta. Luzia 22
Igreja de S. Francisco de Paula . . . 56
Igreja de S. José 22
Ilha do Bom Jesus 33
Ilha das Cobras 32
Ilha das Enchadas 33
Ilha Fiscal 32
Ilha das Flores 33
Ilha do Governador, 13 e 34
Ilha de Paquetá 34
Ilha do Viana 33
Ilha de Vilegagnon 32
Industria e Comercio 168
Imprensa Nacional 90
Inhaúma 69
Inspectoria Fed. de Portos, Rios e Canaes—V. Com. Fiscal das Obras do Porto
Insp. de M. Jardins Arbor. Caça e Pesca 26
Instituto Benjamin Constant 104
Instituto Historico e Geografico Brasileiro
Institutos Militares de Ensino, 130 e . 137
Instituto Nacional de Musica 29
Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos) 135
Instituto Pasteur 154
Instituto Profissional «João Alfredo» . 82
Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia 148
Instrução Publica 125
Intendencia da Guerra 77
Irajá 69
Irm. da Santa Casa da Misericordia, 149 157

J

Jacarépaguá 68
Jardim Botanico, 110 e 112
Jardins Zoologicos 81
João Caetano 59
Jockey Club 43
Jornaes e revistas em publicação . . 167
Jornalismo Carioca 165
José de Alencar, 98 e 163
José Bonifacio, 56 e 163

L

Lagôa Rodrigo de Freitas 110
Lagôa da Sentinella 65
Lapa 92
Laranjeiras 98
Largo da Carioca 88
Largo da Gloria 93

Largo dos Leões 110
Largo do Machado 97
Largo do Paço, 20 e 21
Largo de S. Francisco, 56 e 57
Lauro Muller 36
Leblon 113
Leme, 108 e 109
Liceu de Artes e Oficios 43
Limites da Cidade — Nota 123 e pag. 23
Logradouros Publicos—Nota . . . 58
Liceu de Artes e Oficios 43

M

Mãe d'Agua 115
Mangue 61
Manguinhos (Instituto Oswaldo Cruz)) . 135
Manuel Gomes Archer . . . Nota 134
Mapas, 24 e 25
Marco da Fundação da Cidade . . 16
Mariano Procopio 163
Mata Maritima 35
Matadouro Municipal 71
Matadouro da Penha 69
Mem de Sá (Governador Geral) . . 14
Mercado Municipal 49
Mesa do Imperador (Tijuca)) . . . 87
Mestre Valentim 90
Meteorito de Bendegó 139
Meyer 66
Ministerio da Fazenda 58
Ministerio da Guerra 61
Ministerio da Viação, 49 e 50
Monumentos 163
Monumento do 4.º Centenario, 93 e . 95
Monumento ao Marechal Floriano . . 46
Morro de S. Bento 119
Morro do Castélo 17
Movimento do Porto 37
Morro da Viuva 100
Municipalidades do Brasil V. 5 . Nota 39
Municipio—O 22
Muralha da Cidade 23
Museu Historico 139
Museu Nacional 138
Museu Naval 139
Museu Simoens da Silva 140

N

Nascimentos no Pal. da Bôa Vista. Nota 173
Necroterio 157
Nilo Peçanha 165

O

Obelisco da Av. Rio Branco . . . 45
Obras do Porto 29
Observatorio Nacional 78
Orografia do Rio de Janeiro. . Nota 135
Outeiro da Gloria 33

P

Paineiras 116
Palacio da Presidencia 96
Palma - Mater 111
Pão de Açucar, 31, 106 e 107
Parque da Bôa Vista, 80 e 81
Paulo de Frontin *41*
Parque da Praça da Republica . . . 61
Passeio Publico, 90 e 92
Pavilhão Monroe 45
Pedreira da Candelaria . . . Nota 95
Pedro I 58
Pico da Tijuca, 84 e 88
Poder Executivo Municipal . . . 23
Policlinica de Botafogo, 103 e . . . 148
Policlinica de Crianças 154
Policlinica Geral 43
Policlinica Militar 61
Ponte do Catête 23
População do Rio de Janeiro . . . 21
Porto de Martim Affonso, 106 e . . 107
Predios (estatistica) 23
Publicações diarias e periodicas . . 167
Praça do Comercio, 52 e 168
Praça Deodoro 77
Praça Duque de Caxias 97
Praça José de Alencar 98
Praça Mauá, 36 e 78
Praça 15 de Novembro 50
Praça da Republica, 59 e 62
Praça Saens Peña 82
Praça Tiradentes 58
Praia do Flamengo 13
Praia Vermelha, 16, 105 e 106
Praias da Cidade 109
Presidentes da Intendencia Municipal . 26
Prefeitos do D. Federal 27
Prefeito Passos, 28 e 165
Pro-Matre 149

Q

Quinta da Bôa Vista, 80 e 81
Quintino Bocayuva . . . . Nota 100

R

Realengo 70
Receita da Municipalidade - 1889-1922 27
Regras para a Construcção da Avenida 41
Recolhimento de Santa Tereza . . . 151

Regras para a Construcção da Avenida
Relogio da Gloria 93
Renda arrecadada pela Alfandega do Rio 37
Retiro Saudoso 80
Repartição Geral dos Telegraphos . . 49
Rio Carioca, 29, 89 e 115
Rio Comprido, 88 e 118
Rio de Janeiro em 1700 23
Rua Direita . , ... 51
Rua Maranguape 90
Rua do Ouvidor 56
Rua Primeiro de Março 51
Rua da Prainha . , ... 29
Rua do Sacramento
Rua S. Clemente 110
Rua 13 de Maio 90

S

Salvador Corrêa de Sá, 17 e 18
Saneamento da Cidade 30
São Christovão (Distrito Municipal), 77 e 118
Santa Cruz (Distrito Municipal) . . . 71
Santa Cruz (Igreja) 151
Santa Tereza (morro) 115
Santos Dumont 165
Sédes de Adm. Municipal. Nota 50, pag. 23
Senado da Camara — Nota 48 e pag. 23
Senado Federal 61
Sepultura de Estacio de Sá 17
Serviços de Assistencia, 145 e 157
Serzedello Corrêa 165
Silvestre, 116 e 117
Sociedade Geografia do Rio de Janeiro 50
Sociedade Portuguesa de Beneficencia . 96
Sociedade Propagadora das Belas Artes 90
Suburbio, 65 e 67
Superficie total da Cidade 23
Superintend. da Limpeza Publica e Part. 26
Sylogeu 99

T

Teatros 160
Teatro Municipal, 43 e 44
Teatro S. Pedro de Alcantara . . . 58
Teatro Municipal 43
Teatro Provisorio . . . . Nota 113
Teixeira de Freitas, 99 e 164
Tesouro Federal 58
Tijuca, 82 e 88
Titulo de *Leal* (Decreto) . . Nota 21
Tupinimós 15

U

Urucumirim, 13 e 16

V

Vala da Cidade (em 1700) 23
Valentim (Mestre Valentim) . . . 90
Viação, 71 e 73
Viaduto da Carioca, 89 e 116
Vice-Reis 20
Vila Izabel 81
Vilegagnon, 14 e 32
Visconde de Mauá—Veja Praça Mauá e 164
Visconde do Rio Branco 164
Vista Chineza (Tijuca) 87

Z

Zona Rural 67

INDICE DAS GRAVURAS

A

A barra do Rio de Janeiro, a enseada de Botafogo e o Bairro do mesmo nome, vistos do alto do Corcovado 119
A Cascata. Aspecto do parque da Praça da Republica 61
A estatua do General Osorio, na Pr. 15 de Novembro 48
A Palma Mater 111
A Penna. Jacarépaguá 68
Anchieta (monumento Floriano Peixoto) 48
Area central da Faculdade de Medicina 105
Area interior do Hospital dos Lazaros 79
Armas Municipaes 26

B

Bambús, no Jardim Botanico . . . 112
Biblioteca Nacional 44

C

Canal do Mangue 66
Casa da Moeda 60
Cascatinha 83
Chafariz colonial 19
Colegio Militar, 129 e , ... 131
Copacabana, á noite 110
Copacabana, á noite. Vista do Pão de Açucar 108
Copacabana. Extremo norte . . . 109
Copacabana. Vista do Pão de Açucar 118
Costão oriental da barra guarnecido pela fortaleza «Santa Cruz» . . . 31

D

Do alto do Corcovado (á noite, com efeitos de luar) 121
Dr. Antonio José de Almeida . . . 185
Dr. Epitacio Pessôa 184
Dr. Paulo de Frontin 41
Dr. Ramiz Galvão 126

E

Enseada de Botafogo. Vista do Morro da Viuva 101
Escola de São Christovão (oferecida pela Associação Comercial) . . . 160
Estatua de Buarque de Macedo . . . 166
Estatua de D. Pedro I 59
Estatua de José Bonifacio 56
Estatua de Jose de Alencar . . . 98
Estatua do Almirante Barroso . . . 99
Estatua do Duque de Caxias . . . 97
Exterior do edificio da Faculdade de Medicina 101

F

Fachada da Candelaria 52
Fachada do Hospital «N. Sra. das Dôres» 69
Floriano Peixoto, no alto do monumento 47
Fonte, no Jardim da Gloria 95
Francisco Pereira Passos (1836-913). Engenheiro notavel, administrador eximio, reformador da cidade do Rio de Janeiro 28

G

Gabinete Português de Leitura . . . 57
Gomes Freire de Andrade 19

H

Hospital «N. Sra. das Dôres» (parque) 70

Ilha Fiscal 32
Interessante mappa anterior a 1600 . 21

L

Lapide da sepultura de Estacio de Sá 17
Largo do Paço (1817) 20

Largo do Paço (1830) 21
Lauro Muller 36
Leblon 175

M

Matriz da Gloria 97
Marco da fundação da Cidade (costas) 17
Marco da fundação da Cidade (frente) 16
Monumento ao Marechal Floriano Peixoto 46
Monumento do 4.º Centenario — Figura de Cabral 94
Monumento do 4.º Centenario — Figura de Caminha 94
Monumento do 4.º Centenario — Fr. Henrique 95
1743-1808, Casa dos Governadores. — 1808 e 1822, Paço Real. — 1822-1889, Paço Imperial.—Actualmente, Repartição Geral dos Telegrafos . 49

N

Na floresta da Tijuca, 74 e 85
Nave Central da Candelaria 53
No parque da Bôa Vista 81
No tope do Pão de Açucar 107

O

O Amor (monumento Floriano Peixoto) 48
O Corcovado, visto da Tijuca . . . 116
O «Gigante que dorme», visto de fóra da barra 30
O monumento do 4.º Centenario . . 93
O relogio da Gloria 93
«O Ultimo Tamoyo», quadro do prof. Amoedo 15
Orla de Paquetá 34
Os arcos da Carioca 89
Outo aspecto da Enseada de Botafogo, 102 e 103

P

Palacio do Governo 96
Paineis do tecto da Candelaria, 54 e . 55
Pavilhão Monroe 45
Penhasco «Pão de Açucar», á esquerda de quem entra a barra do Rio de Janeiro 14
Planta da cidade do Rio de Janeiro . 25
Porta principal da Candelaria (bronze) 52
Praia da Gavea, ao luar 115
Praia Vermelha 106

S

Salvador Corrêa de Sá 18
Secretaria do Ministerio da Viação e Obras Publicas 50
Silvestre. Reservatorio 117

T

Theatro Municipal 43
Teatro «S. Pedro de Alcantara» (1830) 58
Trecho da Avenida Niemeyer . . . 113
Trecho da Avenida «Rio Branco», vista de norte para sul 42

U

Um aspecto das «Furnas de Agassiz» . 87
Um aspecto do Largo da Gloria . . 92
Um aspecto do Passeio Publico . . . 91
Um aspecto do poente, na Gavea. Vista tomada da Avenida Niemeyer . . 114
Um pavilhão do Hospital Central do Exercito 146

V

Vista do alto do Corcovado 120
Vitral fronteiro á entrada do Hospital dos Lazaros 78

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 17 DE JULHO DE 1924

18997

3417-46 918.154

3417-46 918.154
F383

Ferreira da Rosa.
AUTOR

Rio de Janeiro.
TÍTULO

Devolver em	NOME DO LEITOR
13 FEV 1948	Uriel Ribeiro Pereira
	[illegible]
	[illegible]
	[illegible]
	[illegible]
28/	3[illegible]7 [illegible]

3417-46

Ferreira Rosa